

PIETRO UBALDI



PROFECIAS





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*



PIETRO UBALDI



PROFECIAS



PROFECIAS

Pietro Ubaldi

Título do original Italiano: Profezie

Copyright by: Fraternidade Francisco de Assis

5ª Edição - 2000

(Revista pelo Departamento Cultural da Fraternidade Francisco de Assis)

Tradução de: Carlos Torres Pastorino e Clóvis Tavares

Capa de: Luiz César de Alvarenga

Distribuidor: INSTITUTO PIETRO UBALDI

CIP - Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Ubaldi, Pietro, 1886/1972.

Profecias - O futuro do mundo - Pietro Ubaldi; tradução de Carlos Torres Pastorino e Clóvis Tavares.

5ª edição - Rio de Janeiro - Fraternidade Francisco de Assis, 2000.

(Obras completas de Pietro Ubaldi - v. 11)

Tradução de Profezie

1. Profecias I. Título II. Título: O Futuro do Mundo.

CDD - 133.32

CDU - 159.961.3

Este livro foi obtido na Internet, por download direto, de sites abertos ao público.

Ajustado e convertido para e-book por:

UEBraga - Setembro 2022

PROFECIAS

Ao Leitor:

Qualquer informação - grupo de estudo, orientação, programa, dúvidas etc. - poderá escrever para:

INSTITUTO PIETRO UBALDI

Av. Rui Barbosa, 1061

28015-520 - Campos dos Goytacazes, RJ

instituto@pietroubaldi.org.br

SUMÁRIO

GÊNESE DA II OBRA

1. O PORVIR DO MUNDO
 2. O PENSAMENTO E A VONTADE DA HISTÓRIA
 3. AS TRÊS REVOLUÇÕES E A TERCEIRA IDEIA
 4. OS TEMPOS SÃO CHEGADOS
 5. A FUNÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL NO MUNDO
 6. O APOCALIPSE (1ª Parte)
 7. O APOCALIPSE (2ª Parte)
 8. NOSTRADAMUS, MALAQUIAS, ASTROLOGIA, AS PIRÂMIDES, DANIEL ADENDO
- MENSAGEM DE SUA VOZ
MENSAGEM DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS
VIDA E OBRA DE PIETRO UBALDI

GÊNESE DA II OBRA

Estou escrevendo em terra brasileira, no Natal de 1955, em São Vicente, sua "*cellula mater*", três anos após haver desembarcado, a 8 de dezembro de 1952, nesta minha nova pátria. E o faço às vésperas do lançamento de uma segunda Obra, de doze volumes como a primeira. Esta nova Obra pode ser denominada brasileira, em relação a anterior, que foi a italiana.

À guisa de conclusão desta, bem como ponte de ligação com a II Obra, resumimos, em seu 1º volume, Comentários, uma série de documentos que, encerrando a I Obra, também abre as portas à segunda.

Agora, aqui se explica a gênese desta II Obra. Narrarei, assim, eu mesmo, este primeiro período de minha história brasileira, uma vez que minha vida é conhecida publicamente só até 1951, quando foi escrita.

Devo explicar tudo isso para que, além de todos os comentários e juízos feitos a respeito de acontecimentos, inclusive de meu trabalho, nestes meus primeiros três anos brasileiros, possa compreender-se o verdadeiro significado de tudo, observando-o em profundidade. Devo fazer compreender o sentido desses fatos, que passou despercebido a muitos, embora sua grande importância. Isso, porque, nestes três anos de requintado sofrimento, pelo assalto das forças do mal, não somente o bem venceu, mas essa vitória nos colocou ante os olhos as provas evidentes de que minha missão no Brasil é verdadeira.

E, realmente, nesse período, foram lançados os alicerces dessa missão e o edifício começa agora a elevar-se.

Poderei também, destarte, explicar o aparecimento desta II Obra, que agora é apresentada ao público brasileiro, bem como suas características e significação.

Trata-se, portanto, de esclarecimentos necessários, nesta nova e grande mudança de minha vida, em que se inicia um período de realização prática no Brasil, após o período teórico italiano, quando escrevi somente livros (I Obra).

No volume seguinte, **Comentários**, com que se inicia a presente II Obra, foi lançado um olhar retrospectivo para a história da I Obra, italiana. Nesta introdução à II Obra, lançamos, ao contrário, um olhar para nosso futuro trabalho, demarcando as novas posições sobre as quais edificaremos o novo edifício.

Exporemos o problema com inteligência e bondade, sem rancores (como fazem geralmente os vencidos), antes com a generosidade do vencedor. Estudá-lo-emos racionalmente, sem animosidade, para demonstrar aos incrédulos, e também aos mais fervorosos adeptos de qualquer religião, que Deus é, na verdade, onipresente e operante também na Terra e que Sua Lei é verdadeira.

Damos a palavra aos fatos. Eles demonstram que o bem é realmente mais forte e sabe vencer todos os obstáculos da maldade. O objetivo é oferecer uma útil lição moral.

Este trabalho será realizado em duas fases. A primeira, mais breve, representada pelo presente capítulo para explicar o caso vivido e suas consequências. Posteriormente, uma segunda, mais ampla, com a finalidade de demonstrar e desenvolver, sobre bases experimentais, a teoria da defesa através do método evangélico da não-resistência e da luta conduzida sem armas humanas, mas tão somente com o poder do conhecimento e da bondade. Esta segunda fase será desenvolvida no volume **A Grande Batalha**.

Dos choques sofridos grandes ensinamentos obtive. Apenas, para cumprir minha missão, tive que descer do terreno teórico de simples escritor para o terreno prático

das realizações. E se agora estou escrevendo sobre o assunto é tão-somente para comunicar ensinamentos que podem ser úteis aos outros.

Nestes três anos, tenho visto a mão de Deus trabalhando junto de mim, realizando uma série de milagres, uns após outros. Contra qualquer probabilidade ou possibilidade humana, tenho visto o bem triunfar. Tenho visto e tocado com as mãos. Agora, já não é mais possível duvidar. Já tenho as provas, estou certo do futuro. Sobre elas levantar-se-á a nova construção, a obra de Cristo. E as forças do mal nada poderão contra ela.

Não se trata de qualquer fé nebulosa ou fantástica, mas de uma férrea crença, porque racional e experimentalmente construída sobre fatos. Procedamos, pois, sem delongas, a seu exame.



O desenvolvimento lógico das forças de minha vida segue um ritmo - em períodos de vinte anos - que começou aos meus cinco anos, quando ingressei na escola primária.

No meu primeiro período de vinte anos, dos 5 aos 25, formei meu corpo físico de adulto e na escola aprendi a mecânica do conhecimento (mas, não o conhecimento), isto é, aprendi a estudar por minha conta. Por fim, formei-me em Direito.

No final de cada período de minha vida, ao iniciar-se o seguinte, sobrevêm algo de diferente, qual seja uma viagem e, logo após, uma mudança de ambiente. Esse movimento, que pode ser dividido em três fases, preenche exatamente o espaço de três anos.

Nascido em agosto de 1886, ingressei no curso primário em outubro de 1891. Ao término do 1º período, em junho de 1910, encerrava meu curso jurídico, com 24 anos de idade. No verão de 1911, aos 25 anos, fiz uma viagem aos Estados

Unidos da América e em agosto de 1912 casei-me, aos 26 anos.

Iniciou-se, assim, o 2º período, que vai dos 25 aos 45 anos. Deixei o lar paterno e tive que defrontar o mundo, iniciando uma vida diversa, de responsabilidade e de luta, mas interiormente de sofrimento e de profunda maturação espiritual.

No 3º período, que decorre dos 45 aos 65 anos, repetem-se, a uma distância de vinte anos, os mesmos movimentos. Aos meus 45 anos, em 1931, obtive por concurso a cátedra de professor de Inglês nos ginásios e liceus do Estado Italiano. Em setembro, nos fins do verão de 1931 (após o meu 45º aniversário), viajei para a distante Sicília, iniciando meu primeiro ano de magistério. Um ano depois, em setembro de 1932, aos 46 anos, transferi-me definitivamente para Gúbio, onde permaneci vinte anos. Isso significou outra viagem, após aprovação em novo concurso, trazendo nova mudança de ambiente que iria perdurar por 20 anos. Após a maturação espiritual do período precedente, ao iniciar-se esse terceiro período, eu havia cedido a outros minhas riquezas e me pusera a ganhar a vida com meu trabalho. Foi nesse intervalo de tempo, na Sicília, que surgiu o fenômeno inspirativo, desenvolvido posteriormente em Gúbio, onde nasceu quase toda a primeira Obra, já publicada. Período de solidão, de trabalho, de introspecção, de produção conceitual dos livros.

Tive que narrar tudo isso, a fim de dar a conhecer o despontar e o desenvolvimento do período atual.

Já se iniciou o 4º e último período de minha vida. Na Páscoa de 1950, aos meus 64 anos, Sua Voz me disse, como já veremos, que a ordem era minha mudança para o Brasil, onde deveria cumprir uma missão. Era um novo trabalho, uma nova transformação, como após novo exame realizado.

No verão de 1951, aos 65 anos, surge o motivo da viagem e eu realizo a primeira série de conferências no Brasil.

Um ano depois, reaparece o motivo da mudança e em 1952, aos meus 66 anos, fixo residência com minha família no Brasil, em caráter definitivo.

Uma tão evidente regularidade rítmica no desenvolvimento do fenômeno torna quase certa a hipótese de que ele deva continuar a desenvolver-se, sob a mesma lei e o mesmo ritmo, igualmente, no futuro.

Já conhecemos três períodos de minha vida, isto é, três quartas partes do fenômeno. Assim sendo, temos motivos para admitir que o último período - ou o 4º do fenômeno - deverá continuar a desenvolver-se conforme a mesma lei que até agora guiou seu movimento.

Deveremos, portanto, aceitar que me espera no Brasil um novo período de vinte anos, completando-se, assim, minha missão. Na verdade, meus hábitos tiveram que sofrer aqui uma radical mudança. E havendo, precisamente nessa ocasião, terminado meu tempo de serviço no magistério, eu me encontrava livre, podendo afastar-me definitivamente da Itália.

Examinando, em profundidade, minha vida, nela percebi um desenvolvimento lógico de termos sucessivos, que se apoiam um sobre o outro ordenadamente. Qual conclusão lógica de todo o desenvolvimento, surge este último período, de realização prática da missão, a completar o edifício.

A conclusão é que o atual - 4º e último período de minha vida - de divulgação ativa e realização prática, deverá durar até os meus 85 anos, após o que será possível minha desencarnação. Desse modo, meu trabalho deverá continuar aqui no Brasil até 1971.⁰¹ E mais exatamente, se

se repetirem os movimentos precedentes, aos 85 anos, isto é, em 1971, deverá acontecer, após nova promoção e transformação, a subida a um novo degrau; aos meus 85 anos, em 1972, a separação do corpo físico; e aos 86 anos, depois dessa nova grande viagem, nova mudança de ambiente e trabalho, com minha transferência definitiva para outra forma de vida espiritual.

01 Esta profecia foi ratificada na “Noite de Natal”, escrita em 1963 e publicada na revista Sabedoria, um ano depois: “Faz hoje dez anos que escrevi a última e 32 anos da primeira Mensagem, no Natal de 1931, que releio-a comovido. Estava então no começo do longo caminho. Agora estou no final. Ao cumprir o próximo decênio não estarei mais vivo sobre a Terra” . E numa entrevista concedida ao Avancemos, em 29 de junho de 1968, Pietro Ubaldi afirmou: (...) “O livro Cristo será o coroamento da Obra, o vértice da pirâmide e também o ponto final de minha vida e o término de minha missão. (...) toda esta Obra foi prevista e planejada de antemão. Na primeira parte do livro Profecias, intitulada “Gênese da II Obra”, tudo que depois aconteceu e continua acontecendo, já foi explicado. Por isso sei quando vai terminar a Obra e com ela a minha vida” . O Livro Pietro Ubaldi e o Terceiro Milênio (inserido no volume Grandes Mensagens) apresenta uma série de fatos confirmando a mesma profecia, e um deles se encontra no cap. XVII: (...) “Calculo ter acabado tudo dentro do ano 1971. Depois serei livre para desencarnar, não antes” . Realmente, aconteceu como foi profetizado: Pietro Ubaldi terminou de escrever a última página do livro Cristo - No Natal de 1971, conforme data do seu prefácio, e desencarnou dois meses depois, em 29 de fevereiro de 1972, às 0:30h. Acreditamos que somente os eleitos têm condições de vislumbrar, com tanta antecedência, a época de sua partida para o outro lado da vida. (N. da E.)

Não sabemos, com certeza, se isso acontecerá. Certo é, no entanto, que esta é a tendência do fenômeno. A harmonia destes ritmos não embarga uma certa elasticidade deles e pode acontecer também que, no final do processo, retorne o período quinquenal do início, os primeiros cinco anos da infância, a serem utilizados, então, como repouso final.

Está enquadrada, desse modo, no plano geral de minha vida, a fase do meu trabalho atual. Temos, assim, quatro períodos em sucessão lógica, um a preparar o outro, culminando neste atual, que é de conclusão, estimulado e sustentado pelos anteriores. Representa tudo isso a razão

pela qual nasci neste mundo, o escopo de minha vida, termo lógico do meu atual destino.

Temos, por conseguinte, quatro períodos:

1º período: formação exterior, física e cultural - dos 5 aos 25 anos, isto é, de 1891 a 1911;

2º período: maturação interior, espiritual, na dor - dos 25 aos 45 anos, isto é, de 1911 a 1931;

3º período: primeira manifestação espiritual (fenômeno inspirativo e produção conceitual dos livros) - dos 45 aos 65 anos, isto é, de 1931 a 1951 (período do magistério em Gúbio);

4º período: realização concreta da missão - dos 65 aos 85 anos, isto é, de 1951 a 1971 (período brasileiro).



Observemos agora, mais de perto, os mais próximos antecedentes de minha transferência para o Brasil, expondo como e o porquê me encontro atualmente aqui.

O primeiro aviso de tão grande mudança me foi dado quando isso parecia absolutamente irrealizável, na Páscoa de 1950, ano em que despontava a primeira alvorada do terceiro milênio, cujo sol nascerá em 2000. Foi quando Sua Voz, na manhã de domingo, na hora em que Cristo ressuscitou, me disse, textualmente, estas palavras claríssimas e fortes: "Vai ao Brasil. A hora chegou. Esta é a hora em que se cumpre a tua missão. Vai! Ou agora ou nunca mais!"

Logo após, acrescentou, respondendo às minhas dúvidas e fortificando-me: "Vai! Outros continentes te esperam. Não percebes a convergência, nessa direção, de todas as forças de teu destino? Está escrito: irás e vencerás. Vai, filho meu, pois não podes imobilizar um impulso que se

completa após vinte anos. Fostes arremessado e não poderás parar enquanto não atingires o alvo. Tudo está preparado e nada te faltará até o fim. Não temas. Confia em Mim, que te tenho protegido sempre. Quando estiveres cansado e sem forças, abandona-te em Mim e eu trabalharei por ti. Não te preocupes por tua família. Também ela será socorrida e resguardada de todo perigo. Não te dei provas até hoje de Minha presença, ativa e contínua, nesse sentido? Por que haveria de abandonar-te agora? Vencerás. Este é o Meu aviso, nesta Minha Páscoa da Ressurreição de 1950!"

“No volume e que bem denominaste **Cristo**, Eu te espero para falar-te. Tu, que transpões os tempos com a tua missão, agora começarás a ressurgir e, aos poucos, continuarás a subir na Minha alegria e na vitória de teu encargo. Alegra-te, Pedro, porque agora ressurges na Minha ressurreição e as forças do mal não prevalecerão. Vai! Anuncia ao mundo a Minha nova civilização do espírito. Esta é a Minha determinação de hoje, Páscoa de 1950” .

Incrédulo, não admiti que pudesse acontecer o que então parecia irrealizável.

Esperei a confirmação dos acontecimentos, para que me fosse possível obedecer. E, contra todas as probabilidades humanas, o prodígio sobreveio. Em julho de 1951 voava para o Brasil, onde permaneci cinco meses. Havia realmente começado minha missão no mundo.

Nesse período de realização prática as coisas aconteciam sempre assim: primeiramente chegava o aviso ou ordem de Sua Voz. Parecendo-me algo de impossível efetivação, esperava eu os acontecimentos. E eis que sobrevinham fatos sobre fatos, a tornarem fácil o incrível. Então, era-me possível obedecer.

Observe-se também outro acontecimento: estas palavras, que agora se estão transformando em realidade,

foram anteriormente pronunciadas em uma "Visão" que a mim concerne e que significa um olhar profético mais amplo sobre o desenvolvimento desta minha missão. Essa Visão faz parte do volume **A Nova Civilização do Terceiro Milênio**, concluído em 1945 e publicado na Itália em 1949. Ali, às palavras acima transcritas, Sua Voz acrescentou: "Vai. Eu te precedo. Segue-me".

Apresento, agora, aos cétricos esta questão. É possível autossugestionar-se com essas vozes, que poderiam ser produto do subconsciente ou de ilusão psíquica. Por isso, eu deveria esperar a confirmação dos fatos.

Quando, porém, depois de um aviso, na ocasião aparentemente irrealizável, os acontecimentos, que naturalmente não posso comandar, por si mesmos começam a dispor-se em ordem, em convergência para o mesmo fim – a plena realização do que então parecia utópico, quando tudo isso acontece, como eu mesmo vi, pergunto se é lícito falar de autossugestão. Ou se é possível admitir que essa autossugestão possa ter o poder de movimentar coisas do mundo exterior e coordenar, para um fim determinado, os atos de muitas pessoas.

Acrescente-se que essas pessoas são muitas, desconhecidas umas das outras, ignorando o objetivo pelo qual trabalham, pessoas independentes de mim, que frequentemente não conheço e sobre as quais não posso nem quero influir. Entretanto, essas pessoas trabalham harmonicamente, coordenadas na direção de uma única meta, que torna real a ordem que me fora anunciada, quando seu cumprimento a todos parecia impossível. E cada uma dessas pessoas aparece no momento exato e ajustada ao particular trabalho que deve executar. Aparece inesperadamente, não por mim procurada, faz o que deve fazer e depois desaparece para sempre.

A inteligência que tudo dirige para um alvo que me fora preanunciado, de mim independente, não está nessas pessoas, porquanto cada uma delas leva a efeito seu pequeno serviço, ignorando o plano geral, em que todas, todavia, tomam parte.

A presença de tal inteligência não pode ser negada, pois tenho presenciado os fatos, que seriam inexplicáveis sem ela. E não somente eu, mas muitos cétricos também os viram e não puderam negar.

Não podemos senão perguntar, diante do que temos visto, onde se encontra a causa de tais efeitos. Estes são indiscutivelmente inteligentes. A sua causa deve ser, por conseguinte, também inteligente.

Então, a presença de uma mente que dirige e uma vontade que comanda se tornam evidentes, como única hipótese que de tudo pode dar-nos uma explicação, de outro modo nos faltaria.

E se a causa não se encontra em seres humanos em ação, isso quer dizer que ela deve estar localizada em um outro mundo que foge aos nossos sentidos e também dirige o nosso mundo visível.

Os seres humanos que vemos em atividade são, destarte, apenas instrumentos, movidos por impulsos não-terrenos. Aos efeitos visíveis, que claramente percebemos, não podemos deixar de atribuir uma causa. Dessa rigorosa lógica não se pode sair senão atribuindo a esses efeitos uma causa situada em outros ambientes além do nosso, material e já conhecido.

Os fatos, portanto, nos provam, neste nosso caso, a presença de forças espirituais que dirigem os movimentos, meus e de outrem, necessários ao cumprimento de minha missão.

Em resumo, temos:

- 1º) o pré-aviso ou ordem, num momento em que não parecem realizáveis;
- 2º) a distribuição dos acontecimentos em posições coordenadas para a realização desse aviso preliminar ou ordem;
- 3º) sua plena realização, sem que eu haja pensado ou agido com esse objetivo, mas apenas procurando obedecer;
- 4º) o poder dessa inteligência e vontade dirigente é tão grande que sempre vence e supera qualquer obstáculo. Assim sendo, tudo isso não se pode explicar, quer em seu aspecto profético, quer em sua feição prodigiosa, senão vendo em tudo a mão de Deus.

Quis relatar todas essas coisas com o fito de fazer compreender que as diretivas de meu trabalho não partem de mim e, muito menos, podem ser dadas por qualquer criatura humana.

Nesta missão, tanto eu quanto aqueles que de mim se aproximam para nela colaborar não podemos deixar de ser, todos nós, senão instrumentos dessa inteligência e vontade superior que tudo quer e guia.

Desse modo se entende claramente como os elementos estranhos que se aproximam desta Obra apenas para sujeitá-la a seus fins particulares, são imediata e facilmente afastados do campo de trabalho por aquele mesmo poder dirigente.

Deus os chama. Se são honestos e obedientes, permanecem. De outra forma, alguns são tão-somente utilizados para a Obra, ao mesmo tempo que seguem suas miragens pessoais que as forças superiores permitem que apareçam ante seus olhos: não há outro meio de fazê-los agir, pois sem uma finalidade egoísta nada fariam. Assim,

estes últimos acabam realizando um labor útil para a missão, mas completamente diferente daquele que desejariam e acreditariam poder realizar, para vantagem pessoal. Executam, dessa maneira, um trabalho de que nada entendem. Ao terminá-lo, são naturalmente afastados, porquanto objetivando tão-só para fins egoístas, se transformam em obstáculos. E por isso são eliminados, a fim de que somente o bem seja vencedor, como é lei nas obras de Deus.

Aí também se vê a aplicação do princípio geral, que determina: as forças malignas acabam por trabalhar em favor das forças do bem.

Expusemos tudo isso para que melhor se possam compreender os acontecimentos que agora vamos narrar.



Com esses pré-avisos e ordens, Sua Voz acompanhava meu trabalho para guiar-me e sustentar-me.

Um outro contato importante aconteceu em 1951 aqui no Brasil. Na noite de 6 de agosto desse ano, momentos antes de encaminhar-me para o Teatro Municipal de São Paulo, a fim de realizar uma conferência, recolhi-me no silêncio do meu quarto. Percebi, claramente, que estava chegando a uma nova curva do meu destino: iniciava-se para mim uma nova vida, pública, após o precedente vintênio de introspecção e silêncio na solidão de Gúbio.

Estava preocupado em face das novas e inesperadas perspectivas que se abriam diante de mim. Aceitava-as no espírito de obediência, como sempre. Como poderia, no entanto, cumprir no Brasil uma tão ampla missão?

Foi, então, que Sua Voz me disse, entre outras, estas palavras, para mim, no momento, inacreditáveis: "O mundo virá a teu encontro e te ajudará em tudo o que te for necessário".

Era a promessa da ajuda material indispensável ao cumprimento da missão. A essa promessa me refiro porque, depois, prodigiosamente, ela jamais se malogrou e de nada senti carência, nunca. Por ela se explicam os fatos que agora são expostos.

Esta minha missão já havia sido anunciada em suas linhas gerais, e seu desenvolvimento descrito, na "Visão" acima referida, no livro **A Nova Civilização do Terceiro Milênio**.

Agora, porém, tudo se concretiza. Não mais somente ideias gerais, mas um desencadear de acontecimentos. E tudo era anunciado de modo objetivo e pormenorizado, pois era chegada a hora de enfrentar a realização prática. Passava-se das palavras aos fatos. E depois, tudo haveria de acontecer.



Eis que, logo após, surge uma segunda e mais precisa confirmação. Na noite de 17 de agosto de 1951, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, estava eu sentado à mesa, à frente do famoso médium Chico Xavier. Doze pessoas estavam presentes. Enquanto ele escrevia uma Mensagem de São Francisco de Assis, eu, inesperadamente, me senti impulsionado a escrever uma outra, de igual conteúdo e concordantes conceitos, como foi posteriormente verificado por muitos.

As duas "Mensagens" foram depois publicadas e consideradas autênticas. Devemos, assim, aceitar suas palavras.

A Mensagem de Sua Voz me dizia: "Hoje é chegada a hora e Eu te digo: Ergue-te e trabalha. Eis que se inicia uma nova fase de tua missão na Terra e, precisamente, no Brasil (...). O Brasil é verdadeiramente a terra escolhida para berço desta nova e grande ideia que redimirá o mundo.

Agora a tua missão é de acompanhá-la com tua presença e desenvolvê-la com a ação, de forma concreta. Todos os recursos te serão proporcionados (...). Tudo já está determinado e nada pode interromper-se (...). As forças do bem são mais poderosas e têm de vencer (...). Pedro, confio-te esta nova terra, o Brasil, a terra que deves cultivar. Trabalho imenso, mas terás imensos auxílios. Estou contigo e as forças do mal não prevalecerão".

A Mensagem recebida por Chico confirmou-a com estas palavras: "Não te detenhas. Caminha!... (...) Ilumina a estrada, buscando a lâmpada do Mestre, que jamais nos faltou. Avança... (...) Cristo em nós, conosco, por nós e em nosso favor, é o Cristianismo que precisamos reviver à frente das tempestades, de cujas trevas nascerá o esplendor do Terceiro Milênio."

Para quem crê nas mensagens mediúnicas tudo isso deverá verificar-se. Para quem não as aceita, existe a prova dos fatos, que mostram que essas Mensagens, como veremos, se estão cumprindo com total precisão.

Continua sempre, desse modo, acompanhando o mesmo pensamento, a série de pré-avisos e ordens. E, em seguida, sua execução.

A missão preanunciada é, como se verifica, sempre mais e mais confirmada com palavras e mantida pelos fatos, que a vão guiando para sua plena realização.



Terminada a série de conferências, de norte a sul deste imenso Brasil, descia eu em Roma, do avião proveniente do Rio de Janeiro, na véspera do Natal de 1951.

Na Páscoa do ano seguinte, 1952, em Assis, junto ao túmulo de São Francisco, Sua Voz me disse: "Prepara-te. Viajarás com toda a tua família no final deste ano. O

próximo Natal passarás no Brasil. É como se tudo já tivesse acontecido."

Pronto a obedecer, como sempre, esperei que os acontecimentos tornassem possível o que, então, parecia irrealizável. Não é fácil para alguém, quase septuagenário, transferir-se com a família - esposa, filha e duas crianças - para um outro hemisfério e, além disso, sem recursos. Só por um prodígio poderia isso acontecer. A verdade, porém, é que o prodígio aconteceu.

Aqueles que depois, aqui no Brasil, reprovaram-me por haver cometido essa imprudência, quase loucura (como disseram) de transferir-me com toda a família para aqui, não conhecem o poder irresistível das ordens espirituais nem a impossibilidade de desobedecer a essas forças do Alto, às quais aceitei ligar-me incondicionalmente.

Em 1952, ano de exaustiva preparação para a viagem, pude observar uma série contínua de prodígios. Pessoas cétricas também os testemunharam e tiveram de reconhecê-los como tais.

Citarei apenas um. Faltavam quinze dias para a partida do navio, quando, inesperadamente, surgiram imprevisíveis dificuldades de alguns documentos para o passaporte, dificuldades que não seriam superadas antes de três meses. Circulava, desesperançado, de uma repartição para outra, quando minha filha me disse que aquele era um momento apropriado para que acontecesse um milagre. Se não, teríamos que adiar a viagem e ninguém saberia para quando. Isso porque enormes dificuldades haveriam de surgir, com o adiamento, e só se poderia realizá-la em pleno inverno, enfrentando frio e neve. E o milagre aconteceu.

Aparentemente por acaso, encontrei naquelas repartições um ex-aluno, advogado, que era justamente o secretário da pessoa de quem dependia o caso: e tudo facilmente se conseguiu e resolveu em apenas três dias.

Assim sendo, viajei na ocasião programada, saindo de Gênova em fins de novembro. Por ocasião do embarque a Voz me disse: "Eu mesmo guiarei o navio. Será uma travessia esplêndida, calmíssima, sem tempestades. Isso te provará minha presença, que luzirá na proa: serei o timoneiro de tua nave".

E assim realmente sucedeu. O pessoal de bordo confessou que raramente havia visto uma travessia tão tranquila.

Durante a viagem, dirigia-me, muitas vezes, à proa que estava na direção sul. Avançava, majestosa, através do Atlântico imenso. E toda vez que dela me aproximava, percebia, à frente da nave, a presença luminosa de Cristo, que a guiava para os mares luminosos do sul, na direção da imensa terra do futuro, o Brasil. E Ele me dizia: "Não temas. Estou contigo. A nave segue a trilha da minha vontade. Confia-te a Mim. Vencerás" .

A 8 de dezembro de 1952 desembarcava em Santos, onde permaneceria definitivamente, residindo naquela mesma praia onde o Padre Anchieta já havia vivido. Tudo havia acontecido com exatidão e o Natal de 1952, como me havia sido predito, foi passado no Brasil.



Nesse momento começa minha história brasileira, que já completou seu terceiro ano.

Esse período representa uma parte interessantíssima no desenvolvimento do meu destino. Assinala meu ingresso na vida pública, depois de vinte anos de preparação nos solitários silêncios de Gúbio.

Havia realizado, até então, um trabalho de maturação interior e de pensamento. Agora, ao invés, deveria viver à disposição de todos, sem refúgios de silêncio para

concentrar-me. Um mundo em que já não era possível pensar.

Eu, que jamais havia falado em público, nem mesmo em italiano, tive que me tornar um pouco orador, e usar a língua portuguesa, e viver viajando de contínuo, sem sossego.

Estava acostumado a uma vida solitária, de meditação, numa casa aonde ninguém ia, podendo eu, desse modo, dispor absolutamente de meu tempo, abstraíndo-me, horas e horas, em elevação do pensamento e perdendo contato com o mundo.

Agora, diferentemente, deveria habituar-me a viver numa casa aonde qualquer pessoa poderia chegar, a qualquer hora, com pleno direito de ser recebida e escutada. Considere-se ainda o clima cálido e a alimentação completamente diversa. Urgia também o trabalho indispensável de dominar o novo idioma, sem o que não seria possível o necessário relacionamento, o compreender e ser compreendido.

A tudo isso se acrescenta o grave dever de sustentar e defender uma família, cujo único sustentáculo era eu.

Chegara ao Brasil cansadíssimo da viagem de 1951 e dos preparativos da transferência para aqui, em 1952. Sonhava lançar-me, confiante, nos braços dos amigos que já conhecia e entre eles viver em paz para escrever meus livros.

Desenrolaram-se as coisas, porém, diferentemente. Sobreveio, ao contrário, uma nova prova, bem dura para mim. Reconheço agora que ela despontou, não somente conforme a lógica do desenvolvimento de meu destino, mas foi sobretudo útil.

E isso por duas razões:

1ª) para amadurecer ainda mais minha personalidade, coisa necessária à minha renovação em um ambiente novo, com vistas ao empreendimento de um trabalho diverso;

2ª) para lançar as bases de minha missão com um exemplo vivido, a todos manifesto, em que várias pessoas haviam tomado parte, um exemplo que não deixasse dúvidas sobre a natureza da Obra.

É este o lado mais importante do problema, por encerrar um grande conteúdo moral. É para mostrar isso, é para patentear o íntimo valor dos acontecimentos espiritualmente considerados, é para realizar uma obra de bem que estou escrevendo estas coisas.

E foi nesse sentido do bem que Cristo quis este exemplo, a fim de que a missão, no início de sua fase pública de realização, lançasse, com fatos positivos e verdadeiros, seus sólidos fundamentos na realidade experimentada e concreta.

Não espere o leitor uma crônica pormenorizada de tais acontecimentos, com nomes e lugares. O escopo deste escrito não é uma defesa minha, nem uma reação pessoal. Não estou escrevendo para queixar-me ou para acusar, mas para estudar como funciona a vontade de Deus. Não me interessam as desrazões ou as razões, nem os pontos de vista humanos.

Ao contrário, extasio-me na contemplação dos planos de Deus, através dos maravilhosos caminhos do bem, atônito diante da sabedoria com que vi sua realização. Aqui não aparecerão, portanto, as vãs palavras divulgadas a respeito deste caso. Este é tão somente um trabalho construtivo, desejoso de demonstrar como o bem é mais forte e, ao remate de tudo, só ele triunfa.

Esta tese, aqui apenas esboçada, será desenvolvida posteriormente, com base nos ensinamentos nascidos das

provas destes três anos, no último volume da 1ª Trilogia da II Obra - **A Grande Batalha**.

Queremos, neste capítulo introdutório, bem como naquele livro, demonstrar o significado e o poder do método da não resistência defendido no Evangelho; mostrar a técnica do seu funcionamento e como, sabendo-se usá-lo, ele representa a mais poderosa arma para vencer todas as batalhas, também na Terra, também em nosso triste mundo de astúcias e violências.

Buscarei, desde já, levar para o terreno realístico das lutas humanas que neste período tenho vivido, vencendo com este sistema, essa arrojadíssima tese do Evangelho, que nenhuma pessoa tida como prática leva em conta, mas que os acontecimentos destes anos me autorizam a expor aos olhos do mundo cético.

Daí sua grande importância e daí também convir explicá-los e entendê-los em seu conteúdo profundo.

Esses fatos concretos, através dos quais foi feita a justiça de Deus pelas Suas próprias mãos, sem qualquer influência minha, premiando ou punindo, esses fatos, repito, fizeram despontar uma nova Obra, esta que aqui é apresentada. Esses acontecimentos constituíram o ponto de partida para a 1ª Trilogia, bem como seu motivo fundamental. E ainda, com graves choques, renovaram minha personalidade e deram um novo endereço ao meu pensamento, naturalmente indispensável para escrever uma nova obra.

Importa que eu mesmo, que conheço os fatos, os narre sob sua verdadeira luz espiritual. A ocorrência que mais me abalou e impressionará também o leitor inteligente, é ver além dos pontos de vista particulares, partidários e utilitários, a maravilhosa presença de Cristo, que tudo guiou, sem que eu o soubesse, a fim de que Seu pobre

instrumento pudesse resistir a tudo e a todos, atingindo prodigiosamente a vitória.

Assim, com razão, pude concluir uma conferência na "Rádio Progresso", de São Paulo, na noite de 6 de agosto de 1955:

"(...) Cristo esteve sempre presente e atuante, junto a mim, nesta luta e me salvou. Tenho provas positivas de que assim sucedeu e que isso é real. Esses prodígios são para mim um testemunho seguro de que minha missão é verdadeira e vem da parte de Deus, pois de outro modo não teria assim me ajudado. Milagres como estes não acontecem todo dia e não podem ser realizados pelos homens".

"Este trabalho não é fantasia. Minha crença é férrea, porque está concretizada em fatos. As teorias podem ser discutidas, mas todos compreendem os fatos. Estava no plano de Deus, além dos livros, um exemplo sólido, de manifestação das forças espirituais também no plano do mundo prático; um exemplo através do qual Cristo dá provas de Sua presença e poder, permitindo a um instrumento Seu, pobre, desprovido de quaisquer recursos humanos, vencer todos os obstáculos suscitados por seres poderosos e organizados, para confirmar que a missão é legítima e que ninguém tem o poder de sustar o que é da vontade de Deus".

"Esta é a grande lição moral que devemos aprender desta luta e dos meus sofrimentos. Valeu a pena sofrer, pois os sofrimentos deram seus frutos. Cristo avança, Cristo vence. Ninguém pode interromper Sua caminhada triunfal aqui no Brasil".

"Este é um bom exemplo para todas as religiões e agrupamentos. É uma verdade que pode trazer benefícios sem distinções, com absoluta "imparcialidade" e "universalidade", que são as duas palavras de minha

bandeira. Significam elas: perdoar, abraçar e fazer o bem a todos."

"Minha conclusão, despedindo-me hoje de meus caros amigos brasileiros, não é somente de gratidão e amor. Acima de tudo, não é de tristeza, mas de alegria. Não estou aqui para manifestar mágoas, nem para condenar ninguém, mas para alegrar-me, junto aos bons, com a vitória de Cristo. Se os anos de 1953 e 1954 foram anos de luta e sofrimento para mim, este 1955 representa o início do desenvolvimento de uma missão no Brasil. Saio desta luta muito cansado. Lutar durante a dia, cheio de preocupações, e escrever livros à noite, sozinho, num país novo, esgotaria um jovem de vinte anos."

"Se fisicamente está cansado este homem de sessenta e nove anos que vos está falando, sua alma não se cansou. E ele quer viver ainda, tão-só para fazer doação total de si mesmo - mente e coração - a este seu grande e bom amigo, que é o povo brasileiro."



Assim começou minha vida brasileira. Bem depressa percebi, entretanto, que me faltavam duas coisas absolutamente necessárias para quem quer cumprir uma missão: independência espiritual e independência econômica. Noutras palavras, num país plenamente livre, faltava-me a liberdade. É evidente, todavia, que quem deve obedecer a Deus não pode obedecer aos homens. Quem é instrumento do Alto não pode ser instrumento de interesses e escopos humanos.

O erro elementar de alguns companheiros do meu ambiente de 1953/1954, que era o mesmo de 1951, foi não haverem compreendido que minha missão era verdadeira, que nela Cristo trabalhava realmente, sustentando-me; que eu era impulsionado e defendido por forças espirituais (que

depois demonstraram seu poder) e, conseqüentemente, ninguém tinha o poder de impedir meu trabalho.

Assim sendo, quem quer que desejasse utilizar-me para outros objetivos seus - já que não é possível dominar quem deve obedecer a Cristo, único chefe - seria afastado, como realmente depois sucedeu.

Muitos se aproximaram de mim, não para colaborar, mas desejando utilizar minha vinda ao Brasil para finalidades outras, que nada tinham a ver com meu trabalho, antes, dificultando-o, fazendo-me perder tempo e arredando-me da verdadeira estrada.

Mensagens e escritos, já conhecidos e publicados, falavam claramente e eram suficientes para esclarecer tudo. Entretanto, não foram compreendidos.

Com essa finalidade, quis advertir a quem deveria, em primeiro lugar, ter compreendido, com uma carta, datada de 19 de janeiro de 1955, tomando posição definitiva e preanunciando as conseqüências. Dessa carta aqui transcrevo as conclusões:

"Ao Brasil, a que dou os anos mais maduros de minha vida, peço, na condição de pobre que sou, o mínimo de recursos necessários para uma vida humana. Acreditei ter vindo para o Brasil a fim de realizar um trabalho espiritual e não para cuidar de negócios. Já perdi, desse modo, dois anos preciosos, que não voltarão. O fato de que minha missão esteja sendo utilizada por alguns em favor de interesses particulares, deve absolutamente cessar. O escândalo que ameaça tornar-se público é este: que a luta pela obtenção de direitos autorais e meios de subsistência e, por promessas não cumpridas, como uma casa indispensável para morar, me paralisa no cumprimento de minha missão. Quem, com isso, tenta deter uma obra de Cristo assume uma tremenda responsabilidade. Embora não se creia nela, a verdade é que existe uma Lei."

"Também eu tenho assumido e assumo minhas responsabilidades diante de Cristo e do Brasil. Cristo está vendo que o desempenho de minha missão não depende de mim e responsabilizará aqueles que são culpados desse descumprimento. E não nos esqueçamos de que Cristo, além de bom, é poderoso e jamais permitirá à liberdade humana obstruir seus planos. Sendo estes de alcance histórico, todos os obstáculos serão esmigalhados. Isso Sua Voz me pede, neste momento, para afirmar, solicitando ainda que esta carta seja conservada, a fim de que, relida daqui a alguns anos, se compreenda, com as provas dos fatos que virão, o grave significado destas palavras."

"O meu dever é entregar aos espiritistas - porque no Brasil foram eles os primeiros a vir ao meu encontro, tanto quanto a todos os homens honestos e de boa vontade - uma Obra ainda em seu início e cujos planos o mundo ainda não conhece, mas que me vêm sendo revelados dia a dia. Agora começa o verdadeiro trabalho. Tenho necessidade de amigos que me auxiliem e não de especuladores que me utilizem em favor de seus interesses. Estas pessoas, segundo Sua Voz, devem ser distanciadas da Obra. Considerando que atrás de mim está Cristo, a Quem obedeço, esta ordem é acompanhada de invencíveis recursos sobre-humanos para vencer. Neste caso, os engenhos humanos, as astúcias do mundo são o mesmo que lutar com a espada contra a bomba atômica."

"Nestes dois anos, cada um, com suas ações, se autodefiniu e autojulgou diante de Deus, colocando-se, portanto, na desejada posição em face da Obra. E o mundo também observa. Eu vivo sob refletores no palco do mundo. Quem de mim se aproxima é visto sob os mesmos refletores. Também o Hemisfério Norte, a Europa, os Estados Unidos nos olham. E tudo o que acontece é escrito no livro de Deus e não se apaga mais."

"Somos todos chamados a colaborar numa obra imensa. Eu não passo de um pobre instrumento que necessita da cooperação de outros instrumentos. É chegada a hora de nos pormos a trabalhar, tomando cada um à sua posição exata e bem definida. A Mensagem de Sua Voz, dada em Pedro Leopoldo, em agosto de 1951, deve tornar-se realidade. Ninguém poderá alterar os planos de Cristo. Ninguém poderá detê-los. Hoje o Brasil foi escolhido. Espera-se agora se aceitará ou não. Um novo exército, porém, já se está formando, pois no Brasil as almas boas e sinceras são muitíssimas."

"Esta carta objetiva declarar que em 1955 se inicia uma nova fase de maior desenvolvimento no plano da missão. Tudo o que foi feito até agora foi tão-somente uma preparação. Resolvamos rapidamente este absurdo a que o mundo está assistindo, isto é, que uma Obra como esta, possa estar à disposição dos interesses de um editor ou do proprietário de uma casa, e ponhamo-nos todos a trabalhar, quais instrumentos da mesma Obra. O impulso já foi dado, o terreno é virgem e fértil. Unamo-nos sob a mesma bandeira de Cristo, que é o único e verdadeiro senhor desta Obra."

"Estas são as diretivas que, neste momento, Sua Voz me determina transmitir, chamando-nos novamente, em face da gravidade desta hora."

A resposta que obtive só se refere à parte prática da carta, de conteúdo econômico, revelando até surpresa pelo fato de minha transferência para o Brasil. Nada me foi respondido quanto à parte espiritual, a mais importante.

Foi exatamente por prever que a carta não seria compreendida que se recomendou, como acima está dito, que ela fosse conservada, para que, em releitura mais tarde, fosse entendida em face da prova dos fatos que, então, haveriam de confirmá-la.

A única resposta que obtive foi, assim, o meu arrasamento.

Destarte, ao invés dos auxílios esperados, encontrei obstáculos. E pesados obstáculos, pesadíssimos para mim, que me encontrava sozinho, sem recursos, em país estrangeiro. E, no entanto, todos eles foram superados.

Enquanto, em plena obediência, aceitava as provas das mãos de Deus, a Sua presença me acompanhava, resolvendo tudo.

Que eu haja podido não só resistir, mas ainda vencer, foi um fato tão prodigioso que até os crentes duvidaram, chegando a imaginar uma coisa que eu jamais poderia sonhar, isto é, que eu houvesse premeditado friamente, ardilosíssimos planos diabólicos.



Tudo se desdobrava assim. Surgia o obstáculo. Era como se um muro se elevasse em meio do caminho. Impossível avançar. O terreno se tornava escorregadio, sem apoio firme para os pés. Mistérios, equívocos, mal-entendidos, promessas tranquilizadoras que não se realizavam, esperanças de ajuda que depois se dissipavam, uma atmosfera enganosa de neblinas e miragens, um mundo de coisas vagas e inalcançáveis, de palavras carinhosas, afáveis, fraternas, mas vazias, inconsistentes e sem resultado. Era o mórbido envolvimento do polvo, era o sonho envenenado dos entorpecentes, a alucinação em que não se consegue mais manter o senso da realidade.

Nesse mundo singular de coisas evanescentes, onde as palavras assumiam os mais estranhos significados, menos o verdadeiro, nesse mundo fugidio da realidade, somente Sua Voz, firme, me advertia sempre: "Tranquiliza-te. Aquele muro cairá. O obstáculo será superado".

E me preanunciava os acontecimentos, de modo claro e exato, como ninguém o fazia. Diferentemente de todas as promessas humanas, as Suas se realizavam. Realmente, depois o obstáculo era vencido: o muro tombava.

Isso acontecia após circunstâncias imprevistas, não provocadas por mim, surgidas espontaneamente, mas proporcionadas ao objetivo e de natureza capaz de superar as dificuldades. E no momento preciso.

Observando, verificava realmente que uma inteligência superior comandava tudo, pois eu não poderia saber tanto, nem possuía recursos para poder vencer, nem dirigia, de fato, meus movimentos. Aquelas contínuas vitórias sobre todas as coisas, regularmente, sem pressa, com a calma das coisas eternas, sem jamais mínimos enganos, me deixavam atônito.

O acaso poderá favorecer-nos uma vez. Mas, o que caracteriza o acaso é, sobretudo, a falta de inteligência e de coordenação constante de movimentos com vistas a um fim determinado. O acaso nos poderá fazer vencer uma vez, mas a sorte repentinamente nos abandona.

Não podia explicar a mim mesmo esta série contínua de prodígios, pelos quais sempre vencia, a não ser pela presença de uma inteligência que tudo guiasse. Assim, Cristo tudo comandava e a todos vencia.

O meu estado de espírito, diante desse ambiente humano, da primitiva confiança absoluta, teve de transformar-se em desconfiança. Comecei a olhar para trás dos bastidores e me arrimei desesperadamente em Cristo, meu único amigo.

Cristã e fraternalmente se disse de mim e dos meus, tudo o que se pode inventar de mais calunioso e inverossímil. Embora se dissesse o contrário, na verdade eu não pedia riquezas, porque bem sabia não ter nenhum direito a elas. Entretanto, pedia - por saber que tinha direito

a isso - a palavra sincera do amigo, e não aquela névoa que me fazia perder o senso da realidade, impedindo-me de prover às minhas necessidades e defender-me.

Sua Voz continuava a amparar-me, avisando-me de que bem depressa tudo se transformaria. Eu esperava, obedecendo. E eis que, de um conjunto de pequenos prodígios, movendo-se sucessiva e coordenadamente na direção de um mesmo objetivo, nasceu o prodígio maior do afastamento de amigos da primeira hora e o despontar, sob a orientação do Alto, de outros auxílios e novos amigos.

Vou citar apenas dois desses prodígios menores. Quando em julho de 1954 me foram cortados os víveres, ou seja, a indispensável parcela mensal que recebia do editor para viver, fruto de meu trabalho, nesses mesmos dias caía do céu um equivalente auxílio, não previsto nem solicitado.

Outro prodígio. Em fevereiro de 1955, no dia 13, um domingo, fui notificado da supressão das parcelas mensais acima referidas. Pude finalmente certificar-me de que os prometidos auxílios dos amigos falharam. Na segunda-feira 14, o oficial de justiça bateu à minha porta com a notificação judicial para desocupar o apartamento. O ataque desfechava seus golpes decisivos, que deveriam derrubar-me, atirando-me à rua, sem meios para viver. Nessas horas, a minha vida e a de minha família estavam suspensas por um fio: minha fé em Cristo. Éramos defendidos tão-somente pelas potências espirituais. E elas venceram. Nesse mesmo dia, de muito longe, sem que nada houvesse pedido, chegou a ajuda para comprar um novo apartamento, isto é, o dinheiro exato para isso, nem mais, nem menos. Qualquer um poderia pensar que eu houvesse projetado tudo isso. A verdade, porém, é que eu não planejei nada e tudo foi um miraculoso auxílio de Deus. Como, porém, poderiam admitir esse amparo aqueles que não acreditavam em Deus?

Fui, assim, prodigiosamente salvo de golpes duríssimos e muito bem calculados, para que a outra parte não admitisse a possibilidade da vitória. Fui salvo contra todas as probabilidades humanas, sobre as quais as pessoas práticas firmam suas bases. Salvo pelo socorro das forças espirituais, forças essas ignoradas completamente por essas pessoas, como o demonstraram.

A ilação moral é que a Providência de Deus não é uma ideia vã; muito ao contrário, funciona verdadeiramente, desde que se verifiquem as condições necessárias ao seu exercício.

Um outro fato devemos ainda observar, além de sentir que esse amparo é justo, trazendo vitória, dando um sinal de aprovação de Deus, como se Ele mesmo quisesse subscrever os acontecimentos. Este outro fato é que os elementos humanos que desejavam desvirtuar a missão, submetendo-a a seus objetivos particulares, puderam ver, sem a mínima intervenção do instrumento que tudo perdoou, a derrocada de seus planos e interesses. E isso na forma e medida com que haviam procurado sufocar e demolir a Obra.

Os atingidos sabem - porque assim, na verdade, aconteceu com eles - que tudo isso é real, embora não cheguem ainda a ver no caso a mão de Deus. E a reação da Lei não se deterá enquanto tudo o que por eles foi posto em prática contra Ela não tenha sido compensado. E ainda, como querem as forças do bem, que tudo comandam, eles não hajam aprendido a lição.

Como é possível crer que Deus permita que se possa abusar dos ideais e das coisas santas, pelos quais tantos sofrem e se sacrificam? E, no entanto, esses princípios morais são difundidos e pregados em toda parte, por todas as religiões! Importa compreender que a falta não foi cometida contra mim, que nada valho, nem mereço defesa:

foi contra Deus, contra os princípios fundamentais de Sua Lei.

E meu perdão não pode ter a força de impedir a reação da Lei. Como pode, quem faz uso diariamente desses preceitos, ignorar que eles se realizam depois, de fato?

A vista disso, fui obrigado a publicar avisos na imprensa (e todos os leram), tendo por fim acabar, tanto quanto poderia fazê-lo, com o sistema de recolhimento de donativos, cuja proveniência desconhecia, fundos esses nominalmente destinados a ajudar-me. Significavam eles, para mim, um peso de responsabilidade moral, embora não me trouxessem, no oceano de palavras destinadas a saciar-me, qualquer sustento que me permitisse cumprir o trabalho de minha missão.



Afastemo-nos, contudo, desse mar de tristezas e dirijamo-nos para praias mais luminosas.

Toda prova tem seu fim, toda paixão deve transformar-se na ressurreição.

No requintado tormento de dois anos havia sido pago o tributo de ingresso na nova terra. O batismo de dor recebido assemelhava-se a uma investidura do Alto, a dar-me o direito ao cumprimento da missão, confirmando-a. Nessa profunda maceração interior sazou em mim uma nova personalidade, não mais mística como em Gúbio, mas de luta no mundo para nele estabelecer o Evangelho com a evidência dos fatos.

Tudo isso, se para quem não compreendia a Lei, violando-a, se traduzia em destruição, para mim, que para viver a Lei havia sofrido, resultava em construção.

Em 1955 houve a "mudança da guarda", isto é, um outro grupo de amigos substituiu o antigo, novos amigos

que me testemunharam a grande bondade do povo brasileiro, em que sempre confiei.

Desta maneira, afastaram-me os elementos negativos que faziam parte do grupo de 1951. A eles, nada mais se pedia. Apenas que não fizessem deter a Obra. Nenhum ressentimento, nenhuma reação. Somente Deus sabe e julga: devemos, portanto, em tudo, confiar-nos a Ele.

O que aconteceu foi tão-só um ato de legítima defesa, para que a missão pudesse cumprir-se, já que ninguém tinha o direito, nem deveria ter o poder de sustar a Obra, pela qual eu havia sacrificado tudo.

Iniciou-se, então, em 1955, o trabalho livre, em que não mais os homens, mas somente Cristo dirigia. Nesse ano foram lançadas as bases concretas da missão. Em 1956 começara a elevar-se a nova construção sobre esses fundamentos. Nesse período, na verdade, foram escritos os três volumes da 1ª Trilogia da Segunda Obra.

Estou aqui no Brasil não para desfrutar a vida ou para repousar, mas para cumprir minha missão, última consequência dos primeiros pactos solenes assumidos na Sicília, em 1932. Estou aqui para prestar contas do meu trabalho, explicando não só as dificuldades superadas, mas ainda o esforço realizado em tão duras condições. Explicarei como nasceu a II Obra, o que aconteceu com a I, a fim de nos orientarmos em face dos acontecimentos e fixar os aspectos característicos desse período de minha vida.

Cada fenômeno tem sua lei e nenhum mecanismo pode funcionar senão de acordo com as normas impostas por sua natureza. Todos compreendem que à força de pancadas não se pode fazer trabalhar um relógio de precisão nem fazer funcionar um rádio. Se não se seguirem determinadas normas, o instrumento não obedece. Não é problema de querer ou não querer.

Ora, uma pessoa que escreve por inspiração, como também acontece com os artistas ou com quem quer que elabore um trabalho original de pensamento, é um instrumento delicadíssimo, que sente os efeitos de todas as condições ambientais.

Não se pode impedir que esse instrumento, pela sua própria sensibilidade, registre todos os choques que lhe cheguem do exterior. Acresce que esses choques se lhe transmitem amplificados pela sua hipersensibilidade e assim se imprimem na obra que o mesmo instrumento produz, nela deixando vestígios profundos. Acontece o mesmo que na radiotransmissão, em que as descargas atmosféricas, que o ouvido humano não poderia por si só perceber, transtornam a audição até o ponto de não se ouvir coisa alguma.

Nesses dois anos, 1953 e 1954, o ambiente estava tão saturado de distúrbios psíquicos, a atmosfera espiritual se tornara de tal modo sufocadora, as vibrações dominantes se manifestavam com tão grande potência destrutiva, que se tornou impossível ouvir e registrar uma voz tão excelsa como a que deveria trazer a luz o livro **Cristo**. Principiei-o. Mas, a necessidade de defesa me lançou na peleja e nela se absorveram meu tempo e minhas energias. Foi necessário abandonar a recepção, que em tal ambiente sofreria deformações tão pavorosas que representaria, não uma expressão, mas uma violação do pensamento transmitido.

Disseram que eu era vítima de ondas barônticas⁰². E essas ondas eram justamente representadas pelo ambiente em que eu caíra. A isso se deve ao fato de não haver sido escrito até agora o volume **Cristo**.

02 Neologismo formado de elementos gregos: “baros” (gr. baros, ous) - pesado denso, e “ontos” (gr. ón, óntos) - ser, entidade. Barônticas: provenientes de espíritos de constituição densa (entidades inferiores). Esse problema de correntes barônticas é amplamente explanado no livro **As Noures**, do mesmo autor e já republicado por esta Editora. (N. do Tradutor)

Assim, a I Obra foi interrompida por esse primeiro embate. Isso era inevitável. A missão, nesse período, se transformou e o instrumento, habituado a uma atmosfera de solidão e silêncio, deveria descer ao turbilhão infernal do mundo, porquanto aqui se completaria a última fase da missão - a de sua realização prática. Ele se arriscou, pelo menos, a paralisar seu trabalho, sem poder produzir mais nada. E isso teria acontecido se não fosse a proteção das forças do Alto, que tudo haviam previsto e velavam. De permeio, estava a vontade de Deus e contra esta as forças do mal nada podem. Ao contrário, elas são utilizadas a serviço do bem e, neste caso, concorreram para produzir uma nova maturação do instrumento.

A dor sempre pode produzir um fruto, pode ser um mal a fecundar um bem.

Perigo haveria se os homens práticos, que conhecem o mundo e sorriem dos sonhadores do ideal, conseguissem destruir tudo e, assim, estancassem a fonte para sempre. Os que dizem conhecer a vida não compreendem que para um instrumento poder ser utilizado e frutificar é indispensável lhe sejam concedidas, pelo menos, condições de sobrevivência. O espírito é algo delicado que, para poder exercer sua função, deve ser tratado com inteligência, sinceridade e bondade: bondade substancial e não apenas de boas maneiras.

O instrumento, em tais mãos, ter-se-ia arruinado definitivamente, se não existissem as leis da vida a protegê-lo. Mas, ele não parou de trabalhar, não se deixou destruir. A vida reagiu nele e ele se pôs a funcionar de outra maneira. Resistiu, não desejou morrer e, para sobreviver, adaptou-se transformando-se. Sua atividade, em vista disso, tornou-se diferente e seu trabalho foi encaminhado para outra direção. E assim, de um mal nasceu um bem e ele se renovou.

O instrumento recebeu em cheio o abalo e o absorveu em profundidade. Assim sendo, pelos sábios processos da técnica da vida, o choque se contraverteu, reemergindo transformado em bem. A personalidade do instrumento modificou-se.

Se, quando sob a tempestade, não teve condições para produzir o que estava programado, sua produção não cessou, mas tomou rumo diverso, navegando em outros mares, em busca de novos horizontes.

Daí nasceu uma nova Obra, a desenvolver um novo tema, com um estilo novo, sólido, terreno, positivo para os práticos, um estilo de batalha, adaptado ao mundo em que a missão deve agora cumprir-se.

Nasceu a II Obra, cujos quatro primeiros volumes agora apresentamos, escritos num ímpeto, nestes primeiros três anos brasileiros. Desse modo, a 1ª Trilogia já está completa, enfrentando os problemas mais palpitantes da atualidade, com a palavra concebida como ação, para construir na Terra, com as pedras das provas evidentes, o novo edifício do Evangelho vivido e da nova civilização do Terceiro Milênio.



Que aconteceu, então, à I Obra? Ela estacionou no décimo volume. Não pôde ser concluída. O estado de ânimo que ela nasceu foi detido. Permaneceu como que congelado. Não morreu, entretanto. Refugiou-se, apenas, em estratos mais profundos, esperando emergir de novo um dia, quando findarem os gelos do inverno e ressurgir a primavera.

É assim que a vida se defende. A I Obra ficou como uma semente sob o solo, à espera de renascer. Nada se perdeu. Por certo, o reinício foi somente adiado. E, se um dia o instrumento conseguir novamente modelar um ambiente de paz e confiança, então poderá nascer o livro **Cristo**. São

necessários, entretanto, fatos novos, impressões que, num sentido contrário, corrijam os precedentes; são necessárias mudanças estáveis que deem tempo ao instrumento de curar-se dos choques recebidos e lhe garantam tranquilidade e confiança, necessárias a que tais livros de sublimação espiritual possam ser escritos.

No momento, a I Obra é como um navio emperrado num banco de areia, à espera de que o destino lhe envie os ventos que o desencalhem. Por enquanto, o espírito sofreu uma contração para seu interior, negando-se a manifestações exteriores. Fecharam-se as portas para aquela categoria de conceitos e tudo se cala. Até que mude o ambiente, nada aparecerá nem será dito sobre aquele tema. Numa ambiência qual a destes três últimos anos, o pensamento conexo a Cristo não pode surgir.

Acusações mútuas são inúteis. Estabelecidas as causas, as consequências são fatais. Absurdo pretender que a água não gele a zero grau. Seria necessário não a levar a essa temperatura. Seria preciso não provocar as causas. Uma vez atingido aquele ponto, a água não pode senão congelar-se.

É indispensável inteligência para compreender a delicadeza do instrumento, a fim de não o prejudicar. Todavia, tal poder de intuição não se encontra no selvagem plano biológico da luta pela seleção e vitória do mais forte. Daí ser fatal o choque e assim tem acontecido todas as vezes que um ideal desce à Terra para nela ser implantado. E no entanto, ele representa o maior estímulo à evolução.

Os não-sensibilizados não percebem essas coisas e tudo permanece sob a defesa única das sábias leis da vida, que eles também provam desconhecer. No entanto, é elementar e evidente que, se desejamos realizar um serviço útil, não podemos usar mal ou danificar o mecanismo que lhe é próprio, antes devemos dispensar-lhe cuidados,

considerando suas exigências naturais, conforme as leis que o regem. Se, por excesso de exigências ou por avidez, não se considera essa realidade, desseca-se a fonte. Com tal psicologia podem surgir mártires, mas se destroem o trabalhador e sua produção.

Se ficou, desse modo, paralisada a I Obra, não foi, de fato, impedido o cumprimento da missão, assunto que pertence a Deus e sobre o qual os homens não têm qualquer poder. Aconteceu, em consequência, que a trajetória do trabalho sofreu tão-só uma mudança de direção, imposta pelo imprevisto de novas pressões.

Certo é que tudo, inclusive nesse transe, continuou a ser guiado por Deus com sabedoria e com objetivos benfazejos, que no futuro se revelarão mais claramente. É um fato a grande utilidade moral deste exemplo que o Evangelho nos quis dar - a excelência de seus métodos de combate, que no desdobramento deste caso provaram ser superiores, vencendo os do mundo. O Evangelho desejou dar-nos uma prova de força, da sua força, para que seja finalmente tomado em consideração pelo mundo.

Tenho a satisfação de verificar que esse montante de dificuldades, no fundo, não me fez perder tempo, coisa tão preciosa, pelo menos para mim, que não me é lícito desprezá-la. Tive a alegria de comprovar que dos obstáculos interpostos, Deus fez surgir novas criações. E acima de tudo, a confirmação, viva e experimental, das teorias sustentadas nos livros, teorias que, após a vitória da experiência dessa prova de fogo e da resistência ao choque dos fatos, adquiriram agora um valor positivo imensamente maior.

Cristo velava e à Sua presença devo esses tão esplêndidos resultados, atingidos em ocasiões realmente difíceis. Comprovei que Ele não descia tão-somente como

conceito nos livros, senão também como ação na vida, para que fosse compreendido.

O prodígio consistiu em se haver extraído tanto bem de tanto mal e ninguém tivesse conseguido destruir a missão. Ao contrário, das investidas dos rivais em contenda, visando a posse do instrumento para planos particulares, nasceu uma nova Obra. Foi, na verdade, maravilhoso que nenhum desses planos tivesse conseguido o objetivo desejado. Realmente, o único a atingir uma finalidade foi aquele dirigido por Cristo, Que tudo guiava. E aquelas pessoas, acima referidas, como já disse, só obtiveram, e por si mesmas, um resultado: o próprio prejuízo e o afastamento deste trabalho.



A barreira já foi ultrapassada e em 1956 poderemos apresentar os quatro volumes da II Obra, que são:

1º volume: COMENTÁRIOS (Introdução à II Obra), I Trilogia:

2º volume: PROFECIAS (O Futuro do Mundo)

3º volume: PROBLEMAS ATUAIS

4º volume: O SISTEMA

Seguir-se-á a II Trilogia, já em preparação. São até agora quase mil páginas, penoso trabalho realizado sempre à noite, porquanto, durante o dia, ressoava, furiosa, a tempestade já acima narrada.

Esta II Obra será toda revista por mim em sua tradução para o português, de modo que eu mesmo possa assegurar-me de sua fidelidade e exatidão. Não conhecendo, até pouco tempo, o português, nenhum controle do gênero me foi possível para a I Obra.

A II Obra, em boa apresentação gráfica, como a primeira, deverá ser oferecida a um custo unitário

relativamente inferior ao da I Obra. Tanto quanto lutei para que meu nome não servisse de pretexto para recolhimentos de fundos ou negócios, assim o faço agora, a fim de que meus livros não se tornem mercadoria, permanecendo independentes, o mais possível, de tudo o que seja transação comercial.

Com isso procurarei, não só oferecer edições que se beneficiaram de meu cuidado pessoal, mas ainda continuarei minha luta contra o dinheiro, que é o maior inimigo de todas as verdadeiras obras espirituais. Devo, sobre o assunto, fazer declarações importantes. Nestes anos, foi dito, entre outras coisas, que eu desejava enriquecer-me. Tenho absoluta necessidade, para poder viver e, desse modo, realizar meu trabalho, de uma casa para morar e de meios materiais para subsistência própria e da família. Jamais, porém, desejei a riqueza, pois não posso perder meu tempo a defendê-la. É inegável que a independência econômica me é necessária, pois sem ela eu cairia num estado de escravidão em que seria impossível meu trabalho. Obtida essa independência indispensável, o resto é para mim tão-só uma condição para o meu trabalho; o resto me pesa, tanto que já o rejeitei na Itália.

Estou despendendo a metade de meu tempo e minhas energias em viagens para proferir conferências. É um penoso esforço para mim, mas o faço sem qualquer remuneração material. Como posso continuar a fazê-lo, e tudo o mais que devo fazer, se não encontrar recursos para viver? É absurdo que a humana avidez de tudo desfrutar me prive até do que me é imprescindível para cumprir minha missão pelo bem dos outros.

A essa acusação de que eu queira enriquecer-me, respondo agora oferecendo boas edições dos livros e, ao mesmo tempo, acessíveis às condições de todos, eliminando lucros inúteis. Respondo, ainda, recordando as palavras que escrevi no volume *Ascese Mística*, publicado

na Itália em 1939 e no Brasil em 1954. Em seu capítulo "Minha Posição", defini minha missão qual hoje se está desenvolvendo e àqueles princípios ali expostos tenho permanecido fiel. Quase vinte anos depois, aquelas afirmações provaram ser verdadeiras.

Peço ao leitor que queira conhecer minhas ideias sobre esse assunto, o favor de reler todo aquele capítulo. Aqui transcrevo somente este trecho: "Nada quero possuir. Tudo é dirigido tão-somente pela força do espírito. (...) Por isso, não quero nem casas, nem sedes, nem cargos, nem toda a pestilência das organizações humanas; nada que possa arrastar os baixos instintos e estimular as sempre rápidas respostas dos inferiores impulsos do homem comum; nenhuma fetidez de dinheiro, que tanto atrai os ávidos e sombrios aduladores. Estes fogem, graças a Deus, em face de um prato onde não há senão fadiga, dor, paixão de espírito. Esta é a minha segurança. (...) Esta é a minha força diante do mundo".

Repito hoje, ante o caso atual, as mesmas declarações. Desejo, portanto, que se compreenda, claramente e sem equívocos, o meu método - não procurar jamais dinheiro, nunca o pedir, jamais organizar qualquer tipo de propaganda, comissões ou coisas semelhantes, com o objetivo de conseguir recursos financeiros. Quem, pois, faz isso em meu nome o faz sem meu consentimento, contra minha vontade, com perigo e risco para si mesmo.

Devemos compreender que a Obra para a qual trabalho depende de Cristo, que não tem necessidade alguma de dinheiro. Se dele precisasse, somente a Ele mesmo competiria inspirar a quem devesse trazê-lo. O dinheiro, mesmo quando deva chegar, por absoluta necessidade - considerando-se o assunto em apreço - não deve jamais ser solicitado, mas somente enviado pelo Alto.

Aqui me encontro, não para fazer negócios, à maneira de tantos, mas para dar um exemplo vivencial de que as forças espirituais são verdadeiramente as mais fortes. E posso afirmar perante Deus: toda vez que me chegaram às mãos quaisquer meios indispensáveis à sobrevivência, sempre e somente o foram dessa maneira.

Quando, por isso, para realizar meu trabalho me foi imprescindível possuir alguma coisa em meu nome, nunca recorri à hipocrisia de esconder o fato sob o anonimato, ou de modo impessoal, entrincheirando-me atrás de pessoas ou instituições, para não aparecer.

Outra coisa que desejo elucidar: contrariamente ao que possam imaginar, não desejo jamais ser chefe de coisa alguma, em sentido material ou espiritual. Aceitarei apenas honestos companheiros de trabalho, mas nunca discípulos menores sobre os quais exerça qualquer autoridade.

É que eu vivo numa ordem de ideias em que o domínio sobre o próximo é, em absoluto, inútil. Diferentemente, os agrupamentos humanos precisam submeter seus associados ao comando de um só, que dirija com disciplina para manter uma ordem imposta, sem a qual tudo se desagregaria. No meu caso, é a Lei que tudo mantém, e não a imposição humana. E Essa Lei tudo dirige, interiormente, usando uma disciplina da qual ninguém pode fugir, porquanto qualquer infração, sem que qualquer chefe a imponha de fora, acarreta inexorável pena.

Meu trabalho não é de impor ideias, mas tão-só de oferecê-las, difundindo-as com os livros e a palavra, para o bem do próximo. Não é procurar proveitos pessoais, egoisticamente, como em geral o fazem os que buscam o poder. Ao revés, é oferecer vantagens, imparcialmente, a todos, sem sombra alguma de sectarismo. É fazer com que as mentes, pelas suas infelizes experiências habituadas a

desconfiar, compreendam que essas ideias que ofereço são realmente uma vantagem.

Com esse objetivo percorro todos os caminhos: da razão e da ciência, do coração e da fé. E, finalmente, os do exemplo, como no caso atual.

Esse oferecimento imparcial quer dizer que sou amigo de todos, contanto que sejam justos, quaisquer que sejam suas religiões ou ideias. Significa também que não posso permanecer fechado em nenhum grupo de caráter exclusivista e sectário.

Desde que, em qualquer grupo me seja pedido condenar algum ponto de vista honesto e diferente, só porque diverso do seu e para imposição aos outros, desse momento em diante não posso pertencer àquele grupo.



Esclarecidos estes pontos fundamentais, peço um favor aos meus leitores e amigos brasileiros.

Peço-lhes isentar-me de qualquer forma de glória e honrarias, que me privam de tempo e energias preciosas e ainda representam um peso que agrava o meu trabalho.

Rogo-lhes cercar-me de seu afeto que me alimenta. Peço-lhes contribuir, cada um como lhe for possível, para formar e manter em torno de mim aquela atmosfera de paz e confiança, que me é necessária para continuar escrevendo e para cumprir minha missão nesta minha nova pátria, à qual me dedico inteiramente.

Rogo àqueles que desejam utilizar-me para seus fins e vantagens pessoais, àqueles a quem meu trabalho não agrada, suplico-lhes, repito, tenham compaixão de mim e me concedam paz.

É grande meu cansaço e estou grandemente sobrecarregado de muitos deveres em benefício do próximo.

Não é justo que sejam desperdiçados meu tempo e minhas energias em coisas inúteis, que não sejam para o bem dos outros. Meu trabalho não prejudica a ninguém, é inofensivo, faz todo o bem que pode, não agride a ninguém, abraça a todos, quer a todos ser útil. Por que combatê-lo? Não já apresentei aqui provas suficientes de que ele tem a ajuda de Cristo e, assim sendo, não se pode e é inútil colocar-se contra a vontade de Deus? Ao contrário, não nos tomamos de encanto diante da maravilhosa harmonia e da beleza de Suas obras?

Por que procurar limitar meu trabalho concebendo-o somente em função de grupos particulares? Por que desejar vê-lo tão-só em relação a categorias já existentes em que ele não cabe? Ou a princípios e interesses particulares a que o universal jamais poderá reduzir-se? Por que desejar à força que ele seja uma parte de outros edifícios já construídos fora dos quais não é permitido viver, não se admitindo que a verdade possa existir fora deles?

Por que não acabar, a bem geral, de uma vez para sempre, com essa intolerância de todos contra todos, quando todos se igualam?

E por que me ser atribuído, como o mais imperdoável dos defeitos, esta minha ausência de espírito sectarista?

Por que não procurar ser verdadeiramente fraterno? Parece que o homem é absolutamente imaturo para compreender um pensamento universal, que ultrapasse os restritos círculos de seu pequeno mundo. O dogmatismo, o farisaísmo, o sectarismo tendem sempre a reaparecer em todos os grupos, qual característica humana de todos os tempos e lugares.

A singela narrativa feita, o método seguido, as provas dos fatos que se deram nos parecem suficientes para convencer-nos de que caminhamos na estrada da verdade.

Sem um particular auxílio de Deus não se explicam os acontecimentos relatados. E auxílio quer dizer aprovação.

Não se pode negar, neste caso, a presença de um plano preestabelecido, que se vai desenvolvendo, em movimentos coordenados, em direção a um fim preciso. Como negar, diante de tais fatos, a presença de uma inteligência superior que dirige tudo?

Não posso esconder meu assombro, nascido dessa sensação da contínua presença de uma força e inteligência que, não sendo minhas, só posso atribuir a poderes espirituais superiores que têm Deus como chefe. Se não sou eu a dirigir, e se tudo caminha com uma sapiência que não possuo, quem dirige, então? Ademais, os resultados estão aí. Diante deles, ponho-me a pensar, procurando explicá-los. Mas, explicá-los como, de outro modo?

Existe o fato positivo da vitória. Sem um auxílio extra-humano, de que modo entendê-la? Há também o fato positivo da construção que está surgindo, lenta, mas constante, independentemente de forças humanas, por um poder que lhes é superior. Forças humanas não bastam para explicar o fato, nem conseguem obstruí-lo. Por que forças, então, é sustentado tal trabalho, situado além dos poderes e engenhos do homem? Como se compreende uma vitória obtida justamente quando fui despejado, em terra estrangeira, sozinho, por aqueles que eram minha única esperança? Como explicar essa fragilidade de recursos e astúcias humanas para vencer uma criatura inerme, desprovida de tudo, que não arquiteta planos, que não se defende nem agride, mas perdoa? De que couraça foi ele revestido para tornar-se, assim, invulnerável? De que invisível arma foi ele dotado para conseguir vencer, numa luta assim tão desigual?

Com ceticismo não se explicam esses acontecimentos. E, no mínimo, não se pode deixar de vê-los, porque eles são

reais. Como não há de nascer, pois, a dúvida, até nas mentes mais céticas, de que o instrumento não esteja sozinho? E que, junto dele, opere alguma força, embora desconhecida dos que descreem?

Se pelos efeitos é que se determina a natureza da causa, essa força deve ser inteligente e poderosa. O tipo dos movimentos que vemos nos indica a espécie do motor de que derivam.

O mundo não enxerga essa arma, não sabe de que é feita, nem como funciona. Nosso mundo vive no plano biológico caótico, onde o melhor é aquele que oprime pela força ou pela astúcia, e não no plano orgânico, em que todos cooperam dentro da ordem da Lei.

É difícil explicar aos seres de um plano de evolução os princípios vigentes num plano mais alto. No nível humano, a luta pela vida nos habituou de tal modo à desconfiança que, mesmo quando sinceramente se expõe uma verdade, a primeira reação é a de que ela seja uma mentira. Estas minhas sinceras explanações podem, assim, ser consideradas uma astúcia requintada e inédita.

Será, realmente, bem difícil fazer compreender a natureza e as funções dessa arma: é a arma da não-resistência, de que o Evangelho nos fala há dois mil anos. Na realidade, porém, bem poucos a usam, porque em mãos comuns ela não funciona. E desaparece ante os olhos dos homens práticos, na direção de planos de vida por estes desconhecidos.

O instinto, entretanto, fareja qualquer coisa sobre o assunto. Todas as vezes que existe algo que interesse à vida, sobretudo como ameaça ou perigo, ela tem a intuição do fato, embora sem percebê-lo bem.

Neste caso em exame, há luta e vitória, duas coisas que fazem parte da vida, mesmo em seus planos inferiores, e que, portanto, todos compreendem. Quando se verifica uma

vitória, todos procuram saber quais foram as armas usadas pelo triunfador, pois isso lhe interessa porque também querem vencer. O tipo humano comum fica, então, perplexo ao verificar, no caso de uma vitória qual a de que falamos, a ausência de armas dele conhecidas, as que todos usam, acreditando sejam as únicas que conduzem ao êxito.

Os cétricos dizem, então: que tipo de lutador é este, que vence dessa maneira, desarmado e sem fazer guerra?

Eis aí o nó do problema, para o qual agora tão somente chamamos a atenção do leitor, pois ele resume o caso atual, mas merece um particular e adequado estudo, quando será desenvolvido.

Isso será feito num outro volume - **A Grande Batalha**, último da 1ª Trilogia desta II Obra. Nesse livro, voltaremos a encontrar-nos, para cuidar em profundidade de tão excepcional assunto. Baseando-me na experiência destes meus três anos brasileiros, nele poderei descrever esta nova e poderosa estratégia, bem pouco conhecida no mundo - a da não-resistência, pregada pelo Evangelho. Será, assim, dada conclusiva solução ao presente problema. Explicaremos como, perdoadando e amando, se pode vencer muito melhor que agredindo e odiando. Veremos também as poderosas forças que a Lei possui de reserva a favor de quem a cumpre.

Desenvolveremos, assim sendo, os conceitos de **A Grande Síntese**, cap. XLII "*A Nossa Meta, a Nova Lei*", onde se diz: "Não existe senão uma defesa: o abandono de todas as armas"; cap. XC, "*A Guerra, A Ética Internacional*" e ainda o cap. XCI, "*A Lei Social do Evangelho*", onde parcialmente se desenvolve o referido tema, de modo especial nos aspectos social-político e individual.

O homem atual conhece bem pouco da técnica das reações da Lei. Tem apenas uma vaga ideia fideísta desse fenômeno, cuja mecânica as religiões realmente não lhe

explicam. Por isso, nele permanece o instinto que o leva a admirar o vencedor. Não conhecendo, todavia o fenômeno, que pertence a outros planos de vida que lhe escapam, só lhe resta um supersticioso temor que o desconhecido sempre inspira.

Ele percebe confusamente que existe qualquer coisa que se lhe escapa, qualquer coisa também poderosa que, por isso mesmo, pode também prejudicá-lo muito. Para ele, o homem espiritual é um enigma. Enxerga-o armado de forças espirituais desconhecidas, sobre as quais não tem poder. Nasce-lhe, então, a dúvida: aquele estranho homem que sabe vencer é realmente mais poderoso, porque auxiliado enquanto estiver unido ao Alto? E nós, queríamos utilizá-lo somente para nós mesmos, por que não o compreendemos? E se assim é, que reações poderão atingir-nos agora, vindas daquele misterioso mundo espiritual que nós violamos?

O problema torna-se, então, vivo, pois não se manifesta tão-só por demonstrações racionais, mas pela alegria ou dor, pela vitória ou derrota de seres vivos. Aqui, a Lei se transforma em exemplo e lição prática.

Foi isso que aconteceu nesses três anos. E aconteceu para oferecer um exemplo, assegurando-nos da presença de Deus e dando-nos uma prova da legitimidade da missão. É também uma advertência para os céticos e uma evidente manifestação da Lei, para que todos sintam sua existência e funcionamento. Significa ainda a afirmação da invulnerabilidade das obras de Deus e, portanto, da impotência, diante delas, de quem quer que procure destruí-las.

São muitas as lições que este caso nos oferece, sobrelevando-se a maior delas: quem faz o bem a si mesmo o faz e quem faz o mal também o faz a si próprio.

Este caso aqui descrito tem o profundo significado de ser um dos infinitos momentos da universal luta do mal contra o bem, em que este sai triunfante, pois esta é a lei.

Dessa luta cósmica este é apenas um caso particular, que acontece conosco todos os dias, aplicando-se nele as normas do caso geral. Assistimos aqui ao combate de forças opostas, de dois diversos tipos biológicos, de dois planos de evolução. E o resultado é que o mais evoluído vence, demonstrando que as forças do espírito, porque mais avançadas, são mais fortes que as da matéria.

A Divina Providência intervém e a cada injusto prejuízo, sofrido por quem não o merece, proporciona como compensação o equivalente justo, firmemente protegendo quem obedece à Lei, a expensas de quem a violou.

Vemos, desse modo, funcionar na Terra a lei de planos mais altos, segundo a qual triunfa não o mais forte ou mais astucioso, porém, o mais justo. Noutros termos, a lei segundo a qual vence o mais prepotente egoísta, na desordem, é substituída pela lei que concede vitória ao homem orgânico e reto, dentro da harmonia da ordem. Em lugar da lei da força é estabelecida a lei do mérito.

Dada a dificuldade de fazer sentir e admitir a presença real e operante de Deus entre nós, os cérebros humanos, habituados à astúcia, são levados a ver em tal sucesso, a maior de todas. O valor deste caso é haver oferecido uma lição no próprio terreno das confusões humanas, onde tanta gente se movimenta, o que quer dizer, no ambiente mais cheio de atividades e mais acessível à sua percepção.

Como pode, de outro modo, a Lei fazer-se compreender por quem só acredita na força e na esperteza, e não na ordem, dentro da qual ela tudo regula?

Como introduzir, diferentemente, em cérebros condicionados a ideia de luta, e que não admitem outra coisa, o conceito orgânico do funcionamento do universo, do

qual o homem faz parte, sendo-lhe vantajoso saber coordenar-se dentro desse organismo, ao invés de rebelar-se para impor-se?

Para persuadir essas almas, acostumadas a respeitar somente o vencedor - porque este deu provas de ser o mais forte - que mais pode ajudá-las senão um exemplo vivo de triunfo? Era necessário, pois, para atingir esse escopo, que as forças espirituais do bem descessem, produzindo efeitos até no campo dos problemas materiais, pois somente assim sua presença seria percebida e sua importância valorizada.

Num mundo onde só se estima a força, era preciso que o Evangelho desse uma prova de força. Para fazer-se entender, deveria usar a linguagem da vitória no terreno das coisas materiais, que todos compreendem.

Importava vencer honestamente, sem as armas e as sagacidades humanas, para depois utilizar a vitória como fator de ajuda e educação. Antes, porém, de ser generoso e bom, era preciso haver dado provas de ser forte, vencendo, porque coisa alguma é muito respeitada no mundo, nem mesmo a virtude, quando diz respeito aos vencidos ou aos fracos. Estes - é o que se pensa - naturalmente devem ser bons para o próximo, pois não têm força para fazer o mal; e os vencidos devem curvar-se diante de todos.

Ver, entretanto, um forte, um vencedor, que não se aproveita dessa sua primazia para esmagar o semelhante, isto é realmente uma admirável exceção?

Só a bondade do homem poderoso é considerada virtude digna de apreço, pois a do fraco é tida como fruto da necessidade e do cálculo. Na atual forma mental humana, resultado de seu passado e filha do atual nível evolutivo, a base do valor está sempre na força.

As coisas espirituais, por essa razão, se querem ser estimadas no mundo, devem aparecer, antes de tudo, vitoriosas pelo seu poder. O povo pedia milagres a Cristo

porque neles via uma prova de força e de poder. E Cristo, embora contra Sua vontade, teve de realizá-los, pois para o povo eram eles a primeira condição da fé e do respeito.

O mundo deseja honestidade e justiça, mas uma honestidade e justiça que possam vencer. Quer ainda que essa vitória seja aplicada em benefício dos outros e que o vencedor seja generoso. Todos compreendem e prezam, porque Ihes é vantajosa, essa magnânima vitória, licitamente atingida e não usada pelo vencedor para esmagar o próximo. Este, pelo instinto de subir, admira o vencedor ansiando imitá-lo. No seu egoísmo, entretanto, está muito cansado dos inúmeros abusos que tem sido obrigado a sofrer, de todo o sempre, da parte de todos os vencedores. Eis porque aprova e aceita, quando, em lugar das tristes vitórias do mundo, ele vê descer do céu um tipo tão oposto de triunfo.

O mundo acha natural que alguém, inerme, como quer o Evangelho, se ponha a rastejar aos pés dos fortes e, por isso, o despreza qual um fraco. Mas, quando vê este outro, que, apesar de não possuir nem usar armas humanas, não apenas vence, mas, depois não abusa da vitória, como é costume, então percebe a evidente diferença. E todos perguntam como foi possível isso ter acontecido, qual é a chave desse mistério, quais são os novos e insuspeitos princípios e forças que possibilitaram tal prodígio.

E desse modo, buscando uma interpretação, de que os céuticos também sentem necessidade, eles são involuntariamente atraídos para aquela estrada em que deverão, mais cedo ou mais tarde, encontrar-se com a Lei.

Começa-se, então, a compreender a possibilidade de existir um outro biótipo forte que, embora humanamente desarmado, tem mais força do que os fortes do atual plano evolutivo humano: um forte que o é, embora pessoalmente frágil, por ser uma célula de unidades orgânicas mais

complexas e mais vastas, de que o tipo humano comum se acha excluído pelo seu egoísmo.

Este tipo humano só pode contar, para sua defesa, com suas pobres forças individuais, ao passo que o outro tem a protegê-lo o poder de todo o organismo de que é parte, isto é, os princípios da Lei de Deus, da qual se fez um instrumento.

A descida à Terra desses exemplos concorre para a efetivação de um primeiro esforço no sentido de alcançar outra área, a de uma lei superior, apropriada a um plano biológico mais evoluído, em que a seleção tende a produzir outro biótipo.

Principia-se a admirar, desde então, também na Terra, um outro modelo de vencedor, um outro tipo de força, não material, mas espiritual, feita não de prepotência, mas de bondade.

Admirar-se-á esse modelo e chegar-se-á a amá-lo, pois nele se ama a própria vantagem que ele representa, dado que é um amigo e não um inimigo, no caminho do próximo.

Sua generosidade permite aos vencidos lançar-se nos seus braços, com plena confiança.

O homem comum, tipo predominante da maioria, haverá de apreciar nele, não o forte que vence e oprime, fazendo-se temer como inimigo, porém, é o que mais o atrai, o forte que ajuda, não esmaga, sustenta, não usufrui malignamente a vitória, antes, põe-na a produzir bons frutos e, por isso, faz-se amar como um amigo.

A vida, em seu utilitarismo, luta por liberar-se da pressão do egoísmo que, se defende o indivíduo, pesa sobre todos; esforça-se por alcançar essas formas superiores que a protegem muito mais, subtraindo-a do estado de luta e insegurança, que é seu doloroso estado atual.

A vida chegará, desta maneira, através do labor da evolução, a produzir outro biótipo de forte vencedor, o forte generoso e orgânico, que usa sua vitória para o bem de todos, vendo na coletividade seus próprios irmãos.

A força de repetir-se por milênios esta palavra - fraternidade - à força da pregação do Evangelho e, sobretudo, à força de sofrer todos os prejuízos da egoística vitória dos fortes, essa ideia mais humana acabará por fixar-se no seio da humanidade. E o homem encontrará forças para rebelar-se contra as formas inferiores da existência, abandonando-as, depois de as haver sofrido por tantos milênios.

Nosso semelhante, então, deixará de ser um adversário e um perigo, tornando-se um irmão e um auxílio.

A sociedade humana deixará de ser dirigida por uma ordem baseada na disciplina da força e do medo, passando a uma ordenação assentada em convicta disciplina de amor. Então, como foi mudada a concepção de Deus, que passou da ideia mosaica de um chefe forte, desapiedado e vingativo à atual, de um Deus amigo, que nos ama com justiça, também, paralelamente, se modificará a concepção das relações humanas. Não mais a que se alicerça sobre o egoísmo separatista do mais forte, mas a que se firma num altruísmo em que todos se compreendem, coordenando-se organicamente para maior proveito coletivo.

O vencedor mais forte, nesse caso, não será temido, mas amado, e sua vitória será estável, porque não se fundamenta na opressão, que está sempre a oscilar ante as reações de revolta, mas na colaboração que concilia em utilidade geral as atividades e os interesses de todos.

Eis, num breve resumo, a teoria geral do nosso caso. Observando, em profundidade, diariamente, minha vida e a vida dos outros, tenho podido dispor, durante meio século,

de um campo de observação e de um laboratório experimental para o estudo positivo dos fenômenos morais.

As precedentes afirmações firmam-se, portanto, nas mesmas bases objetivas e experimentais que servem de apoio à ciência e, se concordam com as teorias gerais desenvolvidas na Obra, aqui as confirmam com fatos, provando-os através do método da observação e da experiência. Enquanto as teorias gerais foram obtidas por intuição, através do método dedutivo, descendo, pois, do geral para o particular, esta é uma confirmação que as atinge por um caminho oposto, porquanto as alcança, ao contrário, partindo do particular dos fatos.

Aí estão os fundamentos que descem até às raízes da Lei e sobre os quais se apoia e começa a elevar-se a nossa atual construção, nesta nova terra brasileira.

Aqui, a missão se iniciou com essa prova de força, descida dos planos espirituais, para convencer também os céticos. Cristo quis, desse modo, manifestar Sua presença, confundindo os métodos humanos, vencendo com o sistema oposto do Evangelho.

Isso não só nos confirma o passado quanto empenha o futuro, dando-nos garantia do êxito final. Tudo isso prova que a missão continuará a desenvolver-se até o fim, porque as forças do mal podem desafiar, mas nunca vencer os planos do Céu.

Em termos mais amplos, esta é uma prova de que o Evangelho é verdadeiro e que se pode venturosamente triunfar com seu sistema da não-resistência.

O que é certo é que Cristo não nos ofertou essa nova prova para minha glória, mas tão-somente para glória Sua e do Seu Evangelho. A grande dádiva que Cristo quis fazer-nos foi um caso vivido, a proporcionar-nos a demonstração concreta de que o Evangelho, também quando é trazido aos

entrechoques de nosso dia a dia, nada tem de utópico, antes, representa uma real utilidade prática.

Na difícil arte de vencer, supremo sonho de todos os viventes, é assim demonstrada a superioridade do método evangélico sobre todos os outros. E é maravilhoso ver, como neste caso, que ele se revela plenamente eficaz, mesmo se praticado de modo individual no seio de uma sociedade não-evoluída.

Esse método pode ser, portanto, usado vantajosamente para cada pessoa, que por si própria o fará funcionar, antes mesmo que ele venha a ser compreendido e usado pela coletividade.

A muitos poderá parecer que essa renovação dependa da reciprocidade, não podendo ser alcançada senão coletivamente.

Ao contrário, este caso nos mostra como o ingresso a superiores planos de vida está aberto a todos, de modo geral. Mas, logicamente, também a cada um, de maneira pessoal, desde que esteja preparado para poder neles entrar.

São estes os alicerces sobre os quais se elevará o novo edifício. A grande veracidade deste caso nos ensina - e isso seria muito útil ao homem compreender - que a Lei defende quem a segue, mesmo que seja uma criatura isolada no seio de todo o universo.

Para isso não é necessário que o estado orgânico superior já tenha sido atingido por toda a raça humana.

Existem humanidades superiores que já vivem nesse estado orgânico. O indivíduo, alcançada sua maturação, passa automaticamente a fazer parte delas.

E quem nelas ingressa, embora materialmente esteja vivendo no ambiente terrestre, passa a usufruir todas as

defesas e dispor de todas as forças e poderes que, de direito, pertencem aos seres daquele plano.

Para entrar no círculo de tais humanidades e desses planos superiores de vida, a estrada aberta a todos é - viver a Lei.

A consequência prática, compreensível também neste mundo, é que a Lei não defende quem não a segue: para este não existe a Divina Providência. Ele é, portanto, deixado às suas próprias forças, já que, pelo seu sentimento egoísta, ele mesmo desejou isolar-se do organismo das forças espirituais, que governam o universo com bondade e justiça.

Esta é a triste sorte dos involuídos que ainda não querem participar da ordem divina.

Ainda outra consequência prática, repetimos: a Lei defende quem a segue, de modo que, em conclusão - ninguém é tão bem defendido quanto o justo.

Esta, que parece a maior das utopias, é a ousadíssima tese, aqui apenas esboçada, que sustentaremos no volume **A Grande Batalha**. Nele demonstraremos que o mais elevado sistema, o melhor meio de vencer na luta pela vida é o sistema da retidão do Evangelho.

São Vicente
Natal de 1955.

1. O PORVIR DO MUNDO

Estas páginas foram escritas em 1953. Era indispensável esclarecer que foi esse o ponto de vista, ou seja, o centro da perspectiva, no tempo, para os acontecimentos de que tratamos e que, hoje, são futuros. Passará o tempo, e então o leitor os achará passados, e seu centro de perspectiva será diferente. Demos com precisão, o ano, porque, neste caso, a visão desceu por intuição à dimensão tempo em que se desenvolve o conteúdo dela. Quisemos, outrossim, traduzi-la nos termos racionais correntes, como são usados e aceitos pela forma mental moderna. Dessa forma, mais se concretizou a visão, encouraçada na lógica. Em outras palavras, tornou-se prática, acessível à psicologia do homem que age na Terra. A fim de que a visão se adapte melhor a essa psicologia que não admite sonhos, apresentamo-la aqui, apesar de descer ela de outros planos de consciência, como uma simples hipótese, sem nada mais pretender; hipótese passada ao crivo do raciocínio, que lhe poderá controlar o realizar-se, quando os acontecimentos, hoje futuros, terão ficado atrás, no passado.

Para sermos práticos, digamos logo que é inútil iludir-se, acreditando em ideologias. Se quisermos caminhar em terreno sólido, temos que ater-nos às leis biológicas. E as leis da vida são bem diversas das teorias abstratas, que os pensadores desejariam aplicar à pele dos povos, para forçar os acontecimentos históricos. A História tem sua inteligência própria, já o dissemos alhures, e o demonstraremos melhor nestes capítulos. O que diremos é a consequência lógica dos princípios do sistema que até aqui foram desenvolvidos. Não trabalhamos, pois, com fantasia. A História tem suas leis, seus grandes ciclos, seus períodos menores, seus círculos de força, seus motivos

dominantes que tendem a repetir-se, ainda que em planos diversos. A História passa e repassa pelos mesmos pontos, repisa a mesma estrada, volta aos mesmos pontos críticos encontrando os mesmos perigos, desmoronamentos, dores, reações e ressurreições. Assim, em última análise, a História, em seus motivos formais, pode parecer sempre a mesma, ainda que não idêntica.

Mas, há outra História, a verdadeira, que não é envernizada de idealismos, nem feita para uso exclusivo do vencedor, para legalizar, como direito e justiça, diante de Deus e dos homens, sua primeira violência e extorsão, de que nasce, depois, como arranjo qualquer direito. A realidade que se encontra atrás das compilações artificiais da História, é sempre a que se produz pelo choque de egoísmos de indivíduos ou classes sociais, ou povos e nações, que todos querem viver. Esta é a realidade de substância, a da luta pela vida, para atingir os próprios fins dessa luta, de esconder-se e se reveste de ideologias, de princípios teóricos, que assim permanecem até que essa mesma realidade ache vantajoso encobrir-se com tais mantos fictícios. Dessa forma, eles vão e vêm, desmoronam e ressurgem transformados, passando sempre como verdades absolutas e continuamente se contradizendo, num círculo vicioso absurdo, porque bem diferente é a verdadeira linha da História. Uma é a História feita pelo homem, outra a História feita por Deus, e esta também contém, acima da luta pela vida, os grandes idealismos que devem ser alcançados. Mas estes não correspondem às ideologias e programas proclamados pelo homem com o intuito de esconder sua luta para viver. Por isso, acharemos a História um modelo de absurdos, um discurso sem pé nem cabeça, se a olharmos superficialmente, tal qual se acha escrita nos livros; no entanto, se a olharmos em profundidade, em sua realidade substancial, achá-la-emos

um modelo de lógica, uma admirável coordenação de acontecimentos dirigidos a metas precisas.

Assim, a Revolução Francesa mata um rei para criar um imperador, isso enquanto proclamava o povo como soberano. Destruiu uma aristocracia para fazer outra. Desse modo os franceses, cansados de um longo período de paz sob os últimos reis, preferiram ir para as sangrentas lutas napoleônicas e, tendo assassinado o manso rei Luís XVI como rei tirano, deixam-se matar pelo grande guerreiro Napoleão. Vista assim, do lado de fora, a História é um absurdo. Mas, se a observarmos mais profundamente, nisto tudo veremos uma velha e geral lei biológica: isto é, que a árvore, como o animal e o homem, quando viveram sua maturidade e deram seu fruto, têm que acabar, pois que a vida esgotou, nessa forma de vida, as energias que lhe destinara e, para que a vida possa continuar, deve renovar-se num novo ser, filho do velho que morre e do qual deve continuar a obra. Assim, mesmo agindo como inovador, esse filho será sempre o filho, que repete e continua o tipo biológico do pai. Fará as mesmas coisas que ele, pois não tem outros modelos diante dos olhos; mas não as fará idênticas, e sim com algumas alterações, mais evoluídas. Não é fácil fabricar modelos novos; isto é um trabalho de um povo e de um século. Luís XIV criara um modelo de Estado, e a Europa o assimilara. Para todos, essa era a psicologia política dos tempos. Napoleão, filho da revolução e continuador do poder real que havia sido suprimido, só podia reportar-se àquele modelo e revivê-lo, isto é um poder, tanto ou mais absoluto que os precedentes, exercido em nome da revolução, e aceito como legítimo, se bem que em total contradição com os princípios donde se originara. Mas ele foi aceito, porque correspondia às leis biológicas, isto é, a uma utilidade e necessidade para a vida da França, naquela hora; aceito e reconhecido como legítimo, porque o poder de Napoleão satisfazia a maior necessidade da

revolução naquele momento, que era de vencer subjugando os povos, para lhes inculcar e impor seus próprios princípios inovadores.

Este é apenas um exemplo, em que vemos, sob teorias e aparências formais, uma realidade totalmente diversa; a vida é prática, tem um utilitarismo imediato; e as ideologias, mesmo sendo utilitárias, são-nos a longo prazo e de forma vaga e incerta. Por trás das ideologias, há a luta de classes, há o espírito gregário, há a concepção egoística do poder - pura exploração em benefício próprio, em dano do povo explorado, e com razão, ao menos neste nosso plano animal, porque aqui esta é a lei para os ignorantes e ineptos, a favor dos mais hábeis e fortes.

Prossigamos observando o que faz a verdadeira História, nesse período que citamos. Mostra-nos ela, após a revolução francesa, o período napoleônico, feito de guerras e imperialismo; ou seja, mostra-nos que as revoluções não se preocupam absolutamente em realizar, de imediato, os ideais pelos quais se lançaram à luta, mas antes, mesmo se representam uma explosão de princípios novos, estes se concretizam de início numa expansão bélica, a que se pretendem, para sua divulgação. Assim se realiza a estranha contradição, pela qual os princípios tão proclamados de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, se aplicaram como invasão a mão armada, na submissão de outros povos, numa tentativa de domínio sobre toda a Europa. Não é isso mesmo que está fazendo no mundo a revolução russa, em nome da justiça econômica? Esta foi a primeira aplicação desses princípios da revolução francesa. Depois, a reação da Santa Aliança cancelou tudo, e pareceu que tudo tivesse voltado a seu lugar e as nações a suas fronteiras. Então, a revolução servira apenas para fazer guerras e dar lugar ao imperialismo napoleônico?

Não. A História verdadeira trabalhara em outro sentido. Através de todo esse tumulto de contradições, o trabalho

real fora o lançamento de novos princípios, de uma semente de que nasceram os governos representativos, a liberdade política, os Estados nacionais etc. Essa semente começou a desenvolver-se devagarzinho, e foi necessário um século, para que pudesse frutificar; isso porque a revolução lançara, mas não realizara as novas ideias e, construir, de fato, um novo modelo de vida, é obra de povos e de séculos, já o dissemos.

Assim, cada passo tivera sua função, logicamente, em cadeia. A revolução, como sempre, tivera apenas uma função negativa, de limpar o terreno, de destruir o velho a fim de poder em seu lugar construir o novo. E, enquanto destruía, a revolução afirmou os novos princípios, mas sem fixá-los. Napoleão divulgou-os, e só como meio de divulgação ele e seu imperialismo foram aceitos pela História. Tanto é verdade, que, atingido esse seu objetivo, a História rejeitou tudo, e nada restou do imperialismo. Assim, a morte de Luís XVI foi necessária, para que pudesse com ele morrer o velho sistema e ficar desimpedido o terreno político. A revolução foi indispensável, para reclamar as novas ideias, Napoleão e o imperialismo para divulgá-las. O trabalho de um século e de vários povos, para assimilá-las e fixá-las em formas concretas e particulares, que bem se distanciam das originais. Como se vê, a História verdadeira agiu com um rígido processo lógico, uma espécie de proposições encadeadas, proposições conceituais, mas expressas na forma concreta dos fatos, já que os fatos são as palavras e as proposições da linguagem da História.



Apliquemos, agora, tudo isso, ao atual momento histórico, para compreender quais são - além das formas exteriores aparentes - o caminho real e os objetivos da História presente e do futuro próximo. Referimo-nos à revolução francesa e ao imperialismo napoleônico, porque

hoje estamos num período de revolução e imperialismo. É no ciclo de desenvolvimento das revoluções que se realiza a série de proposições que acima examinamos, ou seja: esgotamento do velho sistema; revolução para abatê-lo e lançar a ideia de um mais evoluído; guerras de conquista para defendê-lo; imperialismo da nação revolucionária para dominar outros povos, submetendo-os a si com violência, assim como o macho fecunda a fêmea; esgotamento das guerras, fim do imperialismo, já inútil, como tal, logo que se tenham atingido os objetivos da divulgação; isolacionismo da nação que iniciou a revolução e liquidação de suas conquistas imperialistas; assimilação secular da ideia da revolução, adaptada aos vários povos, mas de uma forma impessoal, em que se esquece o país de origem, que já se tornou inútil ao progresso. Isso tudo, não é a regra de um caso ou período, mas o desenvolvimento da lógica que está na inteligência da História. Podemos então tomá-lo como lei geral, estabelecida por um repetir-se constante do mesmo processo racional, quando a História torna a percorrer as mesmas passagens e estão em jogo as mesmas forças. A lógica das coisas autoriza-nos, pois, a aplicar ao momento atual a mesma lei.

Assim, a revolução russa e suas consequências estão enfeixadas dentro desta lei. Também a revolução francesa teve suas ideologias, mas permanece sempre a mesma substância em cada caso: o desenvolvimento das proposições lógicas dessa lei. Dá-nos ela então, mesmo no caso atual da revolução russa, um caminho traçado. É isto que temos perto de nós, como atual realização histórica. O conteúdo das ideologias diz respeito a outros séculos, pois não se improvisa um modelo de vida social novo em poucos anos e o mundo ainda vive nos velhos sistemas, os únicos que até agora foram assimilados. Mais tarde as ideologias se transferirão a outros povos que as adaptarão a si, naquilo que lhes sirva, esquecendo até talvez sua origem russa, já

longínqua no tempo. É esse um trabalho longo e profundo, que só a inteligência da História conhece, um trabalho que os homens de hoje não conhecem e do qual não se dão conta. Eles estão ligados aos acontecimentos históricos imediatos, que representam o desenvolvimento daquelas proposições que se devem exprimir na forma concreta dos fatos.

Postas de parte, pois, as ideologias, vejamos quais são, ao contrário, os termos consecutivos que seguiu e terá que seguir no porvir a revolução russa. Como se vê, pela resolução desses problemas, ao invés de fazer apelo à inteligência e muito menos à bondade humana, apoiamonos sobretudo na inteligência de Deus, que alhures demonstramos estar presente na História. Foi essa inteligência que quis a lei da evolução e a impõe. Se não fora por Deus impulsionado a cada passo, bem pouco realizaria o homem. Observemos como acontece tudo isso.

No caso atual, os termos do processo são: esgotamento do velho sistema, que era o regime czarista, cansado e em putrefação, como aquele de Luís XVI. Revolução russa que o derrubou, a ele se substituindo e lançando uma ideia nova. Guerra de conquista, já em parte realizada e, assimilação dos estados satélites. Estamos no período atual. O termo sucessivo, na lógica do processo, é uma nova guerra de conquista para difundir a ideologia. Esta está atuando como guerra fria, como penetração política do partido em outros Estados, com propaganda etc. Mas o processo, evidentemente, foi lançado, e não pode ser paralisado. A ideologia não pode permanecer teórica. Há, no fenômeno, um lógico e fatal desenvolvimento de forças que não podem parar. Um trem a correr não pode retroceder. Estamos às portas do período do imperialismo napoleônico, necessário para difundir a ideia. Divulgada esta, teremos a exaustão das guerras, fim de um imperialismo já agora inútil à História, afastamento da Rússia e de suas conquistas

imperialistas. Afinal, assimilação secular da ideologia do comunismo, de uma forma impessoal e independente da Rússia, de uma forma temperada, transformada, diferente e adaptada a cada povo de per si. Só assim a História, única que é consciente e sabe, atinge seus fins reais, os do progresso humano, utilizando ora isto, ora aquilo, rejeitando o que não serve a seus objetivos. Recordemos o que alhures demonstramos, ou seja, que para a vida não vale o indivíduo, mesmo que seja um povo, mas apenas sua função biológica.

Hoje, portanto, a Rússia é chamada aos primeiros planos da história para realizar esse trabalho; terminado ele, seus grandes chefes poderão ter o fim de Napoleão, e a Rússia, como a França, regressar mais ou menos, ao que era dantes - a menos que não aconteça algo de pior, terem seus chefes o fim de Hitler ou Mussolini, e a Rússia o fim da Alemanha. Dada a lógica do procedimento, está hoje a Rússia ligada ao imperialismo por novas guerras de conquista. Só continuando o avanço - pois esse é seu princípio e seu plano - poderá considerar-se vitoriosa a revolução, poderá justificar-se o comunismo russo tanto no interior como no exterior e ficar em pé. Doutra forma, se não realiza a conquista programada, terá que declarar-se falido. É muito perigoso basear-se no princípio: ou conquista o mundo ou morre. As revoluções, aliás, são uma explosão renovadora da vida, e não podem desenvolver-se senão com guerras de conquista. Sentiu-se na Rússia o perigo do nascimento de um novo Napoleão entre os generais vencedores, mais populares, e isto se evitou até agora. Mas, isto não poderá impedir que a Rússia fique ligada ao imperialismo.

É esse o anel da cadeia das proposições, de acordo com as quais se desenrola a revolução russa, é este o atual ponto de seu caminho. A série das proposições acima examinadas, certamente até hoje se desenvolveu, tal como na revolução francesa, assim também na russa. O processo

é tão inevitável, que as ideologias a ele se devem adaptar, mesmo que com isto se contradigam. Explica-se assim, porque a tal ponto se afastou o Comunismo de seu modelo original, que chega a praticar, na realidade, o mesmo que o imperialismo czarista, tão condenado pela revolução, e continua imperturbavelmente a sua marcha. Os maiores teóricos do Comunismo, como Carlos Marx, Frederico Engels e Lênin, consideraram aquele imperialismo como o pior inimigo da revolução. No entanto, através de todos os regimes, continua imperturbável o sonho pan-eslavista do czarismo. Sempre o racionalismo e o racismo estão no fundo e além de todas as aparências: este é o constante e secular sonho de todos os povos, motivo e força dominante da História. Sonho reforçado pela revolução, que só pode desenvolver-se e firmar-se na conquista. Dessa forma, ainda que as originárias teorias comunistas negassem tudo isso, a realidade biológica, que elas não levavam em conta, venceu-as, e elas se transformaram e a ela se adaptaram. O que reina sempre acima das ideologias e formas de governo, o que permanece acima dos acontecimentos, é a realidade biológica, representada, neste caso, pelos instintos expansionistas de um povo. Triunfa assim o imperialismo eslavo, o mesmo dos czares, hoje posto em prática pelos filhos da revolução, contra as teorias dos fundadores dela, que são censurados e purgados nos pontos em que combatem o imperialismo czarista, que é o mesmo, atualmente.

E é essa fatalidade do expansionismo revolucionário, na realidade, imperialista pan-eslavista, que se manifesta hoje na guerra fria, na invasão de outros Estados sob a forma dos partidos comunistas, isto é, quintas-colunas russas, na propaganda pela paz, ou seja, pelo desarmamento do próprio inimigo, enquanto cada um se prepara na mesma corrida do armamentismo. Inevitabilidade de desenvolvimento de forças comprimidas, mas tendentes

todas hoje a explodir amanhã em guerra aberta, porque na natureza cada força tende a atingir sua expansão e cada conflito a concluir, resolvendo-se no choque.

Eis o que nos diz a lógica, em que está preso o desencadear-se dos acontecimentos. Contradições, se olharmos superficialmente, mas profunda lógica, da História em seu desenvolvimento. O que os homens dizem e fazem, corresponde a outras exigências, como a da luta de classes e de raças, o da experiência para aprender, corresponde a interesses pequenos, pessoais e imediatos, que ignoram os grandes objetivos da História. É natural, então, que tudo tenda a deformar a lógica do plano substancial da História, e que, no particular, só apareça um círculo vicioso de contradições. Não é pois neste terreno de fatos exteriores que poderemos achar a lógica, e dessa forma compreendemos porque aí tudo pareça ilógico. E então, eis o que achamos nos fatos. Eis as revoluções, quase todas feitas em nome da liberdade, a resolver-se mais tarde num regime mais duro, porque mais jovem, e portanto mais forte que o precedente, mais velho e cansado. Eis uma revolução como a russa, feita para a realização da justiça social, que recorda e continua os princípios da revolução francesa e que se torna, como naquela época, invasão bélica como submissão de outros povos, imperialismo, e enfim, pan-eslavismo. Substitui-se ao velho capitalismo privado, outro capitalismo, o do Estado, de que se aproveita, como sempre, a classe que manda, só porque venceu na luta pelo poder. Substitui-se à velha classe aristocrática, outra aristocracia de burocratas, e é entre ela que se seleciona e emerge o ditador supremo, como emergira das massas populares, lutando, aquela mesma classe. Falta a forma pessoal napoleônica, a aventura bonapartista, mas a ditadura, o imperialismo, o pan-eslavismo, já estão em ato.

Em tudo isso vemos aparecer os velhos motivos da História, o férreo substrato biológico, que é coisa bem

diferente das ideologias proclamadas. Achamo-nos então apenas diante de um novo Capítulo da luta entre eslavismo e germanismo, entre Rússia e Europa, e diante de uma tendência à repetição das invasões bárbaras contra Roma, logo que a Europa dê sinais de enfraquecimento. É sempre o mesmo motivo dos povos menos evoluídos, que saltam em cima dos mais civilizados, logo que estes não saibam mais dominar, mantendo a própria superioridade. Dessa forma, aparecem, no lugar das ideologias, os verdadeiros impulsos biológicos em ação, a rivalidade de homens, de classes, de raças, empenhados todos na mesma luta pela vida. Em seu atual nível de evolução na Terra, essa luta corresponde bem pouco a conceitos ideais, que só servem para esconder a realidade. Afirmamo-lo para todos os povos e todos os ideais. Assim, sob o pretexto de combater o capitalismo para libertar dele o mundo, refaz-se o velho jogo expansionista de um povo a expensas de outros. Dessa forma, para que se realize a ideologia russa da justiça social, será a Europa vítima, caso não queira unir-se para defender-se.



Neste ponto podemos ver o panorama geral de todo o processo evolutivo dos acontecimentos, processo que é formado por três correntes:

- 1º. As ideologias teóricas, que no princípio são apenas as sementes, cujo desenvolvimento, em ato, é protelado a outros tempos;
- 2º. O férreo substrato da realidade biológica, em que homens e povos lutam pela vida, sendo este o seu trabalho, o único que conhecem e desejam;
- 3º. A obra substancial e subterrânea da História, que avança como uma cadeia de proposições lógicas, para conseguir a atuação da evolução,

realizando as ideologias: trabalho desconhecido ao homem que o executa sem conhecê-lo, enquanto, movido por interesses e miras menores, avança desordenadamente por um caminho tortuoso, cheio de contradições.

Vimos o que resulta do choque contrastante dessas três correntes. Cá em baixo, no particular, domina a segunda; mas no alto, ainda que pareça longínqua, a terceira é sempre ativa. Voltando ao caso da Rússia e do Comunismo, observemos agora se este terceiro aspecto lhe oferece possibilidades de vitória. Na realidade, a expansão do Comunismo resolve-se na expansão eslava. Perguntamos, então: possui a Rússia características biológicas que, diante das leis da vida, justifiquem e autorizem sua expansão sobre outros povos? Sem falar de ideologia, houve povos dominadores e colonizadores, como Roma, diante da Europa de então, e como a Europa, diante das Américas e do mundo. Quando um povo possui qualidades adequadas para saber exercer uma função de comando, a vida lhe confia, e esta poderia ser uma justificação para o expansionismo russo. Mas, possui o povo russo tais qualidades, que justifiquem seu pan-eslavismo? Se as tivesse, teria pleno direito à expansão e justificaria seu imperialismo. Mas se as não tem, só poderá repetir a aventura napoleônica, reduzindo-se a nada, ainda que vença, como a França, mas além disso com o perigo de ser destruída pelas bombas atômicas. Ai de quem se arrisca a uma prova que não pode superar. A vida o pune com a liquidação. Para vencer e ter direito ao domínio, é mister possuir superiores valores biológicos de inteligência e técnica.

Ora, a Rússia viveu até ontem de imitação, à margem da civilização europeia. Como pode tornar-se hoje mestra do mundo? Como pode a vida colocá-la à vanguarda do progresso? Onde estão suas excepcionais qualidades que

Ihe garantam tão importante função biológica? Sua atual civilização é uma apressada imitação da pseudo civilização materialista europeia, mas sem os melhores e mais poderosos valores, os espirituais. Estes têm grande peso biológico e a Rússia pagará caro tê-los ignorado. Seu programa representa teoricamente a justiça econômica da sociedade. Mas na prática é outra coisa. O regime capitalista da propriedade estabilizada em forma jurídica na ordem social da lei, representa um grau muito mais avançado do que sua fase de formação, que é o furto. Ora, nos fatos, o método da violência, usado pelo Comunismo, atrasa a sociedade até a fase pré-legal caótica da conquista dos bens, com o furto e a agressão, e esta é, na realidade, a verdadeira psicologia das massas comunistas, que ignoram qualquer ideal, mas estão bem cômicas de seu interesse imediato. Dessa forma, na prática, o ideal da justiça social reduz-se ao assalto a quem tem, só para substituí-lo nessa posição, para logo após fixá-la, quando a tenha conquistado, em sua fase legal de propriedade juridicamente garantida, sem o que não é possível desfrutá-la. Para a massa desencadeada ao assalto, é inconcebível qualquer outro móvel, que não seja o de atingir a melhoria própria, estabilizada com a propriedade individual.

Além disso, o fato de que os chefes sobressaem apenas pela astúcia e pela violência e de que o comando seja exercido com o método do terror, revela um estado de involução. Só a passividade do povo russo e o costume atávico à resignação, fixada nas massas por uma escravidão secular, podem permitir isso. Só um estado primitivo de inconsciência coletiva, de desorganização social, de controle deficiente por parte da opinião pública, podem tornar possível que homens com o tipo biológico que têm seus chefes, permaneçam nos postos de comando. Os chefes têm os povos que merecem e os povos têm os chefes que merecem. Esses exemplos definem um povo, e só podem

aparecer em certos níveis biológicos. Esses homens só podem vencer em tais ambientes, porque só aí tudo está proporcionado e adaptado a eles, e eles podem exercer uma função; e esta é a única razão pela qual a vida os deixa nesse posto. Só aí podem eles vencer, porque só aí eles são os melhores. Mas entre povos mais evoluídos, eles seriam os piores, e até talvez expulsos. Quando a seleção biológica de um chefe ocorre por meio da violência e do terror, não podemos dizer que esse povo seja evoluído e civilizado, e que tenha o direito de ensinar qualquer coisa a outros. Jamais poderá a vida confiar-lhe missões sociais, se não na mesma ordem de seu plano, nem confiar missões superiores às que possa determinado tipo biológico executar. Entre outros povos, o melhor, mesmo que não seja um santo, é o mais inteligente, dinâmico e genial. Como se poderia, de um plano inferior, dirigir um superior? Sem dúvida, a astúcia e a mentira são mal de todo o mundo. Mas é preciso verificar em que porcentagem entram na escolha, e qual dose delas podem suportar os povos em seus chefes.

É, pois, difícil admitir - e disso a História não nos dá exemplo - que um povo involuído possa subir de um salto a graus superiores de civilização, que, segundo as leis da vida, são os únicos que dão direito ao domínio sobre outros povos para civilizá-los cada vez mais. Sem essa superioridade, que é valor intrínseco só conquistável à própria custa, com esforço de milênios, a vida não concede posições de domínio, e não as deixa por muito tempo nas mãos de quem as usurpa. Sabemos que a vida só concede direitos e poderes aos que são dignos de desempenhar uma real função biológica, segundo seus objetivos. Ora, um povo que quer lançar uma ideia no mundo, e faz do imperialismo, que é o domínio de uma raça sobre outras, pretendendo ser mestre delas, deveria antes fazer um exame de consciência para calcular os próprios valores, porquanto, mais tarde, terá que prestar contas às inexoráveis leis da vida; e, se não

possuir esses valores, está destinado à falência. E se acaso ignora essas leis, pagará da mesma forma, para aprender a conhecê-las.

E, então, se hoje a História chama a Rússia, que função poderá confiar-lhe, proporcionada e condicionada a suas capacidades, se não as da destruição? É o duro trabalho de varrer o terreno, para que, desimpedido, possam sobre ele surgir novas construções. Isso foi confiado aos bárbaros germânicos, contra Roma, para que, liquidada sua civilização pagã, pudesse surgir a civilização cristã. E esse trabalho ingrato foi também confiado, na revolução francesa, aos involuídos, aos mais ferozes e violentos. E não pode negar-se que na Rússia domine a violência. Com efeito, não é essa a qualidade escolhida, em todo o mundo, para as atividades comunistas? Que nos revela esse método de andar à procura da miséria, provocando-a, talvez, não para ajudar os deserdados, mas para excitá-los à violência, subvertendo a ordem? Não se trata aqui de uma ação benéfica construtiva, mas de uma atividade corrosiva, desagregante, uma função de assalto contra tudo o que manifeste sinais de fraqueza, de putrefação, de ruína, uma ação limpadora e destruidora dos poderes enfraquecidos, lançando contra eles as massas mais rebeladas pela miséria. Isto recorda e repete, no plano social, o assalto dos micróbios patogênicos, que submetem os indivíduos doentes e fracos a uma prova, da qual ele sairá ou curado e forte, ou então morto. A vida é sábia e pode confiar à Rússia a depuração biológica dos povos cansados, função que nasce quando uma civilização madura (como a de Luís XVI, liquidada pela revolução francesa) deve ceder lugar a outra mais jovem, para que a vida se renove, e possa continuar a subir. Desse modo, o valor e a superioridade da Rússia seriam apenas relativos, isto é, dados pela fraqueza e inferioridade da Europa cansada.

Com o que acima expusemos, procuramos compreender e explicar a atual e futura situação mundial, em suas razões mais profundas, seguindo a lógica que nos foi dada pelas leis da vida. Neste escrito, está sendo utilizado, para a compreensão do momento histórico atual e futuro, todo o trabalho de orientação realizado nos nossos volumes precedentes, onde expusemos a filosofia do funcionamento orgânico do universo. Por isso, nossas conclusões têm, por trás de si, todo um sistema filosófico, e, se bem que tivessem sido obtidas pelo método da intuição, foram submetidas a controle racional. Ainda que as ofereçamos como hipótese, derivaram-se de uma concepção universal, e nosso tempo, com seus acontecimentos, está logicamente situado dentro de uma visão cósmica. Procuramos, assim, prever o futuro por meio de um trabalho de orientação, seguindo as linhas da lógica, que forçosamente está na História e no pensamento de Deus.



Falta-nos agora apenas completar o quadro com algumas observações particulares e práticas, especialmente em relação ao futuro desdobrar-se dos acontecimentos. Todos os povos que aspiram ao domínio proclamam a paz, mas a paz própria, sob seu comando. E para conseguir essa paz, eles fazem a guerra. Defendem uma nova ordem, mas uma ordem em que eles mandam e os outros servem, e para obtê-la subvertem e assaltam para destruir a ordem precedente, que não é a deles. Apresentam-se sempre como libertadores, ainda que os povos invadidos não desejem absolutamente ser libertados. Mas, dessa forma, os invasores, camuflando-se de libertadores, podem libertar-se melhor do próprio inimigo, vencer e sujeitar o povo invadido. É divertido observar esse jogo de contradições entre o que se diz e o que se faz, jogo de ilusões psíquicas, cujas razões já vimos. Tudo isso porque, por trás do que se

diz, está agindo a dura realidade biológica, que fala e age muito diferentemente. Por aí se vê quanto podem valer as bandeiras humanas, e quanta luta feroz pela vida se realiza atrás delas. Na prática, pela realidade biológica, no plano de evolução animal do homem, cada ordem só pode estabelecer-se e manter-se com a força, imposta por um dominador, já que se não formou ainda uma consequência capaz de compreendê-la e mantê-la por convicção espontânea. Na prática há uma só verdade político-social; a do vencedor. Não é a ideia que vale, vale apenas a ideia que vence. Hoje todos olham para o Comunismo porque a Rússia venceu e é forte. Por isso a França teve que ser forte e vencer no período napoleônico, porque, sem força nem vitória, as ideias da revolução não teriam interessado a ninguém. Se a Rússia perder, o comunismo se despedaçará nos fragmentos que sobrarem nos vários Estados em que penetrou. O que conta é vencer. Se Hitler tivesse vencido, sua ideia seria hoje a verdade na Europa, e a verdade política alemã seria a única verdadeira. E vencer é problema de meios bélicos. Mas os vitoriosos foram a Rússia e os Estados Unidos, e hoje, no mundo, só existem essas duas verdades, porque foram eles os vencedores. Desse modo, através dos séculos, tivemos várias verdades, a Romana, a Francesa, a Inglesa, etc., de acordo com quem triunfava. Quando um povo vence, estabelece e impõe sua verdade, feita por ele em benefício próprio. Ele faz tudo o que fazem todos os grupos humanos, ou seja, declarar-se da parte de Deus e do direito, condenando todos os outros. Qualquer homem, só ou em grupo, diz sempre: só eu tenho razão. Temos assim tantas verdades políticas, religiosas, filosóficas, sociais etc. Se cada um tivesse a sua verdade sem condenar as outras, tudo iria bem. Mas cada um é dogmático e absolutista e combate todos os outros, e justifica-se disso, porque, para ele, as outras são o erro. Segundo ele, só ele é o bem, todos os outros são o mal.

É assim que nasce cada ordem nova, filha da desordem e do esmagamento; nasce a paz, o direito, as artes, as ciências e o progresso, dando o tom a um período histórico. Os resultados de agressividade, que normalmente é delinquência, legitimam-se e a glória do triunfo cura tudo, os ministros de Deus na Terra aprovam e abençoam, fixam-se as novas posições até que outra guerra ou revolução provoque nova derrubada. Esta é a florescência das tempestades sociais, um progredir de ordens a nascer, cada uma, das ruínas da precedente, cada vez mais perfeitas, repetindo assim o processo de rearmonização do universo, que, da mesma forma, parte do caos, para voltar a Deus. É esse o caminho da vida, lógico, justificado, como não o são as palavras dos homens.

Continuemos a observar os fatos mais próximos, a realidade biológica que é tão diversa das aparências, sempre escondida na substância dos fatos. Na realidade a vitória do proletariado no mundo inteiro significaria, hoje, o domínio de Moscou; assim como a vitória de Cristo em todo o mundo poderia significar o domínio do Vaticano. Recordemos que, no fundo, o protestantismo nasceu sobretudo pela luta de raças. E como hoje poucos combatem o Cristo, mas muitos combatem os padres que se inculcam ministros Seus; assim poucos combatem a justiça social do Comunismo, mas muitos combatem o bolchevismo russo, que se inculca ministro daquela justiça. Logo, tudo é luta, porque, na Terra, as ideias universais, supranacionais e de superação, não existem na prática, mas, ao contrário, tudo está personificado em homens que, por trás dos ideais, fazem um trabalho muito diferente, ou seja, lutam por sua própria vida. Esta é a realidade biológica. Imaginemos que, num quarto cheio de objetos pequenos para nosso uso, venha habitar uma multidão de insetos. Eles utilizarão tudo para si mesmos, transformando-os para outros objetivos, usando-os como esconderijos e trincheiras, como meios de

ataque e defesa, para a luta de vida e de morte, que é sua principal ocupação. Assim as religiões e os ideais, na Terra, são transformados e utilizados pelos homens, que antes de tudo lutam para viver, como esconderijos e trincheiras, como meios de ataque e defesa, na luta pela vida, que é sua ocupação primordial. Só os ingênuos podem deixar de ver essa dura realidade, por trás de tantas bandeiras desfraldadas, e acreditar que se possa viver de ideais. Estes, para atuarem na Terra, têm que dar contas à realidade biológica, que muitas vezes é bestial. Quando acusamos em nome da virtude, será que somos sinceros, e verdadeiramente acusamos pela virtude, ou será porque ela limita a expansão do próximo, e disso se aproveita nosso egoísmo expansionista? Assim é que se prega sem crer. É assim que os ideais na Terra aparecem, sobretudo, como mentira.



Concluamos lançando um olhar no futuro do mundo. Se quisermos compreender quais são os motivos que fazem caminhar os homens na História, teremos que olhar por trás das bandeiras e das ideologias, para a supradita realidade biológica, que é a verdade da vida na Terra. Verdade dura, mas verdadeira, que como tal permanece para quem olhe profundamente, ainda que ela goste de ocultar-se na luta atrás de verdades fictícias e aparentes. É verdade que a História obedece em suas grandes linhas ao pensamento diretivo de Deus, imanente na História. Mas o homem obedece a isso inconscientemente, pois só conhece o particular em que está imerso, em que se realiza não o progresso do mundo - que é confiado a mãos bem diversas - mas a experimentação do homem para amadurecer sua evolução.

Dado isso, é fácil de ver o egoísmo de nação, que é a realidade biológica que se esconde sob as ideologias

comunistas. Quem conhece o homem e a vida jamais poderá acreditar nos proclamados sentimentos de amor ao próximo e que se vá à procura de seu bem-estar. Provam-no os métodos usados, pois o método é o que revela a verdadeira intenção de quem age. Se o Comunismo tem a grande função histórica de lançar e de impor com a violência o princípio da justiça social a um mundo surdo, isto é obra do pensamento diretivo da História, que quer o progresso do mundo. Mas a psicologia dos homens encarregados desse trabalho é movida por interesses bem diversos, racistas, expansionistas, imperialistas. Eles querem crescer e são utilizados para um trabalho de destruição do velho e para o lançamento de uma ideia evangélica, da qual seus métodos se revelam imensamente afastados. Os homens da Rússia seguem os costumes e atávicos instintos humanos, em que estão fechados em virtude de seu grau de involução biológica. Segundo sua natureza, eles aqui experimentam sua vida. Ponhamos agora de lado as grandes linhas da História, e o modo pelo qual esta os utiliza para objetivos que eles mesmos desconhecem. Observemo-los ao contrário no modo particular de sua ação, segundo as realidades biológicas em que se movem. Nesta posição, a psicologia da História salvadora e construtiva do progresso está longe. Temos ao invés uma psicologia particular, egoísta, desapiedada, feita de luta, de golpes e contragolpes, em que se joga o jogo duro, terminando com a vitória, prêmio à vida; ou com a derrota, condenação: à morte.

Neste terreno, Rússia e Estados Unidos são dois centros de egoísmos desenfreados, dois imperialismos rivais até à morte, pela conquista de domínio no mundo. As ideologias não tem intromissão. Esta é a realidade biológica. Os princípios proclamados são apenas mantos que a escondem, são propaganda para conquistar prosélitos. Cada um dos dois gaba um programa mais belo. Mas ambos

fazem a mesma coisa. Posto isto, a tendência a um choque é um fato, o choque é extremamente provável, e a ameaça pende sobre o mundo. O que refreia os dois, é o medo recíproco. Daí sua corrida aos armamentos, não obstante a contínua propaganda da paz; justamente porque eles só acreditam em sua própria força. Eles se espionam, e logo que um deles tiver a certeza da própria superioridade e da inferioridade do outro, estará pronto a saltar-lhe em cima para liquidá-lo. Questão apenas de preparação, entre os dois colossos pacifistas. São as grandes fábricas americanas que, por terem superioridade técnica e produção bélica, detêm a Rússia em seu caminho para a Europa. Nada mais a deteria. E a Europa suportaria uma invasão e um domínio eslavo, em nome da justiça social. Daí a luta entre os dois rivais, para a superioridade técnica, que é hoje a condição para a conquista do mundo.

A fatalidade do embate aparece oferecida a nós, pela constatação já feita, de que as revoluções estão ligadas ao ciclo napoleônico. O Fascismo e o Nazismo, filhos de revoluções, iniciaram o mesmo ciclo, com a mesma lei, e caíram vítimas dela, como Napoleão. Vimos que revolução, expansionismo, imperialismo e guerra são anéis da mesma cadeia. Além disso, as ditaduras, como a da Rússia, absolutas e sem controle, não têm o freio que pode ser usado, na opinião pública, pela consciência do povo, para deter ou ao menos retardar decisões pessoais e precipitadas. Ora, diante de uma Rússia assim, tornada tão poderosa, formou-se logo, por lei de equilíbrio, o antagonista proporcionado. Esse seu processo de desenvolvimento a leva pois, fatalmente, em sua aventura imperialista, a combater o contra imperialismo dos Estados Unidos. Assim, os dois imperialismos, o do pan-eslavismo e o do pan-americanismo, têm que bater-se amanhã explodindo numa guerra aberta, para com isso resolver a guerra fria que já se processa. Nesse ínterim, tendem os

dois centros a reagrupar em torno a si o maior número de Estados satélites. E continua a pressão dos dois centros, e não se vê como possa parar a maturação da revolução bolchevista até seu período imperialista de conquista ativa, com a guerra aberta pelo domínio do mundo. Se esse domínio mundial é o programa do Comunismo russo, como poderá ele deter-se agora sem renegar a si mesmo? E como poderá não tentar, por coerência, se isto está em seu plano programado, a conquista real do mundo, passando, logo que o possa, da atual guerra latente a uma guerra aberta de conquista?

Se o campo de batalha será a Europa ou a Ásia, é só questão de estratégia. É fato, porém, que a Europa perdeu seu poder e autonomia. Suas colônias chegam à maioria e com isso se tornam independentes. A Europa precisa hoje apoiar-se em Estados mais fortes e mais armados, já que seus exércitos e sua preparação bélica estão inadequados a resistir, hoje, sozinhos, a um assalto de nações mais poderosas. Iniciou-se assim a liquidação das várias nações da Europa como potência mundial, estando dessa forma reduzida a uma posição subordinada à defesa que lhe é oferecida por outras nações. A Europa se está tornando domínio alheio. Ela é disputada pelas duas grandes potências que buscam apoderar-se dela e, com métodos diversos, já a invadiram e a possuem em parte, uma ajudando-a e protegendo-a, outra penetrando-a como partido político.

Para tudo isso haveria uma só defesa: a unificação. Mas nenhum dos dois países rivais parece querê-la, porque uma Europa unida formaria uma terceira grande potência, com quem depois teriam que acertar as contas. E a própria Europa parece não saber superar os velhos rancores e divisões nacionalistas. A pressão que a ameaça russa exercita neste sentido é forte e é verdadeiramente benéfica, porque a impele realmente para a formação de uma nova

grande unidade, o que é, indiscutivelmente, um progresso, mesmo que, na ideologia russa, esteja previsto tudo, menos essa realização, a qual, entretanto, está nos planos da História. Mas, por mais que isto seja obstaculizado e difícil, não há outra solução, se a Europa não quiser acabar como escrava e incluída num ou noutro dos dois grandes imperialismos. São estas as forças em contraste no terreno da velha Europa. Cada uma das nações é atacada em sua autonomia, e teme perdê-la, à sua independência, que não quer ver sacrificada. É esse separativismo egoísta, essa rivalidade que divide, o perigo que hoje faz a Europa fraca e a pode amanhã tornar escrava. Não há dúvida de que, ser reduzido a um objeto disputado por outros que brigam para dominá-la, significa ter perdido o primado do mundo e encaminhar-se para a liquidação. A Europa não se acha hoje nas mesmas condições em que se achava a antiga Roma, no fim de seu império? Mesmo no caso em que ela chegue a unificar-se, conseguirá ressurgir, ou sua civilização já está em liquidação, com as invasões bárbaras às portas, tal como ocorreu à antiga Roma? E a Europa poderá, mesmo unificada, resistir à pressão de dois imperialismos que a disputam, proveniente de dois, mais primitivos, sim, mas também mais jovens do que ela, que já esgotou seu papel histórico imperialista e colonizador, como dominadora do mundo?

Como se vê, no terreno do particular, temos muitas forças em ação, contrastantes, ligadas a um seu desenvolvimento lógico. De um lado a revolução russa que hoje funciona como motor propulsor da História de nosso tempo, revolução que já desembocou no imperialismo a que está ligada para firmar-se, sem o que faliria. Potência nova contra quem, para equilíbrio, se contrapõe o contra imperialismo Norte-Americano e a unificação europeia e de todas as nações menores, para sua defesa comum. Essas forças opostas tendem a bater-se, para resolver-se no

choque, englobando atrás de si as forças menores. É esse o trabalho dos homens, em que eles experimentam sua própria vida, seguindo seus instintos e as leis da realidade biológica de seu plano de evolução. Acima de tudo isso, há os grandes planos, segundo os quais a inteligência da História utilizará todos esses acontecimentos particulares para atingir outros objetivos, como unificação de nações em grandes unidades coletivas, a destruição do velho para plantar o novo, a afirmação no mundo do princípio da justiça social, a liquidação de todas as guerras e dos governos agressivos e violentos, quando eles já tiverem cumprido sua função destrutiva, hoje útil.

Assim, neste duplo binário, caminha a História. Há o trabalho do homem, necessário também a ele, para aprender, e o trabalho de Deus que dirige a História. Há em baixo um mundo de velhacarias em que se combate ferozmente a dura luta pela vida, e há no alto um mundo de sabedoria e bondade com que Deus guia os acontecimentos, canalizando-os para o bem, segundo a linha da evolução. Duas atividades paralelas, que se entrelaçam se interpenetram, que na realidade se fundem e realizam uma só Obra: o progresso do mundo, guiado por Deus e executado pelo esforço do homem. Este pode lutar, sofrer, errar, expiar, mas não pode dirigir, porque não sabe. É necessária a experimentação humana, para que possa o homem aprender e assim possa progredir; mas é indispensável, também, um guia inteligente, que saiba, para poder canalizar para alvos precisos e benéficos todo esse esforço, sem a qual não se realizaria o progresso. E é lei que o progresso se realize.

O dinamismo de nosso século é produzido pela revolução russa, como o do século passado foi representado pela revolução francesa. Cada revolução é uma explosão, é uma erupção vulcânica das forças da vida, que irrompem e que depois, um século de história vai assimilando. Também

a revolução francesa destruiu um mundo para que se reedificasse outro. Assim a revolução russa desempenhará a função de destruir um mundo, para que se possa reedificar outro melhor. É dessa forma, através desse trabalho imenso em que se chocam forças cegas e forças inteligentes, tremendo embate guiado pela potência do espírito, é dessa forma que se elabora o terreno e são amadurecidos homens e acontecimentos, para que possa nascer na Terra a nova civilização do terceiro milênio.

2. O PENSAMENTO E A VONTADE DA HISTÓRIA

Procuraremos compreender ainda melhor, neste capítulo, a afirmação do precedente, confirmando-o com novas considerações, que nos permitam completar a observação de outros pontos de vista. Vamos antepor esclarecimentos de caráter geral.

Já vê o leitor que, nesta obra, não expomos cegamente os resultados de uma intuição profética, mas que tendemos sobretudo a fazer uma construção racional, de índole histórica, com base nos princípios gerais, que deduzimos de um sistema em que eles já tenham sido demonstrados e colocados com lógica. A pesquisa histórica que aqui realizamos, sobretudo projetada no futuro, é dirigida, pois, com método positivo, racionalmente controlado, ao longo do fio do desenvolvimento de um processo lógico. Só isso nos podia dar garantia de seriedade e de maior aproximação possível do verdadeiro terreno dos acontecimentos históricos. Não desejamos, portanto, realizar aqui trabalho de adivinhação, nem dar prova de faculdades proféticas. Isso exorbitaria de nosso propósito, que é conseguir a orientação e a previsão mais provável dos acontecimentos futuros, com os meios mais positivos. Se nos guia a intuição profética, aqui é o que menos deixamos transparecer. Por isso, não usamos linguagem simbólica, mas a simples e clara da vida cotidiana. Temos a segurança dos princípios gerais, que aplicamos e tomamos como guia em nossa pesquisa histórica. Mas, quando descemos ao particular, preferimos falar de probabilidade, ao invés de esconder o pensamento, numa linguagem sibilina ou figurado-simbólica, que parece feita para dizer sem dizer e é escrita em função de uma chave explicativa, à mercê dos

intérpretes. Essa necessidade, para algumas previsões, de ter que recorrer a uma intervenção póstuma de especialistas na arte de resolver enigmas, não pode fazer parte de um trabalho positivo. A indagação do futuro, nos devidos limites e até certo ponto, pode ser feita também por via racional, a que é indispensável recorrer sempre, para controlar os resultados da própria faculdade de intuição, os quais, se tomados levianamente e sem discussão, podem muitas vezes confundir-se com a pura fantasia. Contra esse perigo, em que é fácil cair, estamos sempre em guarda.

Nossa força nesta pesquisa, consiste em ter atrás de nós um caminho já percorrido em muitos volumes, em que foi estudado o funcionamento das leis que guiam o ser em todos os campos. Nossa força consiste em poder hoje localizar esta nossa indagação histórica no seio de um sistema de que ela faz parte; consiste em poder, portanto, dar uma explicação lógica de cada conclusão nossa, obtida em função da solução já conseguida de tantos outros problemas. Só assim podemos fazer descer a inspiração no terreno racional de todos, tornando-a compreensível. Nossa força consiste em permanecer sempre unitários e unidos aos princípios universais, mesmo quando descemos, nos particulares, aos acontecimentos históricos no tempo. Parecemos, por exemplo, estar muito longe, neste volume, dos princípios de teologia do volume **Deus e Universo**. E, no entanto movemo-nos na mesma ordem de ideias, e nossas conclusões atuais são apenas consequências daquelas longínquas premissas cósmicas. O todo permanece uma verdade una, quer tratemos da queda dos anjos ou da redenção de Cristo, quer tratemos da atual hora histórica ou do futuro do mundo, que se aproxima como nos mostra este volume. A unidade de pensamento e de visão é uma força, porque nos achamos diante de uma construção conceitual, em que cada parte se escora e se confirma em

outra, e todas juntas reforçam a mesma verdade. Atrás de cada afirmação, ecoam muitas afirmações paralelas, coordenadas num só bloco, organicamente colocadas numa lógica única. Não se pode tirar uma pedra sem que desmorone todo o edifício. Mas, como fazê-lo desmoronar, quando a razão nos diz que cada pedra está em seu lugar certo, e cada conclusão resolve harmônica e organicamente um problema, que doutra forma permaneceria insolúvel? A mente que uma vez compreendeu estas explicações não sabe mais renunciar à sua satisfação e jamais poderia decidir-se a recair na ignorância e no caos.

Dessa forma, se este livro é um livro de inspiração profética, é também um trabalho de aplicação dos princípios científicos, espirituais, sociais, teológicos, dos nossos volumes precedentes, princípios transportados num terreno muito diverso, o terreno histórico. Tudo isso dá ao processo inspirativo, agora dirigido aqui no sentido profético, a força de método. Disciplinar racionalmente um fenômeno tão desusado e incontrolável em seu funcionamento, pode ser uma conquista útil, para facilitar sua compreensão e seu aperfeiçoamento, e torná-lo acessível a maior número de pessoas, tornando-o mais positivo, mais solidificado pelos controles, que, em geral, faltam. Fazer profecia positiva, manobrar a intuição colocando-a sob controle, admitindo a possibilidade de erro nas próprias capacidades perceptivas supranormais, mas circundando-o racionalmente para eliminá-lo o mais possível, enquadrar tudo num método que procede a fio de lógica, não é trabalho inútil. E isto queremos fazer aqui. Em verdade, a razão e a lógica não são suficientes, sozinhas, para prever o futuro, que só a inspiração pode atingir. Mas podem elas ser de enorme auxílio para escolher, controlar, eliminar, comparar e até prever, dado que não podemos excluir uma lógica, na sucessão dos acontecimentos históricos. Enfim, fazer da inspiração também um método de indagação do futuro,

pode dar ao presente estudo não só um valor contingente, em função do atual momento histórico, como também um valor independente disso. Em outros termos, este volume pode servir não só para prever o futuro que nos aguarda, em função de nosso presente, e do passado, mas ainda para prever qualquer futuro, mesmo partindo de pontos de vista diversos, situados em outros momentos históricos. O sistema que aqui aplicamos ao momento histórico atual poderá, mudadas as condições de fato, ser aplicado a outros momentos históricos; porque, se as posições mudam, permanecem imutáveis os princípios gerais com que elas são analisadas, em função de seu futuro. De tal modo que, mesmo se as previsões deste escrito não se verificassem, ou apenas se verificassem em parte ou de forma diferente, ficará positivo o trabalho do estudo de um método de pesquisa histórica, baseado na intuição e controlado pela razão. Isto poderá ser útil a ulteriores pesquisas, sobretudo pela possibilidade de aperfeiçoamento do método, que poderia levar-nos a resultados mais perfeitos.

Outra razão induz-nos a apegar-nos a lógica, mesmo navegando em pleno processo inspirativo. O que constatamos foi isso, que o funcionamento orgânico do universo corresponde a um processo lógico, que é a Lei, a qual exprime o pensamento de Deus. E a história humana é apenas um capítulo do desenvolvimento do livro do ser, em que atua o divino pensamento. A História, pois, não só obedece a uma inteligência dirigente, como exprime o desenrolar-se de um processo lógico. Não achamos um fenômeno que não obedeça a uma lei. Não podemos admitir que o fenômeno histórico esteja isento dela, e que este, que é o caminho principal da evolução humana, caminhe agitando-se no caos. Devem existir metas precisas. E quando conhecemos a lei de desenvolvimento e a marcha de um processo lógico, mesmo que parcial e inicial, poderemos, por força da lógica, deduzir sua continuação e

sua completação, pelo menos muito provavelmente, até atingir aquelas metas. Há uma trajetória de desenvolvimento em todos os fenômenos, inclusive nos históricos. Há um andamento que exprime a lei que o individua, estabelece sua natureza, traça seu caminho. Nossa tarefa aqui consiste em captar por inspiração o fio da lógica do pensamento diretivo da História, sobretudo o de hoje que mais nos interessa, para depois desenvolvê-lo analiticamente nos pormenores. Ora, cada lógica tem que ser um processo de desenvolvimento obrigatório ao longo de seu próprio caminho, tal como foi iniciado, o qual, segundo suas características no trecho conhecido, deve indicar-nos sua continuação e conclusão, mesmo no trecho a nós desconhecido. É assim que nossa pequena lógica humana, aderindo à grande lógica de Deus, que não pode deixar de ser lógico, poderá chegar à compreensão de Seu pensamento e vontade, e assim, só para fazer-nos Seus instrumentos de bem, prever os acontecimentos futuros.



Retomemos agora a observação de nosso momento histórico. Parece-nos fora de dúvida, e consequência lógica de quanto dissemos acima, a existência real de uma onda histórica. Ela exprime as oscilações do pensamento diretivo da História. Deve-se a ela a valorização e o aproveitamento dos chefes dirigentes. Desse modo, ela eleva ou rebaixa os homens, como se fora o pedestal dos chefes. Esse pedestal pode ser tão alto, que ajude um pigmeu a parecer gigante; e pode ser tão baixo que faça um gigante parecer um pigmeu. Em grande parte, são as forças do destino de um homem ou de um povo, que lançam e valorizam homens e acontecimentos, forças mais poderosas que a vontade e que o valor de cada um. Mas, precisemos.

Se quisermos julgar com equanimidade e equilíbrio, teremos que dizer melhor: a onda histórica é o pedestal que

pode destacar e aproveitar um valor sem o qual permaneceria invisível na sombra. Mas teremos que dizer, ainda: para ser grande homem na História, não basta um pedestal que erga um tolo, mas é necessário, outrossim, um homem de valor, que saiba dignamente trabalhar sobre esse pedestal. Com efeito, a História, da mesma forma que deixou à sombra homens de valor, ergueu às culminâncias nulidades, com um único resultado: aparecer bem alto, iluminado, e na luz a sua miséria. A vida produz na massa tal riqueza de tipos, que tem sempre à mão para escolher, o que necessita para cada função histórica. É possível mesmo que sua sabedoria chegue ao ponto de produzir, com antecipação, os homens que mais tarde lhe servirão, na hora própria.

Poderá parecer estranha, a alguns, esta nossa fé numa direção mais inteligente, através de um pensamento superior, presente nos acontecimentos históricos. Mas é evidente: não podemos, absolutamente, acreditar que o caminho da História seja abandonado às diretrizes contrastantes de cada um, que sozinhos apenas gerariam o caos. E não há caos nos fatos, porque, apesar de tudo, a História caminha e o mundo evolve. Tudo isso, dado que corresponde a um plano inteligente e orgânico, não pode ser trabalho do homem, que se propõe objetivos totalmente diferentes, pessoais, e não coletivos. Quem seria então o autor disso? É essa vontade superior, que escolhe os homens adequados, utiliza-os, enquadra-os num trabalho que eles não vêem e que, no entanto, executam, os dispõe num desenho que só aparece depois, visto de longe. É assim que eles acabam fazendo o que não tinham intenção de fazer, começando de um lado e terminando no lado oposto. Dessa forma, eles pensam que vencem, eles, por si mesmos que dominam, mas ao contrário lutam com o destino que, no terreno social, é rerepresentado pela vontade da História que os comanda. O homem luta por si

mesmo, mas é a onda histórica, ao invés, que o arrasta para onde ela quer e só ela sabe. Quem compreendeu isso, tem a sensação tremenda da presença viva de Deus na História: um Deus que respeita a liberdade individual, mas jamais lhe permite ultrapassar o limite que lhe foi designado, alterando assim Seus planos. Que se tornam, então, os grandes homens comparados com isso? Podem eles seguir, livres e responsáveis, a própria vontade. Mas, são escolhidos e lançados de tal modo, que seu rendimento social e sua função histórica atuem de acordo com a vontade dirigente de Deus. Sua atividade pessoal está subordinada aos objetivos da vida, em relação ao grande organismo coletivo, de que eles são células. Tudo dessa forma, em última análise, reduz-se a um instrumento mais ou menos perfeito e obediente, sempre guiado por Deus. Em nossa imperfeição humana, domina uma liberdade, que só pode ser filha do relativo, embora descida do mundo divino, do absoluto, onde tudo é perfeito e, portanto, determinístico.

A História adquire, então, significado bem diverso, se não a vemos na ação de cada homem, mas só no conjunto de suas atividades, ligadas, sem que eles o percebam, a um plano universal, o da vida que evolve. Então, a História, aos nossos olhos, resultará não mais feita pela ação de cada chefe, nem pelos acontecimentos da massa - elementos exteriormente desconexos - mas, apenas, pelo fio condutor de todas essas atividades e acontecimentos, fio que, só ele pode dar um significado lógico à História, que lhe assinala o desenvolvimento. Só assim poderemos compreender o pensamento diretivo da História e o porquê da sucessão dos fatos, sua conexão e a meta a que tendem. Só assim é possível, num terreno de pesquisa racional, prever os acontecimentos futuros.

A História, a quem nós, já agora, em base ao que dissemos acima, atribuímos uma personalidade, pode querer as revoluções, quando elas forem necessárias para o

progresso. As classes dominantes, a fim de, definitivamente, garantir-se das vantagens conquistadas, recorrem à legalidade, disciplinando-as juridicamente como direito, no próprio sistema de ordem, crendo, com isso, que aquelas vantagens podem permanecer definitivamente incorporadas a elas. Dessa forma desejariam parar a História, apenas para favorecer sua egoística vantagem. Acontece, então, que a onda histórica se avoluma nas massas e, erguendo-se, despedaça essa resistência, ou seja, para liquidar as posições que não se desprendem dos homens, mata os homens. É constrangida a isso porque os homens quiseram amarrar a si mesmos, de forma indissolúvel, suas posições. Para destruí-las, eles devem forçosamente ser mortos, porque estão a elas ligados de tal forma que não podem ser arrancados. Não há outro meio. Se eles tivessem assumido posições destacáveis de suas pessoas, isso não seria necessário. Mas julgaram que dessa forma conquistariam posições mais estáveis e definitivas, e assim provocaram sua própria destruição, ao invés que uma simples separação, pois a onda histórica não pode deter-se. Se a aristocracia francesa não estivesse amarrada, como seu rei, a seus direitos, e pudesse ter sido separada, não teria sido necessário seu extermínio. Mas, ao contrário, estava tudo tão solidamente enlaçado à cadeia hereditária, que queria ser eterno. Só um extermínio podia quebrar tal cadeia. E o absolutismo dos dominadores punha os revolucionários na posição de rebeldes contra a ordem constituída, de delinquentes contra a lei. Daí proveio que, logo que estes tomaram a dos outros, foi questão de vida e de morte o vencer, destruindo o inimigo. Houve medo e perigo real. Não havia escapatória. Ou matar ou morrer. E, para não morrer, matar. Um dos dois tinha que morrer: ou a revolução com seus homens, ou o regime monárquico e sua aristocracia. Isso é uma verdade para qualquer revolução ou mudança de governo, e portanto interessa à hora atual, também. E é por isso que, a cada mudança de governo,

ocorre a depuração, isto é, a liquidação dos super titeres do regime precedente, depois que foram liquidados o chefe e a classe dirigente. É medo e perigo real. É questão de vida ou de morte, o destruir o inimigo até o último de seus sobreviventes.

Tudo isso poderia ser evitado se os indivíduos compreendessem a História e estivessem prontos a desprender-se de suas posições, quando ela o exige. E seria ainda melhor se eles não se colocassem nas condições de forçar a História a exigí-lo, pelo fato de eles não terem desempenhado sua função histórica para o bem e progresso coletivo. É essa sua incompreensão que constrange a História a forçar as posições, que eles, em seu egoísmo cego, quereriam deter em seu próprio e exclusivo benefício, esquecendo que a vida deve progredir e que esta é a irrefreável vontade da História. É por isso que reis, chefes e classes dirigentes são assassinados e violentamente liquidados, com uma ferocidade que não seria necessária, se todos, tanto os homens do novo como os do antigo regime, compreendessem o trabalho que lhes pede a História e o soubessem executar, obedecendo a ela, de pleno acordo entre si. Mas, em sua ignorância, não sabem agir assim, mas apenas matar-se, num círculo vicioso de perseguições e delitos que depois devem pagar, aqueles que acreditam que, com isso, venceram. Quando surgem as revoluções e abatem a ordem precedente, é isso sempre o saldo devedor de uma velha conta, feita de abusos e injustiças, mesmo se tudo estava protegido legalmente e enquadrado numa ordem jurídica. A justiça formal e apenas aparente não pode ser suficiente para sustentar com estabilidade as posições sociais. Há outra justiça substancial, na vontade diretiva de Deus. E quando, pelo próprio egoísmo, não é ela levada em conta e se cai no abuso, o edifício da ordem vigente rui e não haverá força humana que consiga sustê-lo.

Hoje a burguesia capitalista, que suplantou, na revolução francesa, a aristocracia de então, para substituir à injustiça dos privilégios, a justiça da igualdade e liberdade, cometeu as mesmas injustiças (que agora paga) daquela aristocracia, permitindo assim o nascimento do Comunismo, que se subleva de novo em prol da justiça, ao menos teoricamente, cometendo na prática os mesmos erros, que igualmente terá de pagar. Assim se explica a divulgação dessas doutrinas, sejam elas aplicadas como o forem, e isso porque elas respondem a um novo impulso da vontade da História em direção da justiça. Se a burguesia tivesse usado justiça na distribuição da riqueza, se não houvesse repetido com a centralização capitalista os erros da aristocracia francesa, hoje as ideias comunistas não teriam achado nada a destruir, nenhuma justiça para impor, nenhum terreno sobre o qual prosperar. Essa é a lógica da História: os erros se pagam. Leis iguais para todos: para os homens da ordem, que se servem dela só para si e a desvantagem dos excluídos; como para os homens da revolução, que assaltam essa ordem com a violência; para substituir àquela, uma nova ordem, mas apenas em vantagem própria. Tudo isso porque, acima do louco egoísmo, em que os homens de todos os regimes se identificam, há uma vontade melhor, mais inteligente e poderosa, que dirige os acontecimentos e faz caminhar a História em sentido evolutivo. Tudo assim está enquadrado no mesmo processo lógico, os homens da ordem e os homens da revolução, e todos juntos sofrem, cada um por seu turno, ora passivos, ora ativos, o mesmo processo de purificação. Haveria um único sistema para evitar isso: todos se tornarem puros. Se o homem fosse tão inteligente que compreendesse qual é, a seu respeito - seja como indivíduo, seja como coletividade - a vontade de Deus, e se fosse tão bom que a aceitasse e seguisse, tudo seria perfeito e tranquilamente deslizaria, sem necessidade dessas intervenções cirúrgicas e de tão dolorosos corretivos. Mas o homem é um ser decaído. As

razões teológicas do volume **Deus e Universo** dão-nos a explicação da ignorância humana e da necessidade de reconquistar a sabedoria, tornando a subir, na dor e no erro, a estrada da perfeição. Deriva justamente dessa posição do homem a necessidade de uma direção superior e inteligente do caminho da História, que, doutra forma, se desgarraria como um navio sem piloto.

O homem constrói edifícios sociais em ordens sucessivas, que ruem um após outro e ressurgem em outro mais evoluído e perfeito. Se a ordem precedente fosse perfeita e justa, não haveria necessidade de revoluções para destruí-la e sobrepujá-la com outra nova. São elas assim necessárias, e têm um valor negativo enquanto destroem, varrem o terreno, e ao mesmo tempo um valor positivo, enquanto semeiam o novo, que nascerá depois. Quando, na vida dos povos, se apresenta a necessidade dessa renovação, a sociedade entra num estado febril, e o pensamento e a vontade diretivas da História realizam a operação cirúrgica. Entram em ação numerosas forças, muitas vezes em conflito. Os instrumentos são os mesmos homens que, inimigos entre si, se castigam mutuamente. Se a lógica da História exige uma revolução, ela lhe abre as portas e a convida a entrar no corpo do velho regime. Da mesma forma que os micróbios patogênicos do corpo humano, assim a revolução experimenta a resistência e o valor dele, de tal modo que, se ele está ainda forte, resiste e vive; e se está fraco, perece e é destruído. A vida não quer os fracos, e submete ao assalto tanto os indivíduos como os povos, para que só os mais fortes sobrevivam. Nos alicerces da política, estão as leis fundamentais da vida. É assim que esta, da mesma forma que oferece a fraqueza orgânica de um indivíduo como um convite aos assaltos dos micróbios patogênicos, assim também oferece a fraqueza de um organismo social-político, como convite aos assaltos das revoluções.

É um fato, que, nas revoluções achamos muitas vezes na defesa do antigo regime um rei-fantoches. Existe quase que uma proporção entre o poder caudaloso da onda nova que deve, nos planos da História, derrubar, e a fraqueza do organismo que deve ser destruído. Há uma sábia dosagem de forças nos dois impulsos opostos, para que a nova, que deve vencer, tenha sua tarefa facilitada, quando esta faz parte dos planos da história. Se a revolução francesa tivesse tido diante de si um Luís XIV, não o teria derrubado. Se a revolução comunista tivesse achado pela frente um Pedro (o Grande) ou uma Catarina da Rússia, não teria vencido. Mas, ao contrário, acharam-se automaticamente em posição de superioridade, fácil diante do inepto Luís XVI e do manso Czar Nicolau. A vida ajuda todos os homens e movimentos que têm uma função biológica e deixa sem defesa os que não a têm. E pode ser também função biológica a de liquidar uma classe social dominante, um regime, quando não mais correspondem à utilidade da vida e sua eliminação seja necessária aos objetivos da evolução. Nos equilíbrios biológicos, até o assalto patogênico tem uma função. Qualquer pessoa pode verificar, mesmo em sua vida individual privada, que algumas coisas querem acontecer, e outras não, como se houvera nelas uma vontade, que resiste à nossa e é independente dela; ou seja, obedece a outras diretrizes, que não são as nossas, que nós desejaríamos impor.

Nascem as revoluções de um punhado de aventureiros, situados fora da lei, que assaltam o colosso da ordem já constituída. Quem ajuda e determina uma tão inexplicável vitória numa luta tão desigual? Poder-se-ia objetar que é a fraqueza do chefe ou do regime que determina uma revolução. Mas houve muitos reis e governos fracos, sem que por isso tenham surgido revoluções.

Para havê-las, é necessário não somente essa fraqueza da velha ordem, como também a força nascente da nova.

Para que haja renovação é indispensável esse encontro de posições opostas. Podem existir governos fraquíssimos, que por ninguém são assaltados, porque a História, nessa ocasião, nada tem que renovar. Podem aparecer ideias novas, que, no entanto, se chocam contra um governo forte que as sufoca. E nestes dois casos, a revolução não nasce. Mas, quando a hora renovadora de uma revolução soou e a História quer e está pronta para fazer um passo adiante, para subir mais um degrau da evolução, surge a revolução. Quem proporciona a fraqueza decrépita do velho regime, a inaptidão do chefe, de um lado; e do outro, o juvenil poder das ideias, as forças renovadoras e a capacidade revolucionária dos assaltantes? Quem nessas horas trágicas em que se renova a vida dos povos, dá um impulso, de um lado; e do outro, paralisa as resistências que poderiam detê-lo? E, no entanto, o velho regime tem em mãos todas as rédeas do comando. Como, naquelas mãos, elas não funcionam mais? Que nova força sutil é essa que em verdade, a imprensa paga não pode criar, que mina tudo interiormente, pela qual a velha máquina não funciona mais, o exército não obedece, o dinheiro não serve, tudo se rebela e a opinião pública se orienta por si mesma?

Quem governa os povos deveria conhecer esses imponderáveis, que sem dúvida são leis inteligentes, forças vivas. Falam por meio do subconsciente das massas e as constroem a agir. Os chefes deveriam compreender, quando elas se põem em ação e, ao invés de impor sua personalidade, deveriam antes procurar compreender o momento histórico, para obedecer à vontade da História, em lugar de querer impor-se a ela. Isso porque ela é a mais forte e quem não se conforma com ela, seguindo sua correnteza, soçobra. Deveriam os chefes procurar compreender, antes de tudo, se a vontade da História está com eles; deveriam evitar engajar-se numa luta contra a vontade da História, pois jamais poderão vencer essa

batalha, dado que o inimigo é infinitamente mais poderoso e inteligente que qualquer homem. E quando uma revolução é necessária, e portanto decretada pela vontade da História, os chefes da velha ordem deveriam compreendê-lo e retirar-se espontaneamente, sem opor inúteis resistências, que só podem levá-los a epílogos de sangue. Quantas dores e quantos danos poderiam evitar-se para todos, nas vidas dos indivíduos como nas das sociedades, se a conduta humana fosse guiada com mais inteligência! E aqui também temos que concluir como acima: o homem é um decaído. E as razões teológicas do volume **Deus e Universo** dão-nos a explicação da ignorância humana e da necessidade de reconquistar a sabedoria, tornando a subir, no erro e na dor, o caminho da perfeição.



Baseando-nos nos princípios acima expostos, procuremos agora compreender a natureza e a posição da onda histórica que domina hoje o mundo, aquela que poderia ser chamada a onda que carrega homens e acontecimentos. Quais são as características de nosso tempo, e sobretudo das classes e povos dirigentes? Seus métodos e concepções dominantes revelam sua natureza. São práticos, utilitários, filhos de uma concepção materialista da vida. A arte, a música, a literatura e a pintura contemporâneas, tudo o que pode exprimir o que é a alma e sua elevação, se apresenta negativo, isto é, caminha não em subida, mas em descida, não é construção, mas destruição de valores. Espiritualmente, o mundo considerado civilizado está em fase de dissolução. Não nascem mais os gigantes do pensamento e, quando nascem, ou se adaptam ou morrem. A simplicidade, que é a forma das grandes horas e dos homens e povos que têm algo de importante a dizer, já desapareceu. A madureza da civilização europeia já avançou até o bizantinismo vazio, até

a sutilização complicada, sem conteúdo real. A civilização adiantada demais, traz um excessivo aperfeiçoamento da forma, em dano do conteúdo. Assim os gregos não podiam compreender a simplicidade retilínea de um São Paulo, que falava no areópago. A maturação excessiva se torna, em dado momento, putrefação e o fruto maduro demais não nutre, mas envenena. A simplicidade, que é a primeira qualidade da verdadeira grandeza, não existe mais na época atual, está perdida atrás de cerebralismos artificiais, atrás de uma riqueza e complexidade de formas, com que se procura esconder o vazio interior e a tristeza de uma produção espiritual que nada diz à alma. O simplíssimo na arte é artifício, o seu primitivismo é fingimento. As próprias palavras não têm mais seu simples significado ordinário, e só se tornam acessíveis, em seus valores recônditos e enigmáticos, sob os quais nada existe, a uma classe de iniciados.

De nada adianta verberar tudo isso. Podemos apenas constatar que é essa a psicologia dominante, que é essa a corrente em que caminha a maioria. É assim o homem de hoje e essa é sua estrada. Quem pode detê-lo? Esta é a onda do mundo civilizado de hoje, que domina a Terra. Ela é o resultado de processos milenários. Como lutar agora contra essa onda histórica? Não lembra ela, a que dominava o Império Romano, nos tempos de Cristo, quando ninguém mais acreditava nos deuses? Ou a da vazia e madura civilização da aristocracia francesa, à véspera da revolução? O materialismo religioso, tal como o capitalismo egoísta de hoje, não é essencialmente o mesmo de então, e não cometeu e comete os mesmos erros? E contra este último, não se está levantando, em dimensões proporcionais aos novos tempos, uma revolução semelhante, da parte de todos os deserdados do mundo, que se preparam para o assalto com os mesmos métodos destrutivos e violentos que na revolução francesa?

Ao invés de fazer um sermão, já agora inútil, ou de profetizar a desgraça aos cegos e chorar sobre o futuro do mundo, preferimos analisar o fenômeno, para demonstrar nossas conclusões pela lógica. E isto especialmente porque a racionalidade é uma das qualidades do espírito em que o mundo de hoje ainda acredita. Admiram-se hoje mais os grandes matemáticos do que os santos, os cientistas que fazem descobertas do que os homens bons e puros que amam o próximo. As potências da civilização só destilam hoje os valores da intelectualidade. Até a arte, o coração, o sentimento se tornam cerebrais.

Não se tem mais fé nos valores do espírito, mas nos do progresso técnico. Acredita-se cada vez mais na máquina. No entanto, o progresso material se paga com carências espirituais, as hipertrofias nos equilíbrios da vida implicam correspondentes atrofia. O progresso técnico é, não resta dúvida, uma grande conquista. Mas, quando para obter essa conquista se atrofiam os recursos espirituais do homem, isso significa que ela nos custa a perda da luz das grandes diretivas, o que nos deixa perdidos, sem guia no caminho da vida. Quando a análise, mãe da técnica, supera a síntese, o homem desorientado não poderá caminhar senão por tentativas, ao acaso. E de fato, ele caminha por tentativas, sem uma perspectiva clara de seu futuro. A vida não se extravia por isso, pois já vimos que a História é sábia por si mesma e não necessita, em absoluto, da ajuda da inteligência do homem para progredir. É inútil, pois, pregar e advertir. Esta é a corrente do mundo de hoje: destrucionismo. É essa a onda histórica presente. Mas esta é apenas sua fase atual. Destruição que ela necessita para desimpedir o terreno para as construções novas. Estas virão amanhã, quando o homem, após lutas e guerras, já não será o mesmo que hoje é, e caminhará em outra corrente, levado por diferente onda histórica. Cada coisa está em seu lugar e só pode chegar quando for seu tempo. Destruir hoje

para construir amanhã. Já vimos que a destruição do mundo atual é uma função confiada aos povos menos evoluídos, porque só eles poderiam realizá-la. E a reconstrução será feita amanhã por gente diferente, com psicologia e princípios pelos quais não se interessa o mundo atual.

Cada coisa está em seu lugar. Não desprezemos o progresso técnico. É uma conquista, não só porque nos liberta das necessidades materiais, como também porque desenvolve algumas qualidades do espírito, como a inteligência. Vêem alguns na máquina o instrumento de uma nova escravidão. Mas o homem teve sempre que lutar pela vida e esta é uma forma de luta muito menos pesada que as primitivas. Viver numa oficina, amarrado a uma máquina, ou num escritório, preso a um trabalho monótono, é muito menos duro que lutar contra as feras e os agentes naturais, nossos inimigos. Entretanto, pode parecer que isso atrofia as qualidades de iniciativa e livre criação individual. Mas isto transforma o indivíduo de um ser isolado contra todos, numa célula social, que aprende a viver num organismo coletivo. Além disso, lutar com uma máquina, requer muito mais qualidades de raciocínio e inteligência e muito menos prepotência e ferocidade, do que lutar contra o homem para assaltá-lo ou contra um animal para domesticá-lo. A máquina é honesta, dá-nos o que lhe dermos e não tem uma vontade egoística, rebelde à nossa. Ela obedece, não ao mais prepotente, mas ao mais inteligente. A máquina fará desaparecer o dominador pela força, e levará o homem a uma forma diferente de seleção, não a do mais forte ou do mais astuto, mas do mais inteligente. O progresso técnico imporá a necessidade de desenvolver essa qualidade superior, dado que na luta pela vida já se poderá vencer por esse novo caminho. Em outros termos, poder-se-á resolver o problema de vencer e viver, não pelos caminhos da força ou da astúcia, mas pelos caminhos da inteligência, que dará ao homem o domínio

sobre as forças da natureza que, sujeitas a ele, poderão garantir-lhe a vida.

Mas estas serão realizações remotas; hoje, no entanto, o atual progresso técnico nos prepara para elas e abre-nos o caminho. O mundo necessita de cada vez menos ferocidade e mais inteligência, que é, sem dúvida, um meio para chegar à bondade. E a máquina não está contra essa transformação. A própria guerra se está tornando cada vez mais um problema de produção industrial e técnica e cada vez menos um problema de ódio pessoal contra um inimigo, que muitas vezes é hoje desconhecido e contra o qual não se nutre nenhum sentimento. Essa eliminação do ódio feroz e sanguinário é já algo, como progresso, considerando-se o que é o homem, que assim, ao menos, fica constrangido, na guerra, não tanto à ferocidade, hoje cada vez mais inútil, quanto ao trabalho cerebral de dirigir sua máquina de guerra. Não se poderia pretender hoje maior progresso. Além disso, o homem que mata, com a guerra mecânica, gente que ele não conhece, pode mais facilmente convencer-se da estupidez da guerra, em relação àquele que mata um inimigo para defender a própria esposa e os filhos. Mas, além disso, cada vez mais nos aproxima do fim das guerras o fato de que a técnica nos leva a tal poder destrutivo, que não se poderá fazê-la sem que todos fiquem aniquilados. Como se vê, a onda histórica que agora carrega homens e acontecimentos, se de um lado está destruindo, está hoje, por outro lado, semeando para o futuro. Com efeito, desenvolve a inteligência para chegar àquela sua forma superior que é a bondade; com a máquina liberta-nos da escravidão material e eleva o nível da vida; enfim, com a técnica bélica super destrutiva, prepara-se a tornar impossíveis, no futuro, as guerras. Assim, sem sabê-lo, guiado pelo pensamento e pela vontade da História, o mundo está lançando as bases das novas construções do porvir.

Se a fase atual da onda histórica é o destrucionismo, não devemos ficar pessimistas por isso. Ao contrário, é justamente essa fase de destruição que preludia a sucessiva de reconstrução. É quase também de compensação e de equilíbrio. Podemos até ver francamente, na atual fase de destrucionismo, uma prova do próximo advento de uma nova civilização e uma fase preparatória. Parece-nos assim, seguindo a lógica do pensamento da História. Ela caminha por compensação de contrários, que se completam e equilibram em sua complementaridade, integrando-se reciprocamente, de modo que, da oscilação, resulta um único caminho de subida. Hoje não se trata apenas do ato de lançar algumas sementes novas, como vimos há pouco, no terreno da maturação dos povos, mas trata-se de um total e complexo movimento de forças, que estão prontas a ajudar essas maturações, assim como as estações, o terreno, as chuvas, o calor e tantos outros agentes concorrem todos ao desenvolvimento de nossas sementeiras agrícolas. É toda a onda que carrega homens, povos e acontecimentos, e que, depois de um período de descida e desmoronamento de valores, como o atual, deve reagir num período de ascensão e reconstrução de valores. Sem essa compensação, a História não seria mais construtiva. E, se o foi sempre, como poderia hoje não sê-lo mais, especialmente numa hora tão apocalíptica, tão grávida de sementes, impulsos e motivos novos, ao mesmo tempo que tão revolucionária e destruidora?

Para compreender tudo isso, procuremos penetrar mais no fundo do pensamento da História. A história humana é apenas um capítulo do desenvolvimento da vida, a qual é apenas um momento do processo cósmico, que se acha agora, para nós, em fase evolutiva. A Lei do ser em nosso universo atual é essa: evoluir. Tudo ocorre em função dessa necessidade: o amor, a reprodução, a seleção, a morte, a caducidade de todas as coisas, a natureza relativa de nosso

contingente em evolução, a instabilidade de todas as posições humanas, nossa contínua insatisfação etc. É assim que se explica um fato, que pode parecer estranho, isto é, que a vida se nutre de morte, se alimenta de destruição. Isto porque destruição é meio de renovação, e renovação é condição necessária para a evolução, suprema tendência do ser.

Compreendida essa lei geral, situada na lógica do pensamento diretivo de Deus, é fácil compreender a lei particular, segundo a qual ocorre que a História produza, nas revoluções. Com efeito, é por meio das revoluções que a História costuma gerar o que é novo, como se o tirasse da destruição do velho. Na realidade, isto é devido ao fato de que a vida é tão exuberante de germens que, logo que se forma um pouco de espaço vazio, ela está sempre pronta a invadi-lo para enchê-lo. Nesse sentido, a destruição é criativa para a vida, pois lhe permite a expansão. Quem compreendeu a inexaurível fecundidade da vida, que deriva do impulso do Deus imanente, presente em todas as partes, em cada fenômeno ou acontecimento, não pode admirar-se de tudo isso. A História caminha carregada de germes a desenvolver, de uma potência fantástica, e os lança a mancheias, ora aqui, ora ali, com a prodigalidade de que a vida é tão rica, à espera de que a maturação e a compreensão dos homens - único limite de sua fecundidade - permitam a ela, tornando-se instrumentos de realização, o desenvolvimento no terreno deles.

Que são, pois, as revoluções? É um fato, que, por mais que os homens se cansem em fixar, no direito e em ordens particulares suas posições, estas são sucessivamente desmanteladas pelas revoluções ou guerras, que são o único meio para renovar o velho e assim chegar a construções novas. As revoluções e as guerras - dois elementos afins e conexos - são, pois, o verdadeiro motor da História, seu aspecto dinâmico, os períodos de marcha;

ao passo que a paz, as ordens constituídas, a legalidade, representam os períodos de estase da História, seu aspecto estático, as fases de assimilação e repouso. Perguntam-se os preguiçosos: por que essa necessidade de guerras? Por que essa instabilidade, esse esforço de renovação contínua? A resposta foi dada no nosso volume **Deus e Universo**, onde se explica que o homem é um decaído e, portanto, qual a razão de estar ele preso à necessidade de evoluir. E como se pode evoluir, isto é, passar de formas inferiores a mais complexas e perfeitas, senão através da dor da destruição e da fadiga da reconstrução? Num Universo, cuja lei fundamental é a evolução, não se pode parar: é necessário caminhar sempre. Existir quer dizer caminhar. Quem pára é sobrepujado pela corrente da vida e se esteriliza. A vida é corrida, renovação, criação contínua. Não teme destruições. Ao contrário, precisa delas. Em sua imensa fecundidade, a destruição lhe é necessária, para desimpedir o terreno e aí de novo semear, para progredir.

Não nos alarmemos. É assim o mundo. Guerras e revoluções representam seu impulso vital, que na destruição não perde nada. Nada pode perder, porque suas raízes prendem-se em Deus, inexaurível e indestrutível. Na destruição, parece a vida tornar-se mais viva, porque, logo que se verifica uma falha, ela corre a tapá-la. Isto no terreno social, tal como acontece com as células no terreno orgânico. As carnificinas das guerras, com efeito, reativam a fecundidade genética dos povos. Há conexão entre vida e morte, dois fenômenos de compensação. Assim, existe uma afinidade entre amor e revolução. Ambos são uma luta para vencer, um meio para criar, uma manifestação de juventude e virilidade e, no estado natural, ocorrem numa atmosfera de violência e destruição. São duas manifestações de potência renovadora e todos lhe saem ao encontro, porque isso interessa sumamente à vida, que nelas se reaviva e dinamiza. Os povos que despertam, fazem revoluções e

guerras. Os povos fracos e cansados as sofrem de seus vizinhos. Para os indivíduos, como para os povos, a lei é a mesma. O povo, ou a classe social mais fraca, tal como a mulher, ficam vencidos e fecundados, recebem e assimilam. É pois lei de vida, que ocorram revoluções e guerras, as desordens para construir uma nova ordem das ruínas da antiga. É lei de vida, um periódico despertar para executar o esforço de fazer um novo passo à frente na evolução. É lei de vida o contraste entre tempestade e bonança, e a expansão vital dos povos fortes.

Na verdade, isso tudo poderia e deveria realizar-se sem violência, e assim ocorrerá numa humanidade mais civilizada. Se a atual ainda não o é, está ela justamente lutando e sofrendo para tornar-se tal. A História que guia tudo, confia, vez por vez, aos povos mais aptos essas funções renovadoras. Primeiro deixa os povos num sono aparente, em que ocorre a subterrânea maturação. Um dia eles explodem, para depois voltar ao repouso. A natureza, em sua sábia economia, poupa suas forças e não repete um impulso inútil. Coube a primeira ao povo francês, agora é a vez do povo russo. Realizado o esforço readormecerá este também, como aquele o fez. O fenômeno atual da Rússia Comunista representa o despertar de um povo primitivo, rico de energias elementares e poderosas, aptas sobretudo à função da destruição, para comprovar a resistência da civilização europeia. Pode comparar-se isto a um assalto de micróbios patogênicos contra o velho organismo desta civilização. Funções mais complexas não podem ser confiadas a povos primitivos, mais próximos ainda ao estado caótico primordial, rico de imensas energias, mas ainda não disciplinado pelo poder da inteligência, que é fruto de longa e laboriosa evolução. Por isso, na lógica do pensamento de Deus - que a nova Rússia ignora - não lhe podem ser confiadas senão funções destrutivas, próprias das explosões do caos, poderosa de um poder involuído e

satânico. Tanto mais que essa dolorosa intervenção cirúrgica foi atraída pelas culpas da Europa e também da América do Norte, que, com suas próprias mãos, quiseram construir uma Rússia forte e inimiga, como uma vergasta para seu próprio castigo. Há nisto uma trágica e cega obediência a um destino de justiça, que todos têm que aceitar, porque está no pensamento de Deus e na vontade da História, não importando se os homens queiram ou não queiram admiti-lo e sabê-lo. A tão astuta política sempre esqueceu o peso enorme que tem o fator moral, mesmo no campo social, e ainda não sabe que, quem não liga importância a isso, pode cometer erros gravíssimos, que depois indivíduos e povos devem pagar duramente.

Assim, a História confia a vários povos, no momento mais adequado para eles e para a vida de todos, uma dada tarefa na evolução da humanidade: funções aparentemente negativas, mas, em substância, positivas, de experimentação e reconstrução de civilizações exaustas, de reequilíbrios de acordo com a justiça, de eliminações de classes dirigentes ineptas e parasitárias, de reações curativas de abusos, de fecundas reconstituições demográficas, preenchendo vazios em cada campo e reforçando fraquezas. Parece que a História manifesta, na direção da vida dos povos, a mesma sabedoria que a natureza manifesta na direção da vida de nossos organismos físicos: uma contínua ação materna, benéfica, protetora, compensadora e curadora, sempre atenta em fazer triunfar a vida. A ação da História não é a mesma ação da mãe-natureza, não é a mesma lei de Deus que vigia tudo e, com sua imanência, ajuda o todo criado no duro caminho da subida até Ele? Não é o mesmo princípio e a mesma potência da vida, por meio do qual tudo germina sempre e floresce?

A destruição poderá assustar o indivíduo, mas a vida não pode preocupar-se com isso, porque, no conjunto, a

destruição não é estéril. Nenhum ato da vida, jamais, é estéril, nem mesmo a destruição. No âmago da morte está a vida. Por isso, a destruição é um ato de administração normal, é só uma forma, um meio de renovação. A vida é eterna, é princípio divino, portanto nada tem que temer. Bastaria haver compreendido esta grande verdade, para ser obrigado a admitir a indestrutibilidade de nosso ser e a impossibilidade, para a morte, de matar qualquer ser vivente. Cristo mesmo nos disse que quem procurar conservar sua vida a perderá, e quem a der, a ganhará. Não é conservando-nos apegados à forma que podemos viver, mas só mergulhando-nos na grande corrente ascensional do ser, em que está Deus, a inexaurível fonte de tudo. Cristo mesmo, que realizou a maior das revoluções, seguiu essa lei, pela qual a destruição é uma premissa necessária para a reconstrução. Assim, Ele teve que oferecer-se em holocausto sobre a cruz. Eis porque o sacrifício tem um poder criador, a renúncia pode construir num plano mais alto, a dor nos amadurece e a morte é lei de vida. Bastaria ter compreendido este princípio universal para compreender a necessidade absoluta da paixão e da morte de Cristo, para a evolução do mundo.

Neste capítulo quisemos observar como funciona o pensamento e a vontade da História, primeiramente em sentido geral, e depois observando, no pormenor, a natureza da onda histórica, que guia os homens e os acontecimentos na hora atual. Tudo isso para chegar a esta conclusão: que a tendência atual à destruição, que existe em todos os campos, e o estado de revolução e de guerra em que se acha o mundo, representam justamente o índice mais evidente da reação complementar necessária para a reconstrução de amanhã; ou seja, representam a fase preparatória, após a descida, para a subida da onda histórica, aquela que quer que chegue e se realize a nova civilização do terceiro milênio.

3. AS TRÊS REVOLUÇÕES E A TERCEIRA IDEIA

Para compreender ainda melhor os princípios expostos nos capítulos precedentes, façamos uma aplicação deles (que é puro controle) aos acontecimentos de nosso tempo: ou seja, observemo-los concomitantemente de dois pontos de vista, o humano e o das verdadeiras diretivas, dadas pelo pensamento e pela vontade da História.

Vimos o que são as revoluções. A História recente e contemporânea ofereceu-nos dois grandes fenômenos desse gênero: a revolução francesa e a russa. Colocadas em sua realidade concreta, na perspectiva de espaço e de tempo, partindo de posições e desenvolvidas em condições desiguais, ainda que semelhantes, diferentes nas formas, nos objetivos e nas populações em que atuaram, podem essas duas revoluções parecer dois fenômenos separados, e não duas fases do mesmo fenômeno. No entanto, foi assim, na unidade do pensamento diretivo da História, em que há apenas uma realização a executar: a da evolução, ou seja, da ascensão do homem a formas mais livres de vida, mais orgânicas, mais evoluídas. Este é o impulso biológico incessante, que nasce da essência profunda da vida, que aspira à subida, para regressar à perfeição em Deus.

A incondicional supremacia do mais forte e, portanto, os governos absolutos, a organização social, filha da guerra e baseada no domínio e exploração dos povos vencidos, até a instituição da escravidão, foram, nos primeiros tempos, uma necessidade biológica, proporcionada ao grau de involução da humanidade, da qual nada mais se podia pretender. E a História nada mais pedia. Por isso, deixou funcionar essas formas de vida, as quais, entretanto, com a evolução, se tornavam cada vez menos adequadas e aceitáveis. Havia no

âmago um trabalho intenso de amadurecimento, escondido e silencioso, que a História oficial vê e registra só quando ele aparece visível, do lado de fora, no momento de suas explosões. É a esse trabalho intenso que se deve a ascensão contínua das classes inferiores que querem evoluir, tomando o lugar das superiores, logo que estas tenham esgotado sua função de vanguarda do progresso. Isto pertence a todos e todos têm direito a isso, e nisso tomam parte, cada um com sua função particular, por meio de sua realização pessoal. O verdadeiro fio condutor do longo caminho da História é um irrefreável e instintivo anelo à liberdade, a que todos aspiram e os governos prometem; a humanidade concorda e espera, porque exprime a superação da inferioridade e a libertação da prisão em que caiu o homem, como vimos.

É assim que as revoluções, que são os períodos mais ativos da História, e mais criadores, renascem continuamente, não só para sacudir o jugo dos poderes constituídos, edificados sobre os resultados das insurreições precedentes, mais velhas e superadas, como também para colocar em lugar daqueles outros governos que sejam baseados em concepções mais vastas e livres, nos quais seja cada vez menor o número de pessoas que sofra o peso da escravidão e da limitação, e cada vez maior o número dos que gozam a liberdade, a dignidade e os direitos da vida civil. Eis aí, então, o fio que liga as duas revoluções, a francesa e a russa. Em substância, são apenas dois degraus do mesmo processo evolutivo. Sua verdadeira força genética, o impulso que as determinou, estava no âmago da História, ou seja, era um amadurecimento da vida social, que se formara através de longa elaboração psicológica dos povos. A ideia, preexistente à sua manifestação nos fatos, é a causa e a substância das revoluções. O resto é execução quase mecânica.

Essa ideia era uma dinamite, comprimida no terreno, pronta a explodir, porque já pronta e completa. Esperava apenas uma chama mínima que a acendesse. Essa chama podia aparecer e acender a revolução pouco antes ou pouco depois, aqui ou ali, não importa. Às diretrizes da História, não importam esses pequenos afastamentos de tempo e espaço, pois nada mudam no essencial, mas somente as modalidades da execução. Quando tudo estava intimamente maduro, começou a pressão invisível a tomar forma nos fatos, pois só estes são visíveis a todos e podem fixar o pensamento da História na realidade concreta. Então começou essa pressão interior a experimentar o ambiente, à procura do ponto de menor resistência, a fim de abrir uma brecha para explodir, e achou-a na França, com o inepto Luís XVI e sua corte corrompida e decaída; achou-a na Rússia com o fraco Czar Nicolau e sua aristocracia incapaz e atrasada, assim como nos resultados da guerra europeia de 1914-1918. Mas, estes são pormenores históricos. É verdade que a França de então, como a Rússia de hoje, eram o terreno mais propício para a manifestação do fenômeno. Mas se esse terreno tivesse aparecido alhures, alhures se teriam desenrolado as duas revoluções; se a ocasião se tivesse apresentado em outro momento elas teriam aguardado, e em outro momento se teriam manifestado.

Isso tudo faz-nos compreender que, nestas duas revoluções, a França e a Rússia são dois efeitos, ao invés de duas causas; dois cenários históricos, dois elementos absolutamente não necessários, que deram seu colorido ao fenômeno histórico, só por motivos contingentes. Por isso, em sua substância, podem muito bem as duas revoluções ser destacadas da França e da Rússia, e ser colocadas em seu verdadeiro sentido, que é movimento mundial, e que não pertence a um povo, como monopólio seu, mas a toda a humanidade. A substância era a ideia, que é universal, e o

que a decidiu, foi ter ela atingido seu amadurecimento. O feto estava desenvolvido e tinha que nascer, não importa onde. As próprias ideias da revolução francesa ferviam na América do Norte e em todo o mundo ocidental. Se não houvesse essa preparação do mundo de então, para aceitá-las, teria sido inútil a revolução, porque ninguém a teria compreendido, e ela não teria podido difundir-se, e muito menos frutificar. E, não tendo então uma tarefa, segundo a lógica da História, não teria podido ocorrer. Tanto é verdade que, enquanto a França voltava à monarquia, e a Europa à Santa Aliança, os Estados Unidos se apoderavam das novas ideias e as punham totalmente em prática. De tal forma que se poderia dizer que a revolução francesa serviu mais para os Estados Unidos que para a França. Esta, como a Rússia, teve sua função como lança-projéteis. O que interessa é o projétil, que é acompanhado em seu caminho e à sua chegada, ao passo que o aparelho que o lançou é esquecido, desde que perdeu toda a sua importância histórica para o progresso da humanidade, tendo, com isso, esgotado sua função.

O ponto de partida e a causa determinante das duas revoluções foi igualmente um estado de escravidão. Em ambos houve igual esforço de libertação de condições de vida que não eram mais aceitáveis pela natureza humana, dado o nível atingido pelas classes dominantes e o confronto com elas feito. Se bem que as classes mais elevadas jamais pensem nisso, não obstante realizam uma obra de educação, pois que mostram, com seu regime de vida, às classes mais pobres que as observam atentamente, as formas de existência mais apuradas, as quais, por lei de evolução, os deserdados querem avidamente imitar. Tudo isso faz parte da mecânica da ascensão, que começa das bases materiais, para que destas suba às espirituais. Quando as classes dirigentes formarem uma aristocracia de espírito, a imitação dos inferiores tomará essa outra direção.

Mas nem uma nem outros estão hoje maduros para poder fazer tanto, e cada coisa vem a seu tempo.

Na Rússia, como na França, o ponto de partida da revolução foi um estado de feudalismo, com classes sociais separadas em compartimentos estanques, hereditariamente fixadas para sempre, inacessíveis por baixo, com privilégios próprios, com um poder central absoluto e a escravidão nos estados sociais inferiores, sem possibilidade de redenção: uma gaiola de ferro sem porta de saída senão pela explosão. Só uma revolução podia sacudir esse jugo, libertar dessa prisão. Assim, os componentes da classe aristocrática foram chamados tiranos, e a revolta contra eles surgiu como um ato de justiça, ao passo que, antes que tivesse sido atingido o novo amadurecimento, o mesmo ato de revolta teria sido considerado o maior crime. O autor de um atentado inócuo à pessoa de Luís XV foi esquartejado com grande pompa e concurso do povo. Luís XVI foi guilhotinado diante de todos e ninguém reagiu. Por isso, as despesas feitas por Luís XIV e pagas pela França pela construção de Versalhes, não excitaram nenhuma revolta, ao passo que as outras, muito menores, feitas por Maria Antonieta, pareceram um esbanjamento escandaloso. A razão é que Luís XIV desempenhava a função social de criar um modelo de vida mais apurado, antes desconhecido, um modelo que as cortes europeias imitaram e o povo olhava para aprender a elevar um pouco mais alto o nível da vida civil. Quando, com efeito, a corte de Luís XV e Luís XVI serviram-se dele só para gozo egoístico, todos gritaram que era escândalo, e só pararam quando conseguiram suprimi-lo e abrir uma estrada para eles mesmos, substituindo-se a eles e imitando-os.

Se esses foram os mesmos pontos de partida para as duas revoluções, semelhantes devem também ser os pontos de chegada; ou seja, a expansão da ideia nova no mundo, a formação de novas correntes diretivas da vida social,

desprendida do país em que nasceu, país que perde seu domínio, porque a ideia se torna de todos. E a ideia, como semente lançada ao vento, chega longe e frutifica nem se sabe onde, mas exatamente ali se lhe apresenta o terreno propício, enquanto, na pátria da revolução, só permanecerá a honra de ligar seu nome às páginas da História por meio dela. Se assim foi para a França, é lógico e provável que será assim também para a Rússia. E a ideia comunista, como uma semente levada longe pelo vento, não se sabe aonde chegará e germinará, numa forma que talvez em nada recorde sua origem russa.

A ideia é universal, pertence à humanidade. O povo, só porque foi escolhido como instrumento para o arremesso, acredita que a coisa seja sua, será posto de lado quando não mais servir aos objetivos da vida. O que vale, no pensamento da História que dirige o mundo, é a ideia e seu desenvolvimento, e não acidentalidades contingentes de sua manifestação e de seu desenrolar-se. Em seu progresso, a História tem seus planos preestabelecidos, e para sua execução vai escolhendo os elementos que aos poucos vai achando, prontos e adequados, em seu caminho no tempo. Ora, a ideia central que, em seu desenvolvimento, constitui o fio condutor da História - aquilo que liga uma revolução à outra - é o supracitado princípio da liberdade, ou seja, de uma libertação progressiva do homem, para alcançar formas de vida mais elevadas em todos os sentidos. As aristocracias caminham adiante como antenas, exploram, criam os modelos, e as massas, ávidas por imitá-las, as invejam e se põem a lutar para tirá-las do poder e substituí-las na experiência das novas formas de vida. Através desse jogo de forças e impulsos, desenvolve-se a mecânica da evolução. O motivo dominante, a direção do caminho, os primeiros móveis, são sempre os mesmos: libertar-se da inferioridade para subir. Subir em todos os campos. Começa-se das conquistas mais elementares. Libertar-se da

escravidão para atingir a liberdade física: não viver mais acorrentados. A revolução francesa quis conquistar a liberdade política, a igualdade de direitos, suprimindo os privilégios e as classes. Todos são iguais diante da lei, que deve ser igual para todos, e não mais leis separadas, de acordo com a situação social. E isto já foi muito para aquela época. Mas deixou em pé a desigualdade econômica e formou uma aristocracia diferente, a do dinheiro, e uma nova classe, a burguesia. Sentiu-se, então, a necessidade de aperfeiçoar mais a conquista da liberdade, completando-a sob outros aspectos ainda não realizados. E nasceu a revolução russa, para conquistar a liberdade econômica.



Mais tarde, veremos como poderá continuar esse caminho e até onde poderá chegar. Mas, antes, observemos de perto o fenômeno russo, para compreender seu significado. Embora tenha a Rússia dado um grande passo à frente, ao menos como potência industrial, dado o ponto zero de sua partida, representado pelo sistema feudal czarista, absolutamente medieval, não obstante, nos trinta anos aproximados do governo comunista, a Rússia - por mais que tenha querido correr nesse sentido - está ainda longe de ter atingido o nível de vida e de cultura das civilizações ocidentais. Mas, o que é pior, é que não atingiu sequer a realização que se propusera, da proclamada liberdade econômica. Neste sentido, se o Comunismo atraiu as massas - o programa da justiça social e dos melhoramentos econômicos corresponde ao instinto daquela ascensão que a vida quer agora realizar - todavia, sua experimentação até hoje foi infrutífera e isto o desacreditou diante dos mais inteligentes, mais aptos a compreender o logro de uma exploração de necessidades e instintos.

Mas, há outro fato: a distância entre o ponto de partida da revolução russa - o feudalismo, já superado na Europa há muito - e seu ponto de chegada, é uma ideologia que presume um amadurecimento ainda raro no mundo. Isso significa que o Comunismo verdadeiro ainda pode realizar-se na Rússia; aí nasceu apenas para emigrar para outros países, que vai se civilizando e se transformando. Nenhum povo ocidental jamais o aceitará senão à força e transitoriamente, como é ele hoje na Rússia. E a natureza do povo é coisa que nenhum exército e nenhum domínio podem vencer. Podem matar-se os chefes, pode destruir-se o poder, escravizar as massas, transplantar cidades inteiras, mas não se consegue matar um povo, insuperável barreira demográfica que fica de pé, para continuar de acordo com sua natureza. Ora, os povos ocidentais lutaram durante séculos para conquistar a liberdade política, e não estão dispostos a renunciar a ela, custe o que custar. Eles fizeram a revolução francesa, que a Rússia não quer levar em conta, sofreram para sair desse degrau, e isso é fruto seu, inalienável. O Comunismo russo, acreditando levemente que pode transplantar-se no Ocidente, não sabe a que reações se expõe, quando as massas descobrirem a mentira das promessas feitas e, ao invés da liberdade econômica e de uma elevação do nível de vida, se acharem diante de um sistema de dominação escravista. O próprio instinto de ascender, que agora impulsiona as massas a aceitar o Comunismo, quando se vir traído, fará levantar as mesmas massas enfurecidas contra os que as traíram. Ai de quem agride e destrói a vida, em seus sagrados objetivos. Ela reage e corrige, mediante contra revoluções, os erros dos que executaram suas revoluções, ou melhor, ela as continua, não no sentido egoístico, mas derrubando o que eles fizeram, isto é, endireitando-o no sentido construtivo, benéfico, como o quer a Lei, que dirige tudo.

Na Rússia sempre foi diferente. Aí as massas jamais conheceram liberdade política, estão habituadas e treinadas há séculos à escravidão, hábito que o Ocidente já perdeu. Na passagem do regime czarista ao comunista, permaneceu o mesmo fundo escravista, inadmissível alhures, mas tradicional na Rússia. Se lá o cidadão não goza de liberdade política, ele não se queixa muito, porque jamais a teve, portanto, nada perdeu. Mas é diferente, quando o Comunismo sai daquela terra e pretende implantar-se alhures. As nações ocidentais também querem a libertação econômica. Mas, quando percebem quanto lhes custaria ela com o Comunismo, isto é, a perda de uma liberdade mais fundamental e necessária; quando vêem que o proclamado bem-estar se reduz, de fato, a uma forma de escravidão e que assim, para ter um aperfeiçoamento de liberdade, esta seria de todo perdida, então essas nações só podem rebelar-se. Até hoje, tudo vai bem, enquanto só se trabalha com promessas, pela propaganda, e a realidade russa está longe. Mas, que ocorrerá se se passar aos fatos e se a realidade russa entrasse verdadeiramente em casa? É este, com efeito, justamente o ponto fraco do Comunismo soviético, a ameaça que está iminente sobre os povos, e contra a qual se insurgem as reações. As massas inconscientes, presas dos demagogos, compreenderão isso amanhã à sua custa, se o novo regime as atingir.

Ao contrário, o ponto forte é a beleza teórica do programa. No fundo, ele é o Evangelho de Cristo, mas só em teoria, porque na prática o método da violência e da escravização da individualidade humana, o subverte. Mas, certamente, não é esse lado evangélico que seduz as massas. O que faz impressioná-las é a autorização - primeiro passo da legalização - para apoderar-se dos bens de quem quer que seja. Mas, que se possa destruir o instinto da propriedade só em dano dos outros, acreditando que depois ela possa ficar de pé apenas em benefício

próprio, só então pacífica, porque protegida pelas leis - condição necessária para poder gozar o fruto de qualquer furto - é tão grande utopia, que só os ingênuos e primitivos podem acreditar. Por isso, os sonhos de vitória do proletariado expõem-se a terminar sua escravização aos pés do capitalismo do Estado. Quanto terão que sofrer ainda as massas, antes de aprender a compreender por si mesmas, o que é possível e o que é impossível, o que é verdadeiramente direito e o que é promessa irrealizável! Mas, também as massas têm os chefes que merecem. Com efeito, ouvem os demagogos que as enganam, e os ouvem porque a promessa é bela e agradável, ainda que não venha a realizar-se. Cristo, que disse a pura, mas dura verdade, foi crucificado.



Como terminará o fenômeno comunista russo? Ele contém em si os germes de sua própria destruição, embora justificado e provocado em seu nascimento: pelo acumular-se de séculos de injustiças e opressões, tal como para a revolução francesa; por seus excessos em sentido oposto e por seu materialismo, que o faz ignorar vitais leis biológicas, pela supressão da individualidade; por sua violência e pelo absolutismo, que suprime justamente aquela liberdade que ele proclama e que a vida quer conquistar. Se a vida permite tudo isso, sem dúvida para utilizá-lo a outros objetivos seus, mais tarde terá que apressar-se a destruir tudo o que é anti vital. Pode-se subjugar com a força, oprimir, escravizar, destruir. Mas tudo tem um limite e, quem se coloca contra as leis da vida, está perdido. Justamente quando esta quer dar um passo à frente, que êxito pode ter a tentativa contrária de dar um passo atrás? Só este, de ser liquidado e arrastado pelas forças da vida, que são as mais poderosas. É natural, que um regime se propõe subverter a ordem, só possa ter funções destrutivas,

enquanto as construtivas são confiadas a outros povos. E é natural também que os elementos da desordem - como ocorre com todas as revoluções - sejam depois eliminados, sob os impulsos da vida. Neste caso, eles são representados pelo regime soviético russo. Com efeito, a vida não admite desordem senão como fase de transição e com objetivo de progresso. Resulta de tudo isso, também, que os verdadeiros objetivos do fenômeno russo não estão na Rússia, e que o Comunismo se transferirá daquele país, para transformar-se alhures. Diz-nos isso a lógica do pensamento da História, que não funciona fechado num dado lugar ou tempo, apenas a serviço de determinado povo, mas se desenvolve por longuíssimos ciclos, em todo o mundo.

O problema da expansão ideológica de uma doutrina é muito árduo, porque deve considerar a história e a psicologia de cada um dos povos, no âmago dos quais queira penetrar. E isso constitui uma barreira à expansão do Comunismo soviético, tal qual ele é hoje, pois não pode evitar de ser russo. Então, precisa contar com as diferenças, e logicamente com as resistências étnicas. Observemos o fenômeno particularmente em relação à raça latina, que tem uma história e qualidades tão diferentes das dos povos nórdicos. O sistema da força bruta e do terrorismo não poderia resistir por muito tempo em contato com a inteligência e o espírito individualíssimo de independência dos latinos, frutos de milênios de elaboração, que os povos nórdicos não viveram. Enquanto estes constituem de imediato um chefe, ao qual depois obedecem cegamente, os latinos possuem uma autonomia de julgamento que os torna rebeldes à obediência. Por isso os nórdicos, sobretudo os alemães, parecem-nos organizados e disciplinados, e os latinos desorganizados e indisciplinados. Consideremos um exemplo clássico. Um alemão, antes de agir, reflete muito e organiza um plano estudado em todos os pormenores, mas depois o executa teimosamente até o fim, mesmo se,

mudadas as circunstâncias de ambiente, ele se torna suicida e absurdo. Pode chamar-se a isso coerência, tenacidade, fidelidade. O italiano, entretanto, não faz plano algum, mas estabelece um a cada passo, de acordo com as circunstâncias, e o abandona logo que este não lhe seja mais útil, para então organizar outro melhor. Pode chamar-se a isso incoerência, volubilidade, infidelidade. Mas, para a mentalidade italiana, o primeiro sistema parece simplesmente estúpido. E o é especialmente na guerra que, partindo do princípio de que o mais forte tem o direito de esmagar o mais fraco, não pode pretender dar-nos lições de moral.

A razão dessa coerência, tenacidade, fidelidade, disciplina e organicidade na ação alemã, é a falta de uma inteligência de indivíduo isolado, embora exista uma inteligência como coletividade. Acontece assim que o alemão obedece muito mais por princípio, por respeito ou por temor, do que por convicção. O italiano obedece apenas se está convencido. Parece rebelde, porque só aceita o que quer. Afora o caso da coação pela força, em que não se pode falar de obediência, ele jamais obedece cegamente, mas examina, discute a ordem, quer colocar-se, ao menos psicologicamente, no mesmo nível de seu chefe. É por isso também que o alemão pensa, age e funciona sobretudo coletivamente. Ao passo que o italiano pensa, age e funciona isolada e individualmente, coisa que o alemão custa para fazer. O instinto alemão é o grupo, o instinto italiano é a independência. Do sistema alemão, de funcionar o grupo sob um chefe, obedecido cegamente, em perfeita disciplina, deriva o fato de que, se o chefe é inteligente, a fidelíssima máquina funciona à perfeição, e o pastor poderá conduzir suas ovelhas aonde quiser. Mas se o chefe é desassisado, todas as ovelhas o seguirão até o fundo do precipício, fidelissimamente, e se deixarão matar por ele. Vimo-lo na última guerra. Os italianos, ao contrário, se o

chefe é inepto, todos o percebem imediatamente, porque ele é observado e controlado por todos continuamente, e a revolta é imediata, o chefe é liquidado, e o reajuste, sem pastor, é pronto, porque cada ovelha sabe, mais ou menos, agir também como pastor. Nenhuma delas será jamais tão simples, que siga alguém sem juízo até o fim, para deixar-se matar por ele.

Por isso, é diferentíssimo o modo de comportar-se dos dois tipos biológicos nas mesmas circunstâncias. Os alemães preveem tudo, mas ao primeiro obstáculo ou revés, não tendo capacidade para recuperar-se, não contornam a dificuldade, mas param diante dela, detêm-se para derrubá-la, batem com a cabeça e, se a não conseguem sobrepujar, morrem ali mesmo. Os italianos, diante do obstáculo que lhes fecha o caminho, acham cem outros, transformam-se, mimetizam-se, emborcam as situações, convencem-se de que, sem dúvida, queriam andar em direção oposta, e deixam o obstáculo para trás. Tudo isso pode parecer ilógico, incoerente, falso e mentiroso, mas salva a vida, que quer e deve ser tão elástica, que saiba adaptar-se a tudo, contanto que retome o caminho e continue, que é o mais importante.

Isto tudo é apenas um exemplo, que se pode ampliar aos povos nórdicos de um lado e à raça latina do outro. Ora, a expansão comunista tem que levar em conta as diferenças étnicas, que representam uma barreira mais forte do que a cortina de ferro. Ao terem que defrontar-se tipos biológicos tão diferentes, quem levaria a pior? Que pode fazer o coletivismo russo, em que o indivíduo desaparece (o que só é possível na Rússia), posto em contato com o super individualismo latino, conquista biológica que jamais abdicará de seu trono? E uma civilização mais primitiva, como a russa, não se arrisca a ser absorvida por uma civilização mais madura? Nos embates de massas, as resistências étnicas representam as forças

primordiais e irrefreáveis da vida, cujas reações é difícil deter.

Deduz-se de tudo isso que a vida hoje aceita e quer pôr em prática a ideia da justiça econômica, porque esta se encontra na linha de seu desenvolvimento, essa ideia só poderá emigrar de seu berço, quando despida de todas as superestruturas russo-soviéticas. A tarefa da Rússia, pois, é diferente do que se pensa. Sem dúvida, esse povo despertou de um sono secular. Poderá ajudar a Ásia a despertar. Mas o primeiro é negócio interno, o segundo é fenômeno de imperialismo, em que o Comunismo não entra. O verdadeiro merecimento da Rússia de hoje, é o de haver imposto, com suas formas violentas, à atenção do mundo, o problema da justiça econômica, que assim teve que ser tomado em consideração, a sério, em escala bem ampla. Ainda que tudo isto não estivesse nos planos do Comunismo, todavia foi seu efeito mais importante. Assim, a Rússia teve o merecimento de haver despertado os que dormiam, os que há dois mil anos dormiam sobre o Evangelho. Acordou-os com um forte solavanco, com uma ameaça que todos compreendem. Parece que o homem só compreende o que se lhe apresenta sob forma de batalha. Quem mais ouvia as brandas e estereotipadas palavras do Evangelho, há vinte séculos repetido mecanicamente? Mas o assalto é coisa diferente: assusta, atinge os interesses. Então, apresentam-se as defesas, estuda-se uma estratégia e com isso o problema se torna vivo e atual. Este é o merecimento da Rússia: ter denunciado as injustiças econômicas do mundo, tê-lo colocado em posição de réu, e tê-lo coagido a um exame de consciência. Dessa forma, hoje, entre as nações não comunistas, no seio mesmo do Cristianismo, existe uma nobre porfia de beneficência, não tanto por amor aos pobres, mas para chegar primeiro a conquistá-los e assim afastá-los do enquadramento comunista, com que a Rússia hoje está pacificamente

penetrando nos outros países, desfrutando, com seu pleno absolutismo, a liberdade das democracias e do sistema eletivo, para vencer guerras de invasão, sem o risco de realizá-las. Ter imposto ao mundo essa corrida à realização da justiça social, é o maior mérito da Rússia de hoje, é a verdadeira forma de expansão comunista, a única de que poderá permanecer algo. Esta, porém, é a expansão da ideia da justiça social, e não a do Comunismo russo.



É lei universal de equilíbrio que, logo que se defina novo impulso em determinada direção, surja o paralelo contra impulso que o equilibre. Assim, nascido o grande capitalismo norte-americano, surge-lhe contra, o Comunismo russo. E, surgido, este, o capitalismo americano reagiu, fortificando-se e armando-se. Assim a grandeza gera inimigos e o assalto fortifica o adversário. Determinou-se assim a luta entre capital e trabalho, são definidas as recíprocas posições e direitos, e preparam-se para resolver seus contrastes. Existem as classes sociais do capital e as do trabalho. Este é apenas o capital em formação; o capital é o extrato concentrado do fruto do trabalho. Um precisa do outro. Mas, ao invés de colaborar, lutam para sobrepor-se. Se cada um permanecesse em seu lugar, tudo daria seu devido fruto. Mas, ao contrário, eles gostam de trabalhar destruindo-se mutuamente. O resultado é a paralisação de ambos. Afiam-se as armas: o capital explorando com salários baixos; o trabalho rebelando-se com as greves. Nesse ponto chega o Comunismo. Os demagogos aproveitam-se disso, os operários alimentam esperança e assim a coisa se mantém e caminha. Estes últimos gritam que o capital rende cem vezes mais que seu trabalho, e chamam a isso exploração. Mas, é também verdade que o capital representa a inteligência, que, biologicamente, vale muito mais que o trabalho manual. Portanto, pode ser justa

uma compensação maior. Mas, é verdade também que a cobiça, muitas vezes, cresce com a riqueza e que nem sempre esta se conquista com o trabalho, mas muito frequentemente apenas com golpes de sorte, se não pior.

De fato, discute-se muito, na teoria, acreditando-se nos sistemas. Mas as raízes do problema descem até o terreno moral. Na realidade, nem o capital nem o trabalho são culpados disso, mas é o homem, esteja ele de um ou de outro lado. É o mesmo homem, com os mesmos instintos egoísticos, que faz mau uso de tudo. Com esse tipo biológico, dará maus resultados qualquer sistema econômico, de modo que o Comunismo, arauto da justiça econômica, nada resolve, como nada resolveu na Rússia, onde permanece a opressão e a injustiça de antes. O capital é uma força, tal como a máquina. Enquanto não nascer o homem superior, que saiba ser senhor deles, pelo bem, e não servo, por sua cupidez, nem um nem a outra libertarão o homem, mas o tornarão cada vez mais escravo. Dessa forma, o capital, ao invés de ser considerado ajuda benéfica, é tido como meio de exploração, apto a congelar a riqueza em poucas mãos e a fechar o caminho ao trabalhador. É necessária uma nova consciência colaboracionista, um modo totalmente diferente de conceber a vida, baseando-a, não no utilitarismo individual ou de classe com prejuízo dos outros, mas tão vasto que abarque todos. Isto, porém, faz parte de outra revolução, que o homem fará amanhã, quando estiver mais maduro. O problema é bem diferente do que é equacionado hoje. Os sistemas sozinhos não resolvem. São produtos humanos, com finalidade de experiência, e, portanto, podem também servir de meio para resolver. Mas, não representam a solução, que depende das atitudes da alma, porque a raiz de cada ato e sua forma dependem da motivação.

Esse elemento moral é um princípio de ordem, a que se prende o pensamento da História, que é muito diverso ao do

homem que acredita dirigir tudo. Olhemos a primeira guerra europeia de 14-18. A Alemanha queria conquistar espaço e domínios, e ao invés disso gerou um filho completamente diferente: o Comunismo na Rússia. Seu pai foi um alemão, Carlos Marx. A Alemanha impulsiona a divulgação de suas ideias na Rússia, com o auxílio de Lênin. Hoje a Alemanha sofre o jugo comunista russo. Outro fato. A Europa e a América do Norte, ajudando a Rússia a vencer, criaram um inimigo e uma ameaça permanente. Eis como acabam os cálculos das astúcias humanas. A História, ao contrário, segue outro pensamento: o de uma justiça que faz recair o mal nas costas de quem o cometeu. Este princípio, que vimos em prática nas revoluções, que comem seus próprios filhos, e que vemos ainda hoje realizar-se na Rússia, levaria à conclusão de que também os Estados Unidos deveriam pagar, recebendo em suas cidades tantas bombas quantas lançaram na Europa, e isso, naturalmente, para efeito benéfico de libertação também para eles.



Que nos estará reservado, pois, no futuro, segundo o recôndito pensamento da História, na direção dos acontecimentos humanos? Retomemos o conceito de onde partimos neste capítulo e que é seu "leitmotiv": o fio condutor do longo caminho da História é um irrefreável e instintivo anelo à liberdade. Exprime a superação da inferioridade e a libertação da prisão em que caiu o homem. Ora, de que forma poderá continuar a manifestar-se esse impulso da vida? Em outros termos, na cadeia progressiva das revoluções, que funções e finalidades terá a próxima? Conquistada a liberdade política com a revolução francesa, a econômica com a divulgação dos princípios sociais impostos ao mundo pelo Comunismo (excluída a Rússia e seus métodos), concluída a grande revolução técnica operada pela ciência, com suas últimas conquistas sobre o

tempo e o espaço (libertação do limite) e com a máquina (libertação do trabalho material), qual outra liberdade poderá o homem procurar conquistar?

A grande palavra das Democracias, que as opõem à da justiça econômica, proclamada pelo Comunismo, é: Liberdade. Estamos nos antípodas da concepção totalitária. Mas, ambos os sistemas têm seus defeitos. Deixemos de lado os programas teóricos de justiça econômica ou de liberdade, e olhemos a substância, que está por baixo deles. Os sistemas totalitários de um lado, filhos, embora degenerados dos sistemas de comando por investidura divina - ainda que agora Deus seja eliminado deles - exercem um poder absoluto, a mais antiga e primitiva forma de poder, partindo do pressuposto de que o chefe possui uma verdade indiscutível, porque ele é superior e não erra. Na realidade, isto é apenas uma tentativa de justificação teórica, para cobrir a crua realidade, que é o domínio do mais forte que venceu. Segue-se daí que os princípios proclamados são obrigatórios para todos, todas as consciências estão amarradas a eles e têm que aceitá-los pela imposição. Sistema primitivo, o mesmo das teocracias, necessário nas primeiras fases mais involuídas da humanidade, quando o indivíduo ainda não tinha nem uma personalidade autônoma, nem capacidade de justiça. Sistema ótimo, se o chefe e a classe dirigente fossem verdadeiramente perfeitos. Mas o são eles na prática? Sem dúvida a verdade deveria descer do Alto, mas existirá de fato uma aristocracia superior, uma elite biológica, capaz de personificar esta função de captar e representar uma verdade que desce do Alto? Ou tudo isso, na realidade é apenas uma pretensão teórica?

Doutro lado, o sistema das Democracias, embora reapresentando uma fase mais avançada de vida, com formas mais livres de convivência social, presume maior consciência e autonomia pessoal, superior capacidade de

juízo, necessária para dirigir a nova liberdade mais vasta. É necessária uma consciência política para saber usar o direito do voto. É indispensável uma maturação e educação que se não improvisam. Com efeito, o povo russo, que não viveu a revolução francesa e lhe não assimilou os frutos, permaneceu sob o mesmo poder absoluto, pouco importando que agora o chefe supremo esteja vestido de vermelho. Tantas liberdades não podem ser concedidas aos povos menos evoluídos, e para eles um governo absoluto pode ser uma necessidade. Mas também no Ocidente, as massas, em parte, não estão preparadas para usar desse novo poder a elas concedido. Entretanto, usá-lo já é um meio para aprender a usá-lo. E enquanto o povo não aprender, é lógico que ele também suporte as perdas, sendo explorado pelos demagogos e depois sofrendo as consequências.

O sistema liberal tem, além disso, outro defeito. Se é adiantado no terreno da liberdade política, é atrasado no da liberdade econômica, problema que, enfrentado e desfraldado em cheio pelos países comunistas, embora atrasados estes no campo da liberdade política, é quase ignorado pelas democracias, em que esta liberdade pode resultar na outra, e livremente morrer de fome. É assim que, enquanto as democracias acusam de escravismo o regime comunista, este intitulando-se protetor dos pobres e paladino da justiça, prometendo, ainda que só com palavras, o bem-estar, que é aquilo a que as massas mais aspiram, pôde conquistar adesões que a concessão do direito do voto está bem longe de obter. Ao povo interessa mais resolver o problema de sua vida material que o de sua vida política. O primeiro representa uma realidade concreta, que cada um vive de perto. O segundo produz frutos remotos, coletivos, em que o indivíduo desaparece; frutos problemáticos, porque entregues em confiança a homens nem sempre conhecidos de perto, em que se tem uma fé

relativa. Isto porque, desde que o mundo é mundo, parece que os homens de governo tenham querido fazer convergir numa só direção a atividade educadora dos povos, ou seja, em ensinar-lhes, com o exemplo - o que mais persuade - a má-fé dos governantes, por um hábito próprio inveterado, que considera o poder, não como função social e missão, mas como meio de exploração em prol do benefício único egoístico e pessoal dos chefes.

Como se vê, o maior defeito não está tanto no sistema ou forma de governo, mas no valor mesquinho dos homens que o ocupam. Quando só se dispõe, para construir um edifício, de lama mole, é inútil escolher e mudar projetos. Com qualquer plano de construção a casa ruirá. Isto não significa, entretanto, que não se possa construir um bom governo também com o sistema do poder absoluto, desde que se tivesse um grande homem como chefe. Às vezes a natureza os gera, e isto poderia chamar-se um verdadeiro caso de investidura divina. Um homem de grande valor pode dar sua característica ao seu século e, se for dirigido por uma consciência superior e pelo senso de missão, o poder absoluto poderá ficar em suas mãos, sem perigo de abusos e a benefício de todos. E é verdade também que, ao menos teoricamente, o poder deveria descer do alto, de uma verdadeira aristocracia do espírito, isto é, de homens superiores, biologicamente selecionados, para que possuíssem eles as mais altas qualidades da estirpe, verdadeiros antecipadores da evolução e, portanto, os mais aptos a guiar e educar, que é a verdadeira tarefa do poder. E é verdade também que o sistema da representação pela escolha eleitoral, por parte das massas, eleva a juízes e árbitros, todos os elementos da nação, inclusive os inconscientes, os rebeldes à ordem, os indesejáveis. Não pode dizer-se que basta ser a maioria para representar o verdadeiro e o justo, para ter razão e poder melhor realizar. A demagogia, a mecânica eleitoral, a psicologia do

momento, podem criar maiorias de valor mínimo para o bem coletivo. E então o sistema eleitoral só é justificável como meio de expressão de tendências, quaisquer que sejam elas, porque podem manifestar-se livremente e lutar; ou então expressão de correntes de pensamento, que se formam no subconsciente coletivo ou psicologia da massa, a qual inconscientemente exprimiria o que o pensamento da História exige que se faça naquele momento. Mas, esta última justificação faria do cidadão votante uma molécula ignara, transportada pelas correntes coletivas, que seriam as únicas que verdadeiramente exerceriam o voto.

Dados estes defeitos do sistema parlamentar, perguntamo-nos então: por que neste caso não preferir o poder absoluto? Será, porém, que existem homens superiores, que justifiquem essa prática, dando-lhes sua superioridade, garantia de bom uso do mesmo? Não. São raríssimas as exceções. Eis então qual é a função do sistema representativo: a de suprir as deficiências de um indivíduo, com um sistema de controles; de evitar abusos com uma definição de atribuições, e de evitar, pela multiplicação dos detentores do poder, os erros, e com isso conseguir, ao menos, uma compensação a eles, e talvez sua eliminação. Então, teremos que considerar o sistema representativo não como um sistema que possa resolver tudo, em vista do que hoje é o homem, mas como o sistema que possa suprir melhor as naturais deficiências da natureza humana. A dificuldade consiste em procurar suprir a estas, com a bondade do sistema, de tal modo que se possa construir um método, em cujo enquadramento se consiga fazer funcionar até nulidades. Isto é o máximo que se pode pedir a um sistema. Mas, seu valor sozinho, jamais será suficiente para fazer tudo, e jamais poderá substituir-se ao valor intrínseco da matéria-prima, que é o homem, que é, e permanecerá sempre, o elemento fundamental de toda construção política e social.

Considerado, portanto, como é o homem em geral, levado a abusar do poder em seu favor e em favor de seu grupo, os sistemas totalitários são hoje inaceitáveis, praticamente. Para conseguir-se dano menor e obter-se uma aproximação menos remota de um Estado perfeito, só há hoje o sistema representativo. Com efeito, ele traz a vantagem de respeitar o indivíduo. Enquanto os sistemas totalitários procuram invadir até a alma dos cidadãos, impondo-lhes pensar de determinado modo e acreditar em determinada verdade, os sistemas democráticos respeitam a individualidade, pedindo ao cidadão, apenas, a realização de um mínimo ético, isto é, o que seja indispensável para a convivência social e a manutenção da ordem, na vida coletiva. Assim, aqueles sistemas deixam o indivíduo livre em sua fé e em seus pensamentos, até o ponto em que essa liberdade não prejudique a outros ou seja motivo de desordens. O enquadramento é muito menos de coação e menos apertado, a liberdade muito mais extensa. O que se condena nos Estados totalitários, é justamente o regime policial, o sistema terrorista, a sufocação da liberdade, a supressão de toda iniciativa pessoal, a quase-abolição do indivíduo, reduzido a máquina de produção e a função de Estado. Tal disciplina poderá representar um futuro Estado mais perfeito, como foi alcançado por algumas sociedades animais, por exemplo, as abelhas. Mas isto pressupõe uma elaboração biológica precedente, longa e dirigida a uma especialização de funções e a sua coordenação, e a vida para o homem se está agora apenas preparando para essas realizações. Essa disciplina formará o superior mundo coletivo do futuro, mas presume uma adesão livre a ele, em virtude de haver sido atingida a consciência de sua utilidade, numa forma que, se é vantajosa para todos, também não suprime a personalidade do indivíduo nem seu rendimento. Sem essa adesão, espontânea porque incorporada à própria natureza, torna-se essa disciplina uma

agressão à vida e um atentado às suas manifestações e rendimento. Torna-se então contraproducente.

As democracias têm a grande vantagem de deixar a vida livre de manifestar-se, desenvolver-se e formar-se segundo suas leis, e não conforme a vontade de um só homem, que oferece a probabilidade de ser um intérprete nada perfeito daquelas leis, mas somente a expressão de sua egoística vontade de domínio. Entretanto, o absolutismo pode ser suportável, e até mais adequado aos povos imaturos, que não saberiam usar a liberdade, porque ainda estão privados da consciência, que é indispensável para saber usá-la bem, e porque estão habituados a viver apenas na escravidão. É natural que, quanto mais involuído estiver um povo, tanto mais é necessária a força para dirigi-lo e tanto menos liberdade se lhe pode conceder. É sua maturação evolutiva que leva o homem dos regimes de absolutismo e força, à disciplina jurídica dos direitos e deveres de cada um, e até à livre aceitação por compreensão e adesão, sem mais necessidade de leis coletivas: evolução do ser humano, que aparece em todas as manifestações políticas, sociais e também religiosas. O poder absoluto e despótico do Deus de Moisés, pôde, assim, transformar-se na ordem amorosa de Cristo, e se transformará ainda mais, na livre adesão de homens convictos, por haver compreendido a bondade e sabedoria da Lei de Deus.

O grande problema para as democracias situa-se na escolha dos dirigentes, de uma elite do pensamento e da ação, a quem confiar as delicadas e difíceis funções de comando. O clássico sistema das aristocracias fechadas, animadas apenas de egoísmo de classe, atentas apenas a desfrutar as vantagens das posições conquistadas, e a caminho de esgotamento por falta de elementos renovadores, de fora de seu círculo estreito, está bem longe de resolver o problema. Infelizmente é o grau de evolução

da maioria que forma as correntes diretivas que são impostas também aos dirigentes. Não se deve acreditar que os governos possam tudo. Eles são apenas uma das forças que governam, e têm que prestar contas a todas as outras. Poderão eles ser o cérebro, mas de certo não são os membros, não são o ambiente social nem o momento histórico. Podem ser a parte melhor da máquina. Mas esta pode não segui-los. Eles mesmos devem compreender o que esta pode dar-lhes, se ela sabe e se pode obedecer, e até onde pode obedecer.

Daí ser necessária uma certa afinidade entre chefe e povo que, para segui-lo e obedecer-lhe, há de achá-lo, sem dúvida, mais evoluído que ele, porque só assim sente sua superioridade; mas, ao mesmo tempo, não muito distante de si, porque então não o compreenderia mais. É necessário que o chefe saiba ter os pés em terra, na realidade de todos, mesmo se isto implicar algum defeito que, aliás, é o que o aproxima da compreensão das massas. Estas, em seu atual grau evolutivo, exigem, antes de tudo, uma manifestação de vontade e de força, pois isto lhes dá a sensação do pastor capaz também de defender seu rebanho. Um santo, um homem apenas de grande engenho, sem qualidades de dominador com que se imponha, seria rapidamente liquidado. Na mentalidade de muitos, é especialmente o chicote que incute respeito, é particularmente o poder material que gera a estima. Há uma harmonia de equilíbrios na vida, pela qual os povos têm os chefes que merecem e os chefes têm o povo que merecem.

Diante desse problema da escolha dos governantes, de cuja solução parece tudo depender, observemos que, não obstante, ele tem uma importância relativa. Acreditam os homens que são eles que guiam os acontecimentos, e apenas o fazem em parte; acreditam que sejam os chefes que decidem a sorte de uma nação, ao passo que, muitas

vezes, são apenas forças concomitantes. Quem já compreendeu que é a inteligência da História que verdadeiramente dirige tudo, dará valor relativo às formas de governo e ao problema da escolha. Na prática, nos fatos, esta escolha se realiza igualmente, qualquer que seja a forma de governo, por seleção do mais adaptado e por eliminação dos rivais. E quando um chefe não corresponde mais à sua função, qualquer que seja a forma de governo, as leis da vida livram-se igualmente dele liquidando-o, se este não lhes serve mais para seus objetivos. As formas de liquidá-lo poderão mudar, mas o princípio permanece: a vontade da História manda mais que os chefes, escolhe-os, confia-lhes tarefas, tira-os do posto, sempre em vista de seus objetivos. Esta verdade fundamental permanece verdadeira em qualquer regime. Portanto, em substância, o problema da escolha dos dirigentes é mais um problema da vida que um problema do sistema representativo. Muda a forma, mas fica a substância igual, em qualquer regime. Quando soou a hora de ser posto de lado um chefe, não há regime totalitário, absoluto ou policial que o salve. Será afastado por morte violenta ou pela revolução, se isto for necessário, em vez de sê-lo pela falta de maioria de votos, mas será afastado da mesma forma. Temos que convencer-nos da relatividade de todos os regimes, sistemas e expedientes humanos, diante da sábia direção de Deus. Temos que convencer-nos também de que, quando um homem é necessário ao momento histórico, quando é apto a desempenhar uma função vital ou missão, e ele a aceita, qualquer que seja o regime escolhido, a vontade da História achará o modo de, para alcançar seus objetivos, fazer chegar esse homem ao devido lugar, para dar cumprimento à sua missão necessária, como o quer a História.



Observemos, em seu significado, a revolução francesa e depois a russa. Vimos que o fio condutor que as liga e as guia numa direção única, é a conquista da liberdade, aos poucos, segundo a evolução atingida pelos povos. E é justamente levando em conta este conceito acima exposto, do domínio da vontade da História, que podemos prever qual será o novo passo à frente, que ela vai querer que a humanidade dê, no caminho da conquista dessa liberdade. A revolução francesa, abolindo os privilégios, na igualdade, deu ao mundo a liberdade política. A revolução russa, combatendo os abusos da riqueza com a justiça, dará ao mundo a liberdade econômica. Se o caminho da História é um processo de libertação, que vai da escravidão a uma liberdade cada vez maior de que tipo poderá ser a liberdade que a nova revolução quererá conquistar? A lógica, que forçosamente está no desenvolvimento do pensamento diretivo da História, dar-nos-á a resposta.

A terceira revolução já começou. As revoluções podem levar até séculos de preparação. O progresso técnico da ciência está preparando as bases materiais, em que se apoiará a nova liberdade. São elas a superação dos limites de espaço e tempo e a libertação do homem do trabalho material, por meio da máquina. A nova conquista da liberdade elevar-se-á sobre as já realizadas pelas duas precedentes: a liberdade política e a econômica. O homem ficará libertado da ideia fixa da preocupação econômica e será servido pela máquina, acionada pela energia atômica. Mas poderá ele, chegado a esse ponto, deter-se e dormir sobre os louros? Não. A vida não pode parar, e com estes novos meios, que se movem de novos pontos de partida, ela continuará a avançar por novas estradas não exploradas. Dominado o planeta, eliminadas as guerras, alcançada a ordem e a paz num governo mundial único, sistematizado a serviço do homem o ambiente externo, será iniciada a penetração no mundo do imponderável, do supersensório,

onde jazem inexploradas as minas do espírito, os continentes do mundo interior, as forças mais sutis, penetrantes e poderosas do ser. A revolução será pacífica, mas será a maior e a mais decisiva, porque deslocará o eixo, em torno do qual gira o pensamento humano, porque ela ocorrerá no profundo, mais próximo à substância das coisas e, avizinhandose da fonte primeira do ser, que está no espírito, transformará nossas formas de vida individual e social.

O edifício da liberdade irá elevando-se, assim, cada vez mais alto. As faculdades de raciocínio, que se vão sempre mais afirmando, em larga escala nas mentes do mundo civilizado, já preparam o homem, mesmo no fundo da decadência atual, para que possa compreender claramente as verdades, que até agora só foram reveladas e que permaneceram escondidas nos mistérios. E o homem poderá ser religioso por compreensão direta, e não apenas pela fé. A revolução é complexa, com mil aspectos, repercussões e consequências práticas. Realizar-se-á na profundidade da alma, e realizar-se-á porque os tempos estão maduros, e a vida quer subir ainda, e não poderá deter-se. Após as duas últimas revoluções, a liberdade foi conquistada em todas as direções, menos nesta, que é a única em que ainda não se desenvolveu. Se o progresso, que é lei fatal, quiser continuar, só poderá seguir esse caminho. Tendo sido conquistadas as outras formas de liberdade, só há este outro tipo, para continuar a inevitável ascese da evolução.

Utopia? Mas que utopia maior que esse contínuo desenvolvimento do ser e seu progresso em direção a formas de vida mais altas? E, no entanto, esta utopia se está realizando permanentemente no tempo. Os critérios que o pensamento diretivo da vida segue, são diferentes dos humanos, e quando algo está escrito no livro da Lei, qualquer milagre tem que acontecer e é lógico que a utopia

se realize. No momento em que iniciou a guerra, não parecia utopia que a Alemanha a perdesse? Há cem anos não era utopia o rádio? A utopia existe nas aparências exteriores, que são os únicos elementos que a razão humana, em geral, leva em consideração, mas não o é na lógica da História.

Falar de uma nova civilização do espírito poderá parecer, hoje, uma loucura, diante da ameaça do colosso russo que adombra o mundo. No entanto, o colosso tem os pés de barro. Parece senhor, mas está acorrentado ao seu sistema, que não é o Comunismo, mas a violência e o terror, pelos quais na Rússia todos sofrem e tremem, desde o chefe supremo até o último cidadão. A grande ideia da justiça social, nas mãos de outro povo e lançada com outros sistemas, já teria conquistado o mundo. Mas essa ideia, fechada naquele sistema, não pode frutificar, porquanto aquele sistema significa autodestruição. Uma autodestruição por causa do sistema errado e por causa de quem o utilizou, mas não pela ideia em si; esta, embora obrigada a nascer na Rússia, porque só assim, vestida de violência, podia destruir, abandonará seu duro berço e a terra materna, para crescer e caminhar pelo mundo. Não há necessidade, pois, de agredir a Rússia. Se não for destruído pelos outros, será o próprio Comunismo soviético que matará o Comunismo soviético. E uma vez eliminada esta sua forma e seu sistema de terror, o Comunismo invadirá o mundo. Mas talvez, então, chamar-se-á simplesmente Evangelho.

Vimos que o processo lógico da História tende à construção do edifício de todas as liberdades. Mas, estas só se podem conquistar sucessivamente, como os pavimentos de uma casa só se podem construir um após outro. Sobre a liberdade política, elevar-se-á a econômica, e sobre esta a liberdade do espírito. Esta última será a conquista maior, resultado de um esforço maior, realizado por necessidade

de circunstâncias a uma curva da História, e desejado pelo pensamento diretivo dela. As três revoluções não estão desligadas, mas representam o mesmo esforço continuado, para alcançar uma libertação cada vez mais completa das sempre mais estreitas formas da escravidão em que estava preso o homem, com sua descida ao longo do caminho involutivo. Se este foi um caminho de encarceramento, o atual progresso é um processo de desvencilhar-se. A primeira fase, involutiva, faz precipitar no limitado, a segunda faz evadir-se dele. É por isso que o homem anseia ascender, de liberdade em liberdade, porque esta é a lei de sua evolução. A próxima curva da História só pode, pois, oferecer-nos uma nova e mais alta libertação de todas as escravidões. É um ascender progressivo, que recorda o desabrochar de uma flor, para achar, cada vez mais perto, o espírito e a substância; é um reconquistar, por graus, a liberdade completa, já possuída no ato da primeira criação, como ser perfeito, e perdida por vontade de revolta.

Observemos os degraus desta ascensão. O liberalismo das Democracias, filho da Revolução Francesa, deu-nos a liberdade política. O Comunismo, filho da Revolução Russa, desvencilhado do absolutismo e totalitarismo russo, dar-nos-á a liberdade econômica, na pacífica forma evangélica. Alguma outra nação a quem ninguém hoje repara no mundo, mas que de certo se está amadurecendo em silêncio, dará ao homem a consciência de si mesmo e a liberdade espiritual. Como em todas as revoluções, começa lentamente a acumular-se a pressão interior, que explora o ambiente à procura do ponto de menor resistência, para depois abrir-se uma brecha e explodir como manifestação exterior, aquela que depois é a única a ser percebida pelos homens. O pensamento da História dirige os movimentos, canaliza o esforço, ajuda a explosão, preparando os acontecimentos úteis ao objetivo. O bom êxito de uma revolução é o resultado de mil forças que têm que ser

coordenadas, numa orquestração perfeita. Este trabalho não pode ser feito pelo homem, que ignora tudo isso, mas só pelo pensamento e pela vontade da História. Haverá, pois, o concurso de acontecimentos históricos que, mudando as atuais condições do mundo, tornarão possível o que hoje parece utopia.

Qual será a nação escolhida? A vontade da História, sendo um momento da Lei de Deus, respeita o princípio universal de liberdade. Prepara, pois, ajuda, oferece, mas não obriga. Com efeito, uma não-aceitação da missão que deve realizar esse passo à frente, produziria apenas um atraso ou uma deslocação topográfica mas, mais cedo ou mais tarde, o fenômeno se verificaria da mesma forma. Já o afirmamos a propósito das outras revoluções. A nação escolhida será, pois, aquela que, achando-se em condições adequadas, estiver pronta ao oferecimento; será aquela que, mais tarde, quiser aceitar esse oferecimento e também souber pô-lo em prática. Se se realizar tudo isso, essa nação terá a glória de ter feito o mundo dar um passo à frente. Depois disso, a ideia, onde quer que tenha nascido, se desligará de seu berço, deixará sua gloriosa mãe e caminhará pelo mundo, porque pertencerá ao mundo.

Já bastante falamos alhures, e não é mister voltar a explicar a natureza desta nova transformação. Pode ser chamada a nova civilização do terceiro milênio, ou o advento do Reino de Deus. É a demonstração e a prática do Evangelho, o que implica já haver terminado a conquista das duas liberdades menores, a política e a econômica, para alcançar a liberdade que só um ser consciente pode possuir. Esta só pode nascer em base à aplicação do Comunismo, entendido como justiça social, tal como foi ditada pelo Evangelho. Esta é a consequência lógica das duas conquistas precedentes. Dissemos acima que a ideia da justiça social já teria conquistado o mundo se fosse lançada com outros sistemas. A nação escolhida, portanto, terá que

começar a pô-la em prática e lançá-la, livre do absolutismo e do totalitarismo russo. Só em tais bases de verdadeira justiça social, sem escravidão nem terrorismo, poderá ser iniciada a terceira revolução. Não nos espantemos com esta palavra, que ela também pode aplicar-se à obra de Cristo, que foi a revolução mais pacífica e, no entanto, foi a mais profunda. As armas e a imposição à força atuam no exterior, na superfície, por coação, com resultados efêmeros, porque não penetram a alma, em que está a raiz de toda a nossa atividade. Trata-se aqui, ao contrário, de uma revolução interior, em profundidade, uma revolução do sistema, que leva à adesão espontânea por livre convicção.

Assim como o mundo passou da injustiça dos privilégios de classe à justiça das igualdades políticas, como está passando da injustiça da super equação econômica à justiça de uma distribuição mais equitativa dos bens, assim passará da escravidão do trabalho material à libertação dele com a máquina e com a ciência (domínio sobre as forças da natureza), e passará depois da ignorância ao conhecimento, e, enfim, do conhecimento à bondade. Muitos, hoje, praticam o mal sobretudo porque ignoram a grande vantagem para si mesmos, de fazer o bem, ignoram o lado utilitário da retidão em todos os campos. O mundo não conhece ainda hoje a técnica deste novo utilitarismo, e comete erros contínuos, que ele vai pagando. É este caminho de esclarecimento racional, a estrada mestra para chegar à ordem, dada pela retidão; estrada que, em virtude das qualidades racionais estarem mais desenvolvidas, o mundo está hoje mais apto a percorrer. Disto nascerá uma convicção clara, como a de quem tudo viu e verificou, convicção que será muito mais forte e poderosa na ação, do que um ato de fé, às escuras. A fé é uma necessidade da humanidade infantil ainda, mas não poderá mais bastar para satisfazer a uma humanidade que se está tornando adulta.

O mundo está debatendo-se hoje entre as duas ideias: a justiça social pregada pelo Comunismo e a liberdade proclamada pelas Democracias. E eis que surge a terceira ideia. Sem saber, as duas precedentes são instrumento de preparação para esta terceira e, sem querer, estão trabalhando concordemente para seu advento, pois estabelecem as bases de justiça econômica e de liberdade, necessárias para que, sobre elas, possa elevar-se a superior construção da terceira ideia. Esta destilará o que de melhor houver no Comunismo e nas Democracias e, neste plano mais alto, fundirá as duas ideias, hoje rivais, libertando-se dos defeitos de ambas. Assim, só a terceira ideia poderá resolver equitativamente os conflitos, vistos até hoje unilateralmente e, por isso, ainda insolúveis. Ela poderá então irmanar os inimigos capital e trabalho, sem que o primeiro explore o segundo, e sem que o segundo explore o primeiro; assim, ela respeitará as conquistas milenárias da civilização, levando-as mais adiante sem destruí-las; isto é, respeitará a propriedade e a família, a individualidade e sua inteira iniciativa, mas exigirá que tudo seja feito, especialmente em favor dos deserdados, com um princípio superior de retidão, que é o único que pode melhorar as instituições. Seu defeito principal é sempre o mesmo: saber usar isso bem. O que importa é eliminar esse defeito.

A culpa não está nas formas, mas na má vontade que as anima. Acreditar que seja possível essa transformação parece loucura, quando olhamos em torno e vemos o homem de hoje. Mas, também há cem anos, o voo parecia loucura. E o futuro pertence não aos conservadores e repetidores do passado, mas aos pioneiros corajosos, que racionalmente sabem preparar as realizações dos grandes sonhos da humanidade. Que significado teria - e não seria estúpido e inútil - esse jogo de nascer, viver e morrer, através de tantos esforços e tanta dor, se não fosse para ascender, evoluindo para o que é melhor? Até agora, o rei

do planeta, vencedor de todas as outras espécies, é ainda um ser meio-homem e meio-animal, que funciona em grande parte do instinto, como os animais, que ainda não sabe exatamente porque nasce, vive, sofre e morre, e que, não tendo conhecimento exato das leis e do porquê da vida, não sabe agir conscientemente, por convicção, mas apenas por coação, ou por medo, ou por imitação, ou por fé.

A conquista desta nova liberdade exige a formação dessa nova consciência, porque doutra forma se tornaria descontrolada licença, cheia de abusos perigosos. Esta nova liberdade significa que o homem, até agora criança, guiado pela revelação, pelas religiões, leis civis e sanções, e assim, enquadrado forçosamente numa ordem moral e social, já terá agora que caminhar por si mesmo, guiado por sua livre-autonomia de julgamento, um guia não mais imposto de fora, mas que conscientemente nasce do seu interior. Para atingir, porém, isto, torna-se indispensável nova consciência, que só pode nascer começando pelo conhecimento. Isto significa uma visão bem clara de todos os problemas, ter resolvido todos os mistérios, conhecer os bastidores espirituais que estão por trás dos fenômenos, descobrir o pensamento da Lei que tudo dirige, sentir Deus imanente e conformar-se totalmente à Sua vontade. A fase da ordem, imposta com a força, está quase superada. Há de nascer uma ordem livre, filha da convicção de quem tudo compreendeu. Esta é a nova liberdade que temos de conquistar. O mundo está materialmente feito. Torna-se mister fazer o homem, sem o que, não é possível progresso ulterior.

Trata-se de um trabalho imenso. A Ásia e a Europa deram seu fruto. Cabe às jovens Américas empreender este novo caminho. As velhas civilizações oferecem seus frutos de milênios de lutas e dores, sem o que nada se cria, para que hoje frutifiquem nas terras virgens, com elementos mais jovens e virgens. A nação que quiser apanhar esta

ideia, a terceira ideia, e a fizer sua, será grande na História. Será a nação que quiser transformar em instituições e vida social vivida, os princípios da Lei de Deus, não só através da fé, mas claramente explicada e racionalmente demonstrada, até o fim. Para iniciar isso, requer-se um gênero de elite ou classe dirigente, bem diferente da que procuram escolher nas filas do povo os sistemas eleitorais vigentes. Trata-se de uma aristocracia do espírito, em que se encontrem e unam os tipos biológicos que já chegaram ao amadurecimento, e dispersos hoje pelo mundo. Sua tarefa é formar o modelo das novas formas de existência. Nestas conquistas, a vida lança primeiro para o alto um pequeno grupo selecionado, como antena de exploração, qual primeira tentativa de antecipação da evolução. Este é o primeiro passo da revolução em sua fase manifesta, e sucede à fase subterrânea de incubação. O primeiro grupo dos mais valentes forma a corrente nova em que, aos poucos, por imitação, em condições de certos ambientes mais aptos, seguem amarrados depois os pesos-mortos das massas. Mas, o impulso dinamizante está antes de tudo na vontade da História, da qual, através dessa aristocracia de novos intérpretes e executores, esse impulso se transmite ao elemento sempre passivo, a matéria inerte das maiorias.

Desta vez não será a aristocracia dos privilégios encarregada de criar um tipo mais requintado, nem a aristocracia burguesa do capitalismo encarregada de criar a industrialização e o poder econômico, mas será a aristocracia da inteligência, que compreendeu o tremendo poder do pensamento, a aristocracia da bondade, não somente produto do coração, mas também da mente que compreendeu o grande rendimento utilitário da retidão na vida individual e coletiva. E, dado que a vida é sempre luta contra algum inimigo que obstaculiza a emancipação, desta vez o inimigo não será mais o próprio semelhante, que vamos agredir, mas a nossa própria natureza animalesca

para superá-la e vencê-la. Como se vê, guerra contra ninguém, mas apenas contra as inferiores leis da vida, que ainda sobrevivem no homem, com o fim de sobrepujá-las. A emancipação da animalidade - eis a nova conquista; ou seja, um requintamento de vida, não só na forma de fidalguia exterior, mas na substância, que é uma atitude psicológica de compreensão para com o próximo, de ordem na vida social, de bondade para com todos os seres.

Embora tudo isso possa parecer utopia, não há outro futuro, se quisermos que haja verdadeiro progresso. Esta é a nova ordem do mundo. Só assim poder-se-á alcançar a eliminação de tantos atritos sociais, que custam tantas dores, conseguir novo aperfeiçoamento de relações civis e mais precisa e justa coordenação, em sentido orgânico, para melhor convivência de todos. Está nas leis da vida esta necessidade de cada vez termos uma coordenação mais perfeita; é fatal que o mundo se avie para a formação de unidades sempre mais vastas e compactas. A luta futura será contra tudo o que é antissocial, contra quem quisesse resistir a essas novas formações, que são instinto humano, necessidade da vida, e representam o mais vantajoso e utilitário sistema de rendimento da atividade humana.

Mas para alcançar esse grau mais evoluído de bem-estar, em que devem desaparecer todas as opressões e coações, para ter direito a esta muito mais ampla liberdade, é necessário formar-se novo sentido de autodisciplina interior, porque senão a nova liberdade se transformaria em arbítrio e abuso e, ao invés de conseguir-se uma nova ordem, isto constituiria um elemento de desordem. Cada superação de limites traz um afrouxamento de freios, e implica, portanto, a necessidade da formação de uma nova consciência para que, sirva de freio à nova liberdade. Trata-se de uma deslocação da função constrictiva protetora, que parte da coativa, imposta do exterior e que tem que ser suportada à força, para uma livre, imposta pelo íntimo e

aceita porque se lhe compreenderam as vantagens. Deve subsistir sempre uma norma, sem o que a liberdade se tornaria arbitrariedade. Apesar de o homem ansiar mais por esta que por aquela, isto é, compreenda arbítrio, quando fala de liberdade, há a sabedoria da Lei que supre a loucura do homem, não lhe concedendo acesso a novas liberdades, enquanto ele não tiver formada a consciência, apta a saber usá-la sem danos para si. E que faria o homem, senão constantes desastres contra si mesmo, se a Lei não soubesse tudo por ele e não o guiasse mesmo à força a cada passo?

É assim que a História concede novas liberdades aos povos, só em relação à maturidade que eles atingiram. Poderiam ter todas as liberdades, mas o que estabelece a medida dessas concessões é somente o nível de evolução. Assim, estas são acessíveis apenas por graus, e as revoluções só podem conquistar estavelmente as liberdades que mais tarde os povos poderão usar. As outras, para as quais não se está maduro, mesmo se adquiridas por alguns momentos, são rapidamente perdidas. Sobe-se por isso pouco a pouco. O caso limite desta subida é dado pelo ser ao qual podem ser concedidas todas as liberdades, porque ele conquistou o conhecimento da Lei e, portanto, está em grau de compreender o dano que a si mesmo causaria se dela abusasse, e por isso não há mais perigo que abuse. Então, absolutamente livre já, funde-se espontaneamente com o determinismo da Lei, e faz a vontade de Deus ser sua vontade. Em outros termos, o ser, chegado novamente à perfeição, supera todo o separatismo, toda diferença entre si mesmo e a Lei, pois o máximo grau de liberdade coincide com o grau de obediência máxima, na ordem perfeita. Este é o ponto final do caminho que vai do caos até Deus.

4. OS TEMPOS SÃO CHEGADOS

A Salvação do Mundo

Digníssimas Autoridades,
Senhoras e Senhores.

Meus amigos:

"Os tempos são chegados",
é o tema que vamos desenvolver nesta palestra.

"Os tempos são chegados." Este, meus amigos, é o tema que me foi apontado por inspiração do Alto, desde a primeira das Grandes Mensagens de Sua Voz, no Natal de 1931.

Embora eu tivesse chegado ao Brasil, na minha primeira visita, em 1951, no meu sexagésimo quinto ano, esta grande terra estava já marcada desde minha mocidade, no meu destino, tanto que a minha tese de formatura em Direito, foi um livro sobre o Brasil. Eu sentia como que uma atração instintiva e irresistível por este país, até que em dezembro de 1952, por fatos imprevisíveis por mim e mais poderosos que minha vontade, milagrosamente vencendo todas as dificuldades, cheguei definitivamente com a família, para trabalhar aqui e dar o melhor fruto da minha vida, até a morte.

Para melhor compreender, releiamos juntos alguns trechos da Mensagem do Natal de 1931, que nos oferece o tema fundamental e aqui iremos desenvolver. Cada um fica livre de aceitar ou não a origem sobrenatural desta Mensagem, mas o fato positivo, fazendo refletir que aí há um poder que não é meu, é que ela, embora eu fosse desconhecido, se espalhou por si mesma pelo mundo - Europa, Américas do Norte e do Sul, nos países árabes e na Ásia até a Indochina, atingindo um milhão de exemplares.

Era a Noite de Natal de 1931, e eu estava desanimado pelos demasiados sofrimentos, quando, como um relâmpago que me colheu desprevenido, eu, tremendo, escrevi estas palavras:

"No silêncio da noite santa, escuta-me. Põe de lado todo o saber e tuas recordações; põe-te de parte e esquece tudo. Abandona-te à minha voz, inerte, vazio, no nada, no mais completo silêncio do espaço e do tempo. Neste vazio, ouve minha voz que te diz: ergue-te e fala: "Sou eu".

(...) Falo hoje a todos os justos da Terra e os chamo de todas as partes do mundo, a fim de unificarem suas aspirações e preces numa oblata que se eleve ao céu. Que nenhuma barreira de religião, de nacionalidade ou de raça os divida, porque não está longe o dia em que somente uma será a divisão entre os homens: justos e injustos.

A divisão está no íntimo da consciência e não no vosso aspecto exterior, visível (...). Minha palavra é universal (...). Uma grande transformação se aproxima para a vida do mundo.

(...) Assim como a última molécula de gelo faz desmoronar o "iceberg" gigantesco, assim também de uma centelha qualquer surgirá o incêndio (...).

(...) A destruição, porém, é necessária. Haverá destruição somente do que é forma, incrustação, cristalização, de tudo o que deve desaparecer, para que permaneça apenas a ideia, que sintetiza o valor das coisas (...). Grande mal, condição dum bem maior.

Depois disto, a humanidade, purificada, mais leve, mais selecionada por haver perdido seus piores elementos, reunir-se-á em torno dos desconhecidos que hoje sofrem e semeiam em silêncio, e retomará, renovada, o caminho da ascensão. Uma nova era começará" (...).



Assim falou a primeira Mensagem de Sua Voz, do Natal de 1931. Já expliquei num artigo, "Princípios", em 1952, que as religiões tem três fases: a "primeira", a mais antiga, é a "terrorista", feita por um Deus vingativo, que se faz obedecer inexoravelmente, punindo com a lei de talião.

"A segunda", mais recente, é a "ético-jurídica", feita de uma codificação de normas da vida. É o evoluir da natureza humana inferior, que pode permitir uma manifestação de Deus, fazendo transparecer cada vez mais Sua Bondade.

Somente hoje a maturação pode permitir que, sem o perigo de abusos, antes temíveis, se possa passar "à terceira fase", a da "compreensão", na qual as religiões são livres e convictas, cada vez mais transformadas, da forma, em que lutam os interesses, na substância - o Amor.

Hoje se passa da segunda à terceira fase. Penetra-se na fase do amor. Não mais luta entre rivais, mas colaboração de irmãos.

Brevemente o mundo se organizará sobre um princípio que não será dado por um imperialismo religioso, isto é, pela vitória de uma religião que, por absolutismo, se imponha a todas as outras. Não é por este caminho que se chegará à unidade, ou seja, a um só rebanho e a um só pastor.

O único pastor será o "Cristo", e o único rebanho será formado por uma humanidade em que as várias religiões não se combatam e não se condenem reciprocamente; ao contrário, se compreendam e coordenem, fazendo dos homens todos, filhos diante de um único Deus, um só Deus, Pai de todos.



O mundo materialista de hoje, na realidade vivida, desinteressou-se do Cristo. Repudiar o Evangelho significa não aceitar a lei de um plano biológico mais evoluído,

significa recusar-se a progredir e a civilizar-se. Ir contra as leis da vida, querer pará-las no seu caminho de ascensão, significa ser atingido por suas terríveis reações. E esta foi a terrível encruzilhada em que a humanidade quis cair!

Cristo não é somente um fato histórico ou fenômeno religioso; é o mais alto acontecimento biológico do planeta, acontecimento perante o qual deverá prestar contas a humanidade, que nunca poderá fugir às leis da vida. Cristo deixou-se sacrificar para nos dar a verdade. Acreditou-se tê-Lo destruído, matando-O; tê-Lo afastado, negando-O. Mas o espírito, a verdade e as leis da vida não se podem destruir. Cristo faz parte do fenômeno vida e não pode morrer. Ele está vivo, e sempre vivo estará entre nós, presente e operante como força viva. Ninguém pode parar a Sua ação.

Cristo ainda está esperando ser tomado a sério depois de dois mil anos. Os santos hoje são poucos, e as multidões seguem outro caminho. E o homem, na sua ignorância, acredita erroneamente que a paciência misericordiosa de Deus seja a sua própria vitória. Neste ponto a humanidade se encontra no caminho da descida. A multidão é ignorante e obstinada, e se faz forte pelo número. Tendo ela tomado demasiada velocidade na descida, sempre mais difícil se torna retomar o caminho da subida. Agora somos chegados a um ponto que nem mesmo com uma explicação racional apoiada na lógica e na ciência, se poderá obter a verdadeira compreensão. A destruição, então, se faz necessária, visto que aquele que quer parar o progresso da vida, por esta mesma vida será destruído, pois a lei quer que ele avance, e por isso, ela afasta todos os obstáculos.

O fenômeno deve de qualquer maneira ser resolvido. As forças progridem e devem de qualquer modo realizar-se. Não há outro caminho que não seja o do aceleração. Que os maus, como fala o Apocalipse, tornem-se cada vez piores, e os bons cada vez melhores, de modo que eles sempre mais possam se separar uns dos outros, e a justiça

se cumpra. Neste ponto, a solução não mais se pode encontrar voltando para trás, mas somente no choque violento entre as forças do mal e as do bem, pelo fato de que já estamos na guerra, e não podemos chegar ao fim senão como vencedores ou como vencidos. Chegou a hora do grande julgamento, no qual se terá de fazer a prestação de contas. Aqueles que mais dificilmente poderão ser salvos são os astutos, os poderosos, que são os maiores responsáveis, por terem eles nas mãos os meios de direção da riqueza e do poder.

Os dirigentes, desorientados, pela falta duma concepção suficiente para resolver os problemas da vida, percebem esta corrida em direção do abismo, e desejariam descobrir meios práticos de salvação. Infelizmente, porém, no repertório econômico, político e social deles, não existem tais meios para evitar estes golpes. Todo o sistema vigente está errado. Ele se baseia na força. E ninguém pode impedir que quem use da espada, por ela pereça. O nosso mundo somente confia na força, e portanto não pode merecer a intervenção de poderes superiores para a sua defesa. Ao contrário, ele os renega com seus atos. E quem não tem senão a força, não pode prescindir dela.

Ela guia a destruição porque o choque é inevitável. Ele é uma consequência necessária e fatal do sistema hoje vigente no mundo, que fica assim inexoravelmente preso na sua própria armadilha, sem possibilidade de saída. Tudo isso é consequência do grau de involução no qual o homem atual se acha, porque ainda se encontra no plano semianimal.

Quantas vozes espirituais se levantaram, quantos mártires se sacrificaram, para que o mundo evoluísse! Mas o homem continua pertencendo ao plano biológico do animal. Por isso ele deve aceitar as duras leis deste plano. Mas, desde que, neste ponto, ele já demonstrou não querer evoluir, a maioria que pertence a este tipo biológico,

poderá ser afastada do planeta, de modo que este possa progredir por intermédio dos poucos evoluídos que pertençam a um plano biológico mais alto.

Tudo isso acontece automaticamente. Isto porque a concórdia e a organização são condições dos evoluídos, enquanto o separatismo, a luta e a desorganização são qualidades dos involuídos. De modo que estes são guiados pela sua própria natureza e sistema, para serem eliminados, exterminando-se uns aos outros. Não é um fato de que o mundo continua se armando, porque não mais acredita nas armas? O que pode acontecer neste mundo assim feito, senão destruição, quando com o sistema vigente de força, os problemas não podem mais ser resolvidos senão pela força; quando nenhum outro modo tenha, para sobreviver, senão se constituindo como os mais fortes, porque ao primeiro sinal de fraqueza de uma das partes, a outra estará pronta ao assalto para destruir? Não é esta a lei de muitos de nossos atos? Hoje o mundo é uma gigantesca corrida de lutadores egoístas, cada um procurando aproveitar o máximo possível do seu próximo. A melhor habilidade nos negócios e na política é, muitas vezes, julgada ser aquela de saber enganar e expoliar o próximo. Os métodos modernos são muitas vezes uma sobrevivência dos antigos modos de pilhagem, de rapinas, da destruição dos fracos.

Pois bem, há entretanto, uma lei de progresso, que nos impulsiona para a civilização, o que quer dizer que é preciso acabar com tudo isso, até serem afastados todos aqueles que demonstraram não serem acessíveis a esta forma de vida. E estes seres não estão isolados somente numa nação particular, mas em todas as nações do mundo. Há muitos inocentes e muitos culpados. A culpa está distribuída por toda a parte, de modo que mais ou menos, muitos deverão pagá-la, e o próprio sistema deles os levará a um recíproco choque fatal, para serem destruídos uns pelos outros, sejam vencedores, sejam vencidos.

O mundo, na prática, não acredita em Deus. Os fatos é que valem. Faz-se muita questão de ortodoxia de princípios, mas pouca daquilo que mais importa, isto é, a retidão das obras. O mundo não leva em conta que tem uma lei, e embora conhecendo-a, às vezes esquece que o passado, o presente e o futuro estão fatalmente ligados por todos nós, que assim recolhemos a cada momento as consequências de nossos atos. Assim, o mundo não toma conhecimento de que, com todo nosso pensamento e todo ato, nós semeamos o nosso futuro de alegria ou de dor, não toma conhecimento da absoluta fatalidade das consequências, seja de prêmio ou de pagamento. Do mesmo modo, a sociedade humana está toda ligada por uma série de liames, que não são aqueles que os homens julgam ser, somente os das relações jurídicas ou de parentesco físico. Há também uma rede de relações cármicas, de débitos e créditos que nos vinculam uns aos outros, e que são os mais importantes. As proteções jurídicas e as da astúcia e da força ficam na superfície, e não são suficientes para nos defender da fatal reação da Lei. O que vale é o efeito das causas que pomos em movimento. Quem indebitamente ganha, também devedor fica, e por conseguinte terá que pagar, e poder legal ou humano algum, poderá impedi-lo. Quem foi injustamente explorado, torna-se credor e fará jus da sua compensação. Quando se constituem relações desta natureza no destino de vários indivíduos, os liames permanecem até que as contas sejam solvidas, entregando a cada um aquilo que for de seu direito. Assim, o vencedor que acreditou ter triunfado, deverá cair aos pés do vencido. Se o homem pudesse compreender uma lei assim tão simples, toda a estrutura social tornar-se-ia diferente.

O homem atual muitas vezes acredita ser inteligente quando consegue defraudar a lei de Deus. Mas, como pode acreditar seja possível defraudar as leis da vida? Isso é loucura! Mas, o homem é míope e ignorante. Ele fica

satisfeito com o sucesso imediato. E depois? Para a grande maioria isto é uma neblina de mistério. O sucesso imediato deixa-o acreditar ter conseguido enganar o próximo e a Lei; entretanto ele somente conseguiu enganar a si mesmo. E olhando para os outros somente por fora, ele acredita não haver justiça no mundo, por ver os maus triunfarem e os justos serem esmagados. Mas, ignora que a vida continua e que não se pode julgar somente pelo breve espaço de uma vida terrena.

Depois vemos nascer tantos desventurados e não sabemos porquê! Assim, aquele que acreditou vencer, pelo contrário, perdeu e acreditando enganar o próximo, não enganou senão a si mesmo. Podemos falar assim, não porque nos baseamos sobre a doutrina desta ou daquela escola, mas porque estas conclusões foram obtidas através da observação dos fatos e conduzidas na forma científica positiva, como temos alhures demonstrado.

Assim, o homem louco vai criando para si um destino de dor. Ele é o arquiteto do seu próprio futuro. Com a sua avidez, ele cria a sua miséria, com o seu orgulho, a sua humilhação, com a sua prepotência, a sua derrota. Trata-se de uma lei de causa e efeito, de continuidade e de equilíbrio, que é confirmada por todas as outras leis que a sustentam, e que são por nós conhecidas no mundo físico e dinâmico. Esta teoria é a que mais concorda com tais leis. Ela poderia renovar o mundo. Hoje o homem está enlouquecido pelo sucesso e faz consistir seu valor na aquisição e no acúmulo da riqueza, sem dar importância aos meios usados. Vencer é o grande sonho, seja de que maneira for, pois o vencedor é sempre admirado.

Mas no Alto há uma lei de justiça inexorável: os débitos devem ser pagos; quem faz o mal, o mal receberá, quem faz o bem, a ele fará jus. Podemos semear livremente! Mas depois o fruto será fatalmente nosso. Então, para que serve o triunfo efêmero do mais forte contra o mais fraco? Que

ficou de definitivo de todos os triunfos registrados pela História?

Tudo serve somente para fazer da Terra um inferno, um teatro de guerras, sem paz e segurança para ninguém, bem como para chegar à dor, que é a grande mestra que nos ensina a não errar mais. Quem esmaga será esmagado. Quem furta para enriquecer, empobrece. Quem faz sofrer o próximo, a este deverá depois pagar a sua dívida com a sua própria dor.

É loucura procurar enriquecer e vencer sem critério de justiça. Assim, construímos o nosso próprio destino, de pobreza ou de vencidos, com o qual tudo pagaremos. Deste modo, o mundo segue um método irracional, contraproducente, antiutilitário. Quem sabe com que desprezo nos julgarão nossos futuros descendentes civilizados! Enriquecer sem dar o valor correspondente do próprio trabalho, significa empobrecer. Num mundo mais inteligente se procuraria o próprio bem-estar ganhando legitimamente, sem endividar-se com o ganho ilegítimo. Ao contrário, dever-se-iam procurar créditos, pagando do seu próprio patrimônio, ao próximo, tornando-se úteis à sociedade. Em cada caso, nunca adquirir sem dar um valor equivalente. Direito de todos à vida, mas a todos o dever do trabalho! Deste, pedir somente a justa recompensa, que é obrigação da parte de quem tem nas mãos o capital e a direção. Este é verdadeiro fundamento das leis econômicas, e não a luta. E os vencedores, porque são mais fortes e inteligentes, têm o dever de educar e ajudar os mais fracos, e não o direito de esmagá-los e explorá-los.

A humanidade deveria compreender que os problemas não podem ser resolvidos com a força ou com a astúcia, mas somente com a justiça; compreender que o vencedor se endivida perante o vencido, a este devendo pagar o preço do próprio esmagamento que causar. O escravo tornar-se-á, um dia, dono de seu patrão, que por sua vez

será seu escravo. Só assim, ambos poderão compreender a lição. No seu ataque contra o Cristianismo, Nietzsche, o criador do tipo biológico do super-homem do egoísmo e da prepotência, evoluído ao contrário, isto é, herói da involução, vê no Sermão da Montanha uma expressão de revolta dos renegados, dos fracos, vencidos, contra o poder vencedor. Assim Nietzsche demonstra nada ter compreendido dos profundos equilíbrios que aquele Sermão expressa. O erro está no acreditar que tudo isto seja verdadeiro, só porque assim falou o Cristo, e assim o repete uma religião; é de acreditar, por conseguinte que, lutando contra esta mesma religião, ela e o Cristo possam ser destruídos. Ao contrário. Tudo isto está escrito na lei da vida, e faz parte de uma ordem universal inviolável, que nós podemos compreender e que devemos admitir não somente pelos caminhos da fé, mas também pelos rumos positivos da razão e da ciência.

Os materialistas deveriam compreender, com os meios da sua própria psicologia positiva, esta moral biológica, que faz parte de leis universais de compensação e de equilíbrio. O futuro da evolução biológica, conforme já comentamos alhures, não se pode verificar senão através da espiritualização. Por que, apesar de sua desenvolvida inteligência, eles não compreendem esta moral biológica positiva? É porque o materialismo ateu representa, perante o futuro que pertence ao espírito, o passado involuído, que resiste ao progresso e no qual sobrevive a animalidade, com os seus instintos, que ensinam a vencer com a força e com a astúcia. Mas quem assim vive, a verdade lhe escapa, e vive nas trevas. Assim, recusando-se a compreender, ele arranca de si mesmo os olhos para não ver, torna-se escravo da ignorância, expondo-se, pois, a duras lições. Deste modo, a humanidade quis fazer por si mesma um destino de punição, que representa a reação reconstrutiva dos equilíbrios da lei, para corrigir os erros do passado. É

por isso que as forças do mal agora estão livres e ativas, porque ele vem a funcionar quando tem que cumprir uma destruição para expurgar. Neste ponto não é mais possível que o conselho e a palavra possam ajudar, porque o homem caiu sob o poder de tais forças inferiores, que devem cumprir sua tarefa de eliminação, para que sejam depois finalmente afastadas.

Na atual equação das forças do mundo, a resultante é somente uma: destruição. É possível introduzir nesta equação novos valores, quantidades, ou forças que modifiquem os resultados? Esta nova força poderia ser a inteligência diretriz duma grande nação, que tivesse a capacidade de compreender e o poder para atuar.

Poderia este novo fato eliminar, ou pelo menos retardar a destruição? Mas, para que a avalanche que está desmoronando possa voltar atrás, retomando novamente o caminho da subida, precisaria uma ideia forte e um mundo singelo, que soubesse acreditar nisso. Ao contrário, a este mundo falta confiança e todos, mais ou menos, percebem a aproximação do perigo, como um destino fatal. Vive-se como aventureiros, pressentindo-se um desastre inevitável. O mundo se agarra desesperadamente aos meios materiais e ao poder das armas. Mas, será verdadeiramente este que trará a destruição! O mundo acumula armas para se defender, mas estas servirão para sua própria destruição. E nós não temos confiança senão na força, porque todas as crenças enfraqueceram-se. O momento é terrível, porque o homem tem nas mãos um poder de destruição imenso, sem possuir a disciplina moral necessária para fazer disso bom uso. Que poderemos nós esperar do futuro, quando estes poderes são dirigidos por esta psicologia?

Poderia Deus fazer um milagre? Mas, os milagres não podem acontecer contra a lógica e a justiça da Lei, que é o próprio pensamento de Deus. Quando temos culpas para pagar, precisamos pagá-las. É preciso ter merecido esta

ajuda particular que se chama milagre. Mas é certo também que esta ajuda não desce para defender interesses egoísticos. As forças espirituais funcionam, mas somente nas mãos dos santos. Elas não descem para se realizar nos planos mais involuídos, que as afastam e que ficam abandonados ao poder das próprias forças involuídas. As duas maiores potências do planeta procuram eliminar-se, uma a outra, para atingir o domínio absoluto. Porém, elas se destruirão reciprocamente, e assim far-se-á o expurgo, com uma limpeza de dor, preço da redenção, sem o qual não se pode subir a um plano biológico mais alto; será o choque necessário, sem o qual também a renovação integral não se poderá atingir.

No plano onde reina a lei da seleção do mais forte, é impossível evitar o choque entre esses dois mais poderosos do mundo, porque este choque é que resolverá quem é o mais forte, isto é, aquele a quem, conforme a lei vigente da animalidade, pertence a vitória. Não se pode escapar a esta lei, do tipo biológico atual. Mas se este choque, com as armas atômicas modernas, significa destruição, esta também é inevitável para ambos, os mais poderosos. Mas, isso tanto mais terá que se realizar, por ser este o único meio do expurgo, que é necessário, para que o progresso, que é fatal, possa verificar-se, e uma nova civilização possa surgir, agora que os tempos estão amadurecidos. Não se pode quebrar o encadeamento lógico destes termos sucessivos! Dada a natureza do homem atual, e as suas forças dum poder sem precedentes, que neste momento histórico estão nas mãos desse tipo biológico, não podem ser atingidos outros resultados. Não se pode alterar o desenvolvimento de um encadeamento lógico, do mesmo modo que não se pode torcer o de um processo matemático.



O momento histórico atual é muito grave. Ele está se tornando cada dia mais grave. Somos chegados à plenitude dos tempos. Pregações foram feitas bastante, avisos foram dados, mas o mundo continuou pelo seu caminho sem prestar ouvidos. Nesta hora, não é mais tempo de palavras e avisos, mas de ação. Precisa-se enfrentar os acontecimentos.

Os homens continuam a fazer seus negócios e embora nas palavras digam o contrário, na prática eles dão provas de serem ateus, não importa a qual religião ou fé pertençam. Em todos os grupos a maioria acredita só na força material, nas armas, no poder do dinheiro.

Mas logo chegará o tempo no qual as armas servirão só para exterminar uns aos outros, ricos e pobres, senhores e servos, vencedores e vencidos. Tempo chegará no qual ter dinheiro de nada adiantará, porque no desfazimento do conjunto social, acabará toda confiança em qualquer pessoa e não será possível ficar forte como poder político, porque ninguém obedecerá mais a ninguém.

É justo que um mundo bem polido de ideias, mas em substância feito num egoísmo sem limites e dum ateísmo desorganizador, isto é, de individualismo separatista contra a ordem da Lei de Deus, acabe por cair no abismo do caos.

Neste ponto isto é fatal. Isto é o efeito de causas que a humanidade livremente estabeleceu nos séculos passados. A liberdade humana não chega ao ponto de modificar a Lei e de evadir-se do princípio de causa e efeito, que nos liga às consequências das nossas ações do passado. Assim o homem quis e assim seja.

A Mensagem de Natal de 1931 assim falou:

"Um grande batismo de dor é necessário, a fim de que a humanidade recupere o equilíbrio, livremente violado: grande mal, condição de um bem maior".

A Lei deixa ao homem o livre-arbítrio só o quanto necessita para estabelecer as causas, mas não para fugir aos efeitos. A Lei faculta-lhe liberdade só neste limite, só para que seja possível o homem experimentar entre a verdade e o erro, para apreender e assim realizar por ele mesmo a sua subida. Mas, esta oscilação do livre-arbítrio está contida nos limites do contingente humano, limites que nunca é permitido transpor. Isto quer dizer que o homem é livre de semear desordem e destruição na sua própria vida, mas não tem o poder de fazê-lo na ordem da Lei, que é inviolável. De outro modo a ignorância e a prepotência humana teriam trazido, há muito tempo, anarquia ao mundo todo.

Verifica-se, assim, o fato que, nas grandes linhas da História e da evolução, a Lei manda, fatalmente, de modo que o homem tem somente poder limitado e relativo e não pode parar o progresso. Neste caso não é o homem, mas é a Lei quem manda, quer, e, por último, acaba por se impor com seu impulso íntimo e tenaz, para que a evolução se cumpra. A Lei não pode ser enganada nem parada. Ela permitirá infrações momentâneas, atrasos, adiantamentos, mas não falta de cumprimento. O homem que quiser aproveitar-se da própria liberdade para se rebelar contra a Lei indefinidamente, será eliminado.

Os místicos percebem por intuição, os racionais sabem por intermédio duma lógica fatal da qual analisam o desenvolvimento, que agora a humanidade está correndo grandes perigos, embora que, por último, a destruição possa ser utilizada para depois melhor se reconstruir mais alto. Ninguém poderá impedir que se cumpra a vontade da Lei. Os homens práticos podem gritar que isto é utopia. Mas, aqui operam elementos imponderáveis que eles ignoram.



Os homens práticos não compreenderam o atual momento histórico e o que está agora acontecendo. Acreditam que por intermédio do progresso científico e mecânico, eles possam apoderar-se das forças da natureza para escravizá-las aos seus fins. E eles não compreendem que a natureza é muito mais inteligente que o homem, que deve a sua vida a esta sabedoria, que ele possui. E então acontece que, quando o homem faz mau uso dos poderes entregues em suas mãos para que, livremente experimentando, possa evoluir, e o faz para atingir somente o seu próprio gozo egoístico, então, aquela inteligência da natureza revolta-se, porque a sua sabedoria quer que a lei não seja violada.

E de fato, é exatamente isso o que está acontecendo, e somente assim é que podemos explicá-lo. A ciência acabou, assim, por construir com a bomba atômica o meio para destruir a humanidade. Isto vem nos provar que a orientação materialista de nosso tempo nos deu uma ciência errada desde o começo e que, por conseguinte, não podia chegar a outras conclusões. Aquela orientação é o micróbio do egoísmo, que é o câncer do destrucionismo. A vida, vendo que estava sendo traída sua finalidade mais importante, que é a de evoluir, revolta-se e destrói tudo o que a impede neste caminho.

O homem deve compreender que ele se acha perante uma inteligência e uma lógica que têm suas leis invioláveis. A natureza não quer o tipo biológico do homem que está engordando no bem-estar, servido pela máquina. A natureza logo que atinge um bem-estar de sobra, o utiliza para crescer a população de modo que ele produza fruto, não como gozo, mas para dar vida a um número maior de seres. Ou por outro modo, desencadeia guerras e revoluções, para que aquele bem-estar sirva para destruir o velho e construir o novo, evoluindo. A natureza quer que o homem cumpra o trabalho do seu próprio progresso. Por

isso quando ele fizer uso errado dos segredos que arrancou à natureza, esta destrói os frutos de tais descobertas, exterminando a humanidade que as produziu, e infligindo-lhe uma lição tão poderosa, que volte ao caminho certo e não mais deseje iniciar novamente semelhantes aventuras. Assim se explica como a ciência moderna, pela razão de que ela foi posta a serviço do egoísmo, que tudo quer explorar para seu gozo e sem mais altos fins espirituais e morais, chegou a produzir, como resultado, somente o fruto da destruição.

Isto nos deixa claro que, para a vida, são da maior importância os valores morais. Descuidar deles significa errar nos seus pontos mais fundamentais e ter, por isso, depois, que pagar até o último centil. Acontece, assim, que a vida se revolta e procura, com a sua sabedoria, destruir o que se desenvolve negativamente, no sentido retrógrado aos valores do espírito, como é o estabelecer-se um bem-estar material a cargo da evolução, que na nossa fase, primeiro deve ser espiritual. Então, a sabedoria da vida, para nosso bem, nos impede o passo e nos pára no caminho errado. Aqui, a natureza opera como nas doenças físicas: procura isolar, circunscrevendo a zona infectada e, se não consegue, destrói o doente para que ele recomece a vida num outro organismo.

Entretanto, ainda antes de chegar a estas últimas consequências, o homem já se arrisca a ser dominado pela máquina. Ele corre o perigo de que este novo ser, criado por suas próprias mãos, tome predomínio sobre ele, não como simples simbiose de conviventes, mas a máquina como dona e o homem como seu criado. Isto porque o homem quer fazer dela somente um meio a serviço da própria preguiça, abdicando ao mando diretor do seu "eu" espiritual superior. A diferença parece sutil, mas é profunda. O homem quer ser dono da máquina. Mas o dono não deve ser o "eu" inferior, material, egoísta, e involuído do homem,

mas sim o seu espírito, para atingir fins espirituais superiores. Diferença cheia de consequências, porque, se não fizermos assim, o instrumento máquina, em lugar de criado, revoltar-se-á, contra seu dono que o criou, e que não sabe dominá-lo para os fins a que se destinou e que a vida exige. A máquina acabará assim, por escravizar a ela mesma o dono que abdicou seus poderes de direção. E que acontece quando numa casa o chefe não dirige mais e então aparece o criado para substituí-lo nas funções diretivas? Dá-se uma degradação, um retrocesso até o inferior plano evolutivo do criado, que assim nivela tudo na própria inferioridade. Esta é uma lei da vida, isto é, que quando quem está mais no alto se enfraquece, os inferiores surgem para mandar. Então, como o criado torna-se patrão e este criado daquele, assim o instrumento torna-se diretor e este o seu instrumento. Se o homem não souber reagir, dominando espiritualmente os seus novos poderes, ele ficará preso às suas novas exigências mecânicas e, tanto mais ele se deixe prender, tanto menos será para ele possível desprender-se e voltar a ser o senhor.

A máquina é uma criatura que parece viva, mas que é cega e, com a mesma indiferença, tanto nos protege a vida como pode nos dar a morte. Repete ela e multiplica o impulso recebido pela vontade e inteligência do homem, mas nada inicia por si própria. Nada possui da consciência espiritual do homem, é amoral e pode fazer indiferentemente o bem ou o mal, conforme o impulso que o homem lhe der. A máquina sozinha não sabe manter-se viva, não tem assimilação ou recâmbio, mas somente a autonomia que lhe foi dada pelo impulso recebido e, esgotado este, ela pára. Quando pelo funcionamento ela restitui todo o alento animador que recebeu do homem, volta a ser o que ela era antes: matéria morta, inerte. A máquina não evolui. Se bem dirigida, ela pode representar uma ajuda à evolução humana: se mal dirigida pode ser um

empecilho. A máquina não é vida e não ascende sozinha. Ela é só um espelho da inteligência do homem que lhe deu a vida. Ele pode fazê-la funcionar em harmonia com a ordem universal e, então, a vida a sustentará. Mas o homem, que é livre, poderá fazê-la funcionar também contra esta ordem e então a vida destruirá a máquina. No primeiro caso temos muitos instrumentos úteis: o carro, o avião, o rádio, etc. No segundo, temos as máquinas de guerra e em primeiro plano, a bomba de hidrogênio.

A conclusão destas afirmações é que, pela sua própria natureza, a nossa civilização mecânica sempre mais propende para a supressão dos valores morais que, ao contrário, deveriam ser os dirigentes, e tende a regredir por conseguinte, à autodestruição, porque a vida elimina tudo o que opera contra ela. Eis como se explica que numa hora assim apocalíptica, presenciemos a uma fatal derrocada espiritual e moral, neste terreno das funções diretivas. Eis porque, hoje, a humanidade mostra uma tão grande inconsciência.

Perante tão terríveis perspectivas, o homem prefere continuar com seus ridículos e velhos jogos: aturdir-se nos gozos para esquecer, amontoar dinheiro, tornar-se politicamente poderoso, fabricar armas. Velhos expedientes que não salvaram a humanidade, que não impediram o desencadeamento da tempestade nas horas trágicas das grandes voltas da História. Tudo será inútil. Ficaré somente uma defesa: ser conforme à Lei, isto é, ser justo.

Isto porque, como fala a citada Mensagem: "não está longe o dia em que somente uma será a divisão entre os homens: justos e injustos".



Agora, no plano universal, exposto neste quadro, deve aplicar-se a nossa ação positiva neste nosso tempo.

Entramos no terreno prático.

A maioria humana, atea na substância, está misturada com uma minoria de crentes. Aparentemente, entretanto, os homens estão agrupados de outro modo, isto é, por religiões, seitas, crenças, fés etc. Em nosso mundo, repara-se muito nestas distinções exteriores, porque elas encerram interesses humanos e pouco se dá atenção à sobredita distinção de substância, isto é, em serem justos ou não. A muitos interessa declarar-se membros dum dado grupo, porque aí acham defesa e vantagens. A poucos interessa conhecer a verdade e vivê-la honestamente.

Acontece, entretanto, que cada grupo está ocupado em lutar contra o grupo vizinho, sob a bandeira duma sua verdade particular, sem interessar-se por ela em si mesma, mas somente como meio de luta para obter vantagem da própria supremacia terrena; assim, poucos preocupam-se com a outra distinção, de substância e não de forma, isto é, não de grupo, mas de justiça e retidão.

O erro está em cuidar do menos importante, sem olhar para o que é o mais urgente e necessário. As leis da vida que toleram este erro desde séculos, na atual volta histórica, exigem que ele seja corrigido, impondo o triunfo dos valores substanciais. É assim que a hora histórica chegou e os tempos estão amadurecidos, porque o limite da suportaçãõ, permitido pela elasticidade da Lei, foi superado. Eis então que no momento em que o cataclismo apocalíptico está pronto para desencadear-se sobre o mundo, poucos pensam substancialmente em defender-se; ou, pelo menos, fazem isso duma maneira leviana e em vão. Amontoar riquezas, poderes, armas, será inútil, nada adiantará. E poucos pensam, em nosso mundo que está para ruir, que a única maneira para salvar-se é ser honesto. E a punição é a sua justiça, porque isto foi merecido, está exatamente na incapacidade de compreender que este é o único caminho para a salvação. Esta incapacidade de

chegar, justamente, porque aqueles que não o merecem não devem ser salvos.

Que se pode fazer então? Dirigir-se a esta ou aquela religião ou grupo, é inútil. Aqui não se trata de defender os interesses duma particular organização humana, para uma supremacia de grupo, o que não adianta neste grave momento histórico, perante tão universais ameaças. Dirigir-se a este ou aquele grupo, quereria dizer fechar-se juntos com honestos e desonestos naquele grupo, numa verdade particular a ele esquecendo as universais leis da vida e a positiva e férrea realidade biológica. A hora é trágica e não há tempo a perder. Aqui urge fazer um trabalho completamente diferente; não um trabalho para atingir supremacias de grupos ou vitória sobre o próximo, mas de salvação. Certo que cada um procurará salvar-se como melhor puder compreender e fazer.

Mas, somente quem conhece a Lei, a hora histórica e os imponderáveis, agora em ação, conhecerá como salvar-se, porque só ele saberá como operar inteligentemente e oportunamente. É justo que, em virtude da incapacidade de compreender, fiquem os rebeldes sujeitos à ordem divina e que assim eles, como merecem, não sejam salvos. Por outro lado, Deus iluminará os justos que lutaram e sofreram por Ele, para que nele sejam salvos.

Prepara-se hoje, dessarte, fatalmente, a seleção, anunciada em 1931 na primeira mensagem de Sua Voz. Assim, os justos de qualquer religião ou raça estarão de um lado, e os injustos, do outro. Isto porque a hora chegou em que os involuídos serão expulsos para ambientes extraterrestres para eles proporcionados e adaptados, onde eles possam viver de acordo com seu baixo nível de vida, e assim libertar o planeta de sua imunda presença, porque este deve, de agora em diante, progredir para tornar-se a pátria duma humanidade mais evoluída.



Depois de termos esclarecido estes princípios gerais, o problema agora é o da sua atuação prática. Que deveríamos, então, fazer? Constituírmo-nos representantes do Alto, quer dizer, tomar sobre nós mesmos, poder e autoridade que podem ser entendidos como conquista de domínio pessoal, no regime humano da luta pela vida, a provocar no instinto dos excluídos a rebeldia. Abre-se, então, o caminho das rivalidades e inimizades, sobretudo para quem já possui este domínio, conquistado e mantido através de muitas lutas, e que não quer perdê-lo. Assim aconteceu quando o Cristo afrontou os sacerdotes do seu tempo. Nunca se pode esquecer que vivemos na Terra, num nível biológico perto da animalidade, onde predomina a Lei da luta pela seleção do mais forte, e que esta Lei fala poderosamente nos instintos fundamentais da nossa vida e por conseguinte invade tudo, reaparecendo, mais ou menos oculta, não só no fundo de todas as nossas comuns manifestações humanas, como também, nas religiosas e espirituais. Por isso, para não provocar esta luta de autodefesa, é preciso respeitar todas as autoridades terrenas e nunca procurar conquistar poder humano algum, que neste caso não interessa.

A salvação não se baseia sobre nenhuma força terrena, nem sobre algum dos meios de agressão e defesa atualmente usados e mais compreensíveis pelo homem. As armas devem ser interiores, as da bondade e da justiça. No caminho desta salvação será o primeiro, e, neste exército, será o melhor armado, aquele que tem mais bondade e menos da astúcia humana; aquele que for o mais justo, o menos egoísta; o que possuir as bem-aventuranças do Discurso da Montanha, que afinal deverá tornar-se realidade vivida.

O primeiro trabalho a fazer é o de ajudarem-se uns aos outros, ajudar os justos a reconhecerem-se, encontrar-se, a reunir-se, sem discriminar raças ou religiões. Isto para constituir um primeiro núcleo de justos, prontos não somente a pregar, mas também a praticar o Evangelho; para formar um primeiro grupo daqueles que poderão ser salvos por haver merecido com uma vida exemplar; para estabelecer um primeiro centro de atração para a constituição da nova civilização do III milênio. Tratar-se-ia, em outras palavras, de preparar, ante o quadro apocalíptico duma próxima destruição mundial, uma arca de salvação, para os tipos biológicos que, pelo índice certo de inteligência, bondade e retidão, demonstrem ser mais evoluídos, e por isso adaptados para representar a elite de hoje e a semente dum futuro melhor.

Eles já existem hoje, mas estão escondidos, porque em geral, humildes, estão afastados e espalhados, estão subjugados pelos menos escrupulosos e mais prepotentes. Assim, a parte melhor da sociedade humana fica inutilizada e constitui o que está menos valorizado no mundo. Mas, apesar disso, o futuro deverá ser melhor e por isso deverá ser confiado aos melhores. Os homens práticos sorrirão, céticos de tudo isso que, para eles, que conhecem o mundo, é absoluta utopia. Mas, é verdade também que o mundo construído por eles ameaça a cada momento desmoronar-se sobre eles mesmos e que ninguém tem o poder de parar o progresso fatal da vida. A história dos últimos tempos nos mostra quanto é fraca a sagacidade humana e como forças imponderáveis possam ter um incrível poder de destruição em todos os planos e aspectos humanos. E, se cada dia mais se revela que esta sagacidade não resolve, poderá também achar-se lógico que a vida, que não quer e não pode morrer, procure novos caminhos de salvação onde os velhos métodos fracassam, e aplique novas tentativas numa direção diferente, usando outros princípios.

Já tomamos conhecimento da hora histórica atual e do plano de Deus a respeito. Investigando por caminhos intuitivos, racionalmente controlados, foi mister concluir que acontecerá o que temos anunciado. Uma apocalíptica destruição está aproximando-se dentro desta segunda metade do nosso século. Fazer uma tentativa para salvar o que é possível não pode ser condenável e representa um dever daqueles que compreenderam o momento histórico. É lógico também uma tentativa com princípios diferentes daqueles do mundo, que nada até agora conseguiram resolver. E fazer tudo isso baseando-se em regras mais amplas e poderosas, que estão contidas na Lei que tudo regula, oferece maiores probabilidades de sucesso.

Nos conceitos gerais não há dúvida. Mas, cada ideia, logo que chegar em contato com a realidade da vida, isto é, com as forças inferiores, encontra-se com dificuldades. Neste caso podem falir os homens que primeiro lançaram esta ideia. Os chamados podem não compreender ou não responder. Então a ideia renascerá em outra parte, com outros homens que serão chamados e assim por diante, até que ela se realize. Hoje esta oferta é feita pelo Alto ao Brasil. Se ele compreender, a salvação será primeiramente sua. Quem deseja ter uma missão, deve mostrar-se digno dela. Cada conquista não pode ser atingida senão pelo nosso esforço. Se ainda não é possível conhecer antecipadamente o valor exato desta incógnita da equação, é possível, porém, conhecer os outros elementos, isto é, o que nos espera no amanhã, e nos resta o dever de tentar uma salvação, pois a ajuda de Deus não faltará para aqueles que procurarem realizá-la.



Restringimos agora ainda mais nossas vistas para melhor concretizar as ideias no terreno prático.

O estandarte é Cristo. O programa é o Evangelho. Os princípios são: imparcialidade e universalidade. Por isso, procurar a verdade, antes de tudo feita de honestidade e bondade, reconhecendo-a onde quer que ela esteja e nunca condenando-a "a priori", só porque ela pertence a outros grupos. O fim é a unificação, não para constituir um poder central que se imponha, mas para formar um acordo entre pessoas diferentes também na fé e religião, mas que ficam unidas na simples filosofia da retidão, pelo liame que une todos os sinceros e honestos. Num mundo de guerras de todos os gêneros, de todos contra todos, a qualidade mais urgente a aprender é a aceitação de todos os pontos de vista também contrários, o absoluto respeito a toda ideia não prejudicial, respeito que se deve pelo fato de que um nosso semelhante a sustenta; aprender assim a parte da convivência, que constitui o alicerce da paz e da vida civilizada.

A consequência positiva está no ajudar-se fraternalmente, sobretudo na hora do perigo. A negativa está no afastamento dos agressivos, intolerantes, polemistas, que possuem o instinto da luta pelo próprio domínio. Tudo isso representa o velho tipo biológico, que no novo milênio será eliminado. Deve-se ao contrário ajudar a nascer e, quando já existam, reunir e proteger os exemplares evoluídos, que serão os cidadãos do novo mundo. Estes, congregando-se e defendendo-se reciprocamente, poderão melhor atravessar o cataclismo e sobreviver. Assim, o mundo de amanhã depois da destruição, achará não somente uma doutrina teórica nos livros, mas também um modelo de vida já por alguns vivido; uma semente pelo desenvolvimento de um novo tipo de civilização.

Hoje este tipo biológico parece, no nosso mundo social, estar condenado a ser eliminado. Talvez, as novas gerações olharão com vergonha o homem atual, este antepassado

deles que subjugava os bons, julgando-os fracos, e que somente respeitava a força, desprezando o homem de bem e justo. A vida quer subir a formas mais civilizadas e, para progredir, favorece, quem luta para subir, contra o obstáculo oferecido pelos involuídos que querem permanecer atrasados. E na vida está escrita a lei da evolução, que está na vontade e no pensamento de Deus. É preciso superar a fase atual de estupidez, pela qual raciocina-se, entre os povos, matando-se, e o homem quer fazer do seu planeta um inferno. Ao velho mundo da animalidade deve-se contrapor um mundo mais refinado de espiritualidade; à força bruta deve-se contrapor a mais poderosa força da inteligência e da bondade, sustentada pelos recursos do mundo espiritual que, para quem os conhece e sabe aplicá-los, não são utopia.

Chegou a hora de cumprir esta grande obra. Ela é demasiado gigantesca para que um homem sozinho possa cumpri-la. Mas poderão realizá-la, unidos, os bons, com a ajuda de Deus. Terá direito à salvação quem quiser trabalhar neste sentido, colaborando com a vida, no seu esforço para construir um homem mais evoluído; ajudando-o a superar a sua atávica ferocidade e a estupidez da lei animal da luta e seleção do mais prepotente, para chegar a uma lei mais alta na qual o melhor, que se deve selecionar, é o mais justo, o homem da unidade orgânica da humanidade, e não o individualista egoísta, desagregador de toda a sociedade.

Estes homens evoluídos, que não brigam para dominar, e que não condenam também em nome de Deus, mas que vencem o mal com a não-resistência, que é a estratégia do imponderável, proclamada pelo Evangelho, mas hoje desconhecida no mundo, estes homens de todas as partes surgirão e reconhecer-se-ão uns aos outros. Que eles, uns aos outros, abram os braços fraternalmente. O passaporte para entrar nesta nova terra do futuro está escrito com

singelas palavras de honestidade na alma de cada um, que podem ser lidas na testa e nos olhos, que não podem mentir. Quem neste terreno procura enganar, engana-se a si mesmo.

Este é o plano de trabalho para os homens de boa vontade, quaisquer que eles sejam.

Repetimos que este plano é demasiado grande para ser confiado às forças humanas. E de fato é assim. Mas isto não nos autoriza a ficar preguiçosos. Aqui, quem guia, serão sobretudo as leis da vida, às quais, subordinados estarão aqueles homens, que saberão interpretá-las, não pretendendo eles dirigir e mandar, mas tornando-se humildes e obedientes instrumentos da vontade de Deus. Por isso eles não dirigem ou mandam, mas obedecem; não planejam, mas fazem parte dum plano. É lógico que um trabalho desta magnitude, não possa ser dirigido e sustentado senão pelo pensamento e vontade de Deus.

Concluimos com as palavras da já referida Mensagem do Natal de 1931, de "Sua Voz":

"Depois disso, a humanidade, purificada, mais leve, mais selecionada por haver perdido seus piores elementos, reunir-se-á em torno dos desconhecidos que hoje sofrem e semeiam em silêncio; e retomará, renovada, o caminho da ascensão. Uma nova era começará: o espírito terá o domínio e não mais a matéria, que será reduzida ao cativo. Então, aprendereis a ver-nos e escutar-nos; desceremos em multidão e conhecereis a Verdade".

5. A FUNÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL NO MUNDO

“As grandes ideias formam os grandes povos. Um povo só é grande quando chega a realizar uma grande e santa missão no mundo.”

Giuseppe Mazzini

“Este Brasil está destinado a ser, industrialmente, um dos mais importantes fatores do desenvolvimento futuro do Mundo.”

Stefan Zweig

É natural que, neste volume, escrito no Brasil, devamos ocupar-nos de modo especial também deste grande país e dos problemas mundiais vistos em função dele. É natural que, quem escreve, assuma a psicologia do país em que se acha, e olhe os problemas também desse ponto de vista. O ponto de vista, em relação a determinado país não é uma preconcebida determinação de chegar a certas conclusões, em função de interesses próprios ou em defesa de orientações particulares, mas é sempre uma visão objetiva de realidades que pertencem a todos.

Qual é a função histórica do Brasil no mundo, especialmente em relação à esperada nova civilização do Terceiro Milênio? Evidentemente, não é uma hipótese mas um fato positivo, que o Hemisfério Norte é um armazém de bombas atômicas, e é evidente que não são elas construídas por pura curiosidade científica. Os Estados Unidos e a Rússia estão armando-se cada vez mais, e naturalmente não é para abraçarem-se. O medo de uma luta perigosa e tremendamente destrutiva para todos os retém. Mas também os atrai a miragem do domínio do mundo, prêmio de sua vitória. A guerra fria já está em ação.

Sem dúvida, os meandros da política são tão tenebrosos, a imprensa é tão obediente a quem manda e a quem paga, e no círculo vicioso dos interesses costuma dar-se ao público tanta propaganda e tão pouca verdade, que é possível que haja talvez outra realidade sob estas aparências, geralmente aceitas. Entretanto, estes são fatos. Mesmo se a Rússia, com seu sistema de expansão de ideologias, chegasse a realizar seu objetivo de submeter outros países, ao entrar nestes pela porta da representação parlamentar de partido, jamais seriam conseguidas por este meio a paz e a ordem.

Um fato, entretanto, parece certo: que a hora é apocalíptica e o hemisfério norte é terreno minado. Ora, a primeira grande riqueza e potência do Brasil é de estar em outro hemisfério, longe de tudo isso. Este fato o garante, ao menos, de não ser objeto de ataques e teatro de guerras, sorte que a Europa, os Estados Unidos e a Rússia estão bem longe de ter. Além disso, o Brasil não precisa de expansões nem imperialismo, porque seu território já é vasto como um império, e só espera ser povoado. Não tem, pois, razões de rivalidade com nenhum país. É, finalmente, o lugar em que há espaço para todos, e em que não há necessidade de guerras para conquistar um lugar ao sol, nem precisa garantir-se contra vizinhos perigosos, que andem atrás de espaço, dado que para todos há lugar de sobra. Acha-se, pois, o Brasil em condições pacíficas naturais, e é esta sua posição natural no mundo. Que os Estados Unidos e a Rússia preguem a paz, eles que se estão armando cada vez mais, é coisa que não tem sentido, senão o de querer desarmar o próprio antagonista e captar o favor das massas, esfaimadas de tranquilidade. Um verdadeiro sentido de pacifismo não pode vir do Hemisfério Norte, mas apenas desta grande terra da América do Sul. A função histórica do Brasil no mundo só pode ser, portanto, neste nosso tempo, uma função de paz. Esta é sua posição atual

no pensamento da História, esta é a missão que Ihe foi confiada. As circunstâncias, com efeito, enquadram hoje o Brasil nesta posição, como num destino, expresso pelas condições de fato.

Compreendamos bem este conceito. De acordo com o que dissemos antes, no capítulo "O Pensamento e a Vontade da História", é esta que, com uma inteligência e sabedoria que o homem não tem, escolhe homens e povos para determinadas funções históricas e lhes confia, utilizando-se deles segundo sua natureza e capacidade. Num sentido mais vasto, é a vida que atribui aos indivíduos e povos mais aptos determinada função biológica. Se o fenômeno pode assim exprimir-se em termos científicos, também o pode em termos religiosos, dizendo que Deus confia uma missão. Dizer: executar uma função biológica, ou uma missão confiada por Deus, ou fazer Sua vontade, é tudo a mesma coisa. Ora, de tudo o que foi dito nos nossos volumes precedentes, resulta que, aquele que se acha nessas condições, virá a personificar uma força em ação no funcionamento orgânico do universo. Tornando-se, assim, um operário executor do plano divino que dirige o evoluir das coisas, ele se acha, então, protegido pela vida, que Ihe oferece os meios para que realmente se complete a realização da função ou missão. Por isso, pudemos dizer num dos capítulos precedentes, que a vida ajuda os homens e movimentos que têm uma função biológica, e deixa indefesos os que não a têm. Disto pode compreender-se de que poder disponha o homem ou o povo que tenha uma função biológica, ou seja, uma missão. É a própria vida que o investe de seus poderes, os quais, embora concedidos apenas onde Deus o queira e na medida em que o queira Deus, são meios ilimitados por sua própria natureza. E isto, praticamente, se chama sorte ou destino, pelo que são vistos homens comuns lançados subitamente aos primeiros planos da História. Diga-se o mesmo para os povos.

Ora, o Brasil, como nos indicam as condições de fato, personifica essa função biológica ou missão de pacifismo no mundo. Quem é verdadeiramente honesto, não vai a cada passo apregoando que é honesto. Os não-honestos é que procuram esconder seu rosto verdadeiro e defender-se. Assim, o povo verdadeiramente pacífico e pacifista é o que menos se faz paladino oficial de pacifismo, o que faz menos campanhas publicitárias com esse escopo. E o Brasil é assim. Pacifista até o âmago, naturalmente, e não precisa dizer muito por que o é. Ora, se aplicarmos a esta nação os conceitos acima expostos, poderemos dizer que, nesta direção do pacifismo, o Brasil personifica uma força em ação, segundo a vontade de Deus e da História. A consequência disto, é que ele é protegido pela vida, que lhe oferecerá os meios, para que a realização desta função ou missão de pacifismo realmente se complete. Dissemos acima, de que poder dispõe quem tenha uma função biológica, porque a vida mesma é que dele faz o instrumento das próprias realizações. É ela própria que age nele, naquele sentido e momento determinado, cedendo-lhe seus poderes dentro desses limites. O fato é que, quando a vida oferece uma função biológica, depois lhe dá os meios e prepara os acontecimentos para que ela a execute, dado que as palavras da linguagem da vida são os fatos. É fácil deduzir as consequências de tudo isso. As previsões dos cálculos e astúcias políticas não trabalham neste terreno, ignoram essas forças que, para elas, são contidas no desconhecido imponderável. Mas, nós falamos aqui em termos e raciocínio, fazendo apelo à lógica das coisas, para que ficasse compreensível e manifestasse suas notas características, a presença desse imponderável que aqui aparece.

O Brasil acha-se, portanto, numa posição particular de privilégio, embora ainda em forma não manifesta, porque é uma realização de amanhã, ou seja, acha-se com uma

grande riqueza em estado latente. E esta espera ser explorada e utilizada em benefício de todos; uma mina de caráter espiritual, que espera o trabalho dos homens, os quais, com sua boa vontade, poderão tirar proveito, para a expansão da vida, da mesma forma que as tirarão de tantas outras riquezas ainda inexploradas no Brasil. Esta é a Lei. A vida quer expandir-se. Esta é sua vontade irrefreável. Por isso concede missões, funções, meios e circunstâncias adequadas, para que se realize esta sua vontade. Eis a atual posição do Brasil na História. A vida lhe oferece uma função a executar, a qual faz parte de seu plano de expansão e de evolução do planeta. É um oferecimento, é a investidura de uma grande missão. Cabe agora ao povo brasileiro corresponder ao oferecimento, compreendendo-o e aceitando-o. Os momentos históricos jamais se repetem idênticos e esses oferecimentos não são feitos duas vezes. Perdida uma oportunidade, ela não volta mais. Cabe, além disso, ao povo brasileiro compreender que a natureza desta missão é manter-se na linha do pacifismo, isto é, que a função biológica que a vida confia ao Brasil, é função de paz e amor. Segue-se daí que, se esta é a vontade da História, e se o Brasil quiser caminhar nessa direção, aceitando a missão, ser-lhe-ão concedidos todos os auxílios; mas, se ao contrário, o Brasil se colocar, como primordial posição, no terreno da força bélica ou como potência ávida de supremacia, então a vida lhe retirará todos os auxílios e assim tudo será perdido, no sentido de que a função e a missão lhe são tiradas, e a oportunidade de exercer um papel mundial se esfumará. Quem vai de encontro à vontade da História, é cortado de suas fontes vitais, e não recebe mais ajuda.

Ora, tudo isso corresponde perfeitamente as condições atuais do Brasil; é um estado de fato já existente e nada é preciso fazer para prepará-lo. Esta concordância automática entre o que é a realidade atual e a natureza da missão

oferecida, confirma a verdade de nosso raciocínio. Assumir hoje o Brasil, no mundo, uma função diferente, seria coisa de difícil realização. Seria bem estranho um Brasil imperialista e expansionista, se já de per si é maior que um império e não chega a povoar sua própria terra ilimitada. Seria bem estranho um Brasil que quisesse levantar-se como grande potência militar, quando não tem inimigos próximos para combater. Seria bem estranho que um país, definido como coração do mundo e pátria do Evangelho, se pusesse a fazer guerras de conquista ou de defesa, de que absolutamente não necessita. É claro, pois, que a função histórica do Brasil no mundo só pode ser a de abraçar a humanidade com o seu amor, em seu imenso território, à espera de ser povoado. Deixemos aos povos do Hemisfério Norte outras funções a executar no organismo social do mundo. Deixemos à Ásia a função metafísica, à Europa as funções cerebrais do mundo, à Rússia a função revolucionária e destruidora, à América do Norte a função econômica da riqueza, e assim por diante, e reconheçamos que a função histórica do Brasil é bondade, tolerância, amor.

Se olharmos o mapa do mundo, acharemos uma distribuição de qualidades e funções correspondentes, diversas e complementares, como num organismo único. Este, na Terra, está em formação e se chama humanidade. O Brasil acha-se na posição oposta à Rússia, e é estranho que, a essa oposição geográfica, quase nos antípodas, corresponda também uma oposição de muitas outras qualidades fundamentais. E pode ser instrutivo observar-se isto. Não se trata somente de oposição geográfica, mas também climática, ideológica, política, moral, etc. Ambas as terras imensas, o Brasil irrompe quase ilimitado interiormente, tal como a Rússia na Sibéria, mas em posições emborcadas, o primeiro em direção ao calor do Equador, a segunda em direção aos gelos dos polos. A Rússia é o país de regime policial de coação, de menor

liberdade do mundo, de ideologia única obrigatória. O Brasil é o país da máxima liberdade, em que todas as ideologias, suportáveis com o mínimo da ética e da ordem indispensável, são toleradas. A Rússia é abertamente atea e materialista. O Brasil é crente e espiritualista, qualquer que seja a religião que se professe. A Rússia é o país bélico por excelência; formado agora na revolução violenta, só sabe fazer guerra e preparar-se para a guerra, para conquistar tudo. O Brasil é o país pacífico por excelência, que não pensa, absolutamente, fazer guerra a ninguém. A Rússia é imperialista e expansionista. O Brasil tem tanto para expandir-se internamente, que não precisa transpor seus limites à busca de impérios. A Rússia é o centro maior do Comunismo. O Brasil é o ponto de maior rarefação dele, pois é um dos poucos países em que, ao menos oficialmente não há representantes de partido, do Comunismo. Pode ser apenas casual uma tão perfeita coincidência de opostos? E então, poderemos concluir também, que se a função da Rússia é destruir com a religião do ódio, a função do Brasil poderá ser a de criar com a religião do amor.

Não é esse, com efeito, o temperamento deste país, em que pacificamente se misturam todas as raças, com seu sentimentalismo tolerante, com seu espírito antiexclusivista e antirracista? Estas qualidades espontâneas, que já achamos existentes de fato, correspondem perfeitamente à missão que deve ter o Brasil, e a provam. Tudo concorda em cheio. É natural que a História escolha, para cada determinada tarefa, os indivíduos dotados das qualidades mais adequadas para executá-las, justamente porque a vida quer realizar, alcançando no terreno prático, todos os seus objetivos. E o Brasil pode fazer-se representante da vontade da vida, no terreno da bondade e do amor. Este é um setor vazio do equilíbrio de todas as funções do organismo social da humanidade, e que outro povo poderia preenchê-lo? Não digo que não haja outros povos bons no mundo. Mas estão

empenhados em outros trabalhos. Muitas vezes, mesmo, é pelo fato de serem melhores, que estão mais sujeitos às opressões e às dores, porque na humanidade há também os destinados à expiação e à prova do sofrimento.

Tudo o que diz respeito ao Brasil, parece feito sob medida, de propósito para torná-lo apto a essa função. Trata-se, sobretudo, de amar, ou seja, de abrir os braços, evangelicamente. São tantas as ideologias propagadas no mundo... Por que deve parecer tão absurda a de um Evangelho verdadeiramente vivido? Abrir os braços ao mundo! E pode acontecer que o mundo, amanhã, com a infernal destruição que hoje se está preparando, tenha inadiável necessidade de um refúgio, onde encontrar paz; de uma terra em que não viva o ódio ou o interesse, mas o amor. Quem sabe se a luta entre as ideologias armadas de bombas atômicas, não se resolva num desastre tão grande no Hemisfério Norte, que os povos devam fugir de lá em massa, especialmente da Europa que está mais ameaçada? E quem sabe se esse impulso não exercite uma pressão desesperada sobre as portas do Brasil, tão forte que as faça ceder, e opere uma imigração em massa de milhões de europeus? Assim se preencheria rapidamente o Brasil, de frutos mais carregados de dinamismo e de inteligência, produto da milenária elaboração da velha civilização europeia, que já viveu tantas experiências, para que funcione como semente que se transplante para um terreno virgem para fecundá-lo. Tudo isto está na linha das maiores probabilidades. E então, a função do Brasil seria não só receber e abraçar, mas, com seus princípios de liberdade, de hospitalidade e bondade, de amalgamar todas as raças, como já está fazendo, assimilando-as em sua nova terra. Os povos novos se fazem com a fusão, não com o racismo, e a fusão se faz com o amor.

Tudo parece pronto para estas novas realizações. O Brasil possui território imenso, cheio de riquezas

incalculáveis, que só esperam a mão do homem para ser valorizadas. Maior muitas vezes que a Europa, fértil, e com um clima que torna fácil a vida, pode conter mais de 500 milhões de habitantes. E tem hoje apenas a décima parte. E o mundo da velha civilização europeia acha-se justamente em condições opostas, de superpopulação e de pressão demográfica, à procura de um espaço vital. Dois impulsos opostos, que convergem para a mesma solução. A civilização emigrou do Egito para a Grécia, da Grécia para Roma, de Roma para a Europa e da Europa para as Américas. A raça anglo-saxônica criou a civilização do dólar nos Estados Unidos. Por que a raça latina, herdeira de Roma, não poderia criar a civilização do Evangelho no Brasil?

Há também uma razão de caráter moral e, para a História, têm poder, outrossim, as forças desse tipo, mesmo se a política não as leve em conta. E esta razão pode ter maior valor hoje, porque esta é a hora do juízo, a hora apocalíptica, em que será liquidado um velho mundo indigno, para que nasça outro melhor. Ora, a América do Sul é inocente das últimas guerras e a raça latina é inocente da criação e do uso da bomba atômica. Esta inocência, diante da justiça de Deus, imanente nas leis da vida, forma uma base e um direito de ser salvo. Tudo, pois, parece concordar para uma missão do Brasil no mundo, que o faça, em grande parte, herdeiro especialmente da civilização latina.

O Brasil é a terra clássica das fusões de raças, é o "*melting-pot*" em que tudo se mistura. E sabemos que a natureza se regenera na fusão de tipos diversos, ao passo que o princípio racista isolacionista é antivital. Prova-o o esgotamento das aristocracias muito puras e selecionadas. E já se pode dizer que todas as nações do mundo tenham, hoje, seus representantes no Brasil. Este, dessa forma, já as concentra todas em síntese, como modelos, num todo que as funde juntamente numa raça nova, que pode ser

chamada a síntese de todas as outras. Por isso, o Brasil, com este seu universalíssimo, que o coloca nos antípodas das cisões nacionalistas europeias, está apto a ser o berço de uma nova civilização, cujo primordial caráter será a universalidade. O mundo caminha hoje para as grandes unidades, e os patriotismos, em sentido exclusivista e agressivo, da velha Europa, tendem hoje a ser rapidamente liquidados pelas leis da vida, porque são contraproducentes para seus objetivos evolutivos. Nisto, o Brasil tão jovem se acha mais adiantado do que a Europa dividida e belicosa, adiantado numa ideia mais vasta, de nacionalidade cosmopolita, em que todas as nacionalidades se fundem sob o mesmo céu. Por este motivo, o Brasil é mais apto do que a velha Europa a realizar uma ideia, que é a ideia do futuro, uma unidade livre, constituída não de satélites submetidos à força, mas de fusão demográfica, a única que resiste no tempo e que forma os povos novos.

Mas outras qualidades ainda possui o Brasil, para desempenhar a função histórica que a vida lhe oferece. É ele um país jovem. O fato de não estar carregado de milênios de história, isto é, de lutas e de dores, de fadigas pelas conquistas de tantos valores de todo o gênero, o torna mais ágil. E a história do Brasil, assim como ocorre para os jovens, está mais no futuro que no passado. Este povo tem a vantagem de poder colher, ainda em idade juvenil, os produtos de uma longa civilização, já confeccionados e prontos para o uso, pela Europa já velha, que suportou e sente o cansaço, produzido pelo esforço de quem os teve que criar por si mesmos. É uma vantagem poder dispor de tais meios; porque isso permite enfrentar a vida mais rico e armado de recursos. Com a técnica moderna, derruba-se a floresta virgem, transformando-a em cidades habitadas e civilizadas, muito mais facilmente do que com os meios primitivos de nossos avós. E tudo isso é mais fácil, quando esses meios são utilizados pela força dos jovens. O Brasil é

jovem. O ponto de chegada da civilização europeia é, para ele, um ponto de partida. Ele começa sua vida com os meios mais adiantados da civilização: o arranha-céu, o automóvel, o avião, o rádio, a televisão; meios novos que, nesta terra acham o espaço livre, ao passo que na Europa devem ser sobrepostos aos meios mais velhos, que estavam dantes em plena eficiência e que, em determinada época, constituíam a base da civilização.

Diga-se o mesmo para as ideias. O Brasil é terreno desimpedido, pronto para assimilar o que é novo. Na Europa, tudo está encadeado, cada ideia já foi lixada na vida em formas concretas, que constituem hoje uma barreira ao que é novo, e criam um obstáculo a cada passo. Sua filosofia tem todo o requinte do sofisma e do bizantinismo, enquanto a vida nova pulsa com ideias simples, fortes e grandes. Quem tem este gênero de ideias, não pode encontrar terreno propício numa Europa que está entregue a todos os requintes da decadência: pode só em países novos que, ao contrário, estão esfaimados dessas ideias, porque sentem que elas são vitais. A Europa é a árvore carregada de frutos e sementes, à espera que o vento os carregue para longe, para frutificar em terras virgens. Eles penetrarão nos povos novos que os olham com admiração e anseiam beber-lhes o pensamento, a civilização, a vida madura, que fecunde sua vida nova. Talvez venha a ser a Europa, bem cedo, o que foi a Grécia vencida diante de Roma: vencida e mestra. E a nova luz virá ainda de Roma, sempre viva no pensamento do mundo.

Mas, a grande qualidade do Brasil, a que estabelece sua função vital, é o sentimento, o coração. Nesta terra estão as raízes daquela expansividade de afetos, que é a qualidade humana que, mais tarde, evoluindo, é a mais apta a sublimar-se no amor evangélico. Aqui, até o feroz Comunismo russo idealiza-se e concebe-se como programa de justiça social, torna-se até cristão, formas inconcebíveis

na sua realidade russa. Tudo, também as coisas piores, aqui procuram tornar-se boas, porque cada biótipo tudo transforma, adaptando-o ao próprio temperamento.

O poderio bélico e o econômico, por mais que queiram evoluir, partem de uma semente de natureza muito diversa, e jamais poderão transformar-se em amor evangélico. Os senhores do ouro e do poder bélico poderão sorrir de tudo isto. Mas a vida é feita de tal forma, que não pode ser construída apenas com estes dois meios. Assim como cada corpo humano precisa, não apenas do ventre para digerir, da inteligência para dirigir-se, dos braços para trabalhar e defender-se, mas também do coração para amar e proteger, como cada família necessita não só do pai, que luta, ganha e ordena, mas também do amor da mãe, que gera, e cria no amor; assim da mesma forma a humanidade necessita de povos que representem, em seu grande organismo, esta nobre função da bondade e do amor, da proteção e da conservação. Na humanidade são necessários os povos, como o Brasil, encarregados da função da coesão e unificação. A vida, que tem de ser completa, precisa de tudo isso. Portanto ela confia a essas nações, o desempenho de funções biológicas, que são verdadeiras missões históricas. Estas adquirem hoje uma importância muito maior, porque a seleção biológica se apresta a tomar formas mais evoluídas, que já não são mais aquelas tradicionais do mundo animal, aquelas que levam à vitória do mais forte no plano material; isto é, a seleção tende, ao contrário, a produzir o biótipo do mais inteligente e do mais adequado, por qualidades de sentimento, a confraternizar, ou seja, a saber viver socialmente. A inteligência é o caminho para chegar a compreender a utilidade individual e coletiva de ser bons e honestos; e o sentimento é a estrada mestra para alcançar essa fusão de almas, sem o que não poderão surgir os futuros organismos das grandes coletividades sociais.

O europeu que, pela primeira vez, chega ao Brasil, trazendo consigo sua mentalidade europeia, não pode compreender muitas coisas, porque seus pontos de referência são diferentes. Ele, que provém de uma terra em que tudo tem uma longa história, por ter vivido muito, e desde muito tempo está maduro e adulto, não pode compreender de imediato um país jovem, em que tudo está no estado de gérmen, e porque este ainda não nasceu nem cresceu, lhe parece o terreno inculto e deserto. No entanto, à planta madura resta apenas envelhecer e morrer, e às sementes só faltam desenvolver-se. Aos jovens pertencem a vida e o futuro. O que mais importa é o amanhã. Neste amanhã deve ser olhada e compreendida a grandeza do Brasil, um amanhã que para a Europa só pode ser, ao contrário, velhice e decadência.

Sem dúvida, o europeu traz em si um requinte que o leva a olhar do alto uma terra que, na Europa, é muito pouco conhecida, tanto que é considerada de tipo colonial. Apenas aqueles que se fixam um pouco e queiram olhar menos superficialmente as coisas, podem ver o que exista sob essas aparências; pode então observar como no requinte da civilização europeia nem tudo seja ouro que reluz e haja também um reverso da medalha. A maturidade europeia pode significar também cristalização senil, uma carga de superestruturas que bloqueiam a evolução, o esgotamento de forças vitais. Estas refervem, emergindo sempre do mais elementar, que está ávido de subir; ao passo que, quem já chegou gosta de repousar sobre o esforço realizado e, como os velhos, dormir sobre as próprias conquistas. É mesmo provável que a grande Europa, mãe e mestra do mundo moderno, já tenha esgotado sua tarefa e suas forças. O requinte pode significar então velhice, e o estado primitivo significar vida, não no passado, mas no futuro.

Há todavia mais coisas, no reverso da medalha. Requite, madureza de pensamento, são muitas vezes, ausência de virgindade de espírito, isto é, qualidades contraproducentes para o desenvolvimento diante do futuro. A mentalidade europeia, com o passar e repassar em revista todos os seus valores, destruindo-os e reconstruindo-os para ascender, de controle em controle, em busca de verdades cada vez mais exatas, tornou-se hipercrítica, tanto que assumiu difusamente a psicologia do filósofo, que, após haver tudo examinado e discutido, só sabe ser cético de tudo. O próprio catolicismo não pode deixar de ficar preso na vastidão e no poderio desse ciclo histórico e, embora formal e teoricamente intacto, está de fato naufragando na realidade das almas. Chegou-se assim, na prática, a um estado difuso de ateísmo, que assume, nos que se dizem crentes, uma forma de materialismo religioso, ou seja, de religião materialista em que, na forma ortodoxa intacta, a chama da espiritualidade está apagada. Por muitas razões, assim, entre as quais as duas últimas guerras, pelo exemplo da ferocidade e pelo estado de necessidade que se lhe seguiu, está ainda vigorando nas almas, sob a formalidade do cristianismo, uma religião de egoísmo e de cálculo. Quem está de fora segue, diretamente, a religião do ódio, quando isso é necessário para sobreviver.

Sem dúvida que a cultura, a crítica de tudo, desenvolveu a inteligência, tornou mais requintados os métodos de luta, fazendo-os mais sutis e terríveis. Por isso, as massas cresceram em desconfiança e astúcia, não em bondade. Sua agressividade tornou-se organizada, racionalizada, científica. A crítica e a cultura destruíram as trevas da ignorância, sim, mas ficou apenas a razão, fria calculadora de egoísticos interesses materiais. Este é o positivismo do mundo civilizado de hoje. O poder criador, representado por um transporte de fé, com esperança no

futuro, parece perdido neste mundo cinzento de ceticismo, agarrado, sem esperança, apenas à vantagem que pode oferecer o minuto que foge. Perdeu-se, assim, na realidade, todo o sentido verdadeiro de religiosidade, embora quase todos se declarem homogeneamente católicos apostólicos romanos, ao menos na Itália, ou protestantes e católicos alhures, mas todos igualmente cristãos. Na prática, as massas adoram o deus dinheiro e só nele creem firmemente. Muitas belas práticas formais sobrevivem, mas domina, na maioria, a indiferença e desapareceu todo o sentido de verdadeira espiritualidade.

O Brasil acha-se em condições opostas. Antes de tudo, o temperamento é menos frio, menos fechado, mais expansivo. Poucos, na Europa, se abraçam em público, mesmo entre os íntimos, e todas as expressões de afeto são controladas e sopesadas. No Brasil, a luta menos dura e a virgindade maior de espírito ainda não fizeram fechar-se as portas da alma, nem as manifestações dos próprios sentimentos, pela desconfiança necessária aos povos mais experimentados pela calamidade inimiga. O tipo biológico do Brasil é levado mais a religião espontânea, numa expansão livre, de amor e de fé, do que a uma religião já rigidamente codificada, em que o pensamento e o sentimento permanecem enregelados nas formas. Ora, este primitivo estado espiritual incandescente, ainda que, pelo europeu, possa ser olhado com um sorriso de compaixão, é o estado mais apto aos futuros desenvolvimentos. Aqui as almas são virgens e receptivas e pode criar-se o novo. Na Europa, só se pode continuar a elaborar o velho, finando-o sempre mais em sutilezas capilares, ficando tudo fechado nas velhas barreiras construídas pelos séculos.

Assim, não há apenas, no Brasil, um estado de sentimentalismo dominante, que dulcifica os homens, mas prevalece uma disposição à religiosidade e ao misticismo. Este é um povo religioso por excelência esse seu tipo

biológico. Não importa que as religiões e as formas sejam muitas. Encontram-se no Brasil quase todas as religiões do mundo, vivendo juntas na mesma terra. Na Europa pode dizer-se que há apenas uma religião, tão afins são as duas dominantes, catolicismo e protestantismo, ambas cristãs. Entretanto, não há muita disposição espontânea à espiritualidade, e o biótipo místico não domina em absoluto. Quem pela primeira vez chega ao Brasil, fica escandalizado com a macumba, com tantas superstições, assim como com o carnaval do Rio de Janeiro. Pois bem, estes são os graus mais ínfimos da tendência à religiosidade, ao misticismo, ao amor. Estamos muito em baixo, mas o gérmen existe. E se existe, ele pode ser guiado e desenvolvido. Na Europa mais puritana, mas não mais casta, mais formalmente religiosa e disciplinada, mas não mais crente, não existe esse gérmen, e nada pode ser desenvolvido. Que futuro se pode dar a uma religião mecânica, sem grandes transportes de fé, a uma alma friamente calculista, sem grandes transportes de paixão? Os grandes santos surgiram, mais frequentemente, dos grandes pecadores passionais do que dos frios e ortodoxos pensadores. No Brasil há o estado passional que, embora no estado caótico, representa a matéria prima da fé, da religiosidade, do misticismo. Condena-se justamente a sexualidade quando é animalesca, entretanto, representa ela a primeira porta, embora a mais baixa, pela qual começa a alma a irromper ao egoísmo frígido (naturalmente calculador e que acumula para si, sexualmente neutro) para dar de si mesmo aos outros. Por esta porta passarão mais tarde, com a evolução, todas as sublimações deste primeiro e grosseiro movimento de expansão altruísta, que aos poucos se irá cada vez mais desmaterializando, até o amor aos pais pelos filhos, do homem evangélico ao próximo, do filantropo à humanidade, do místico à Divindade.

Resumamos, neste terreno, a posição do Brasil diante da Europa, num quadro de conjunto, expondo qualidades e

defeitos de ambos os lados. O Brasil é primitivo, simples, espontâneo, de boa-fé, tendente à confiança, alma infantil, acreditando em Deus e no futuro, ainda, não experimentado pelos golpes das guerras duríssimas e da iminente ameaça de uma terceira, não prostrado por milênios de luta; alma virgem, quente, entusiasta, ávida de assimilar, rica de sentimento, substancialmente religiosa, com disposições e tendências místicas, num ambiente de vida simples que, suavizando a luta, induz à bondade e à tolerância; alma exuberante e expansiva, generosa como a dos jovens, tendente, pois, a confraternizar e a fundir-se no próximo. Tipo biológico capaz de infinitos desenvolvimentos, retomando o caminho da fé, do estado de transporte virginal em que se encontravam os primeiros cristãos, hoje já no terreno de mais vasta base científica e racional, que a mente moderna atingiu e pode oferecer. Tudo no estado da semente que quer e tem fome de crescer, tudo enquadrado numa fase histórica de desenvolvimento do mundo para um novo tipo de civilização, no amadurecimento dos tempos, e diante da vontade da vida de fazer um grande salto à frente. E eis que, diante dos grandes problemas do século, como principalmente o da justiça econômica e da confraternização e cooperação para poder viver e trabalhar concordemente nas grandes unidades coletivas, que a História quer fazer nascer, agora, eis que diante desses problemas, há muito mais probabilidades que os saiba resolver um povo que amorosamente os enfrenta com o coração, do que o resto do mundo, que só os sabe enfrentar com a força do dinheiro ou das armas e exércitos. Estas qualidades, a tendência à religiosidade, a virgindade de alma, que significa terreno livre para novos desenvolvimentos, representam uma capacidade de progresso nas crenças religiosas, ao qual vemos corresponder, na história da humanidade, tão frequentemente, um progresso social.

Do outro lado, a Europa, madura, complexa, hipercrítica, cética e desconfiada, sem fé em Deus e no futuro, envenenada pela ferocidade de duas guerras e cansada do trabalho de civilizar o mundo, alma que já navegou por todos os mares do conhecimento, fria, reflexa, autocontrolada, farta de saber, que desbarata tudo com a análise até chegar ao ceticismo, carregada demais de coisas velhas e privada de espaço livre para o que é novo; temperamento positivo e, portanto, egoísta, calculador, nada generoso, como são, em geral, os velhos, a isso constrangido por uma vida mais difícil e dura, pela falta de espaço e pela pressão demográfica; alma tornada por tudo isso exacerbada, fechada e desconfiada, essencialmente materialista, utilitária, levada ao absolutismo e à intransigência, a um individualismo separatista, que repele a espontânea confraternização. Tipo biológico saturado, incapaz de renovações substanciais, mas apenas de aperfeiçoamentos cada vez mais sutis, na base das grandes estradas já fixadas pela raça, por assimilação de milênios. Tudo maduro, ao qual só resta envelhecer, no vasto mundo que procura, ao contrário, novos caminhos e elementos jovens para percorrê-los. Lá uma floresta de grandes árvores; no Brasil um campo fértil, carregado de sementes. Na floresta tudo está feito; não se pode nem semear nem colher. E nela se anda com dificuldade. A alma adulta é individualista, à maneira de grossos troncos eretos, e o resultado é o separatismo. Tudo está dividido, é rival, incrédulo até o materialismo religioso. A fé em qualquer coisa, que não seja o que é útil no presente, está em decadência.

Vejamos um só exemplo. Na catoliquíssima Itália, centro do catolicismo, em cinco anos, até as eleições de 1953, os comunistas aumentaram de um milhão e meio. A Igreja de Roma condenou severamente, até com a excomunhão, a doutrina ateu-materialista. Pois bem, o comunismo, com

isso, não foi absolutamente contido e continuou a progredir. Mais de nove milhões de adultos não fizeram caso da condenação da Igreja. Em 1953, sobre nove milhões e meio de adultos, isto é, uma pessoa em cada três era, declaradamente, materialista. Isto quer dizer que o Cristianismo embora com a Democracia Cristã se tenha tornado na Itália, além de religião, um partido político, não pôde deter a expansão dos princípios materialistas e nada consegue contra eles. Suas reações servem, assim, mais para desacreditá-lo, demonstrando sua impotência, do que para alcançar seu objetivo. Um terço da população adulta, que é o que conta, na catoliquíssima Itália, onde oficialmente todos são católicos, e onde está o centro do catolicismo é atea. E dos outros dois terços, quantos creem verdadeiramente? Sua conduta faria crer que também a maioria deles seja atea.

O materialismo é, então, uma corrente coletiva, que arrasta todos, e contra a qual, já agora, uma Igreja reduzida à forma e vazia de espiritualidade profunda e convicta, ao menos no conjunto, não mais pode lutar para vencer. Os homens da Igreja podem dizer: Deus está conosco. Mas, se sabemos que Cristo está com Sua Igreja espiritual, estamos seguros de que Ele permaneça com aqueles homens, se eles não seguem seus ditames? Perdida dessa forma a força maior, que é a espiritual, que defesa lhes sobrarão? Então, eles cairão no grande curso da corrente geral, até que ocorra uma renovação radical, com a volta ao espírito. Isto porque tudo se reduz a um grande fenômeno biológico, que não se pode realizar com os retoques da reforma, mas só por meio de grandes agitações políticas e sociais, que limpem e renovem radicalmente, refazendo-se tudo desde a raiz. Pesa sobre a Europa toda uma vingança comum da História, preparada longamente nos séculos, e que agora atinge sua fase culminante. Representa um determinismo histórico comum a todos, porque foi preparada

concordemente por toda a Europa, não obstante a diversidade de línguas e raças, e que converge toda para o estado atual. O Brasil terá outros defeitos, mas é inocente dessas culpas, próprias de quem teve a responsabilidade de guiar intelectual e espiritualmente o mundo: sua história não se fez, ainda se fará; não há, pois, diante da Lei, violações executadas, nem espera de suas reações, nem débitos a pagar.

Então, a qual desses dois grupos étnicos pertence o futuro? Diante dos grandes problemas do século, como o da justiça econômica e da confraternização para poder conviver e colaborar nas novas grandes unidades coletivas, qual dos dois grupos étnicos se acha mais apto, e espiritualmente preparado, para resolver tudo isto e chegar a uma conclusão, que não seja a da destruição de meio mundo, por meio de guerras exterminadoras?

Não queremos aqui impor conclusão alguma. Procuramos apenas expor dados de fato, para que o leitor os utilize livremente, para concluir por si, como melhor desejar. Mas, o certo é que, salvo erro ou omissão, parece que estes dados queiram concluir a favor do Brasil. Tudo isso nos aparece nas condições de fato, escrito na onda da História, onda que carrega homens e acontecimentos, como explicamos acima. Sem dúvida, a vontade de um povo, sozinho, embora com a maior boa vontade, não poderia criar a natureza da onda histórica, num determinado momento nem sua posição dentro dela. Cada nação acha aí situada em atitudes diversas, com diferentes funções, de acordo com o desenvolvimento das proposições lógicas do pensamento progressivo da vida. O que mais pesa, a esse respeito, é a vontade da História, é o momento, é o desenrolar dos acontecimentos. Ora, tudo está a favor do Brasil, para que, secundando os impulsos da História, que oferece, mas jamais coage, possa ele desempenhar esta sua função e missão. Esta convergência de circunstâncias

favoráveis demonstra que efetivamente a História faz, hoje, ao Brasil, este oferecimento e para que este se torne função histórica e missão, e mais tarde se realize na ação, a questão é apenas de que o Brasil a aceite e a queira. Não nos detenhamos nas condições e aparências do momento. Esta que fazemos, é uma visão remota e de conjunto, e não um trabalho de análise do pormenor, em que vivem os homens políticos. Colocamo-nos aqui, em contato com os grandes movimentos da vida do mundo, e não com o jogo dos partidos, nem com as competições humanas.

No quadro de síntese que pusemos sob os olhos do leitor, vemos que a onda histórica, que exprime a vontade da vida, vai nesta direção, e faz, a esta nação, seu oferecimento. Trata-se de aceitar e compreender, de colocar-se na corrente que a História quer seguir. Mas, um homem ou um povo pouco podem sozinhos, e nada podem contra a História. Mas se a onda que os leva é favorável, Deus está com eles, as forças imensas da vida estão à sua disposição, e eles podem, portanto, alcançar até o inacreditável. As qualidades que o Brasil possui não só são aprovadas pelo novo rumo dos tempos, como também são aproveitadas, porque a vida, hoje, precisa justamente delas. É provável que o mundo se ache, brevemente, com uma necessidade tão premente de paz e de bondade, que se valorizem de modo extraordinário os poucos lugares em que seja possível encontrá-las. E o Brasil poderá ser o primeiro entre estes. É provável que os conflitos do Hemisfério Norte terminem com grandes destruições, após as quais a vida terá imperiosa necessidade, para sua reconstituição, de paz, amor, compreensão e colaboração, e de um lugar tranquilo onde possa repousar e recomeçar sobre essas bases. A carência crescente desses elementos e a progressiva elevação da procura, os valorizará cada vez mais, tornando-os buscados e preciosos. A humanidade, traída pela força e pela riqueza, nas quais unicamente acreditou, enregelada

por um egoísmo da qual só terá recebido desolação, procurará, para não morrer, um sentimento de bondade em que possa viver com mais calor, e que termine de uma vez com as lutas. Eis a grande função histórica do Brasil, se este souber preparar-se desde já; eis sua missão, se ele quiser desempenhá-la amanhã, pois que a História está pronta para confiar-lhe.

Então, poderemos dizer que o Brasil poderá ser a sede da primeira realização da terceira ideia, que funda, num todo, o que há de melhor nas duas atualmente em luta mortal, ou seja, a liberdade dum lado e a justiça econômica do outro, no amor evangélico, sem o que nada é aplicável, em paz, nem pode dar fruto algum. Isso tudo é possível, porque, como diz Victor Hugo: "há uma coisa mais poderosa que todos os exércitos: é uma ideia, cujo tempo tenha chegado". Então, poderemos dizer, que o Brasil poderá ser verdadeiramente o berço da nova civilização do espírito e do Evangelho, da nova civilização do terceiro milênio.

6. O APOCALIPSE (1ª Parte)

Nos capítulos precedentes observamos nosso mundo atual e o caminho da História no sentido analítico, olhando os acontecimentos no pormenor e de perto. Agora dilata-se nossa visão em campos mais vastos. Ou seja, observemos o caminho da História em suas grandes linhas mestras. Contemplaremos quadros mais amplos, em que permanecerão situados e orientados os menores e mais próximos dos capítulos precedentes. Caminharemos, assim, por etapas, partindo das coisas pequenas e vizinhas para as grandes e remotas, a fim de iluminar cada vez mais o argumento, contemplado dessa forma e sempre de diversos pontos de vista.

Os capítulos anteriores terminam apoiando-se no conceito da nova civilização do terceiro milênio. É nesse conceito, a cujas portas nos levaram aqueles capítulos, que se dilata nossa visão. Nossa precedente pesquisa histórica enriquece-se agora de novos elementos, até tornar-se a imensa orquestração cósmica, em que se agitam os destinos do mundo, a ruína e o renascimento da civilização e a luta apocalíptica entre o bem e o mal. E quanto mais vimos as coisas em suas grandes linhas, tanto mais veremos nelas presente e operante aquele pensamento divino, que afirmamos ser o princípio diretivo que preside ao desenvolvimento da História. Assim, acharemos neste capítulo e nos seguintes, sempre novas confirmações dos princípios que dirigiram nossa pesquisa nos anteriores.

As observações feitas até aqui levaram-nos a concluir pelo advento de uma nova civilização, a cuja preparação tende toda a obra presente. Procuraremos, cada vez mais, explicar e aprofundar este conceito, que parece utopia. Observá-lo-emos agora, entretanto, não como nos capítulos

precedentes, em sua atual preparação histórica, nem como no volume **A Nova Civilização do Terceiro Milênio**, em seu conteúdo e em seus princípios diretivos, mas no pensamento profético, captado e transmitido a nós pelas grandes antenas humanas que antecipam o futuro. Procuraremos assim, na intuição de outros, a confirmação da nossa, pedindo luzes a todos, para confirmar mais ainda nossa certeza. Interrogaremos, por isso, o Apocalipse e outras profecias, mais antigas como a de Daniel e mais recentes como as de Malaquias e Nostradamus, auscultando também a astrologia e a voz das Pirâmides do Egito, para ver se todos concordam entre si e também conosco, a respeito da proximidade do grande acontecimento da Nova Civilização do Terceiro Milênio.



O primeiro problema que se nos defronta, ao penetrarmos no mundo das profecias, é o da possibilidade lógica da previsão do futuro. Será verdadeiramente possível conhecê-lo antecipadamente e como? Nossa tarefa consiste em explicar tudo, porque temos que admitir que é muito mais sólido o conhecimento dos fenômenos racionalmente demonstrados, e também porque este é o melhor meio para fazer neles um exame analítico. Ora, é logicamente possível prever o futuro. Vejamos as razões. Elas não faltam no sistema até agora seguido nestes volumes.

Já explicamos alhures (no volume: **Problemas do Futuro**, cap. XI, "Livre Arbítrio e Determinismo" e no volume: **Deus e Universo**), que a liberdade de escolha só pode existir num estado de imperfeição e ignorância, como é o humano, ao passo que nos planos superiores da perfeição e da sabedoria, essa incerteza de oscilações em busca do melhor caminho, não tem mais razão de existir. É isto um absurdo, dado que o melhor é imediatamente alcançado, pois já é conhecido e não há mais necessidade

de experiências para evolver. Há dois mundos: o relativo e o absoluto, opostos, o primeiro oscilando na incerteza, em que se não pode prever o amanhã, e o segundo perfeito e, portanto, determinístico, em que tudo é sempre visível e previsível. Há conceitos e atitudes psicológicas que aceitamos como axiomáticos, porque eles são naturais em nós. No entanto, se eles são parte integrante de nosso mundo e de nossa psique, perdem seu valor logo que saímos dele. Em outros termos, os conceitos do relativo, segundo o qual está plasmada nossa atual mente e natureza, não valem mais no reino do absoluto. Este, por sua vez, pelo fato de que só pode ser perfeito, só pode ser, portanto, determinístico.

Estabelecida esta qualidade determinística do absoluto imposta pela lógica, teremos que admitir, como consequência necessária de sua perfeição - qualidade de que não pode prescindir - que naquele plano tudo é previsível. Mas, o é também por outro motivo. O absoluto, como vimos no volume **Deus e Universo**, após a queda do Sistema, decaiu na dimensão tempo, em que o estado imóvel de existir se transforma numa série de momentos sucessivos, tomados na corrida do tornar-se, para que se realize o caminho da evolução. O absoluto não fica cindido pelo tempo que passa, mas simplesmente "é", sem tornar-se, livre da concatenação: ... causa-efeito, efeito-causa... Então, ele é totalmente concomitante, todo presente, todo visível. Nossa divisão entre passado, presente e futuro é apenas uma posição relativa a nós, dada pelo transformismo, condição necessária da evolução, que é a nossa lei.

Para melhor compreender como se move o homem num mundo de conceitos filhos do relativo e próprios apenas às suas condições, mas que não valem mais se sairmos delas, observemos também a relatividade do conceito do "nada". Ele só tem valor em relação às nossas posições e se dissipa

quando estas são superadas. Até o fato de que, em nosso plano, sua concepção só seja possível como um contraste entre o ser e o não-ser, prova que ele é o resultado de uma cisão da unidade originária, é um efeito da queda. No absoluto, estes conceitos relativos não cabem, e tudo simplesmente "é". Aí tudo é unidade e o conceito "nada" só pode aparecer no dualismo, efeito da queda, pelo que tudo só pode existir na forma do ser ou do não-ser, ou seja, apenas perceptível como contraposição ao seu contrário. A negação, em oposição à afirmação, nasceu com a revolta, pois que em Deus não pode haver negação, no absoluto não há possibilidade do não-ser, do nascer e morrer, do vir-a-existir por criação, o que é um conceito relativo, e que só pode significar transformação de um estado precedente, o qual, por ser diferente em relação ao novo, se chama o nada. Eis aí então, que o nada é outro conceito que só vale para o nosso relativo e que desaparece no absurdo, logo que se supere esta posição. No fim do caminho evolutivo, com o regresso do ser a Deus, vimos no volume **Deus e Universo** que o não ser será reabsorvido pelo ser, o dualismo na unidade, o nada desaparecerá, assim como o tempo, a concatenação... causa-efeito, efeito-causa..., a sucessão dos acontecimentos, a incerteza da escolha, nosso mundo do relativo. Mas, o universo não partido, no estado integral, uno, em que tudo é coexistente e presente, sem tempo, sem o nada, perfeito e determinístico, já existe acima do nosso, à espera de tornar a unir-se com o nosso, uma vez terminado o caminho evolutivo.

Ora, quanto mais o ser se avizinha, pela evolução, desse estado de reintegração no estado originário, mais seu modo de existir se identificará com esse estado, que tem todas as qualidades que vimos. Para o problema proposto interessam primordialmente as da contemporaneidade e do determinismo. Os termos do problema são dois: de um lado, um plano superior do ser, em que essas qualidades são

realidade; do outro, um plano inferior, em que elas não são realidade, havendo, entretanto, possibilidade de aproximar-se delas por evolução. A solução do problema da previsão do futuro está justamente nessa possibilidade, pela qual o ser pode aproximar-se, por evolução, das zonas superiores de unidade, concomitância e determinismo, porque em tais zonas o futuro é presente, e sempre acontece só uma coisa: a melhor, e nada mais pode acontecer.

Não se diga que os dois mundos são separados e estranhos. As qualidades do sistema perfeito permaneceram no âmago do que é imperfeito, o mundo superior, ainda que se corrompendo, projeta-se no inferior, e esses continuaram comunicando-se. Só por isso é possível que o segundo se possa purificar, até voltar à perfeição de origem. No universo decaído, Deus permaneceu em seu aspecto imanente. Se a evolução é uma realidade, e significa passagem de um plano inferior a um mais alto, isto quer dizer que eles estão conexos. Assim, a estrada para atingir a previsão do futuro está traçada, significando que o fenômeno é possível. Só precisa de um elemento: o homem evoluído, ou seja, aperfeiçoado tanto psíquica como espiritualmente, que saiba pensar não só pelos meios racionais normais, como também pela inspiração e intuição, e possa assim perceber os planos mais altos, acima do normal relativo. E os profetas representam justamente esse tipo biológico de antenas sensibilizadas pela evolução. Os verdadeiros profetas são também gênios e santos. Na profecia, o homem se aproxima das esferas superiores, em que não há tempo e que, por sua perfeição, são naturalmente determinísticas. E onde não existe o tempo, tudo é presente e os acontecimentos não aparecem cindidos na sucessão que os devora, ligados por uma cadeia de causalidades; onde tudo é determinístico, o futuro não pode ser um mistério. É assim que a profecia é possível, porque quanto mais se sobe para o ápice e para a

unificação, tanto mais se pensa e se age com perfeição, isto é, deterministicamente.

A profecia é, portanto, logicamente possível e é um ato de inspiração. Quanto mais ascendemos, na direção das grandes linhas da História, menos elas obedecem ao capricho humano, porque mais nos avizinhamos dos grandes planos da Lei, e mais esta comanda e se manifesta evidente em sua natureza, que é determinística. Para melhor compreensão, referir-nos-emos a um fenômeno paralelo, conhecido também na física atômica. O movimento de cada uma das moléculas num gás não pode prever-se, porque é livre e irregular. Podem mover-se devagar ou rapidamente em qualquer direção. Mas o choque de bilhões de moléculas de gás, contra determinada superfície, produz um impulso constante que obedece a leis simples e bem definidas. Num universo dirigido por uma lei única e unitária, é lógico que ocorra a mesma coisa com os seres vivos; e assim no-lo mostram, com efeito, as estatísticas. As ações de cada homem são livres e irregulares e, portanto, não podem ser previstas. Mas, a conduta de grande número deles, por longos períodos de tempo, representa um fenômeno de massa, completamente diferente, e obedece a leis bem definidas e, portanto, pode ser conhecido antecipadamente, desde que conheçamos aquelas leis. Não fora isso verdade, ao menos com certa aproximação, e não poderiam existir e funcionar as companhias de seguros.

Outra referência. A liberdade de cada homem pode comparar-se à dos peixes, de mover-se nas águas de um rio. Quando pudermos conhecer o caminho do rio, o que corresponde a leis simples, saberemos também o caminho obrigatório de todos os peixes livres que estão lá dentro. Então, quanto mais nos afastarmos do pormenor e de uma visão analítica das coisas, ou seja, quanto mais concebermos por sínteses, que é o processo da intuição,

tanto mais nos aproximaremos do determinismo da Lei, mais fácil e possível é a profecia. Assim, o inspirado é profeta, melhor poderá perceber as linhas da História, a natureza e os movimentos da grande onda que carrega homens e acontecimentos. A liberdade do indivíduo é uma oscilação menor que permanece, e que ele sente como livre-arbítrio, e o é, mas, na multidão, desaparece para dar lugar a uma lei diferente, maior, universal e de síntese, lei que o indivíduo, imerso na análise e no pormenor, vendo apenas a si mesmo, não percebe, mas que o profeta, com olhos de longo alcance, vê, e dessa forma pode prever os acontecimentos. Ele descuida da oscilação menor, que faz parte apenas da observação microscópica dos indivíduos, e que lhes é indispensável para sua experiência e suas consequências evolutivas. Por isso o profeta se mantém, com observação macroscópica de síntese, nas altas zonas das grandes linhas dos acontecimentos históricos porque, quanto mais descer e se avizinhar do contingente dos pormenores, tanto mais lhe escapará o determinismo da Lei e mais estará sujeito ao arbítrio do indivíduo, numa zona imprevisível. Daí deriva o fato de que a profecia nos aparece como algo que desce de outros planos, o que leva a um deslocamento de mirantes e de valores, que desorienta a psicologia normal, que está ávida, ao contrário, de elementos particulares e positivos, próprios especialmente ao seu mundo. Assim se explica porque também pode acontecer que, na visão permitida pela contemporaneidade dos planos superiores, às vezes se misture, como no Apocalipse a normal sucessão dos acontecimentos, que depois se projetarão na Terra em forma de sucessão no tempo. É por isso que, nas profecias, falta com frequência a precisão do tempo, que é a que mais gostaríamos de saber. Por isso é que mais emergem, ao invés, elementos morais, porque no plano de onde descem as profecias, eles são fundamentais, e as profecias descem para transmiti-los ao nosso plano. Assim, seu objetivo é de converter ao bem,

mais do que se satisfazer nossa curiosidade ou de fazer-nos organizar defesas contra reações merecidas, e portanto necessárias.

Se são essas as características da profecia, o problema de sua função é outro, quando a visão desce à Terra e é comunicada aos homens. Sua tarefa aqui é de avisar, para que os maus se encaminhem para o bem e para que os bons aí permaneçam com fé e paciência. O alvo das profecias na Terra é de indicar o cumprimento da Lei e de convidar o homem a segui-la de bom ânimo, se não quiser sofrer tremendos desastres. É natural, pois, que essas profecias se recusem à exploração que o homem quer fazer, ou seja, não querem fornecer informações e revelar o futuro, para que seja utilizado esse conhecimento não para o bem, mas contra o bem, isto é, para fazer a própria vontade e ter bom êxito nos próprios intentos e até na guerra contra Deus. Das profecias, então, não devemos esperar o que não podem nem devem dar-nos, ou seja, informações para dominar os acontecimentos, para escapar ao determinismo da Lei que deve premiar-nos ou punir-nos como merecemos. Por isso, se uma profecia tiver que dizer: "acontecerá isto ou aquilo", procurará logo retrair-se, cobrindo-se de véus, porque, se deve e quer avisar, deve ao mesmo tempo impedir que as forças do mal, porque involuídas são ignorantes, o saibam e disso se aproveitem, para organizar melhor suas batalhas contra o bem, é natural, assim, que muitos fiquem desiludidos das profecias e se desinteressem delas. Mas, as profecias não querem mesmo dizer tudo o que o homem, ao invés, desejaria; elas recusam-se a ser exploradas pelo mal; estão já prevenidas para impedir este mau uso que delas se desejaria fazer. As forças do mal que espiam essas luzes caídas do céu, para descobrir os desígnios divinos só para melhor zombar ou escapar deles, ou contrastá-los, respondem as profecias: "não, nada sabereis". Tudo o que do Céu cai na Terra tem

que estar prevenido contra o mau uso que em nosso mundo se consegue fazer de tudo. Quantos olhos espiam, quantos ouvidos tentam escutar estas intuições do futuro. Que vantagem poder conhecê-lo por antecipação, para defender-se melhor! Ouvem-nas os bons, para ter coragem e perseverar, mas escutam-nas também os levianos, por curiosidade, e as escutam sobretudo os maus, para reforçar-se no mal.

Ora, vimos que, no Alto, nas grandes linhas, o futuro é determinístico, e portanto não deve ser embaraçado em sua atuação pelo pequeno poder da liberdade humana que tem fim completamente diverso: isto é, experimentar e estabelecer as responsabilidades, porque as ações entram no campo da fatalidade e do destino logo que livremente realizadas. Quem interroga as profecias só para saber o futuro, e então pôr-se a lutar contra a Lei, deveria antes interrogar a si mesmo, para ver qual sua posição diante da Lei, a posição que livremente quis tomar, com suas obras. Quando a profecia desce à Terra, trazendo consigo as notícias de outro mundo, ela vem chocar-se com uma realidade totalmente diversa. Então, o estado determinístico dos planos superiores, situados acima do devenir ou transformismo evolutivo, entra em contato com aquele estado de incerteza da escolha que nós chamamos livre-arbítrio. Neste ponto, o problema filosófico do contraste entre o livre-arbítrio e o determinismo, torna-se vivo, atual, porque é o contato real entre duas forças e posições opostas. E se já resolvemos esse problema, teoricamente e em linhas gerais (veja **Problemas do Futuro**, cap. XI, "Livre-Arbítrio e Determinismo"), agora o argumento das profecias oferece-nos uma confirmação e aplicação dele.

Tudo está enquadrado dentro de limites. O homem, que gostaria de conhecer os acontecimentos para modificá-los, deveria ao invés compreender que seu modo de ser, sua forma particular de vida, baseada na chamada liberdade,

não pode alcançar os céus, reino das profecias; deveria compreender que sua liberdade não pode ultrapassar os confins do campo humano de ação, não pode ultrapassar o limite e entrar no campo da Lei, onde reina o determinismo do absoluto. Os dois campos são diferentes: em um domina o desenrolar-se obrigatório das grandes linhas, no outro a incerteza da pequena oscilação do livre-arbítrio humano. Um campo não pode entrar no outro, embora nas profecias cheguem a tocar-se; mais até, o mais alto penetra no inferior, e a este é concedido olhar aquele. Cada um dos dois campos tem que obedecer às suas leis. Assim, uma profecia muito exata e evidente, seja em relação ao futuro próximo ou longínquo, viria alterar a liberdade humana, introduzindo nela novos elementos de decisão e perturbando o cálculo das responsabilidades. A profecia não tem o objetivo de tranquilizar-nos para que possamos entregar-nos melhor às nossas comodidades, e para poupar-nos o esforço de vigiar e estar prontos, agindo sempre bem. Assim se explica aquela linguagem sibilina, com que a profecia parece gostar de esconder seu pensamento, justamente aí onde mais se desejaria saber. Dessa forma, se se anuncia como certo um acontecimento, esconde-se o tempo de sua realização, e tudo fica encoberto num simbolismo de difícil interpretação.



Após haver compreendido, nas linhas gerais, o significado e a natureza do ato profético, ocupemo-nos, agora, do Apocalipse. A interpretação do simbolismo com que se exprime esse grande livro, tentou muitas mentes, algumas delas movidas pela curiosidade e pela mentalidade de adivinho. É natural, então, que elas se tenham perdido no emaranhamento dos pormenores, ou tenham chegado às interpretações mais contraditórias, produzindo apenas discordantes círculos viciosos de fantasia. É inútil querer

enfrentar esse livro sem antes ter conhecido e resolvido os grandes problemas da vida e da História. Inútil enfrentá-lo com olhos míopes, diretamente, por análises, sem saber antes olhar de longe, bem orientado pela visão panorâmica de síntese. A interpretação do Apocalipse não pode ser jogo de adivinhos, mas só trabalho de intuição e, ao mesmo tempo, raciocínio filosófico profundo.

Muitas interpretações foram feitas com objetivo preconcebido, de modo que, ao invés de representar obra de pesquisa, representam uma tentativa de servir-se da autoridade desse livro, para fazê-lo pronunciar, e assim valorizar, a condenação dos próprios inimigos, provando o lado bom da causa do próprio grupo e a segurança de seu triunfo. As demonstrações e conclusões mais opostas são obtidas dessa maneira, com a mesma precisão de cálculos e surpreendente coincidência de fatos. Ora, é certo que o Apocalipse não foi escrito para serviço particular de ninguém, nem para alimentar antagonismos de um grupo contra outros. Ao contrário, poderemos dizer que, dado seu caráter universal, quanto mais impessoal for sua interpretação, tanto mais terá probabilidade de aproximar-se da verdade.

Procuraremos, então, fazer aqui uma pesquisa lógica do Apocalipse, observando como seu pensamento concorda com o pensamento da Lei de Deus, dirigente da vida e da História, orientando-nos com os princípios gerais dessa Lei, que foram até aqui expostos em nossos livros. A pesquisa será imparcial, porque não temos teses particulares a defender para o triunfo ou justificação de ninguém. Nosso único interesse é compreender a hora histórica atual e seus futuros desenvolvimentos, para poder delinear a aproximação e a natureza da nova civilização do terceiro milênio. Por isso, pediremos apoio também a outras profecias, para que a concordância das vozes mais diversas, mesmo daquelas escritas sobre os restos das mais antigas

civilizações, possa ser uma confirmação positiva de nossas intuições passadas. Pedimos a todas essas fontes uma ajuda, para compreender o presente momento histórico, gigantesco e tremendo, e com isso a sorte do mundo. Procuraremos, então, entender o simbolismo dessas profecias em termos claros de psicologia moderna, mesmo limitando-nos às linhas gerais, se esta é a condição de maior certeza. Basta-nos, aliás, uma visão de conjunto, mas bem consolidada, pois nada mais queremos, e seria imprudente pedi-lo, pois haveria o perigo de tentar ser adivinho e cair no fantástico. Enfim, ajudar-nos-emos com o raciocínio, apoiar-nos-emos na lógica do Sistema e na própria inspiração que no-lo deu. Procuraremos, com estes meios, coordenados para o assalto ao mistério, chegar à visão mais demonstrada e exata possível, do futuro que nos aguarda a todos. É nosso dever indagá-lo, é necessário conhecê-lo, para preparar-nos melhor para ele, bem longe de qualquer sentimento de vã curiosidade.

Outro motivo ainda levou-nos a aproximar-nos do Apocalipse, e o fizemos após terminar a primeira série dos volumes, após haver aí exposto e demonstrado o Sistema, e justamente porque não só o Apocalipse se enquadra perfeitamente nele, mas também porque o confirma plenamente, dando-nos uma nova prova de sua verdade. Achamos no Apocalipse o princípio da liberdade e da responsabilidade. Daí a sanção final, consequência do segundo princípio, após a longa luta, que é a consequência do primeiro. Mostra-nos o Apocalipse que o caos é transitório, e que no âmago dele está a ordem de Deus, em Quem tudo tem que acabar e resolver-se. Mostra-nos como funciona a Lei em sua reação, que é elástica e explode irrefreável, só depois de longa paciência. Mostra-nos a ignorância do mal que tripudia, acreditando-se vencedor, conquanto seja apenas tolerado pela grande bondade de Deus. Mas assim, é dado a todos tempo para assumir

livremente as próprias responsabilidades, que são as únicas que podem justificar, depois a inexorabilidade da sanção. Há proporção entre esta dura inexorabilidade e a longa espera, cumulada prodigamente de boas ocasiões e advertências, para voltar ao bom caminho. É dado tempo, assim, ao mal, para desempenhar suas funções destrutivas a serviço do bem, para a vitória deste, para a prova purificadora dos bons.

Indica-nos o Apocalipse que na Lei há um princípio de equilíbrio que estabelece um limite ao mal, controla seu desenvolvimento e o detém quando a medida está esgotada. Esta profecia faz-nos assistir a esse lento esgotamento de medidas, enquanto Deus olha sem pressa, pois os artífices do mal não podem escapar à justiça que põe tudo em ordem. Lendo-o, sentimos a cada passo o inútil esforço dos rebeldes e a inexorabilidade do destino, que é a Lei nas mãos de Deus. As águas sobem, sobem afogando tudo, os bons de pouca fé tremem aterrorizados, os maus gritam vitória, e os olhos de Deus estão abertos sobre tudo e vêem. Mas quem tem fé, quem sabe, porque tem conhecido as Leis de Deus, não teme a espera. Tudo é jogo de ilusões da nossa dimensão tempo, tudo escapa no irreal, amarrado nesta sua corrida a um presente que jamais se detém. E as forças do mal em vão se agarram às crinas desse cavalo correndo em fuga, porque nenhum edifício estável pode construir-se, sobre as areias movediças do transformismo da evolução, mas só na zona alta do espírito, onde as tempestades do tempo se acalmam, em mais elevadas dimensões. O mal porém é força decaída, repele e renega o espírito, permanecendo desesperadamente preso à matéria e à sua forma. Traz assim, em si mesmo, com sua própria natureza, a sua própria condenação, como ele mesmo a quis.

O Apocalipse faz-nos ver o lento amadurecimento imperceptível dos grandes fenômenos cósmicos,

descobrimo-lhes as origens até no campo moral e mostrando-nos assim a unidade do todo, em que todos os fenômenos estão coligados nos mesmos princípios. Num perfeito jogo de equilíbrios, acumulam-se em silêncio os impulsos reativos, e sobem, sobem, até a explosão final, que é ao mesmo tempo o resultado de um cálculo de forças e um ato de justiça, fenômeno físico de elementos desencadeados, e fenômeno moral de punição dos culpados, terrificante fim de um mundo e afirmação do reino do espírito, desespero de morte para os maus e vitória de vida para os bons. O mal avança afoito entre os olhares amedrontados dos bons e as forças reativas acumulam-se em seu seio, o corroem, minam-no e o esgotam até fazê-lo ruir. Confortem-se os bons, porque se tudo isso ocorre sem ser visto, e se aos ouvidos físicos só chegam os gritos de vitória dos maus, esta atividade secreta é obra de Deus que, estando no centro, só pode operar no centro das coisas e só no último instante aparece nas manifestações exteriores da forma. O mal está neste outro polo, e não vê o que Deus realiza em silêncio, no íntimo. O mal acredita nos rumores fictícios do plano físico, nos triunfos efêmeros do mundo, e os toma equivocadamente como vitórias. Mas, quem vê essa obra de Deus, que jamais se detém, presente em todos os lugares, sente este intumescer-se de impulsos vingadores, em favor do bem contra o mal e, mesmo que isso possa parecer aquiescência passiva e quase consentimento, fica aterrorizado por essa calma e ausência de reações de que se prevalecem os maus. Tudo isso dá um sentimento de lenta sufocação, prelúdio de morte fatal. E o mal rebelde e cego avança para sua ruína, desprezando em sua complicada astúcia a invencível sabedoria da sincera simplicidade, método retilíneo dos bons que seguem a Deus.

Todas essas coisas, já ilustradas longamente nos volumes precedentes e fazendo parte da lógica do Sistema,

temos a alegria de achá-las agora inesperadamente no Apocalipse, que antes não conhecíamos. A gigantesca luta entre o bem e o mal só pode ser explicada com a teoria da ruína ou queda dos anjos, como mostramos no volume anterior **Deus e Universo**. O Apocalipse é a história da volta, representa o caminho da reascensão, dividido em episódios de luta e conquista, até a meta. Esta profecia confirma os conceitos dos precedentes capítulos, a respeito do pensamento e da vontade da História, faz deles, como nós, uma coisa viva, pensante, inteligente; mostra-nos que o verdadeiro senhor dos acontecimentos é Deus, o verdadeiro guia deles é Sua Lei; sobretudo nos conforta nossa precedente interpretação da hora histórica atual, avançando num mar tempestuoso para mais altos destinos. Lampeja no Apocalipse o grande conceito da real chegada à Terra do Reino de Deus, conceito que é o da Nova Civilização do Terceiro Milênio. O Apocalipse confirma o significado profundo da vinda de Cristo à Terra, e reforça as conclusões do Evangelho, em torno do qual gira a presente obra.

Pode parecer que o estilo violento de batalha do Apocalipse não se possa conciliar com o estilo pacífico do Evangelho. E no entanto, os dois livros se elevam sobre o mesmo conceito. Só que no Evangelho estamos no terreno dos princípios, altos e celestes, ao passo que no Apocalipse estamos no da luta, na Terra, por sua realização. Aqui desencadeia-se, para os surdos ao apelo do amor, a reação da justiça de Deus. Se os maus quisessem fazer mau uso do amor de Deus, nem por isso a Lei poderia ficar violada para sempre. Achamo-nos diante de duas fases do mesmo pensamento. O Evangelho é a Boa Nova aos homens de boa vontade, para que a Lei se cumpra por compreensão, espontaneamente. No Apocalipse, a Lei "deve" cumprir-se, impondo-se com a força. O Evangelho é a voz do Céu, proferida por um anjo vestido de bondade, que se dá aos

homens pelo amor. O Apocalipse é um drama que se desenrola no inferno terrestre, reino de Satanás. O Evangelho anuncia o Reino de Deus. O Apocalipse narra a luta, para implantá-lo na Terra. O Evangelho termina com o sacrifício de Cristo para a salvação dos bons. O Apocalipse termina com a vitória de Cristo, com a condenação dos maus. Assim, Evangelho e Apocalipse concordam, indicando dois caminhos diferentes para alcançar a mesma vitória do bem. O Apocalipse mostra-nos que chegamos à plenitude dos tempos, à hora da realização daquela Boa Nova; diz-nos que o Reino de Deus, anunciado pelo Evangelho, não será sempre uma utopia e está verdadeiramente às portas. Por isso, o Apocalipse é fundamental, também, para nossa obra: porque ele a convalida, em todos os seus princípios e a confirma especialmente em sua conclusão e seus objetivos, que é a Nova Civilização do Terceiro Milênio.

Chegamos hoje ao momento em que o determinismo da Lei toma em suas mãos as rédeas da História e impõe suas diretrizes. Estamos, pois, no momento em que se manifesta a vontade de Deus, que quer entrar diretamente em ação. Ainda que Sua existência seja negada pelo mundo, Deus quer igualmente salvá-lo, num momento em que se acumularam tantos erros dos homens, em que tudo ameaça ruir. Estamos, pois, na plenitude dos tempos. Nos anteriores volumes estudamos a estrutura da Lei. Agora vemo-la entrar em ação, porque ela não é teoria abstrata, mas é vida que quer realizar-se entre nós. A elasticidade da Lei tem um limite e suas forças, comprimidas pela desobediência dos homens, e deixadas livres por Deus, Chefe e Dirigente, romperão os diques da divina misericórdia, semeando a destruição nas fileiras do mal rebelde. É a hora do juízo e da justiça. Deus, esquecido e negado, reaparece terrível sobre os horizontes da História e manifesta-se em ação. Sua paciência e Sua misericórdia, embora possam parecer ilimitadas, não podem ser traídas

indefinidamente; e aí do homem que confunde essa espera da Lei - que só por compaixão prorroga a reação - com a ausência de um princípio divino, dirigente e senhor do mundo. Aí dele, porque este princípio, após longa espera, em que os homens se acomodam, porque pensam que são eles os vencedores e senhores do mundo, reage para restabelecer o equilíbrio e explode com uma violência tanto maior, quanto mais demoradamente ele tiver sido violado e comprimido.

Após haver estudado nos volumes precedentes a estrutura e o funcionamento da Lei, estudamos agora, aqui, seu aspecto histórico, neste nosso tempo, que é a hora de sua realização. Foi dito e repetido que o Evangelho jamais foi aplicado até hoje na Terra, que o anunciado Reino de Deus é ainda sonho remoto e que, se tivéssemos que ater-nos aos fatos, a vinda de Cristo à Terra teria sido quase inútil. Mas será possível que a realização da Boa Nova jamais deva chegar? Com efeito, o mundo hoje, com suas religiões, é substancialmente materialista. A concepção espiritual da vida é hoje utopia, está fora da realidade vivida. Entretanto, ninguém pode acreditar que a vinda de Cristo à Terra possa ter sido frustrada em seus principais objetivos. O fato é que o Evangelho representa essa revolução biológica, que não pode realizar-se toda em 2000 anos. Mas, qual das ideias nascidas no mundo poderemos dizer ter atingido imediatamente sua plena realização? Cada ideia nova é um impulso que se infiltra na corrente espiritual da vida, que já é uma força que resiste por inércia, tendendo a conservar sua trajetória precedente. Após haver sido lançada a nova ideia, é ela espalhada e com isto se funde a outras ideias, depois é alterada, às vezes renegada, mais tarde ressurgue transformada, mas assimilada em parte. Sê-lo-á dez por cento, ou vinte, aqui mais, ali menos. É assim bem pouco. Mas esta porcentagem se fixa na raça, a qual, porém, é adaptada ao seu tipo e às suas

necessidades. Será talvez uma adaptação, mas, ao menos em parte, a ideia tornou-se realidade.

Ao Cristianismo ocorreu o mesmo. Terá realizado uma porcentagem mínima, mas realizou-a. Mais do que isso, em 2000 anos, a natureza humana não podia assimilá-la. Por isso, certas ideias, como o inferno, certos fatos, como as guerras santas, o poder temporal, as formas materiais do rito, foram mais criações e exigências dos tempos, sendo responsável por isso o grau involuído da maioria humana, do que mesmo criação e responsabilidade dos dirigentes piores que são a média. Isto acontece em todos os campos, e é culpa da natureza humana, muito preguiçosa para evoluir. Assim, por exemplo, o farisaísmo e o jesuitismo são qualidades que todos os homens podem ter. Não inculpemos, portanto, um grupo particular, se ele tem os defeitos da natureza humana. A culpa está em nossa velocidade de assimilação, no passo lento de nossa caminhada ascensional. Nestas condições, o Cristianismo teve que limitar-se à função da conservação dos princípios, a defesa do patrimônio recebido. Explica-se, assim, ainda que se não justifique, sua intransigência e seu dogmatismo. Mas com isso, não queremos dizer que a caminhada se detenha e que o Cristianismo possa ficar cristalizado na imobilidade. Se hoje os superficiais podem ter a impressão da falência de Cristo, nem por isto a partida está perdida e a vida se detém. O Apocalipse nos fala justamente deste amanhã, em que ocorrerá a realização do Reino de Deus na Terra.

Se o Evangelho tem fins didáticos e se, pelo caminho do amor, quer ensinar aos homens a viver, propondo o próprio Cristo como exemplo vivo e modelo para alcançar o Reino de Deus, o Apocalipse traça a história da realização desse Reino, fazendo ressaltar, pelo caminho das ameaças, a inflexibilidade final da justiça de Deus, mostrando-nos Cristo também em seu aspecto de poder e triunfo. Só assim o

quadro estará completo, quando resultar da fusão de seus dois elementos complementares: Evangelho e Apocalipse. Se o Evangelho nos traça a linha de conduta, deixando-nos livres de aceitá-la ou não, o Apocalipse entra na História e narra as vicissitudes da realização na Terra daquele novo reino, que foi anunciado no Evangelho. Delineia-se assim o desenrolar-se daquela luta cósmica, entre o bem e o mal, em que se concretizam os mais altos destinos da vida, e dessa luta ele nos prevê e garante o desfecho. A linguagem do Apocalipse se transmuda de amorável como a do Evangelho, em trágica e violenta, porque exprime uma força que se ergue como espada flamejante, para derrotar definitivamente o violento assalto das forças do mal. O Apocalipse move-se num terreno de batalha, a maior do universo, aquela empenhada entre Deus e Satanás, e na qual Deus vence. O mal deve ser destruído, mas ele está armadíssimo e resiste com todos os meios. Este é o maior drama do ser, em que tomam parte Céu e Terra, fundidos na mesma tempestade e no mesmo desenvolvimento lógico. Agita-se o mundo das causas primeiras, que movimentam seus exércitos constituídos de poderes imponderáveis, que tomam forma do desencadeamento dos elementos destruidores, manifestação da rebelião de Satanás. A estes contrapõem-se outros exércitos, constituídos de potências espirituais, o braço direito de Deus, com que Ele fulmina os maus, rebeldes à Sua ordem. A evolução não é tranquila ascensão pacífica, mas luta cruenta em que Satanás se empenha a fundo, para permanecer rebelde e para não ser destruído.

Entoa-se assim, entre o Céu e a Terra, uma orquestração de poder cósmico. Debatem-se na Terra exércitos de homens e demônios, guiados por formas monstruosas. Mas, outros exércitos lutam no Céu, feitos de Anjos, e as forças do bem e do mal se medem, e só Deus, o grande general, dirige a batalha. Esta abarca o universo, transcende do

plano físico ao plano moral, e deste aos mais altos planos espirituais. Treme todo o edifício do cosmos, sacudido desde os alicerces. O pensamento de Deus, relampejante, guia a ação; Sua vontade emite centelhas de cósmico poder, as quais, exprimindo Sua ação na batalha, cintilam e ferem, ora aqui ora ali, descendo até o espaço e o tempo, em nosso mundo concreto, e fulminando os rebeldes. As falanges celestes movem os elementos num desencadear terrificante. Responde sobre a Terra o desencadear das forças do mal. A humanidade está presa entre dois fogos, sem escapatória, fugitiva, destruída. É a hora do Juízo, a hora em que será feita justiça. Deus esperou até demais. As portas da misericórdia estão fechadas. O mal já se aproveitou muito, e tanto se orgulhou disso, como de uma vitória sua, que ousou subir os degraus do trono de Deus, e de desafiá-Lo face a face. A medida está cheia. Uma bondade ulterior não é compatível com a ordem e o bem. A ordem tem que ser reconstituída, para não acabar no caos. Os bons esmagados, vilipendiados, atormentados, devem ser reerguidos à sua dignidade de filhos de Deus, que lutaram e deram seu sangue para reascender e, portanto, mereceram o auxílio. E Deus lhes estende o braço de Seu poder e os reergue para o Alto. Esta é a hora da justiça. Fecham-se as portas da misericórdia, detém-se o devenir, pára e se conclui o caminho da evolução, e então se fixam as posições conquistadas de cada um, no longo caminhar, e são feitas as contas, para cada um, segundo o que lhe cabe de direito, por suas obras. E a hora do juízo.

O Apocalipse fala de plenitude dos tempos. Estamos hoje nessa plenitude dos tempos. Deus se exprime no pensamento e na vontade da História, como uma onda que tudo arrasta e que se impõe aos homens e aos acontecimentos, e pende como um destino ameaçador sobre o mundo, porque a medida de suas iniquidades está cheia e esta é a hora de prestar contas. Vivemos em tempos

apocalípticos em que a Lei deve cumprir-se. Por muitos séculos esperou Cristo a realização de seu Evangelho. O Reino de Deus tem de chegar, custe o que custar. Não é concedido ao homem o poder de tornar vã a vinda de Cristo sobre a Terra. O drama do Apocalipse é nosso, deste nosso tempo. As forças do mal chegaram até diante do trono de Deus e, orgulhosas disso, seguras de vencê-Lo, lançam o último ataque contra Ele mesmo. O olho de Deus, sempre aberto, observa e ainda espera. Mas, a hora de Sua cobrança está próxima, porque chegamos à madureza do tempo e o Deus invencível se prepara para Seu triunfo. Ele é sempre o centro de tudo e, no meio da grande batalha, tem em mão o cetro de comando, para que o bem vença e os bons triunfem.

Achamos, hoje, no Apocalipse, uma tremenda ameaça para os maus e uma grande promessa para os bons. Já vimos, no volume Deus e Universo, que a destruição final dos primeiros, se não se converterem ao bem, faz parte integrante do próprio Sistema. Está, portanto, garantida a vitória dos segundos.

Ela é a vitória de Deus. O fim do mal significa também o fim da dor, e outro ponto de chegada não pode haver no extremo da caminhada. Relegar Satanás e os maus, num inferno eterno, não é ato digno de Deus, já que não podemos admitir que Sua criação possa ter, nem mesmo apenas em parte, um fim tão desgraçado. A esta sua destruição final o Apocalipse alude, como veremos, (Ap. XX: 14-15), quando nos fala da segunda morte, para todos os que não foram achados escritos no livro da vida (Deus e o Bem).

Doutro lado para os bons, o Apocalipse conclui com sua felicidade e triunfo nos céus, numa exultação de aleluias diante do trono de Deus. Esta é a inevitável solução do conflito, inevitável porque está implícita no determinismo, o qual, como vimos, está implícito da perfeição da Lei. Ora,

saibam os bons, para seu conforto e esperança que, quando tudo tiver sido feito para salvar os maus, estes, livres por sua própria natureza, se quiserem ainda permanecer rebeldes, serão destruídos. Então os bons triunfarão. Este é o conforto que o Apocalipse traz aos bons. E saibam os maus que se eles persistirem na revolta, espantosas provas os esperarão, até que sejam eliminados. Este é o aviso que o Apocalipse traz para os maus. Isto tem a função de confortar os bons, para que tenham coragem e perseverem, e de avisar aos maus para que invertam a rota. São assim oferecidos a cada um todos os meios, para subir até o bem. O Apocalipse, assim, se pode parecer um livro duro de ameaças, pela férrea realização da Lei, é, ao invés, um livro imparcial de justiça; porque se a prova que ele prediz é uma solução trágica para os maus, para os bons é apenas um deserto de sofrimentos que tem que ser atravessado, para atingir a inefável alegria de reviver em Deus.

Confortem-se, pois, os bons, porque, se hoje vivemos nos duros tempos apocalípticos, eles têm consigo este grande livro, hoje, como nunca, atual, que os sustentará nas provas, com a visão das grandes metas que devem ser alcançadas. E constitui uma maravilha da ordem que tudo rege, que o mesmo cataclismo, enviado por Deus à Terra, possa servir para sanar e reorganizar tudo ou seja, como agente de depuração do mundo, dos maus que assim são eliminados do terreno que eles infectavam e ao mesmo tempo, como uma prova para maior purificação dos bons, para que mais cedo e melhor possam eles tornar-se aptos a ascender aos planos mais felizes da vida. A Terra, com o homem de hoje, não pode ser lugar de paraíso, tão involuído é seu ambiente, é tão somente um lugar de prova e sofrimento. Felizes os que o consideram apenas como um purgatório, para purificar-se e subir! Os bons, portanto, nada têm que temer dos tremendos presságios do Apocalipse, porque estes não lhes dizem respeito, mas só os

maus. Embora estejam todos misturados, juntos, Deus saberá executar a delicada operação cirúrgica de separar os maus, salvando os bons. Estes, até exultem, porque o Apocalipse lhes recorda que, por mais que na Terra reine o mal e pareça vencer, o bem é rei do universo; que por mais cruenta que seja a luta entre Deus e Satanás, Deus é o mais forte e os bons vencerão com Ele; recorda-lhes que o dia da destruição dos maus será o dia da ressurreição para os bons; que por mais que domine na Terra a injustiça e a desordem, há planos de vida muito mais altos, a que os bons, purificando-se na dor, chegarão, e nos quais reina justiça e ordem. Recorda-lhes que, no fim, cada um receberá segundo seu merecimento e não de acordo com sua prepotência; que o verdadeiro senhor não é o homem, mas Deus; que, por trás da História, está Sua sabedoria, que salva tudo do egoísmo humano.

Recorda-lhes que virá a justiça tão invocada, que reparará todos os erros. Virá a verdade tão procurada, que varrerá para sempre todas as mentiras.

Se aqui na Terra tudo é imperfeição, no Alto estão os planos perfeitos de Deus e o sistema da Lei, feita de bondade, dirige tudo e nada lhe pode escapar.

Em nenhum livro, tanto como no Apocalipse, se sente a bondade férrea de Deus que, no momento oportuno, impõe justiça; sente-se Sua invencível potência, a impor que seja respeitada a ordem; sente-se, como na hora da criação, a gigantesca presença de Deus, que retoma em suas mãos as rédeas do universo, não mais para lhe dar o primeiro impulso, mas para concluir a longa caminhada seguida e julgá-la. A luta cósmica entre o bem e o mal chega ao seu epílogo e se resolve na vitória de Deus sobre todas as forças, que assim são reconduzidas do caos à Sua ordem. Os problemas primeiros e últimos se reúnem na mesma solução. A última palavra do tema cósmico é o trovão do poder de Deus, é o lampejo de Seu pensamento triunfante.

Assim a sinfonia se realiza. Sua orquestração é um perfeito processo lógico, em que se desenvolve o funcionamento orgânico do universo, no transformismo evolutivo, até a vitória final do bem, nos planos mais altos, lá onde a vida é triunfo do espírito.

7. O APOCALIPSE (2ª Parte)

Examinemos, agora, mais de perto, o texto do Apocalipse. Lendo-o segundo o espírito, mais do que segundo a letra, veremos seu verdadeiro pensamento, que é claro em suas grandes linhas. Esse pensamento é o mesmo que o da primeira Mensagem espiritual, do Natal de 1931, com que se iniciou nossa primeira Obra. Com o Apocalipse, que apenas agora conhecemos, verificamos que ele nos repete o mesmo pensamento central que vimos desenvolvendo, desde aquela Mensagem até agora, pensamento do qual uma grande profecia nos dá a mais clara confirmação.

Transcrevemos a Mensagem de Natal, outra vez citada em parte no cap. IV: "O homem será dominado por uma tão alargada sensação de orgulho e força, que se trairá(...).

Vejo uma elevação da tensão, lenta mas constante, que preludiará o inevitável estouro do raio. A explosão é a última consequência de todo o movimento(...). Em outras ocasiões, os cataclismos da História podiam ficar circunscritos; mas agora não (...).

Mas a destruição é necessária será apenas destruição do que é forma, incrustação, cristalização, de tudo o que deve cair, para que fique apenas o conceito, que resume o valor das coisas. Um grande batismo de dores é necessário, para que a humanidade torne a achar o equilíbrio que livremente violou; grande mal, condição de um bem maior.

Depois, a humanidade purificada, mais leve, mais selecionada por ter perdido seus piores elementos, agrupar-se-á em torno dos desconhecidos que hoje sofrem e semeiam em silêncio e recomeçará, renovada, o caminho ascensional. Começará uma nova era, em que dominará o espírito, e não mais a matéria, que estará reduzida a

escravidão. Então aprendereis a ver-nos e nos ouvireis; nós descenderemos em multidão e vós vereis a verdade”.



Para facilitar sua compreensão, poderemos dividir o Apocalipse em três partes:

1ª parte contém avisos às sete igrejas da Ásia Menor e abrange os três primeiros capítulos do Apocalipse;

2ª parte descreve a grande luta entre o bem e o mal, até a chegada do prometido Reino de Deus. Este é o trecho maior do Apocalipse, o que mais se relaciona conosco, porque toca nosso tempo e o futuro próximo. Vai do capítulo IV ao XIX;

3ª parte refere-se a um futuro remoto, até o juízo final, e vai do capítulo XX ao XXII, que é o fim.

Antes de ouvirmos o Apocalipse, orientemo-nos. O caminho da evolução do pensamento religioso humano pode dividir-se em três etapas ou idades:

1ª. idade, de Deus como Senhor. É a idade anterior a Cristo. Temos um Deus forte, terrível, guerreiro, vingativo, ciumento, protetor apenas de seu povo. É o Deus dos exércitos. Deve-se-Lhe obediência servil, só pelo medo que inspira, sem compreensão nem amor, por desapietada lei de talião. Época violenta e feroz, em que o homem, em seu estado involuído de egocentrismo estreito e de dura insensibilidade, não podia responder senão pelo egoísmo, interesse ou temor de seu prejuízo, seguindo seus instintos de guerra, nem sabia obedecer, só compreendendo a força e o comando absoluto do mais forte. Só por isso Deus é respeitado, só porque é o mais forte e, como tal, tem o poder de punir. Não fora o mais forte, todos

se revoltariam contra Ele. Amor e compreensão ainda não nasceram na alma humana. Os povos não podem compreender senão por obediência cega, pela força e pelo terror.

2ª. idade, de Deus Pai. É a idade depois de Cristo até hoje. Temos um Deus bom e mais pacífico, mais universal. Deve-se-Lhe obediência filial, por amor e fé. Ele pune, não por vingança, mas por justiça e para ensinar, conhece a bondade, a misericórdia e a providência do pai para com seus filhos. Ele aproximou-se de nós em compreensão e amor, conceitos que antes eram ignorados. Foi isto possível pela maior evolução humana, pelo que pode fazer-se apelo ao sentimento e ao coração, forças antes desconhecidas e latentes, e só hoje chamadas a agir. Pode apelar-se também para a cultura e a inteligência, e surge uma doutrina e uma teologia, uma reorganização filosófica. É época também da codificação, trabalho particularmente de defesa e conservação das verdades reveladas. Mas, também época de mistérios, em que se deve crer sem explicações racionais, época dos dogmas, da disciplina obrigada do pensamento, sem o que, sendo o homem o que é, não manteria a ordem. Ele não sabe ainda guiar -se de per si, por livre compreensão e necessita de uma coação, ainda que apenas moral, para não se perder na anarquia.

3ª. idade, de Deus em nós. É a idade do Reino de Deus na Terra, da Nova Civilização do Terceiro Milênio, a civilização do espírito. Deus sai dos templos fechados e revela-se presente em cada alma pura. Temos um Deus amigo, com quem nos unimos em colaboração, porque compreendemos que fazer Sua vontade significa nossa felicidade. Ele tornou-se mais do que vizinho a nós, que nos

fundimos Nele, porque em nós, pela evolução, ocorreu um despertar, pelo qual adquirimos a consciência de que Ele está em nós e de que nós estamos nele. Desaparecem não só as imposições da força da 1ª. idade, mas também as morais da 2ª. idade, porque o homem progrediu e tornou-se capaz de guiar-se a si mesmo, por livre compreensão, sem necessidade de constrangimentos, para que a ordem seja mantida. A disciplina é livre, feita apenas de inteligência e amor, porque o homem compreendeu. Caem os mistérios e os dogmas de fé, porque sensibilidade, cultura e inteligência estarão mais desenvolvidos no homem, que poderá intuir a verdade diretamente, por si, sentir a presença de Deus, ou pelo menos entender por meios racionais, as verdades que serão todas claramente demonstradas, porque a época dos véus e das exclusões iniciáticas já terão terminado. Esta será a época da luz do espírito, do conhecimento, da obediência livre, porque convicta. Por evolução, o Reino de Deus nascerá em nós como um despertar. Deus, então, não pune mais, mas cada homem se corrige a si mesmo, pela necessidade de harmonizar-se com a Lei, na qual unicamente reside a felicidade. É época da liberdade consciente, da disciplina espontânea, da convicta adesão à ordem de Deus.

Esta ascensão é lógica, como o é o desenvolvimento de uma semente. Assim se passa do terror da primeira idade, à fé da segunda, ao conhecimento da terceira; passa-se de um regime de força, a um de amor, e enfim a um de inteligência e espiritualidade. É um processo de liberação progressiva, que só pode realizar-se quando o permitir a evolução humana. Tudo é função dela. As religiões não

podem ser nem mais altas, nem mais livres do que é a natureza humana, que abaixa tudo, até o conhecimento de Deus, ao seu nível. Este último salto para a espiritualização é o grande acontecimento que nos aguarda no fim deste milênio e na alvorada do terceiro, é o grande acontecimento da instauração, na Terra, do Reino de Deus. E isto, justamente, o que nos anuncia o Apocalipse.



Comecemos, então, o exame da segunda parte do Apocalipse. Nos primeiros dois milênios, a obra de Cristo na Terra foi uma fase preparatória do próximo advento do Reino de Deus. Nesta fase devia realizar-se:

1º, a experimentação biológica dos novos princípios do Evangelho, para que a vida, evoluindo, conseguisse aos poucos aprender e, ao menos uma pequena parte, a eles adaptar-se;

2º, a assimilação, para que esses princípios novos começassem, com a repetição e a técnica dos automatismos, a fixar-se um pouco nos instintos;

3º, a conservação do patrimônio espiritual herdado, para que as verdades reveladas pudessem, através das tempestades dos séculos, chegar intactas aos novos tempos. Desta fase preparatória passa-se hoje à realização. Se, para penetração do Evangelho na vida, pouco se fez em 2000 anos, ele continua, entretanto, a amadurecer nas almas, continua sua obra de elaboração interior, para que o mundo ressurja, na aurora do terceiro milênio, tal como Cristo ressurgiu na aurora do terceiro dia.

Mas, esta vitória dos seguidores, nos quais se personifica o pensamento de Cristo na Terra, não é pacífica. É, ao contrário, uma luta gigantesca, a qual, no entanto, é

apenas o momento terrestre de uma batalha cósmica, em que se agita e treme o universo. É luta de Satanás contra Deus. O Apocalipse narra-nos suas vicissitudes. Eis o esquema geral. Até certo momento, Deus olha e espera, deixando o homem livre para experimentar, a fim de que aprenda. Esta é a livre ação dos homens contra Deus (os primeiros 4 selos). Há depois a ação oposta dos amigos de Deus (5º e 6º selos). E finalmente há a ação direta de Deus que, saturada a medida, intervém diretamente, breve, instantâneo. "Está feito", diz o Apocalipse. O reino de Satanás é destruído, e Deus venceu. Esta é, nas grandes linhas, o plano da 2ª parte do Apocalipse, a de que agora nos ocupamos.

Tudo isto é expresso com 4 símbolos maiores: os selos, as trombetas, os prodígios, as taças da ira de Deus. Esses símbolos, cada um em número de sete, exprimem o desenrolar-se da ação da grande batalha. O mesmo ritmo, com que avançam esses símbolos, várias concordâncias em seu conteúdo, e até idênticas palavras às vezes repetidas no mesmo ponto de seu ciclo, autorizam-nos a entender estes quatro símbolos, como expressão diversa, segundo vários mirantes, dos mesmos acontecimentos. Quisemos, por isso, emparelhar selos, prodígios, trombetas e taças, para ler neles os mesmos fatos, mais bem demonstrados em aspectos diferentes.

Imaginemos o Apóstolo João, que já pousara a cabeça no peito de Jesus e o vira morrer, imaginemo-lo velho, após uma vida de ação e paixão, orando a Deus de joelhos, diante das florestas da ilha de Patmos, com a cabeleira desgrenhada pelos ventos do mar e a alma presa na tempestade imensa das vicissitudes do mundo. Arrebatado na imensa visão, supera o tempo e o espaço e projeta seu olhar fulgurante no futuro. Olham-no os céus luminosos do Oriente fantástico, e mais no alto, o olho de Deus, diante ao qual ele treme e se inclina, ora, humilha-se e se incendeia.

Ouve então uma voz que lhe diz: "O que vires, escreve-o num livro(...)." E ele viu e narrou: "(...) e vi, e depois disso, vi(...)".

Começa assim o Apocalipse. Abrem-se os céus. "Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, era e será, o Onipotente". Eis que aparece a visão do trono de Deus, diante do qual se eleva o cântico: "Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Onipotente" (...). João vê na direita Daquele que estava sentado sobre o trono, um livro fechado e selado com sete selos. O Divino Cordeiro toma-o da mão direita Daquele que estava sentado sobre o trono e o abre, rompendo um selo após o outro. João olha e conta.

Assim, após este prelúdio poderoso, começa a desenrolar-se a história espiritual do mundo. Soam as sete trombetas, aparecem visões terrificantes, monstros espantosos, rasgam-se os céus donde chove destruição, e sete anjos derramam sobre a Terra as sete taças da ira de Deus, aniquilando os exércitos do mal. No entanto, os bons têm paciência, são escolhidos, reúnem-se e, enquanto ruem todas as suntuosas construções de Satanás, cantam por fim sua vitória no Céu. Cristo, chefiando-os, triunfa e Satanás é acorrentado. Verdadeiramente, as portas do inferno não prevalecerão. Desenrola-se a ação ao mesmo tempo na Terra e no Céu, que se fundem num único drama. E é este seu epílogo feliz: após uma luta apocalíptica, um final cósmico em que lampeja o poder vencedor de Deus. Se o livro é terrificante em suas vicissitudes e pode parecer uma cruel e desapiadada mensagem da ira de Deus, na realidade ele narra a história da salvação do mundo, por aquela inteligência que tudo guia, imposta à multidão humana que, desesperadamente, luta para destruir tudo e perder-se, enquanto é absoluta a vontade de Deus que tudo seja reconstruído.

Mas, sigamos as vicissitudes mais de perto. Os selos são abertos um a um. E eis que aparecem os quatro famosos

cavalos do Apocalipse; primeiro o cavalo branco; depois, no selo seguinte, o vermelho; depois o negro e, enfim, o pálido ou verde-amarelado, quando se rompe o quarto selo. As personagens começam a aparecer na cena, mas ainda não agem, deixando-se apenas identificar por suas notas características. A tempestade ainda não explodiu e tudo está à espera. A estas quatro figuras foram dadas as mais diversas interpretações. Tentemos uma também nós, mas tendo presente que, neste ponto, saímos do terreno sólido da certeza, para entrar no das probabilidades. Ofereceremos, pois, tudo como hipótese, porque assim exige a mentalidade moderna. Entretanto, teremos em conta todas as razões positivas que corroborem essa hipótese.

Para conseguir melhor nosso intento, faremos, como dissemos acima, um paralelo entre estes quatro primeiros selos e correspondentes prodígios, isto é, entre o cap. VI (1 a 8) e os cap. XII e XIII inteiros, do Apocalipse. Referiremos, mais particularmente, a mesma primeira personagem, tudo o que se relaciona com o cavalo branco do 1º selo e o dragão do primeiro prodígio (cap. XII). Depois referiremos à segunda personagem, o que se diz do cavalo vermelho do segundo selo e da besta que saiu do mar (cap. XIII: 1 a 10). Enfim, referiremos à terceira personagem, o que se diz do cavalo pálido do quarto selo e da besta que saiu da terra (cap. XIII: 11 a 18). O terceiro selo (cavalo negro) nós explicaremos, mais tarde, porque o deixamos para o fim. Estes dois ciclos parecem-nos paralelos e sua função indicar-nos-á melhor a personagem. No fim deste seu primeiro período, em ambos os casos, entram igualmente em cena os bons, cantando hosanas diante do trono de Deus, e no segundo caso é repetido o número exato, 144.000 dos pré-escolhidos, como no primeiro. Tudo isso dá a impressão de que se trata do mesmo acontecimento, narrado em duas formas diferentes.

Sem entrar em pormenores, coincidências e razões, que cada um pode achar e analisar por si, daremos ao cavalo branco o valor de símbolo do imperialismo inglês; ao cavalo vermelho o símbolo da Rússia soviética, ao cavalo negro o da Alemanha de Hitler, e ao cavalo pálido o dos Estados Unidos da América. Esta interpretação tem a vantagem de referir-se ao momento histórico atual, que é o que mais nos interessa. Vejamos agora nos selos os quatro personagens em pé, até a última guerra mundial. Nos prodígios, o ponto de vista seria em relação ao nosso atual presente, em que o cavalo negro ou a Alemanha do Eixo desapareceu, porque caiu e foi aniquilado. Só permanecem de pé os outros três, isto é, Inglaterra, Rússia e Estados Unidos, que achamos nos três prodígios, na forma de dragão, da besta que saiu do mar e da besta que saiu da terra. Estas três potências são hoje as senhoras do mundo e guiam os acontecimentos.

Para justificar esta individuação, trabalho que nos levaria a um exame muito detalhado das características particulares dos símbolos que representam essas personagens, basta-nos apenas recordar que o dragão é poderoso e no entanto se arrasta como serpente, que é o símbolo da astúcia enganadora. A besta representa claramente a animalidade involuída, em antítese ao espírito, aquela para a qual apela o materialismo moderno que se baseia apenas no bem-estar do corpo. As duas personagens são apenas duas bestas diversas, isto é, duas formas de materialismo, idênticas na substância, que é a de apegar-se só às coisas da terra, única finalidade da vida. Tudo isso em antítese ao reino do espírito, em que se apreciam outros valores.

Para justificar a individuação paralela correspondente ao dragão (cap. XII), isto é, o cavalo branco ou Inglaterra, recordemos as palavras que a respeito desse cavalo, diz o Apocalipse: “(...) e lhe foi dada uma coroa e saiu, como vencedor, para vencer” . Da primeira besta, ou cavalo

vermelho, ou Rússia soviética, diz o Apocalipse: "(...) foi-lhe dado poder de tirar a paz da Terra, de tal forma que os homens se matassem uns aos outros, e lhe foi dada uma grande espada". Para o cavalo negro, ou a Alemanha do Eixo, o Apocalipse fala de medida e limitação de víveres, como na última guerra bem se experimentou. Para a segunda besta ou cavalo pálido, os Estados Unidos, fala o Apocalipse de morte e destruição, e estas foram lançadas sobre a Europa a mancheias. Além disso, as cores vermelha para a Rússia, e negra, cor do Eixo, são evidentes. Os Estados Unidos aparecem também no último, no 4º selo, como apareceram na última guerra.

Observemos, agora, as qualidades do 2.º prodígio, isto é, da besta que saiu do mar (Ap. XIII, 1 a 10) para ver se concordam com as da mesma personagem, ou seja, a Rússia Soviética, expressa no 2.º selo ou cavalo vermelho. Besta quer dizer materialismo, como vimos, e o mar significa os povos, nações, línguas (Ap. XVII, 15). Depois, o texto diz: "(...) e vi uma de suas cabeças como ferida de morte: mas sua chaga mortal foi curada". Isto poderia significar a salvação de um grande golpe que ameaçou a Rússia, em Stalingrado. E o texto acrescenta: "(...) e lhe deu o dragão seu poder e seu trono e grande poder(...). E toda a Terra ficou arrebatada de admiração pela besta. E adoraram o dragão, porque dera autoridade à besta e adoraram a besta dizendo: Quem é semelhante à besta e quem pode concorrer com ela?(...)" .

Com efeito, não foi o recente poderio da Rússia devido ao apoio inglês (dragão), que depois convenceu os Estados Unidos a fazer o mesmo? Seguiu-se a fé fanática das massas pela ideologia comunista e todos adoraram os vencedores: materialismo, Inglaterra, Rússia. O texto prossegue: "(...) E abriu sua boca blasfemando contra Deus, blasfemando Seu nome (...) e lhe foi dada faculdade de fazer guerra aos santos e de vencê-los(...)". O ateísmo russo

é conhecido e bem assim sua campanha antirreligiosa. Importante que, depois de ter dito: "(...) e lhe foi dada faculdade de agir por 42 meses(...)" vem a conclusão: "(...) se alguém tem ouvidos, ouça. Se alguém prender alguém, acabará preso; se matar à espada, será fatalmente morto à espada(...)". Eis, pois, como deverá acabar a Rússia: na autodestruição. Este conceito faz parte da Lei e do sistema ilustrado nos volumes anteriores, conceito amplamente explicado alhures. "Quem usa a espada, perecerá pela espada". norma evangélica que é lei de vida, que nenhuma força humana poderá deter. O Apocalipse conclui: "(...) Aqui está o sofrimento e a fé dos Santos". Os bons, pois, tenham coragem, que o mal não pode absolutamente vencer; existe a justiça de Deus e ninguém pode detê-la.

Observemos, agora, as qualidades do 3º prodígio, ou seja, da besta que saiu da terra (Ap. XIII, 11 a 18) para ver como concordam com as da mesma personagem, isto é, os Estados Unidos da América, expressas no 4º selo ou cavalo pálido. Vimos que o cavalo negro do 3º selo, ou Alemanha, desapareceu da cena política do mundo. Essa besta é outra forma de materialismo, que sai do poder da terra, riquezas do solo e indústrias. Diz o texto: "(...) e falava como o dragão(...)". Ou seja, a mesma língua inglesa; "(...) e todo o poder da primeira besta, ela o exercitava diante dela(...)", e apresenta já realizados, de fato, os sonhos de bem-estar do comunismo russo. "(...) E fez que a Terra e seus habitantes louvassem a primeira besta, de que fora sanada a chaga mortal(...)" . Foi pelo auxílio dos Estados Unidos que a Rússia se tornou vitoriosa e grande. "(...) E fez prodígios grandiosos, tanto que fez descer fogo do céu sobre a terra (...)". Eis as fortalezas voadoras, as bombas atômicas, as novas descobertas científicas." (...) E fará que ninguém possa comprar nem vender, se não tiver a marca, (ou seja) o nome da besta e o número de seu nome (...). Isto é, domínio completo do dólar sobre tudo. O capítulo conclui

com o famoso número 666. Calculando-se segundo o alfabeto hebraico, esse número diz Nero. Mais tarde, foi dada a essa cifra, segundo os casos, o significado de uma quantidade de personagens históricas. Talvez seja um número simbólico, para dizer que muitas personagens igualmente más, se apresentarão até o fim da História. Mas, tudo isso é trabalho para adivinhos, terreno em que não podemos entrar.



Neste ponto, ocorre, em ambos os ciclos, uma mudança de cena. Até aqui, assistimos a descrição de personagens em suas características e feitos passados. Agora temos um entreato, em que entram em cena as personagens das fileiras opostas, os soldados de Deus. Abre-se o 5º selo. Os bons apelam para que se faça justiça e lhes é respondido que ainda fiquem quietos por breve tempo, até que seja completado o número de seus irmãos sacrificados. Ao abrir-se do 6º selo, inicia-se a preparação espiritual dos soldados de Deus, a qual contrabalança a preparação material de Seus inimigos. Isto é necessário, porque se aproximam as grandes provas, que explodirão ao abrir-se do 7º selo. Temos uma breve pausa, antes de desencadear-se a grande tempestade. Tudo faz pensar que esta pausa seja a hora presente. É um momento de espera em que as forças contrárias se preparam, medem-se, tomam o impulso para lançar-se uma contra a outra. Deus olha e espera, deixa-nos realizar todas as nossas experiências, que pretendem dispensá-lo. Os maus movem-se afoitos à conquista do mundo, e caminham para sua destruição. Os bons oram, tremem, esperam. Deus olha, deixa todos livres, mas se escreve no livro da vida, de que nada mais se apaga, e pelo qual todo o mal se paga e todo bem frutifica. A Lei não tem pressa, pois o tempo não pode detê-la e nada pode escapar à sua sanção. Este exame que estamos fazendo do

Apocalipse e de sua orientação interessa-nos, sobretudo, porque parece dizer respeito ao nosso presente, e dá-nos uma chave para conhecer nosso futuro próximo. Estamos num período de espera, em que o homem continua suas loucuras, sem saber que espada de Dâmocles lhe pende sobre a cabeça. Um nervosismo dominante revela-nos que o instinto sente vagamente o aproximar-se da tremenda reação da Lei. Ninguém mais tem fé no amanhã, tão pleno de ameaças é o presente. Com o 7º selo iniciar-se-á, com efeito, a série dos castigos, porque estamos próximos da hora em que Deus, já tendo esperado bastante, terá esgotado os oferecimentos de salvação e terá de intervir para que volte a ordem e a justiça seja feita.

Na abertura do 6º selo vemos, portanto, duas manifestações opostas. Os maus desencadearam uma grande guerra. E obra deles, não ainda a de Deus. Paralelamente são escolhidos os bons para formar o contra exército dos filhos de Deus. A tempestade procurada pelos maus toma o aspecto de um cataclismo natural: "(...) E todos se esconderam nas cavernas e rochas das montanhas. E diziam aos montes e às rochas: caiam sobre nós e escondem-nos(...)". Esta é a última tentativa para salvar-se das incursões aéreas, que desta vez serão atômicas. Doutro lado são retidos por um anjo os ventos, para que estejam tranquilos e nenhum dano causem, enquanto não estejam marcados nas frentes com o selo, os servos de Deus. E o número desses escolhidos será 144.000. (Sendo este número dado por $12 \times 12 \times 1000 = 144.000$, e representando o número sagrado plenário, pode significar grande multidão). Forma-se, pois, uma multidão inumerável, de todas as raças, povos e línguas, diante do trono de Deus, multidão daqueles que vinham da grande tribulação; e Deus estenderá sobre eles Sua tenda.

Esta cena acha sua correspondência na de todo o cap. XIV do Apocalipse, que segue o 3º prodígio da besta que

saiu da terra, como vimos. Achamos aqui os mesmos 144.000, marcados na fronte. Repete-se a cena do cântico diante do trono. Estes são os pré-escolhidos do exército de Deus. Continua o paralelismo num prolongamento de repouso. O cap. XIV continua com os anúncios feitos por quatro vozes de anjos. São os últimos acontecimentos, antes da catástrofe: "(...) Temei a Deus, porque chegou a hora do Seu júízo(...). Quem adora a besta e sua imagem e traz seu sinal na fronte ou na mão, beberá o vinho da ira de Deus, que está pronto no cálice de Sua ira (...)".

Termina aqui o entreato. Continuemos a observar as duas narrações em paralelo. Na primeira delas chegamos finalmente à abertura do 7º selo. Então houve um grande silêncio no céu. E foram dadas sete trombetas a sete anjos. Enquanto eles se preparam para soar as trombetas, eleva-se de um turíbulo de ouro o incenso diante do trono, com as orações dos santos, e sobe a fumaça do incenso com suas orações até Deus. É o momento solene em que começa o desencadear-se da justiça divina. Tocarão agora, sem interrupção, as sete trombetas e a cada toque seguir-se-á um flagelo sem escapatória, numa tempestade pavorosa, até o 7º toque. Então, tudo muda e, como na abertura do sétimo selo explodirá o cataclismo, (as sete trombetas), assim ao 7º toque tudo se acalma e o 7º anjo e outras vozes anunciam: "O reino do mundo passou ao Senhor nosso e ao Seu Cristo, e Ele reinará pelos séculos dos séculos". Eleva-se uma oração: "Agradecemos-Te, Senhor Deus onipotente, porque assumiste Teu grande poder e começaste a reinar(...), veio Tua ira(...), e o momento de premiar Teus servos(...), e de destruir os destruidores da Terra". (Ap. XI, 15 a 18).

Observemos outra narração paralela. Também aqui terminou o entreato e explode a catástrofe. Após as últimas advertências das quatro vozes (Ap. XIV, 6 a 13), há ainda um prolongamento de espera com novos anúncios. E outro

Anjo grita ao divino Justiceiro, que aparece sobre uma nuvem: "(...) Apanha tua foice e ceifa, pois chegou a hora de ceifar, porque a colheita da Terra já está seca." Outro Anjo grita: "(...) Apanha tua foice afiada e colhe os cachos da vinha da Terra, porque suas uvas estão maduras(...)". Então, à semelhança dos 7 anjos com as trombetas, aparecem outros 7 anjos com as sete taças de ouro cheias da ira de Deus. Mas, também aqui, como na outra narração, antes que se passe à ação, se eleva um cântico a Deus (Ap. XV, 1 e seguintes), glorificando-O e adorando-O. Todas as nações se prostrarão diante dele, porque manifestou Seu juízo. É a hora de prestar contas. Os 7 anjos tomam as 7 taças. Enche-se o santuário de Deus da fumaça de Sua glória e de Seu poder; e ninguém poderá aí entrar até que tenham sido derramadas as 7 taças. É o momento solene em que começa ele desencadear-se da justiça divina, como para as 7 trombetas. Derramar-se-ão, sem interrupção sobre a Terra, as 7 taças da ira de Deus, e a cada taça seguir-se-á um flagelo sem escapatória, numa tempestade gigantesca, até à 7ª taça. Tudo foi merecido. As taças são esvaziadas sobre a terra, sobre o mar, depois sobre os rios e as fontes, depois sobre o sol, sobre o trono da besta, no próprio ar. Torna-se tudo de sangue e de fogo, seca, arde, adocece, rui numa queda universal. À sétima taça, aqui também, a ação se detém, como na sétima trombeta e uma grande voz sai do Santuário, do lado do trono dizendo: "Está feito". Tudo é claro, conclusivo, os inimigos de Deus não existem mais, o drama está completo com a vitória de Deus, o reino de Satanás foi destruído, aponta a alvorada do novo Reino de Deus. Este momento, expresso pela palavra; "Está feito", corresponde ao do 7º toque da trombeta que anuncia: "O reino do mundo passou ao Nosso Senhor e a Seu Cristo, e Ele reinará nos séculos dos séculos".



Esta poderia ser uma interpretação do conceito central do Apocalipse, sobrevoando sobre os pormenores, mas apanhando claramente o que há de mais importante, que se referiria de modo impressionante aos nossos tempos. É admissível, também, que numa revelação profética, proveniente por inspiração de dimensões superiores, a sucessão no tempo possa ter sido dada de modo pouco exato, em nosso plano de vida, justamente porque o profeta não pode deixar de perceber tudo como num estado de contemporaneidade. Explica-se, assim, certa mistura de pormenores e a repetição da mesma visão como projetada em dois tempos diferentes que, à primeira vista, poderiam a nós parecer sucessivas. De qualquer modo, apresentamos tudo isto ao leitor moderno positivo, apenas como hipótese, que ele poderá controlar e também não aceitar. Mas esta nos pareceu a maior aproximação hoje possível de uma interpretação, racionalmente conduzida, do Apocalipse aos tempos atuais. Sozinha, talvez não fosse suficiente para explicá-los. Mas, corroboraremos esta afirmação com as previsões de outras profecias e das Pirâmides. E quando virmos tudo concordar, permanecendo logicamente enquadrado no Sistema da Lei, até agora explicado, estas afirmações serão mais aceitáveis, mesmo para o homem positivo moderno.

A substância do raciocínio é simples, a qual foi dito e repetido, até agora, em nossos livros. Tudo é dirigido por uma Lei que representa o pensamento de Deus. Assim, além da pequena liberdade humana, existe um determinismo inteligente histórico, que guia os acontecimentos. O homem hoje tomou a posição de Satanás, rebelde à Lei. É natural que o Sistema lhe caia em cima. Explicamo-lo no volume Deus e Universo. Dada sua orientação, o homem hoje se acha na posição de abandonado por Deus que, no entanto, respeita a sua liberdade, não o força, mas se retrai. E diz: "Quereis

experimentalizar a força? Experimentalizai-a. Mas avisei-vos de que, quem usa a espada, perecerá pela espada. Credes nos exércitos e nas armas? Provai-as. Não quereis o amor evangélico e só concordais numa coisa: na mentira, no egoísmo, no trair-vos todos uns aos outros? Pagareis todos juntos. A punição, realizá-la-eis vós mesmos, porque a trazeis em vós. Matar-vos-eis reciprocamente, porque a isso vos leva vosso próprio sistema. Quereis fazer do poder não uma função de vida e uma missão, mas um meio para esmagar indivíduos e povos? Fazei-o. Experimentalizai, experimentalizai. Sois livres. Assim vos massacrareis todos, mas, já que não sabeis aprender de outro modo, e é preciso aprender, ireis à dura escola que escolhestes” . Este raciocínio temo-lo idêntico no Apocalipse, de modo que ele parece escrito de propósito para nosso tempo. E se parece feroz e sem piedade, não exprime todavia senão a exata consequência da livre, mas louca conduta humana, no seio de uma Lei cujas reações são fatais.

Estamos agora no termo do período experimental da Lei, momento em que Deus já esperou bastante; as experiências humanas fazem-se cada vez mais, e agora desastrosas demais, para que não seja preciso uma intervenção superior para detê-las. O limite de elasticidade da Lei está quase sendo superado, quebram-se suas colunas protetoras e o Sistema - como já ocorreu no princípio com a revolta de Satanás - desaba sobre os rebeldes que soçobram no caos por eles mesmos gerados na ordem de Deus. Soa então a hora do juízo, fazem-se as contas, para que cada um tenha segundo suas obras e merecimentos. A esperada realização do Evangelho na Terra não deve ser frustrada por mais tempo, a perversidade e a malícia humanas não podem mais ter, por longo espaço, o poder de tornar quase inútil a vinda de Cristo a Terra. A Igreja desempenhou sua missão de conservar sua preciosa bagagem, arrastando-a após si, através da tenebrosa época dos dois milênios. Hoje é mister

realizar. No terceiro milênio, tal como Cristo no terceiro dia, é preciso ressurgir. Não basta a exceção dos Santos. O Evangelho deve apossar-se e penetrar na vida do homem, tem que inserir-se nas instituições sociais. Tudo nos diz que estamos na plenitude dos tempos. Já foram feitos bastantes anúncios e avisos. Estamos justamente nas pausas, ou entreatos, que acabamos de ver no Apocalipse, e que precedem o desencadear-se da tempestade? Quando se abrirá o 7º selo e tocarão as trombetas ou, então, se derramarão as 7 taças da ira de Deus? E que pode o homem sozinho, contra a grande Inteligência que dirige a História e a vida? O certo é que, se foi reconhecida, nos planos superiores, a necessidade de uma intervenção direta de forças sobre-humanas, e se foi decidido executá-la, ninguém poderá detê-la. Então, a História disporá de tais forças que poderá realizar o que hoje nos parece inacreditável, isto é, a formação de novas correntes de pensamento e de diferentes tipos biológicos dominantes, a purificação da humanidade, custe o que custar, e a sua instalação no seio de uma nova civilização do espírito, no terceiro milênio. O que está fora de dúvida, é que acima das forças do mundo físico, conhecido pela ciência, há um mundo de outras forças que ela ainda ignora. Também fora de dúvida que o homem é uma pequenina formiga, agarrada a um grão de poeira cósmica, e nada pode contra essas forças. Outrossim, é ainda fora de dúvida que nós não podemos negar a priori a possibilidade de acontecer em nosso tempo tudo o que o Apocalipse anuncia. Como negar, mesmo cientificamente, que não pode haver relação entre forças morais e físicas? E quem pode dizer que a humanidade não esteja cometendo erros tremendos no terreno espiritual? Como afirmar que os poderes do pensamento não dirijam o mundo? E então, aos céticos, poderemos dizer: "E se tudo o que afirma o Apocalipse fosse verdadeiro?"

A visão da grande prostituta (Ap., XVII) é apenas um comentário e uma determinação de toda a visão. Esta mulher é a contraposição daquela vestida de sol, com uma coroa de doze estrelas, contra a qual luta o dragão do primeiro prodígio, acima examinado. Se nela alguns vêem a Igreja, ou até mesmo a Virgem Maria, na outra, a Grande Babilônia, mãe das prostitutas, vêem a cidade da Roma de Nero, das sete colinas e sete imperadores (de Nero a Domiciano), outros o paganismo corrupto, outros o materialismo de nossos tempos, outros, como diz o Apocalipse, a riquíssima rainha dos mares, isto é, a Inglaterra protestante, vestida de trabalhismo e em conúbio com a besta. Mas, enquanto alguns católicos preferem ver aí o protestantismo, alguns protestantes aí vêem a Igreja de Roma, que lhes parece haver traído a missão de Cristo a ela confiada. Para outros, a grande prostituta é a Europa. Olhando seu mapa virado, a partir do Nordeste, seu perfil sobre os mares pode dar a impressão de uma mulher sentada sobre a Rússia, que representaria a besta vermelha, como diz o Apocalipse, sobre a qual está sentada a grande prostituta. O braço direito seria a Itália, e com ele parece segurar um cálice (a Sicília), ao passo que o braço esquerdo seria a Inglaterra, a cabeça a Espanha, e o chapéu, Portugal. E Roma estaria no meio do braço direito. O cap. XVII que fala da prostituta, termina com este esclarecimento: "(...) As águas que viste, onde está sentada a meretriz, são povos e multidões, e nações e línguas (...)". E a Rússia teria justamente a tarefa sinistra de devorar a civilização europeia. Esta interpretação provém, naturalmente, de escritores do lado americano do Atlântico, porque todos gostam de colocar o próximo nos erros e nos castigos, mas jamais a si mesmos.

Sem dúvida, em nosso tempo a ciência conseguiu conquistas inauditas. O automóvel, o rádio, a televisão, o domínio do ar, a descoberta da energia atômica, e até a

previsão de uma possibilidade de explorações interplanetárias, representam uma tal conquista sobre as forças da natureza, que não se pode imaginar mais até onde possa chegar o homem. Há muitos elementos materiais para sustentar modos de vida absolutamente novos, num tipo de civilização de formas hoje incríveis. Os elementos-base para uma transformação radical de conceitos e hábitos, já estão em prática. Os fundamentos científicos e práticos de uma nova civilização já foram lançados com um entusiasmo sem precedentes, na conquista do tempo e do espaço, os dois grandes obstáculos ao livre movimento do homem. Sem dúvida, estas conquistas materiais reagirão, também, sobre o estado psíquico e espiritual da humanidade, ajudando-a a evolver.

Mas, infelizmente esse aumento de poderes é uma arma de dois gumes, porque, se não for acompanhado por um desenvolvimento paralelo de consciência, no terreno moral, pode representar um novo poder imenso de destruição colocado nas mãos de um inconsciente que, em sua inexperiência, não se sabe que uso possa disso fazer. Com a descoberta da energia atômica, o homem não se deu conta, ainda, de onde pôs as mãos, ou seja, de haver penetrado tão próximo à substância das coisas, tanto que se apossou da técnica da criação. Assim seus poderes cresceram sem medida, e se ele pode tirar vantagens proporcionais para seu bem, pode também sofrer danos, para seu mal. E é tão grande o novo poder, que lhe pode escapar das mãos inexperientes, sem que lhe seja possível mais controlá-lo, depois. E que dizer, quando se sabe que esse poder não está, hoje, nas mãos dos sábios, mas de governantes que, por sua própria posição, estão enredados nas tristes artes da política? Que dizer, quando se sabe que esse poder está à mercê do egoísmo, do ódio, do interesse, do desencadear das mais baixas paixões? Que garantia de sabedoria podem ter, a esse respeito, governantes que só chegaram ao poder

suprimindo os próprios rivais e mantendo-o com o terror? Se essa é a psicologia dos senhores dessas forças, pesa verdadeiramente sobre o mundo uma espada de Dâmocles, suspensa por um cabelo.

Se esse cabelo arrebenta, é a guerra. E a guerra de hoje tem as seguintes características:

- 1.º, ameaça todos, mesmo os civis. É pois, também, guerra de nervos, é perigo e terror para todos;
- 2.º, morrem todos, indistintamente, mesmo os inermes, numa hecatombe comum;
- 3.º, é guerra em três dimensões;
- 4.º, é guerra de todos os povos, porque mesmo os longínquos não-beligerantes se ressentem e saem dela com algum dano ou sofrimento;
- 5.º, é guerra de extermínio total, de aniquilamento, sem escapatória, em extensões vastíssimas.

Se arrebenta o cabelo da espada, ela cairá na cabeça da humanidade. Essas condições são tão catastróficamente ameaçadoras, que jamais se verificariam na história do mundo. Não serão estes os sinais indicadores da plenitude dos tempos, como dizem as profecias? Mas, elas também dizem outra coisa: "Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para o alto e levantai vossas cabeças, porque vossa redenção está próxima(...). Quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que o Reino de Deus está próximo". (Luc. XXI, 28 e 31). Esses sinais prenunciadores de acontecimentos espantosos anunciam, então, também outra coisa, ou seja, a plenitude dos tempos, também no sentido de que deve chegar à Terra o Reino de Deus, isto é, se deva realizar o novo modo de viver, o tipo da civilização do terceiro milênio. Estamos, portanto, verdadeiramente na

época extraordinária da qual falam as profecias e que culmina numa transformação radical do mundo.

Mas, ainda há outro fato indicador, outro sinal dos tempos: é a queda dos mistérios. Estes, aos poucos, são todos explicados e aclarados pela ciência. Então poderemos repetir as palavras de S. Paulo na Epístola aos Hebreus (X: 26, 27 e 31): "Se pecamos, voluntariamente, após ter conhecimento da verdade, não há mais sacrifício pelos pecados, mas uma espantosa expectativa do juízo(...). É coisa espantosa cair nas mãos do Deus vivo". Quando tudo estiver esclarecido e evidente, quem não quiser aceitar as verdades do espírito e obedecer à Lei, não poderá mais achar misericórdia, porque não a merece.

Poderão mudar e ser incertos os pormenores das previsões políticas, mas o certo é que o povo, grupo ou instituição, que tiver pecado, terá que pagar. Esta é a lei certa. Cada um poderá deleitar-se em fazer exame de consciência de outrem, antes que de si mesmo. A lei permanece a mesma. E inútil ter poder terreno, se há injustiça no espírito. Esse poder não poderá defender-nos e ruirá diante da Lei que quer justiça. Assim conclui o Apocalipse, no cap. XVIII: "Ai, ai da grande cidade, Babilônia, a cidade forte! Num momento chegou o teu juízo! (...). Num momento, sua magnificência ficou reduzida a um deserto! Alegrai-vos sobre ela, ó céus, e vós santos e apóstolos e profetas, porque Deus vos fez justiça, com Sua condenação!"

Paralela a essa ruína do mal, corresponde o triunfo nos céus (Ap., XIX). A ruína na Terra foi completa. A voz de uma multidão imensa se eleva gritando: "(...) Aleluia! O Senhor fez justiça (...). Louvai nosso Deus!(...) porque o Senhor Deus começou a reinar". Chegamos ao epílogo, que é a vitória de Cristo. Satanás é acorrentado. Pode finalmente realizar-se na Terra o anunciado Reino de Deus. Tudo isto é de uma lógica constringente. É possível que o bem fique

vencido pelo mal, Deus por Satanás, que a missão de Cristo, na Terra, naufrague assim, sem nenhum resultado? O próprio sistema da Lei tem uma lógica e, se tudo isso acontecesse, todo o sistema ruiria. E isto seria uma ruína muito mais fragorosa e desastrosa do que a queda das potências do mal, como o descreve o Apocalipse. Pois, se estas ruem, permanecem a salvação e a vida na ordem divina. Mas se cai a Lei, isto é, o Sistema de Deus e do bem, só resta a destruição de tudo, pela precipitação definitiva do universo no caos.



O grande drama do Apocalipse está em seu epílogo e fecha-se, em sua terceira parte, com a cena grandiosa da ressurreição dos mortos e do Juízo Universal. Satanás está definitivamente derrotado. Diante do trono de Deus comparecem os mortos. Abre-se o livro da vida, em que tudo está escrito e cada um é julgado segundo suas obras. O mar entrega os seus mortos. A morte e o inferno entregam seus mortos. Depois "(...) a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo; esta é a segunda morte. E aquele que não foi achado escrito no livro da vida, foi lançado no lago de fogo" (Ap. XX, 14 e 15). Há, pois, uma absoluta destruição final, em que são anulados também a morte e o inferno, uma segunda morte, última e definitiva, em que são precipitados todos os que não foram achados escritos no livro da vida. E a vida é Deus. Então, isto quer dizer: aqueles não eram da parte de Deus e do bem. Eles são eliminados do Sistema, anulados mesmo como espíritos. Esta não é a habitual morte do corpo, não é a normal decadência de todas as coisas, para renovar-se e evoluir.

Não é a costumeira morte temporária, de que tudo ressurge. Esta é a segunda morte, a definitiva, do espírito.⁰³

03 Este assunto foi amplamente desenvolvido em O Sistema, do mesmo autor. Nesse livro Pietro Ubaldi mostra que o espírito não pode permanecer, eternamente ligado ao mal. Admitindo essa hipótese, é necessário admitir “que as individualizações das forças do mal, por fim, se quiserem permanecer tais, devem ser desintegradas como personalidade própria; e a divina substância espiritual que a constituía, a abandona para canalizar-se na corrente oposta do bem, como vencedor absoluto”.

Chegamos ao limite da Lei, à hora em que o ciclo involução-evolução se fecha com o regresso a Deus, termina a cadeia das reencarnações, está completa a caminhada da reascensão, concedida por Deus ao ser decaído para redimir-se, cessa a possibilidade de erro e a necessidade da expiação. Está na lógica do sistema, que a experiência não possa ser procrastinada até o infinito, que o ser não possa ter à sua disposição a misericordiosa elasticidade da Lei e a paciência de Deus, para sempre. Seria um absurdo inadmissível, na ordem que tudo dirige, que se concedesse à liberdade humana, que ela se sobrepusse à Lei e se substituísse a ela, ultrapassando os limites das próprias funções, para as quais, apenas, é admitida a liberdade, e assim subvertesse eternamente aquela ordem. Deve chegar a hora em que termina o tempo máximo concedido, para que o caminho da evolução tenha sido percorrido por aqueles que o quiseram percorrer, o tempo em que todos os auxílios foram dados, todas as possibilidades esgotadas, a hora em que se fazem as somas, e ficam de fora aqueles que, mesmo tendo-o podido, absolutamente não quiseram redimir-se. Então, tudo está terminado, pois o processo evolutivo atingiu sua conclusão. Detém-se então o tornar-se fenomênico, isto é, cada fenômeno não se prende mais ao seguinte, mas alcança finalmente sua última e definitiva fase, resolvendo-se na estase, porque se esgotou o processo do tornar-se, e na cadeia... causa-efeito-causa... não há mais anéis. Então, pára o transformismo no tempo, termina toda possibilidade de recuperação e a escola se fecha.

Já então, por não terem mais sentido nem objetivo, acabam a morte, a dor, os estados de castigo, o inferno. Esgotados os parênteses da revolta e da desordem, tudo tem que voltar ao estado perfeito da originária felicidade, como Deus quis sua criação. O ciclo da descida e da reascensão está todo percorrido, quem quis redimir-se alcançou sua salvação e, mesmo tendo errado, aprendeu a grande lição do bem e do mal. Quem não quis redimir-se, dado que ninguém pode ser constrangido e que o rebelde não poderia permanecer indefinidamente aí, nem corromper o sistema, este rebelde vem definitivamente expulso, com o aniquilamento de seu eu. Então, é lógico que tudo o que era necessário num universo decaído para tornar a subir a Deus - todos os instrumentos úteis para realizar a obra de reconstrução - não tendo mais objetivo de bem nem razão de existir, sejam eliminados, da mesma forma que a um edifício construído tiram-se os andaimes, que foram necessários para executar os trabalhos.

Deus só pode ser vencedor absoluto. Não poderia sê-lo com inimigos acorrentados, que eternamente clamassem contra Ele a voz de sua maldição, meditando uma revolta. A lógica impõe não só a vitória absoluta de Deus, mas, numa ordem que se tornou perfeita, como deve ser toda obra de Deus, também não se permite absolutamente a dissonância de vozes rebeldes, ainda que afastadas, e a presença de um tumor maligno à espera de arrebentar. Ele se acharia no próprio seio de Deus que é o Todo, do qual nada se pode tirar, porque recairia em Deus, já que nenhuma coisa pode existir fora do Todo que é Deus. E, como poderia ficar em Deus uma zona de antideus? Além disso, no universo, em que só achamos fenômenos que tendem a resolver-se, o fato da sobrevivência eterna de individuações pessoais das forças do mal, seria o único fenômeno que permaneceria incompleto, sem conclusão, nem em sentido positivo, de vitória, nem em sentido negativo, da derrota absoluta e

definitiva. E ele está incluído no transformismo universal, ou tornar-se evolutivo, como o estão todos os outros fenômenos. Não há, pois, razão para que ele se comporte diferentemente.

Não sabemos explicar-nos essa concepção da sobrevivência do mal em forma de prisão, senão como uma projeção antropomórfica, como um produto da psicologia humana, transportada para um mundo a que ela não pode chegar, isto é, do relativo ao absoluto. Essa concepção pertence à miséria das vitórias humanas, caducas e encadeadas a novas derrotas, colocadas no vir a ser, filhas do transformismo, concepção que está fechada dentro desse limite e que não tem mais sentido e não pode subsistir além dele, ou seja, quando o tornar-se e o transformismo cessarem, porque resolvidos. É preciso compreender que, passado esse limite, entra-se no absoluto, no imóvel perfeito, e que aí todos os conceitos do nosso relativo do tornar-se, em busca de uma perfeição, todos os seus pontos de referência em que se baseia, caem. Nesse mundo superior é lógico que não podem subsistir nossas concepções. As vitórias do absoluto não podem ser iguais às do relativo. Os triunfos de Deus devem ser diversos dos nossos, ou seja, absolutos, sem possibilidade de reações e continuações de luta, simplesmente resolutivas e definitivas. E, dado que a vitória de Deus é absoluta, no fim o inimigo não deve mais existir. A única existência dele, mesmo acorrentado, seria uma sobrevivência perturbadora, de desordem e até, por menor que fosse, uma vitória mínima, um testemunho de revolta, ainda que latente; seria uma coexistência de vontade de negação no sistema positivo, uma prova de imperfeição, isto é, de obra incompleta. É necessário que todas as individualizações das forças do mal, por fim, se quiserem, assim permanecer, devam desintegrar-se como personalidade própria; porque a divina substância espiritual

que a constituía, a abandona para canalizar-se na corrente oposta do bem, como vencedor absoluto. É assim que aquele "eu sou" chega a não existir mais e, na segunda morte, como diz o Apocalipse, que aqui nos confirma, vem anulado até mesmo como espírito. Não há solução mais lógica do que esta, porque racionalmente conclui segundo os princípios do Sistema, solução cabal e definitiva, porque resolve tudo para sempre, mais harmônica, equilibrada e justa, porque os negadores de Deus, que é vida, são negados por Deus, na morte. Não há solução mais grave e resolutiva, no entanto, piedosa, porque é a única que pode ser compatível com a bondade de um Deus que não quer inutilmente ser cruel ou vingar-se, e cujo escopo foi a felicidade do ser e cujo princípio fundamental no criar foi: Amor.

Assim conclui também o Apocalipse. A destruição final do mal e das individuações que o personificam, já a tínhamos sustentado nos volumes precedentes. Agora voltamos a esta nova confirmação, depois que o longo caminho ascensional através destas obras nos levou a um conhecimento mais profundo e um amadurecimento mais avançado. Agora vejamos, de forma plena, a absoluta lógica e a imprescindível necessidade deste conceito, pelo qual, se no fim permanecesse no universo a menor partícula ou traço de mal e de dor, que lhe está ligada, a criação ficaria inquinada e sua perfeição estragada, a grande obra de Deus resultaria manchada e falida, numa forma que é inconciliável com o conceito de Divindade, que só pode ser perfeita. Em Deus não há lugar para o incompleto, para o relativo, pois tudo deve ser completo e absoluto, mesmo a vitória sobre o mal. O governo do universo é, e pode ser, totalitário e absoluto, porque está nas mãos de um Ser perfeito. Esses governos, na Terra, são inadmissíveis, porque não existe o homem perfeito, e se procura remediar com uma compensação de erros, multiplicando o número

dos dirigentes, para que estes os eliminem, controlando-se entre opostos. Mas, no absoluto, um Deus, senhor e vencedor não incondicionado, seria um absurdo. Por isso, o extermínio do mal deve ser completo até às raízes do ser, no ponto em que se diz: "eu sou", de modo que o mal não possa mais ressurgir-se. O tempo das lutas deve ser terminado sem a possibilidade de volta. Nem as cinzas do incêndio destruidor do mal devem permanecer para recordar esse triste passado, porque até esse mínimo resquício inquinaria e tornaria imperfeita a perfeição do Absoluto, ao Qual tudo, no fim, regressa. Sobreviverão só os puros, que assim permaneceram, e os decaídos que se purificaram, já agora todos em igual estado de pureza.

Com isto, o Apocalipse dá uma nova confirmação das teorias do volume **Deus e Universo**. No Apocalipse tornamos a achar todos os motivos do Sistema: a revolta originária, que se perpetua nos maus, o dualismo bem-mal, Deus-Satanás, a destruição final do mal e o triunfo incondicional de Deus. O Apocalipse narra o caminho do ser rebelde, que volta a Deus, e conclui com a vitória final do Sistema sobre o Antissistema. Se a ascese se desenvolve numa grande luta, em que Deus permitiu ao mal que agisse, porque a todos foram oferecidas ocasiões para subir e para o exercício do bem; se o Apocalipse pode parecer para os maus um livro de terror, porque de condenação inexorável, é ele, no entanto, um livro de justiça para todos, e para os bons é uma mensagem de alegria, porque exprime o desenrolar-se do processo evolutivo do mundo, até a reconquista da originária felicidade, até o triunfo absoluto dos bons, no bem, na glória de Deus.

8. NOSTRADAMUS, MALAQUIAS, ASTROLOGIA, AS PIRÂMIDES, DANIEL

"Não desprezeis as profecias: examinai tudo. Retende o que for bom".

(S. Paulo, I Epístola aos Tessalonicenses, V: 20-21).

Vejam agora o que nos dizem alguns profetas mais conhecidos, em relação aos nossos tempos. MICHEL NOSTRADAMUS nasceu na Provença (França) em 1503. Dele temos um milhar de profecias, em dez centúrias, que começaram a ser publicadas em 1555. Muitas delas foram logo se realizando, dando fama a seu autor. Embora não use muito a simbologia, como no Apocalipse, o texto muitas vezes permanece obscuro e o sentido velado. Isto porque, não só não é bom que os homens saibam, mas também porque é perigoso dizer-lhes o futuro. Eles querem ter êxito em suas intenções, não toleram oposições de mau augúrio e, acreditando com isso poder deter o destino, perseguem, e até, se podem, suprimem o profeta que lhes anuncia sua derrota.

Estas famosas centúrias astrológicas começaram a ser escritas em 1547 e chegam a predizer até o ano 2001. Interessam, pois, também aos nossos tempos. Se bem que o cálculo dos anos seja feito com uma contagem diferente da nossa, o estabelecimento das datas foi possível, em base de cálculos astrológicos, de acordo com o Zodíaco, medindo as posições dos planetas e constelações. Ora, sem entrar no emaranhado dos pormenores, estes últimos 50 anos de nosso milênio são anunciados nessa profecia como dramáticos: guerras, invasões, revoluções internas, e perseguições religiosas. Entrariam em ação vários Anticristos. Virá uma ideologia horrenda e a Igreja de Roma

será perseguida. Na Itália dominará um chefe vermelho e um falso papa. O verdadeiro fugirá, talvez o "Pastor et Nauta", de Malaquias. A Europa estará à mercê das guerras e da desordem e assistirá ao fim da Inglaterra. Em 1999 haverá a última invasão asiática. O Anticristo é uma força, é a doutrina ateu-materialista, a ideia anticristã que na História se vai personificando em vários indivíduos, mas com as mesmas finalidades, tal como no Apocalipse. Essa força está contra toda concepção espiritual, que ela quer destruir. Seu método é a desordem, seu objetivo é desorganizar tudo, sua verdadeira meta é o caos. São os princípios de Satanás. As forças do mal estão claramente individuadas. Chega-se, assim, com vários períodos e episódios, ao fim do século. Com esse dramático final, terminam as profecias de Nostradamus.



Muito mais antigo que Nostradamus é o monge irlandês MALAQUIAS, nascido em 1094. Ficou famoso por ter compilado um "*Lignum Vitae*", em que se acha um elenco de cento e onze pontífices, desde o papa Celestino II (1143) até o último papa, Pedro II, o Romano. Os papas não são definidos por nome, mas cada um por ter um dístico característico que os individua pelo temperamento, pela posição histórica, pelos feitos mais notáveis. Achamos assim delineados também os mais recentes e os próximos futuros:

Pio IX - "Crux de Cruce" . Leão XIII - "Lumen in coelo" .
Pio X - "Ignis ardens" . Benedito XV - "Religio depopulata" .
Pio XI - "Fides intrepida" . Pio XII - "Pastor Angelicus, o papa atual".*

* Este era o papa quando o presente livro foi escrito. (Nota de UE Braga)

Teremos, depois, os últimos seis da Cristandade:

1. *Pastor et nauta*;
2. *Flos florum*;

3. *De medietate lunae*;
4. *De labore solis*;
5. *De gloria olivae*;
6. *Petrus Romanus*.

“Pastor et nauta” talvez signifique viagens e proveniência de longe (...). “*Flos florum*” pode significar um reflorescimento de homens bons, tal como uma leva de mártires, ou seja, ao invés de vitória do bem, perseguição. “*De medietate lunae*” mostra-nos a Igreja dilacerada por um cisma, um antipapa, como já dizia Nostradamus, isto é, tempos muitos difíceis. “*De labore solis*”, trabalho quer dizer esforço, e sol, verdade; ou seja, trabalho forte para fazer triunfar a verdade, esforço de que também nos fala Nostradamus. “*De gloria olivae*”, a oliveira é o símbolo da paz. Mas será essa calma que precede o furacão, ou talvez a realização da conversão dos judeus ao Cristianismo, predita por S. Paulo? “*Petrus Romanus*”, o dístico completo, diz: “na última perseguição à sagrada Igreja romana, reinará Pedro Romano, que apascentará o rebanho entre muitas tribulações; passadas estas, a cidade das sete colinas será destruída e o tremendo juiz julgará o povo.”

O último pontífice seria, pois, Pedro II, o único que traz o nome do primeiro. Faltariam seis papas para chegar ao final dos tempos. Pode calcular-se, em média, que cada papa governe, 9 anos. O tempo pode ser suficiente para contê-los, dado que faltam quase 50 anos para 2000. Apenas cerca de meio século nos separariam de Pedro II e do fim do papado. E aqui também, tudo coincide com o Apocalipse. E, estranha coincidência: na basílica de São Paulo, em Roma, onde se encontram os medalhões de todos os papas até hoje, há espaço vazio para apenas mais seis. E isto coincide com a profecia de Malaquias. De tudo isto valeram-se os inimigos do Cristianismo, para prognosticar o fim do papado. Mas, isto não quer dizer fim da Igreja, assim como

fim do mundo significa apenas nascimento de um mundo diferente. Pode perfeitamente mudar a forma da organização eclesiástica ou desaparecer totalmente, numa civilização mais espiritualizada. Neste sentido, termina a Visão que está no centro do volume **A Nova Civilização do Terceiro Milênio**. E então, não podíamos saber destas coincidências. Sem dúvida que a frase: "Haverá um só rebanho e um só pastor", não pode significar um imperialismo religioso sob um chefe terreno, mas apenas uma fusão de almas sob Cristo, supremo Chefe espiritual. É também lógico que numa nova civilização de tipo espiritual, especialmente a religião se espiritualize, e possam realizar-se transformações hoje incríveis e impossíveis, ou seja, mudanças radicais daquelas condições atrasadas, que, no entanto, são hoje indispensáveis, pelo grau ainda involuído da maioria.



Também Ana Catarina Emmerich diz que, 50 ou 60 anos antes do 2.000, Lúcifer seria posto em liberdade durante aquele tempo. Mais ou menos, anunciam as mesmas coisas as revelações de La Salette, publicadas em 1870. Mas, observemos o que diz o Zodíaco. Não é absurda a teoria das correspondências psicocósmicas, seja para os indivíduos, seja para os povos. Não pode excluir-se, a priori, a possibilidade de uma astrologia mundial, que defina o horóscopo, não de indivíduos, mas da humanidade, fixando os acontecimentos históricos em relação aos movimentos e posições estelares e planetárias. Não há dúvida de que há harmonias no universo, as quais reecoam umas nas outras, em ritmos de ondas e retornos, que são o pulsar harmônico do pensamento da Lei. Tudo o que existe faz parte de um grande organismo, em que reina a ordem, e cada parte, como no corpo humano, está em seu lugar com sua função determinada. Ora, o Zodíaco anuncia-nos, para as

proximidades de 2000, o fim da época colocada sob o signo do Peixe, e o ingresso no do Aquário. Já vivemos sob a influência de sua aproximação. Cada signo do Zodíaco é geralmente terminado com o caos, do qual surge novo tipo de vida, que parece renovar-se. Quem pode dizer se as subterrâneas maturações biológicas não quererão produzir hoje um ser mais evoluído e que o ser atual seja apenas o último produto de uma era em decadência? Isto é menos absurdo hoje, do que o eram há cem anos o avião, o rádio e a televisão. Quem sabe se nas leis da vida, já tudo isto não esteja escrito, e que no mistério de seus inexauríveis recursos já não esteja germinando em segredo uma nova sensibilização psicoespiritual, pela qual deverão mudar todas as nossas formas de vida individual e social? A História tem suas curvas, e como excluir a priori que esta não seja uma delas? E se, justamente, o nascimento de um novo tipo biológico, assim, fosse necessário, para que se pudesse realizar na Terra o esperado Reino de Deus, como proibir à vida que isto aconteça? Não é lógico que, num organismo universal, a vida trabalhe harmonicamente, do plano físico ao psíquico, com as forças espirituais das religiões?

O fim deste século está dominado por um conflito astrológico entre dois planetas: Saturno, conservador e tradicionalista, e Urano, inovador e revolucionário. Conflito, pois, entre tendências negativas, destruidoras, materialistas, e tendências positivas, construtoras, espirituais. Violência de um lado, bondade do outro. O fim de nosso signo do Peixe é muito atingido por contrastes e muito atribulado, mas o futuro, sob o próximo signo do Aquário, apresenta-se com caracteres benignos, opostos ao precedente. O momento é grave e está saturado de grandes forças em conflito, é perigoso, até mesmo doloroso, mas rico de imensos recursos e possibilidades futuras. Esta hora não é de paz, mas de tempestade, da mesma forma que é

também a hora dos grandes homens, dos grandes rasgos e esforços, das grandes criações. "*Durch sturm empor*" (elevar-se através da tempestade), dizia Beethoven. E, verdadeiramente, a ruína de uma época, o fim de um mundo, para dele fazer outro melhor, o fim de um tempo, para recomeçar um novo tempo. "Este é o século em que se estabelecerá o Reino de Deus na Terra", escreveu BAHÁ-U'LLÁH, o profeta filho do Irã (1817-1892). Teremos cinquenta anos de lutas e de esforços e em 2000 surgirá a aurora da nova civilização do espírito, para o terceiro milênio.



Ouçamos agora os estudiosos das Pirâmides. A Esfinge maior que se conhece, com 60 metros de altura, surge na planície de El Giza, no Baixo Egito, entre as pirâmides de Quéops e de Quéfren, como que para guardar um grande segredo. São três as PIRÂMIDES: a de Quéops, a de Quéfren e a de Miquerino. A primeira, a maior, pode definir-se como um livro de pedra, em que está escrita a história da humanidade. Parece, com efeito, que aquela pirâmide não foi apenas túmulo de um rei, mas que, por meio dela, os antigos egípcios quiseram revelar aos porvindouros o futuro, transmitindo-nos, numa linguagem de pedra, e com medidas simbólicas correspondentes a futuras datas históricas, uma mensagem que se refere a nós, nos tempos atuais. Interessa-nos, pois, procurar compreender essa mensagem, pela qual os sacerdotes e astrólogos que dirigiram a construção quiseram imprimir na pedra uma expressão geométrica do determinismo histórico da Lei. Os egiptólogos acreditam ter sido construída essa pirâmide de 2500 a 3000 anos antes de Cristo. A última data da mensagem escrita, é o ano 2001. Estão, pois, previstos desde época bem remota, os acontecimentos hodiernos e os precedentes.

Os egípcios eram bastante sábios para abarcar com um olhar 5000 anos de história e prever a tanta distância de tempo? Parece que sim. Conheciam eles tantas leis e lados ocultos da vida, que escapam à nossa ciência positiva. E também eram cientistas no sentido moderno. Essa pirâmide está situada, com a máxima aproximação possível, do ponto central da massa global terrestre. Revela a exata distância mínima do Sol à Terra, e o diâmetro polar de nosso planeta. Sua orientação Norte-Sul é exata. É o primeiro meridiano, mais perfeito que o de Paris ou de Greenwich, porque atravessa o máximo de continentes e o mínimo de mares, e separa em duas partes iguais a terra habitada do globo. A pirâmide exprime o ano sideral, o valor exato de π : 3,1416, o valor de nosso metro linear, as posições e os ciclos das estrelas etc. Não é, portanto, absurdo que, quem conhecia então tudo isto, pudesse saber também o desenrolar-se dos ciclos históricos. Das pirâmides resulta que seus construtores conheciam também os períodos da civilização egípcia, hebraica e cristã.

A pirâmide de Quéops tem 137 metros de altura. Tinha um revestimento calcáreo, claro, que a fazia resplandecer ao sol. Foram necessários 10 anos para construir os alicerces e 20 para levantar a pirâmide. Trabalharam nela 100.000 homens, renovados de três em três meses. Calcula-se que, para construí-la foram empregados mais de dois milhões e meio de metros cúbicos de calcáreo, com o peso total de seis milhões e meio de toneladas. Esta pirâmide não tem ponta. Na Bíblia, há muitas referências à ponta da pirâmide, à pedra angular, como símbolo do Messias. Ele teria vindo, teria lançado sua mensagem moral, mas os homens não o teriam ouvido. Assim, os construtores não puseram ponta na pirâmide de Quéops. As outras têm ponta.

A mensagem desta pirâmide fica mais compreensível se comparada com o **Livro dos Mortos**. Com efeito, este e

aquela mensagem foram os maiores documentos que nos transmitiu a antiguidade egípcia. Há neles uma fundamental identidade de conceitos. E agora, penetremos na pirâmide, em sua estrutura interior de câmaras e corredores, para ler a mensagem geométrico-astronômica, dirigida aos povos futuros. Já o conjunto externo no-lo anuncia na forma do monumento. Há uma lei quaternária que dirige o mundo. Toda a vida a cada fenômeno, pode dizer-se, obedece a um ciclo de quatro fases: nascimento, desenvolvimento, maturidade e fim. Tudo o que acontece deve ter o momento da gênese, da subida, da plenitude e pôr fim do esgotamento e morte. Isto ocorre no desenrolar-se de uma tempestade meteorológica, como de uma civilização, de uma jornada (manhã, meio-dia, entardecer e noite) e como nas quatro estações do ano, nos quatro períodos da vida humana (infância, juventude, maturidade e velhice). Também a evolução de nosso planeta foi dividida pelos geólogos em 4 épocas, da primária à quaternária. Esta lei geral está expressa no quadrado de base, sobre o qual se eleva a pirâmide em suas quatro faces. Mas, cada uma delas é um triângulo, ou seja, 3, que é número perfeito. Assim, os quatro tempos da vida material completam-se com os três momentos do espírito (Trindade), e o todo se une no vértice, que exprime Deus, a mente dirigente do universo. E o conjunto 4 e 3 formam 7, número mítico. Também ele parece exprimir o ritmo de outra lei. São sete os dias da semana, as notas musicais, as cores do arco-íris, as virtudes, os pecados, os selos, os anjos com as trombetas, as taças da ira divina no Apocalipse, etc.

Também no exterior a pirâmide de Quéops parece cheia de simbolismos. Mas, é em seu interior que o pensamento dos grandes sacerdotes do Egito que idealizaram o monumento, foi mais completo. Na fachada norte da pirâmide, no 16º degrau, há uma entrada que leva a um corredor descendente. Este se divide, depois, em outros

corredores, ascendentes, descendentes, horizontais, que terminam em várias câmaras. Não há inscrições. As pedras são tão unidas, sem argamassa que é impossível introduzir entre elas a lâmina de um canivete. Do comprimento, altura, inclinação, degraus, estrutura dos corredores e câmaras, pode calcular-se o significado profético que essas medidas indicam. Correspondem às datas principais da história da humanidade. A altura do corredor significa o desenvolvimento da humanidade; quando é alto, traça um período de progresso, quando é baixo uma fase de descida.

O corredor descendente de entrada, após breve trecho, divide-se em um ascendente e outro descendente. De acordo com o **Livro dos Mortos**, este primeiro trecho representaria um período de preparação da humanidade, desde a época da construção da pirâmide, até ao ponto desta primeira bifurcação, que exprime o êxodo dos hebreus. O corredor descendente, depois, termina numa câmara, até debaixo da terra, e significa a degradação do homem que, recusando-se a cumprir o esforço da evolução, decai cada vez mais na matéria, com o fim que já vimos reservado às forças do mal. A câmara subterrânea com que termina este corredor, está muito abaixo dos alicerces, e está construída de cabeça para baixo: o teto é liso, o pavimento é de pedra vermelha. Segundo o **Livro dos Mortos**, isto significa a eterna subversão dos valores, pela qual, revoltando-se contra Deus, caminha-se e acaba-se de cabeça para baixo.

Sigamos agora o corredor ascendente. Vai desde o êxodo de Israel até uma segunda bifurcação, que exprime o nascimento de Cristo, e representa o início da espiritualidade. Neste ponto, inicia-se, em baixo, o corredor horizontal, que vai até a câmara da rainha. Acima, a breve distância, mais no alto, num ponto algo mais adiante que assinala o ano 33 d.C., morte de Cristo, se abre a grande galeria de 50 metros, alta, quase 9 metros, que leva à

câmara do rei. Esta galeria assinala um período de progresso, devido à luz do Cristianismo, como à da ciência. O salto para o alto coincide com a crucificação de Cristo. Este corredor termina com os nossos tempos, e chegaria justamente a agosto de 1914, isto é, à primeira Guerra Mundial. Neste ponto, a mensagem torna-se mais pormenorizada, indicando a plenitude dos tempos em que se realiza. No fim do grande corredor, temos, com efeito, um degrau na abóbada, pelo qual esta se abaixa, e para passar por ele é mister curvar-se. Este é o primeiro abaixamento, depois do qual o corredor se levanta novamente, o que significa uma retomada do progresso. Depois, o corredor se abaixa mais uma vez, e é preciso inclinar-se, ainda, para passar. De acordo com o **Livro dos Mortos**, este seria o período de caos, da descida ao materialismo, como ocorre em nosso tempo. Após uma retomada, temos então uma segunda queda, que corresponde à segunda passagem baixa. Conforme o **Livro dos Mortos**, a segunda passagem baixa significa: humilhação final. Este seria um período de Anticristos. Segundo Nostradamus, ocorreria isto ao tempo do sexto, sétimo e oitavo Anticristos, que iria de 1966 a 1996, com o que se fecharia a história do mundo cristão. Santa Hildegarda o coloca entre 1955 e 1980. Ana Catarina Emmerich por volta de 1960. Holzhauser fala de um só, e o dá como nascido em 1950; Solovien em 1954; a Grande Pirâmide, com as medidas deste corredor, anunciaria o nascimento do Anticristo em 1936. Mas, isto pode significar também um princípio, uma ideologia. Chega-se assim à câmara do rei, uma sala vasta, com 10 metros de comprimento, 5 de largura e 5 de altura, sem ornamentos, com um sarcófago aberto, de granito vermelho. Também no **Livro dos Mortos** o túmulo aberto na câmara do rei está no último capítulo. Aqui termina a mensagem, ou seja, no ano 2001, a última data da pirâmide, fim do velho mundo início de uma nova era.



Mas, há outra voz que também nos chega de longe no tempo. É o profeta DANIEL, que explica a Nabucodonosor, rei da Babilônia, o seu sonho, ou seja, o que deve ocorrer no fim dos tempos. E eis a visão da grande estátua, cuja cabeça é de ouro fino, o peito e os braços de prata, o ventre de cobre, as pernas de ferro, os pés, em parte de ferro, em parte de barro. Então, uma pedra feriu a estátua nos pés, que eram de ferro e de barro e os fez em pedaços. Então foi juntamente feito em pedaços o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro e se tornaram como a pragana das eiras de estio, e o vento levou-os, de sorte que não se achou lugar para eles. A pedra que feriu a imagem tornou-se uma grande montanha e encheu a terra toda. (Daniel, II, 26 a 35).

O próprio Daniel explica o significado do sonho. O rei de Babilônia, Nabucodonosor, é a cabeça de ouro da estátua. Surgirá depois um reino mais baixo, e menor valor, que é o peito de prata, depois um terceiro, que é o ventre de cobre, a seguir um quarto, duro como ferro, que é representado pelas pernas de ferro. O fato de que a seguir os pés sejam em parte de ferro e em parte de barro, significa que aquele reino será dividido, e numa parte será duro, noutra será fraco. As partes não poderão unir-se entre si, tal como o ferro não pode misturar-se com o barro. Nos dias desse reino, Deus fará surgir outro reino, que jamais será destruído, em toda a eternidade. Ele despedaçará e consumirá todos aqueles reinos, mas ele mesmo durará eternamente. (Dan. II, 36 a 45).

Muitos estão de acordo em ver, na cabeça de ouro, o reino da Babilônia; no peito, o da Pérsia, como o reino de prata; no ventre, o da Grécia, como o reino de cobre; nas pernas, Roma, como o de ferro. Há uma descida, para baixo, pelas várias partes do corpo, como descida no valor do

material que o compõe. Depois, esse reino será dividido ou seja, o império romano entre Roma e Bizâncio, império que, por mais tentativas que se fizessem (Carlos Magno, Napoleão) jamais se reuniu. Os vários fragmentos não puderam, de fato, tornar a aglomerar-se, assim como o ferro não se pode misturar com o barro. É assim a Europa até hoje, em parte dura, em parte fraca. Nos dias desse reino, quando as coisas se acharem nessas condições, o profeta Daniel continua: Deus fará surgir um reino que jamais, na eternidade, será destruído. Ele despedaçará e consumirá todos aqueles reinos, mas ele mesmo durará eternamente. Não parece esta a mesma visão do Apocalipse, mas vista de mais longe? E qual poderá ser esse novo reino, que consumirá todos os outros e durará eternamente, senão o Reino de Deus, anunciado pelo Evangelho? Só ele, sendo de origem divina e de natureza espiritual, poderá permanecer sem ser destruído e durar eternamente. E essa intervenção direta de Deus, não significará aquela manifestação do pensamento e da vontade da História, de que falamos, como onda que arrasta homens e acontecimentos, para a consecução dos fins preestabelecidos no determinismo da Lei, que agora empunha as rédeas da humanidade?

E então, diz o profeta Daniel, uma pedra feriu a estátua nos pés, que eram de ferro e barro, e os despedaçou. Então, foram despedaçados juntamente, o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro, e se tornaram como a pragana das eiras de estio, e o vento as carregou e não se achou mais nenhum lugar para eles. A pedra, que feriu a estátua, torna-se um grande monte e ocupa toda a Terra (Dan, II, 34-35). Esse despedaçar de todos os elementos componentes dos vários reinos, não exprime em termos mais genéricos os flagelos destruidores do mundo atual, expressos pelo Apocalipse? Que pode ser a estátua com pés de ferro e barro, senão a humanidade, que pretende amparar-se na matéria, ao invés de fazê-lo no espírito? E que será a pedra que fere esta

humanidade, senão a mão de Deus, que fere o homem pelo seu cego materialismo? E tudo desaparecerá como a praga ao vento. Esta é a queda da Babilônia do Apocalipse, da Grande Babilônia, mãe das fornicções e das abominações da terra. E a pedra que ferirá a estátua se tornará uma grande montanha e encherá toda a Terra. É a vitória de Cristo, o triunfo final de Deus, sobre as forças do mal. Mais pormenorizado, porque mais próximo, o Apocalipse repete o mesmo motivo.



Eis, então, que o profeta Daniel nos traz uma nova confirmação, que evoca e reforça as precedentes. Tudo concorda: o Apocalipse, Nostradamus, Malaquias, a Astrologia, as Pirâmides, o profeta Daniel, e nossas pesquisas racionais, a lógica do sistema em que elas se baseiam. E quem sabe quantas outras concordâncias poderão descobrir-se ainda? Tudo nos diz concordemente, que estamos nos tempos apocalípticos. Quem pode afirmar que forças extra-humanas não queiram hoje intervir na História? Quem o poderia impedir? E que dizer quando tantos argumentos lógicos e históricos e tantas vozes diversas, convergem para este mesmo ponto? Os ciclos históricos se repetem, e no entanto, em seus movimentos eles contêm tantos eventos imprevisíveis para os calculadores de probabilidades imediatas, que de nada poderemos admirar-nos. Da vida e da obra de Cristo os políticos e homens de ação de Seu tempo nem se perceberam.

Vivemos em tempo de grande amadurecimento, no bem e no mal, de grandes mutações. Tudo isso explica-nos e indica-nos a possibilidade de uma intervenção direta do pensamento e da vontade da História, na guia dos destinos da humanidade. Quando esta é tão louca que traspassa o limite e arrisca perder-se, Deus acorre para a salvação de

todos. A presença de uma lógica e, portanto, de um pensamento diretivo na História, nós o vimos racionalmente, não é uma fantasia. Um sistema completo, desenvolvido nos precedentes nossos volumes, converge para este conceito e reforça esta tese. Deus é tudo e opera também na História. Basta que Deus se retire do mundo, para que este caia nas mãos das forças inferiores, ávidas de decisão, forças satânicas que se manifestam lançando-se umas contra as outras. É a destruição de todos. E agora a humanidade está nesse caminho. Quando a medida das maldades estiver saturada, o homem ficará abandonado. A intervenção de Deus agora, aparece como negativa, porque o homem enceguedido na revolta, realiza ele mesmo, com suas mãos, sobre sua carne, a operação cirúrgica de sua depuração. Suprimido o amor evangélico, único que dá espírito de paz, só resta a guerra de todos contra todos. Mas, após este indispensável período de autodestruição humana, virá a fase reconstrutiva, em que Deus se manifestará de forma positiva, não de abandono às forças inferiores, pela demolição do velho e do estragado, mas de atividade criadora, da nova civilização do espírito.

Achamo-nos hoje na fase de contraste entre o velho mundo, bem enraizado nas realidades concretas, materialistas, teimosamente agarrado à Terra e lutando para impor-se e sobreviver, e o novo mundo em formação, espiritual, sustentado pelos impulsos da vida que caminha, pela vontade da História, pelo comando da Lei, pela presença de Deus. Este mundo, que representa o porvir da evolução, está em luta para sobrepor-se ao velho, que representa o passado, e que a vida e a História, a Lei de Deus mesmo repelem, porque tudo deve subir. O atual momento histórico é a expressão viva de uma fase decisiva na luta entre o bem e o mal, em torno da qual gira a história do mundo. É a luta de Deus contra Satanás, como a descreve o Apocalipse. É a luta dos Anticristos e

cataclismos, como os descrevem os videntes. É um amontoar-se de civilizações e de eras, como nos revelam as constelações e planetas. É a história da humanidade, como no-la narram as pirâmides e como no-la resume a visão do profeta Daniel. Mudam as imagens e os pormenores dos acontecimentos e das datas, mas permanece um fundo idêntico. Os pormenores não interessam a nós. O que nos interessa é ter achado o grande fio condutor da História e ver que, no conjunto, todas essas visões, diferentes nas formas, concordam assim mesmo, e sobrepõem-se, reforçando-se assim uns aos outros.

Antes de ouvir estas vozes, interrogamos a história e a lógica dos fatos, e obtivemos a mesma resposta. Toda essa convergência de elementos históricos, de vozes e de raciocínios, confirma-nos com a segurança que já nos fora dada pela intuição, de que, quaisquer que sejam os pormenores do processo, nesta segunda metade do século XX, alcançamos a plenitude dos tempos. Vivemos num período apocalíptico, em que o mundo passa de uma civilização que desmorona a uma nova que surge. A primeira parte do trabalho foi confiada às nações destruidoras, a segunda às reconstrutoras. Mas, todas obedecem ao mesmo princípio diretor, que quer, finalmente, que se realize um mundo onde se caminhará pelas estradas da justiça e não mais pelas da prepotência! Este é um anseio instintivo, que está no coração do homem, é um sonho milenar da humanidade. E o que é instinto e fala irresistivelmente, partindo do coração, tem uma significação biológica, é uma ânsia vital que terá de realizar-se. Cristo que, na primeira vez, veio em corpo, para amar e semear, voltará em espírito, para julgar e ceifar, para que o rebelde impenitente seja expulso, as forças do mal liquidadas, e os bons, que tanto sofrem, sejam finalmente chamados a uma plenitude de vida. Estes sofrem, entretanto, estão protegidos e amanhã viverão. Os rebeldes

creem que vencem e perderão. Os primeiros constroem em silêncio nos valores imperecedouros do espírito. Os segundos constroem às avessas, rumorosamente, nos valores falsos da matéria, e no fundo, eles mesmos se destroem. Mas, todos juntos colaboram, assim, sob a direção de Deus, que quer que se chegue agora, à realização da nova civilização do terceiro milênio, que representa o advento, na Terra, do Reino de Deus.

ADENDO

MENSAGEM DE SUA VOZ

Pedro,

Estás sentindo aqui, nesta noite, minha presença. Aquele que está diante de ti e que, ao mesmo tempo que tu, está escrevendo sente neste instante e meu pensamento e o que ele escreve-lo confirmará. Ele sente contigo a minha presença.

Pedro, não temas. Estás cansado, eu o sei, como também sei quanto te esforças por sentir-me neste ambiente tão novo para ti e distante de onde estás habituado a ouvir-me. Estás exausto, pelo muito falar e viajar. Estou contigo, porém, junto a ti e "Eu" sou a grande força que sempre te tem sustentado. Agora me estás sentindo com a mesma potência com que já me sentiste no momento da 1ª Mensagem de Natal de 1931. E isso porque, agora, a uma distância de vinte anos, se repete o início do mesmo ciclo num plano mais elevado.

Já me ouviste na noite de 4 de agosto, quando pela primeira vez falaste em S. Paulo e se iniciou a tua vida pública de apostolado. Estavas cansado e não tinhas certeza. Mas, hoje, és por mim impulsionado e já não podes deter-te. Já te disse, antes de tua partida, que aonde não pudessem chegar teu conhecimento e tuas forças, chegaria eu e encontrarias tudo preparado. E viste que tudo quanto te havia predito realmente aconteceu.

Tremes, eu o sei, diante de um plano cuja vastidão te surpreende. Quarenta anos de humilhações e de dores foram necessários ao teu preparo para esta missão e deixaram em tua natureza humana uma sensação de desânimo e uma convicção profunda de tua nulidade. Hoje

porém, é chegada a hora e eu te digo: Ergue-te! Há vinte anos eu te disse: "No silêncio da noite sagrada, ergue-te e fala". E agora te digo, no silêncio da noite tranquila de Pedro Leopoldo: "Ergue-te e trabalha". Eis que se inicia uma nova fase da tua missão na Terra e, precisamente, no Brasil. É verdadeiro tudo quanto te foi dito, eu to confirmo e assim sucederá.

O Brasil é verdadeiramente a terra escolhida para berço desta nova e grande ideia que redimirá o mundo. Agora tua missão é acompanhá-la com tua presença e desenvolvê-la com ação, de forma concreta. Todos os recursos te serão proporcionados.

Ama com confiança estes novos amigos que eu te mando. Tudo já está determinado e não pode interromper-se. As forças do mal vos espreitam e desejariam aniquilá-los. Sabes, porém, que as do bem são mais poderosas e têm de vencer. Confia-te, pois, a quem te guia e não temas. Confirmo tudo o que tens escrito, não o duvides.

Dentro de poucas horas se completarão 65 anos de teu nascimento. O tempo assinala com seu ritmo o desenvolvimento dos destinos.

Pede-te a Lei, agora, esta outra fase de trabalho, diferente e nova para ti, tão distante da precedente que te surpreende. Aceita-a, como antes, no espírito de obediência, aceitaste a outra. Não tem sido tua vida uma contínua aceitação? Não tem sido completa tua adesão à vontade de Deus? Não recordas nosso grande colóquio de Módica, na Sicília, há vinte anos? Tua própria razão não pode deixar de reconhecer a lógica fatal de tudo isso. Segue pois, confiante, o caminho assinalado. Não te admires se tudo em torno de ti se contraverte, se a dor se transforma em alegria, se te arranco do silêncio de Gúbio para lançar-te no mundo.

Não representa isso a realização daquilo para que nasceste e por que tens vivido e sofrido?

Eu sei: a glória, os louvores do mundo, a notoriedade te repugnam. Compreendo que isso te é uma nova dor. Aceita-a, pois sabes que também isso é necessário a fim de que se cumpra tua missão. E isso bastará para transformar esta tua nova dor em alegria.

Teu corpo cansado desejaria repousar. Quão grande o caminho já percorrido e quão grande a distância ainda a percorrer! A vida porém, é uma caminhada contínua. Tens sobre os ombros não só tua vida, se não também a de muitos outros que amas e de cuja salvação quiseste assumir a responsabilidade. Aceita, pois, tudo por amor de mim. Aceita-o, ainda que os três votos de renúncia e de dor agora se transformem, tomando posições opostas, isto é, não mais de renúncia porém, de afirmação.

Pedro, confio-te esta nova terra, o Brasil, a terra que deves cultivar. Trabalho imenso, mas terás imensos auxílios.

Estou contigo e as forças do mal não prevalecerão.

Agora, uma palavra também para os teus amigos, uma palavra de gratidão e agradecimento, uma palavra de bênção por sua cooperação, com que eles, ajudando-te, tornam possível a realização de tua missão. Falo neste momento ao coração de cada um deles, sem que lhes digas por escrito.

Una-vos a todos minha bênção, no mesmo amor, para vossa salvação e salvação do mundo.

(Tradução de Rubens Romanelli e Clóvis Tavares)

Esta mensagem foi recebida por Pietro Ubaldi, a ele mesmo dirigida, em 17 de agosto de 1951, na residência de Dr. Rômulo Joviano, em Pedro Leopoldo, MG, na presença de doze pessoas, ao mesmo tempo em que, sentado à mesma mesa, o médium Francisco Cândido Xavier psicografava a mensagem de São Francisco de Assis. (NOTA DO TRADUTOR C. T.)

MENSAGEM DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Pedro,

O Calvário do Mestre não se constituía tão somente de secura e aspereza...

Do monte pedregoso e triste jorravam fontes de água viva que dessedentaram a alma dos séculos.

E as flores que desabrochavam no entendimento do ladrão e na angústia das mulheres de Jerusalém atravessaram o tempo, transformando-se em frutos abençoados de alegria no celeiro das nações.

Colhe as rosas do caminho no espinheiro dos testemunhos...

Entesoura as moedas invisíveis do amor no templo do coração...

Retempera o ânimo varonil, em contato com o rocio divino da gratidão e da bondade!...

Entretanto, não te detenhas. Caminha!....

É necessário ascender.

Indispensável o roteiro da elevação, com o sacrifício pessoal por norma de todos os instantes.

Lembra-te, Ele era sozinho! Sozinho anunciou e sozinho sofreu. Mas erguido, em plena solidão, no madeiro doloroso por devotamento à humanidade, converteu-se em Eterna Ressurreição.

Não temos outra diretriz senão a de sempre.

Descer auxiliando para subir com a exaltação do Senhor.

Dar tudo para receber com abundância.

Nada pedir para nosso Eu exclusivista, a fim de que possamos encontrar o glorioso NÓS da vida imortal.

Ser a concórdia para a separação.

Ser luz para as sombras, fraternidade para a destruição, ternura para o ódio, humildade para o orgulho, bênção para a maldição..

Ama sempre.

É pela graça do amor que o Mestre persiste conosco, os mendigos dos milênios derramando a claridade sublime do perdão celeste onde criamos o inferno do mal e do sofrimento.

Quando o silêncio se fizer mais pesado ao redor de teus passos, aguça os ouvidos e escuta.

A voz Dele ressoará de novo na acústica de tua alma e as grandes palavras, que os séculos não apagaram, voltarão mais nítidas ao círculo de tua esperança, para que as tuas feridas se convertam em rosas e para que o teu cansaço se transubstancie em triunfo.

O rebanho aflito e atormentado clama por refúgio e segurança.

Que será da antiga Jerusalém humana sem o bordão providencial do pastor que espreita os movimentos do céu para a defesa do aprisco?

É necessário que o lume da cruz se reacenda, que o clarão da verdade fulgure novamente, que os rumos da libertação decisiva sejam traçados.

A inteligência sem amor é o gênio infernal que arrasta os povos de agora às correntes escuras e terrificantes do abismo.

O cérebro sublimado não encontra socorro no coração embrutecido.

A cultura transviada da época em que jornadeamos, relegada à aflição ameaça todos os serviços da Boa Nova, em seus mais íntimos fundamentos.

Pavorosas ruínas fumegarão, por certo, sobre os palácios faustosos da humana grandeza, carente de humanidade, e o vento frio da desilusão soprará, de rijo, sobre os castelos mortos da dominação que, desvairada, se exhibe sem cogitar dos interesses imperecíveis e supremos do espírito.

É imprescindível a ascensão.

A luz verdadeira procede do mais alto e só aquele que se instala no plano superior ainda mesmo coberto de chagas e roído de vermes, pode, com razão, aclarar a senda redentora que as gerações enganadas esqueceram. Refaz as energias exauridas e volta ao lar de nossa comunhão e de nossos pensamentos.

O trabalhador fiel persevera na luta santificante até o fim.

O farol no oceano irado é sempre uma estrela em solidão. Ilumina a estrada, buscando a lâmpada do Mestre que jamais nos faltou.

Avança.... Avancemos...

Cristo em nós, conosco, por nós e em nosso favor é o Cristianismo que precisamos reviver à frente das tempestades, de cujas trevas nascerá o esplendor do Terceiro Milênio.

Certamente, o apostolado é tudo. A tarefa transcende o quadro de nossa compreensão.

Não exijamos esclarecimentos.

Procuremos servir.

Cabe-nos apenas obedecer até que a glória Dele se entronize para sempre na alma flagelada do mundo.

Segue, pois, o amargurado caminho da paixão pelo bem divino, confiando-te ao suor incessante pela vitória final.

O Evangelho é o nosso Código Eterno.

Jesus é o nosso Mestre Imperecível.

Agora é ainda a noite que se rasga em trovões e sombras, amedrontando, vergastando, torturando, destruindo...

Todavia, Cristo reina e amanhã contemplaremos o celeste despertar.

(a) FRANCISCO

Esta Mensagem foi psicografada por Francisco Cândido Xavier dirigida a Pietro Ubaldi, em 17 de agosto de 1951, na residência de Dr. Rômulo Joviano em Pedro Leopoldo, MG, na presença de doze pessoas, ao mesmo tempo em que, sentado à mesma mesa, Pietro Ubaldi recebia a mensagem de SUA VOZ. (Nota de C. T.)

VIDA E OBRA DE PIETRO UBALDI

FORMAÇÃO CULTURAL

Pietro Ubaldi, filho do casal Lavínia e Sante Ubaldi, nasceu em 18 de Agosto de 1886, às 20:30h de Roma. Nasceu em terras franciscanas, na cidade de Foligno, Província de Perugia (Capital da Úmbria). Foligno fica a 18 Km de Assis, cidade natal de S. Francisco de Assis. Até hoje, as cidades franciscanas guardam o mesmo misticismo legado ao mundo pelo grande *poverelo* de Assis, que viveu para Cristo, renunciando os bens materiais e os prazeres deste mundo.

Pietro Ubaldi sentiu desde a infância uma poderosa inclinação pelo franciscanismo e pela Boa Nova do Cristo. Não foi compreendido, nem poderia sê-lo, porque seus pais viviam felizes com a riqueza e com o conforto proporcionado por ela. A Senhora Lavínia era descendente da nobreza italiana, única herdeira do título e de uma grande fortuna, inclusive do Palácio Alleori Ubaldi. O místico da Úmbria foi, então, educado com os rigores de uma vida palaciana.

Como poderia ser fácil a um legítimo franciscano viver num palácio? Naturalmente, sentiu-se deslocado naquele ambiente, um expatriado de seu mundo espiritual. A disciplina no palácio, aceitou-a facilmente. Todos deveriam seguir a orientação dos pais e obedecer-lhes em tudo, até na religião. Tinham de ser católicos, praticantes dos atos religiosos na capela da Imaculada Conceição, no interior do Palácio. Pietro Ubaldi foi sempre obediente aos pais, aos professores, à família e, em sua vida missionária, a Cristo.

Formou-se em Direito (profissão escolhida pelos pais, mas jamais exercida por ele) e em Música (oferecimento, também de seus genitores), fez-se poliglota, para

comunicar-se com outros povos - falava, fluentemente, inglês, francês, alemão, espanhol, português, conhecia latim e grego. Mergulhou nas diferentes correntes filosóficas e religiosas, destacando-se como um grande pensador cristão do século XX. Era um homem de uma cultura invejável, o que lhe facilitou o cumprimento da missão. A sua tese de formatura na Universidade de Roma, foi sobre a Expansão Colonial e Comercial da Itália para o Brasil, muito elogiada pela banca examinadora e publicada, em 1911, num volume de 266 páginas pela Editora Ermano Loescher & Cia, de Roma (Itália). Após a defesa dessa tese, o Sr. Sante Ubaldi lhe deu como prêmio uma viagem aos Estados Unidos, durante seis meses.

LIBERDADE

Nem todas as obrigações palacianas lhe agradavam, mas ele as cumpriu até a sua total libertação. A primeira liberdade se deu aos cinco anos, quando solicitou de sua mãe que o mandasse à escola, e aquela bondosa genitora atendeu o pedido do filho. A segunda liberdade, verdadeiro desabrochamento espiritual, aconteceu no ginásio, ao ouvir do professor de ciência a palavra "evolução". "Minha primeira revelação interior me foi feita ao ouvir meu professor de ciências, no Liceu, proferir a palavra "Evolução". Meu espírito teve um sobressalto; brotara ao vivo uma centelha, sentira uma ideia central. Tornei-me, a seguir, estudioso de Darwin, mas só para completar seu pensamento". Outra grande liberdade para o seu espírito foi a leitura de livros sobre a imortalidade da alma e sobre a reencarnação, tornando-se reencarnacionista, aos vinte e cinco anos, dito por ele numa alocução, em 5 de outubro de 1951, na Federação Espírita do Estado de São Paulo: "Por acaso - digo acaso, mas por certo era obra da Providência - caiu em minhas mãos O Livro dos Espíritos de Allan Kardec. Eu era jovem, desorientado, não tinha, ainda, passado pela experiência dos grandes problemas da vida. Li com grande

interesse e vos confesso que, em certo ponto, exclamei: achei!... Eureka! Poderia ter eu repetido: encontrei, encontrei finalmente a solução que procurava e que me esclareceu!

Ela foi a primeira semente que deu origem ao meu adiantamento espiritual e daquele dia em diante se foi tecendo a trama luminosa no esclarecimento de tal forma que, ampliando-se, ele penetrou a ciência, a filosofia, a religião, os problemas sociais e os problemas de todo o gênero.

Devo, entretanto, confessar-vos precisamente aqui, nesta noite e neste local, que a Allan Kardec devo a primeira orientação e a solução positiva do problema mais complexo que, mais de perto, interessava-me, considerando minha condição de ser humano". (...) Daí por diante, os dois mundos, material e espiritual, começaram a fundir-se num só. A vida na Terra não poderia ter outra finalidade, além daquela de servir a Cristo e ser útil aos homens.

RENÚNCIA FRANCISCANA

Pietro Ubaldi casou-se aos vinte e cinco anos, seguindo orientação dos pais que escolheram para ele uma jovem rica e bonita, possuidora de muitas virtudes, além de fina educação. Como recompensa pela aceitação da escolha, seu pai transferiu para o casal um patrimônio igual àquele trazido pela Senhora Antonieta Solfanelli Ubaldi. Este era, agora, o nome da jovem esposa. O casamento não estava nos planos de Ubaldi, somente justificável porque fazia parte de seu destino. Ele girava em torno de outros objetivos: o Evangelho e os ideais franciscanos. Mesmo assim, do casal Antonieta e Pietro Ubaldi nasceram três filhos: Franco (morto em 1942, na Segunda Guerra Mundial), Vicenzina (desencarnou aos dois anos de idade, em 1919), e Agnese (falecida em S. Vicente (SP) em 1975).

Aos poucos, Pietro Ubaldi foi abandonando a riqueza, deixando-a por conta do administrador, Ettore Seste Pacini. Após quinze anos de enlace matrimonial, em 1927, com a desencarnação de seu pai, fez voto de pobreza, transferindo à família os bens que lhe pertenciam. Aprovando aquele gesto de amor ao Evangelho, Cristo lhe apareceu. Isso para ele foi a maior confirmação à atitude tomada. Em 1931, Pietro assumiu uma nova postura, estarrecidora para seus familiares: a renúncia franciscana. Daquele ano em diante iria viver com o suor do seu rosto e renunciava todo o conforto proporcionado pela família e pela riqueza material existente. Fez concurso para professor de inglês, foi aprovado e nomeado para o Liceu Tomaso Campailla, em Módiça, Sicília - região situada no extremo sul da Itália - onde trabalhou somente um ano letivo. Em 1932 fez outro concurso e foi removido para a Escola Média Estadual Otaviano Nelli, em Gúbio, ao norte da Itália, e ficou mais próximo da família. Nessa urbe, também Franciscana, trabalhou durante vinte anos e fez dela a sua segunda cidade natal, vivendo num quarto humilde de uma casa, pequena e pobre - pensão do casal Norina-Alfredo Pagani - Via della Cattedrale, 4/6, situada na encosta de um grande monte.

O MISSIONÁRIO NA ITÁLIA

Na primeira semana de setembro de 1931, depois da grande decisão franciscana, Cristo novamente apareceu a Pietro Ubaldi, desta vez acompanhado de Francisco de Assis.

O primeiro à direita e o segundo à esquerda, fizeram-lhe companhia durante vinte minutos em sua caminhada matinal, na estrada de Colle Umberto, Perugia. Estava, portanto, confirmada sua posição. Vejamos a cena descrita por ele:

"Numa tranquila paisagem campestre da Úmbria franciscana, próxima de Perugia, um homem de 45 anos subia sozinho a doce inclinação de uma colina. Aquela manhã radiosa estava perto de 14 de setembro, dia em que São Francisco, em 1224, recebeu os estigmas no monte Alverne. (...)

Estava caminhando quando duas formas paralelas se delinearam. Isto durou cerca de vinte minutos, pelo que teve tempo de controlar tudo e de fixá-lo na memória, para depois analisar o fenômeno com a psicologia racional, positiva, independente de estados emotivos. (...)

Continuou a observar. As duas formas não constituíam só uma indefinida manifestação de presença. Cada uma delas transmitia à percepção interior uma típica e individual vibração que a definia como pessoa. Foi assim que ele pôde logo sentir com clareza inequívoca que à sua esquerda estava a figura de São Francisco e à sua direita a de Cristo. (...)

A visão, no entanto, ficou indelével, gravada a fogo naquela alma, como uma queimadura de luz, uma ferida de amor que jamais o tempo poderá cancelar, feita de saudade, de uma contínua e angustiante espera para reencontrar-se".

Mais detalhes no livro *Um Destino Seguindo Cristo*, capítulo I.

Em 25 de dezembro daquele ano, chegou-lhe, de improviso, a primeira mensagem de Cristo, Sua Voz, a "Mensagem de Natal". Por inspiração, ele sentiu que estava aí o início de sua missão. Outras Mensagens surgiram em novas oportunidades, dentro de um plano preestabelecido pelo Alto, todas com a mesma linguagem e conteúdo divino.

No verão italiano de 1932, começou a escrever *A Grande Síntese*, concluída em 23 de agosto de 1935, às 23:00 horas de Roma. Esse livro, com cem capítulos, escrito

em quatro verões sucessivos, foi traduzido para vários idiomas. Somente no Brasil já alcançou vinte edições. Outros compêndios, verdadeiros mananciais de sabedoria cristã, surgiram nos anos seguintes, completando os dez volumes escritos na Itália. Esta parte da Obra é composta de:

- 1) Grandes Mensagens,
- 2) A Grande Síntese - *Síntese e Solução dos Problemas da Ciência e do Espírito,*
- 3) As Noúres - *Técnica e Recepção das Correntes de Pensamento,*
- 4) Ascese Mística,
- 5) História de Um Homem,
- 6) Fragmentos de Pensamento e de Paixão,
- 7) A Nova Civilização do Terceiro Milênio,
- 8) Problemas do Futuro,
- 9) Ascensões Humanas,
- 10) Deus e Universo.

O MISSIONÁRIO NO BRASIL

O Brasil é a terra escolhida para ser o berço espiritual da Nova Civilização do Terceiro Milênio. Aqui vivem diferentes povos irmanados, independentes de raças ou religiões que professem. Ora, Pietro Ubaldi exerceu um ministério imparcial e universal, por isso, o destino quis trazê-lo para cá e aqui completar sua tarefa missionária.

Nesta terra do cruzeiro do sul, ele esteve em 1951 e realizou dezenas de conferências de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Em 8 de dezembro do ano seguinte, desembarcaram, no porto de Santos, Pietro Ubaldi e sua esposa acompanhados da filha e duas netas (Maria Antonieta e Maria Adelaide), atendendo a um convite dos amigos de S. Paulo para virem morar neste imenso país. É oportuno lembrar que Pietro Ubaldi renunciou os bens materiais, mas não os deveres para com a família, que se tornou pobre

porque o administrador, primo de sua esposa, dilapidou toda a riqueza a ele entregue para gerenciá-la.

Em 1953, retornou à sua missão apostolar, continuou a recepção dos livros e recebeu a última Mensagem, "Mensagem da Nova Era", do livro Grandes Mensagens, em S. Vicente (SP), no Edifício "Iguaçu", na Av. Manoel da Nóbrega, 686 - apt.º 92. Dois anos depois, transferiu-se, com a família, para o edifício "Nova Era" (coincidência, nada tem a ver com a Mensagem escrita na residência anterior), na praça 22 de janeiro, 531 - apt.º 90.

Em seu quarto-escritório, neste apartamento, completou a sua missão - a segunda parte da Obra, chamada brasileira, porque escrita no Brasil:

- 1) Profecias,
- 2) Comentários,
- 3) Problemas Atuais,
- 4) O Sistema - *Gênese e Estrutura do Universo*,
- 5) A Grande Batalha,
- 6) Evolução e Evangelho,
- 7) A Lei de Deus,
- 8) A Técnica Funcional da Lei de Deus,
- 9) Queda e Salvação,
- 10) Princípios de Uma Nova Ética,
- 11) A Descida dos Ideais,
- 12) Um Destino Seguindo Cristo,
- 13) Pensamentos,
- 14) Cristo.

Escritores católicos, espiritistas, espiritualistas, filósofos, poetas e cientistas prestaram homenagens a Pietro Ubaldi e à Sua Obra. Dentre eles, destacamos: Ernesto Bozzano, Marc'Antonio Bragadin, Antonio D'Alia, Gino Trespioli, Paolo Soster, Enrico Fermi, Riccardo Pieracci, Franco Lanari, Paola Giovetti, Moris Ulianich, Antonio Pieretti, Monsenhor Mario Canciani, Padre Antony Elenjimitam, Dario Schena Sterza,

Padre Ulderico Pasquale Magni, Albert Einstein, Isabel Emerson, Gaetano Blasi, Maurice Schaerer, Humberto Mariotti, F. Villa, Guillon Ribeiro, Carlos Torres Pastorino, Canuto de Abreu, Clóvis Tavares, Medeiros Corrêa Júnior, Monteiro Lobato, Rubens C. Romanelli, Emmanuel,⁰⁴ Augusto dos Anjos, Cruz e Souza etc. A Obra de Pietro Ubaldi, sem dúvida alguma, descortina outros horizontes a uma nova concepção de vida. O seu conteúdo é a revelação cristalina da "Boa Nova" neste século e para o terceiro milênio.

⁰⁴ Refere-se ao médium Francisco Cândido Xavier. (N.E.)

DESENCARNAÇÃO DE PIETRO UBALDI

S. Vicente (SP), *célula máter* do Brasil, foi a terceira cidade natal de Pietro Ubaldi. Aquela cidade praiana tem um longo passado na história de nossa pátria, desde José de Anchieta e Manoel da Nóbrega até Pietro Ubaldi que viveu ali o seu último período de vinte anos. O Mensageiro de Cristo, intérprete de "Sua Voz", previu o dia, mês e ano do término de sua Obra - Natal de 1971 - com dezesseis anos de antecedência, em seu livro Profecias.

Ainda profetizou que sua morte aconteceria logo depois dessa data. Tudo confirmado.

Desencarnou no Hospital S. José, em S. Vicente, quarto nº 5, à 0:30 hora, em 29 de fevereiro de 1972. Saber quando vai morrer e esperar, com alegria, a chegada da irmã morte, são privilégios de poucos... O arauto da Nova civilização do espírito foi um homem privilegiado.

Natal de 1996

José Amaral

FIM

Ao terminar a leitura deste livro, provavelmente você tenha ficado com algumas dúvidas e perguntas a fazer, o que é um bom sinal. Sinal de que está em busca de explicações para a vida. Todas as respostas que você precisa estão nas Obras Básicas de Allan Kardec.

Se você gostou deste livro, o que acha de fazer com que outras pessoas venham a conhecê-lo também? Poderia comentá-lo com as pessoas de seu relacionamento, adquiri-lo para sua coleção, emprestar ou mesmo presentear a alguém que talvez esteja precisando e que não tenha condições de comprá-lo. O importante é a divulgação da boa leitura, principalmente a literatura espírita. Entre nesta corrente!

Considere excluir o arquivo de seu equipamento após a sua leitura.